

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de
Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu
*arquitecto?***

Ana Furtado

Tese orientada pela Prof.^a Doutora Maria João Neto e Prof.^a
Arq.^a Ana Tostões, especialmente elaborada para a obtenção do
grau de Mestre em Arte, Património e Teoria do Restauro

2016

Índice

Resumo

Abstract

Palavras-chave

Agradecimentos

Introdução.....	7
Capítulo 1 – O contexto político e religioso de 1928 a 1944.	11
1.1- Na véspera do Estado Novo (1928-1933).....	11
1.2- O Acto Colonial (1930) e o Acordo Missionário (1940).....	18
1.3- A Catedral de Lourenço Marques no contexto político-religioso colonial do Estado Novo (1933-1944).....	26
Capítulo 2 – A emergência de uma nova igreja.....	33
2.1- A necessidade de uma nova igreja para Lourenço Marques.....	33
2.2- Projecto de Tito Fernandes.....	36
2.3- Projecto de António do Couto.....	37
2.4- O projecto revolucionário de Freitas e Costa.....	40
Capítulo 3 – O <i>arquitecto</i> da catedral e a sua visão.....	49
3.1 - A vida de Marcial de Freitas e Costa.....	49
3.2 - A visão de Freitas e Costa para a Catedral: uma cópia de Notre-Dame du Raincy?.....	61

Capítulo 4 – Do projecto à realidade.....	71
4.1- A construção (e vicissitudes) da Catedral de Nossa Senhora da Conceição.....	71
4.2- O programa imagético.....	79
4.3- Os vitrais.....	83
4.4- Os bronzes: A Via-Sacra.....	84
4.5- Os painéis.....	87
4.6- A estatuária.....	89
4.7- As alfaias litúrgicas.....	90
Capítulo 5 – A Nação em apoteose.....	92
5.1- A sagração da Catedral e a viagem do Cardeal Cerejeira.....	92
Conclusão.....	100
Recomendações Finais.....	101
Fontes e bibliografia.....	103
Índice de abreviaturas.....	113
Índice documental.....	114
Índice de figuras.....	115
Anexo documental.....	121
Anexo de imagens.....	157

Resumo

A Catedral de Lourenço Marques é vista, até aos nossos dias, como uma cópia da obra do arquitecto Auguste Perret. Pouco referenciada em estudos, e mal interpretada por alguns autores, procurámos, nesta dissertação, trazer novos dados para a sua compreensão. Recorremos a fontes primárias coevas que nos clarificassem o melhor possível o que se passou e como se passou. Tivemos por base o livro *Guia da Catedral de Lourenço Marques* que detém muita informação sobre a mesma e factos ocorridos. Os arquivos complementaram a informação procurada. Mediante os factos encontrados, e tendo em análise a vida do engenheiro que a projectou, pensamos poder dar uma nova leitura a este edifício que faz parte do património de ambos os países: Portugal e Moçambique.

Palavras-chave: Arquitectura; Catedral; Estado Novo; Lourenço Marques, Modernismo.

Abstract

The Lourenço Marques Cathedral is seen to this day as an imitation of the architect Auguste Perret's work. Because it has been a bit misunderstood in referenced studies, some authors have tried to bring a new and clearer understanding to this work by bringing in new data. Through using original literary sources, we can clarify to the best possible extent what happened and how it happened, using the book *Guia da Catedral de Lourenço Marques*, which holds a great deal of factual information together with additional files, that reinforce the sought out information. Through recent acquisitions of documented facts, and also taking into consideration the life of the engineer who designed it, a newly acquired interpretation is linked to this building, which is, that it is in fact part of the heritage of in fact both countries; Portugal and Mozambique.

Keywords: Architecture; Cathedral;Estado Novo;Lourenço Marques;Modernism

Agradecimentos

O meu primeiro, e grande, agradecimento é para João de Freitas e Costa que logo no primeiro contacto mostrou a alegria de um guardião que aguardava pacientemente que alguém procurasse o tesouro que a família detinha há mais de setenta anos. Foram as suas indicações (memórias passadas pela sua avó Adelaide) que permitiram encontrar um fio condutor para revelar a biografia do seu avô Marcial de Freitas e Costa como nunca tinha sido feito.

Agradeço também aos vários responsáveis que me ajudaram na pesquisa que este trabalho obrigou: Dr.^a Teresa Ponces, Arquivo do Patriarcado de Lisboa; Sara Moreira, Arquivo Fílmico e Videográfico da Cinemateca Portuguesa; Dr.^a Patrícia Ferreira, Biblioteca e Documentação da Academia Militar; Dr.^a Isabel Dias, Arquivo Histórico Ultramarino; aos funcionários do Arquivo Histórico Militar, do Arquivo Municipal de Mafra e do Arquivo Histórico-Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Ao Dr. João Duarte pelas informações prestadas, ao Nuno Pinto Basto pela gentileza de se ter deslocado várias vezes à catedral para fotografar as peças, quando eu já não o podia fazer, ao Padre Mário Duarte que permitiu que tal acontecesse com um único telefonema depois de meses de espera, às minhas orientadoras, Professora Doutora Maria João Neto e Professora Arquitecta Ana Tostões.

Por fim, mas não por último, deixo um agradecimento do fundo do meu coração ao meu marido, aos meus filhos, à minha mãe e ao meu irmão que são porto de abrigo.

Introdução

Com este trabalho pretendemos dar a conhecer a catedral de Lourenço Marques (actual Maputo) e o homem que a projectou, de um forma aberta, inédita e crítica. Ao iniciarmos a nossa pesquisa bibliográfica apercebemo-nos que até ao momento as referências relativas à catedral, como ao seu autor, eram esparsas e pouco esclarecedoras em si. Até ao momento a maioria dos estudos feitos sobre arquitectura colonial abrangem um lapso temporal posterior ao da catedral. Os anos 50 e 60 são os mais analisados porque, como refere Ana Vaz Milheiro: «os espaços ultramarinos têm sido considerados como lugares privilegiados de ensaio da modernidade¹». Não havendo informação significativa e substancial que esclarecesse o processo criativo, a própria catedral era encarada como uma tosca cópia de uma obra de Auguste Perret: Notre-Dame du Raincy (1922-1923). Mencionando a catedral no contexto arquitectónico da colónia a autora, Ana Vaz Milheiro, escreve: «obra de um engenheiro civil (ao que parece um admirador do trabalho de Auguste Perret), merece igual destaque²». Acontece que, para podermos compreender a catedral de Lourenço Marques como produto criativo final (obra de arte particular) é necessário conhecermos a vida do seu autor. Uma não se explica sem a outra.

A questão que este trabalho levantou como ponto de partida foi: Será a catedral de Lourenço Marques uma cópia de Notre-Dame du Raincy?

A pesquisa incidiu maioritariamente sobre fontes de informação primárias (artigos de jornais coevos, cartas, documentos originais, filmes, fotografias, artigos científicos) que foram as que revelaram informação vital e inédita, confrontando com fontes de informação secundária (bibliografias, dicionários). É uma investigação qualitativa³. Um livro que foi basilar neste trabalho foi o *Guia da Catedral de*

¹ Milheiro, Ana Vaz, *Territórios de sonho para a arquitectura portuguesa* in *Urbanidade e Património*, coord. João Couceiro, Fotog. Paulo Valente, Emanuel Sampaio, Lisboa, IGPHE,1998, pág.34. A autora refere-se neste contexto a obras como as de Pancho Guedes, entre outros, activos nas colónias portuguesas nos anos 50,60 e 70.

² Idem, pág.35.

³ «A investigação qualitativa é descritiva. É uma investigação que produz dados descritivos a partir de documentos, entrevistas e da observação e por tal a descrição tem de ser profunda e rigorosa».

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

Lourenço Marques, escrito pela mão do Padre João Francisco dos Santos. Este guia, embora tenha o seu comprometimento ideológico, tenta passar ao leitor como foram as vicissitudes passadas para se conseguir construir *uma* catedral. É bastante descritivo em acontecimentos e personagens que se consideraram importantes para todo o desenvolvimento do processo, no entanto, não podemos deixar de lembrar que embora o livro tenha sido escrito para o público em geral, o público de Lourenço Marques retiraria muito mais informação do mesmo, pois conhecia as pessoas nomeadas e os acontecimentos em “primeira mão” e foi essa informação que é à primeira vista invisível que o nosso trabalho fez os possíveis por alcançar.

Para este trabalho recorreremos a vários arquivos, mas nem todos nos deram respostas às perguntas colocadas durante a investigação, no entanto fica aqui o registo de todos os arquivos a que recorreremos, sendo eles: O Arquivo Histórico Militar onde foi possível ver o percurso de Marcial de Freitas e Costa uma vez que o mesmo fez carreira militar no Exército. Toda a informação académica se encontra no seu processo de aluno, tal como todos os documentos que a vida civil exigia à época. Deste modo foi possível reconstruir, o melhor que pudemos, a sua biografia. O Arquivo Histórico Ultramarino é aquele que alberga grande parte da regesta documental do extinto Ministério das Colónias. Consultámos pastas do Gabinete do Ministro onde encontrámos documentos sobre o processo das encomendas da estatuária e cartas saídas da mão de Marcial sobre as vicissitudes que as mesmas passaram, esparsas é um facto, mas de qualquer modo importantes. Consta ainda deste arquivo informações soltas sobre a vida profissional de Marcial enquanto subdirector e director dos Caminhos de Ferro de Moçambique (C.F.M.). A maior dificuldade deste arquivo é o facto de ter os documentos sem acessibilidade⁴. Pode, por este motivo, haver documentação que não tenha sido encontrada. O Arquivo do Patriarcado - Arquivo do Cardeal Cerejeira e do Cardeal Mendes Belo - neste último procurámos os projectos de Tito Fernandes ou António Couto. Não há registo deles, infelizmente. No arquivo do Cardeal Cerejeira não encontrámos nada sobre o

Sousa, Maria José, Baptista, Cristina Sales, *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios segundo Bolonha*, Lisboa, Pactor, s.d., pág. 57.

⁴ Acessibilidade neste contexto significa apenas que um determinado documento pode existir dentro do arquivo, mas como não está tratado arquivisticamente (com descrição, com cota, etc.) não pode ser encontrado. Existe um grande número de caixas com uma descrição generalista onde o investigador pode tentar encontrar o que procura e onde muitas das vezes existe uma miscelânea de documentos.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

projecto da catedral⁵ de Lourenço Marques, nem nenhum documento que nos clarificasse o que pensou Cerejeira concretamente deste projecto (ou que nos apontasse outro rumo a investigar⁶), nem do seu programa imagético. Para estas questões, as entrevistas dadas aquando da sagração são o testemunho mais pessoal que temos, e o facto de Cerejeira já se ter manifestado sobre a Igreja projectada por Pardal Monteiro em Lisboa (Nossa Senhora de Fátima). No entanto, sobre a sagração da catedral existe muita informação: desde os vários programas oficiais que teriam de ser seguidos pelo Cardeal como a cerimónia do dia da partida, programa a cumprir ao longo da viagem, protocolo diplomático em Lourenço Marques, programa para os dois dias da sagração, entre outros. O Arquivo Histórico-Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros onde consultámos os telegramas enviados e expedidos de 1939 a 1943, sendo que foi a única documentação que sobreviveu da embaixada portuguesa na Alemanha. O motivo da consulta foram os vitrais da catedral (pela firma Smeets, Hert & Co) que ficaram retidos na Holanda aquando da sua invasão pela Alemanha (já encaixotados para embarque) e que só a custas de muita diplomacia entre Portugal e a Alemanha conseguiram ser enviados para Lourenço Marques. Infelizmente, nada consta, o que significa que foi realmente tratado à mais alta esfera. Por este motivo os documentos, até prova em contrário, podem ser considerados como perdidos. O Arquivo Fílmico e Videográfico da Cinemateca Portuguesa tem em depósito o documentário da sagração da catedral mandado fazer pelo Secretariado de Propaganda Nacional de modo a que a viagem do Cardeal Cerejeira tivesse a maior repercussão possível tanto nacional como internacional. Junto com a comitiva, e com ordens de ir a todas as cerimónias onde estivesse Cerejeira, seguiu o jornalista Dutra Faria, o engenheiro Veres da Emissora Nacional, dois operadores de cinema e um fotógrafo.

Este trabalho encontra-se dividido em cinco capítulos que alinham temporalmente a envolvência histórica e política que antecede e que acompanha a construção da catedral de modo a que se possa compreender a mesma como produto do seu tempo: o que simboliza para a colónia/nação e como produto estético. No primeiro capítulo é

⁵ No entanto, todo o processo da Igreja de Nossa Senhora de Fátima de Pardal Monteiro lá se encontra.

⁶ O Arquivo de Oliveira Salazar poderia ser uma hipótese, mas a total ausência de referências à catedral antes da sagração por parte de Cerejeira, levou-nos a abandonar essa hipótese de momento devido à dimensão que o próprio arquivo tem (só de correspondência particular são cerca de seis mil processos individuais e diários mais de vinte para o período indicado -1933 a 1944).

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

tratado o contexto político e religioso de 1928 a 1944, desde a entrada de Oliveira Salazar para o governo da Ditadura Militar até à fixação do Estado Novo, com a Constituição de 1933, os documentos mais importantes para a política ultramarina que tiveram lugar ora antes (1930) ora depois (1940) e a importância que a catedral tinha neste contexto específico. No segundo capítulo é tratado todo o processo que explica a necessidade de um novo edifício religioso, os três projectos (afastados entre si no tempo) que foram apresentados e qual o que viria a ganhar e porquê. No terceiro capítulo é tratada a biografia de Marcial de Freitas e Costa e de como a sua personalidade e vivência fizeram a catedral de Lourenço Marques ser projectada do modo que hoje a conhecemos e não de outra maneira. No capítulo quarto são expostas as vicissitudes que acompanharam a construção da catedral, retiradas todas elas de jornais da época, e como foi surgindo o programa imagético de todos os elementos que lá se encontram, pois grande parte das obras (painéis, via sacra de bronze) não foram pensadas no projecto de Marcial, mas antes devido ao crescendo da importância que a catedral vai ganhando a partir 1938. Serve também este capítulo para fazer uma *inventariação* do que existia, ou ainda existe, dentro da catedral e abrir caminho a quem queira fazer novas abordagens. O último capítulo pretende retratar o impacto que a viagem do Cardeal Cerejeira teve na Nação (Portugal e colónias) devido ao trabalho do Secretariado de Propaganda Nacional, e de como foi organizada (ao milímetro) e vivida a sagração da catedral durante dois dias na capital de Moçambique. As conclusões a que chegámos sobre a catedral foram, unicamente, baseadas na informação disponível retirada das várias fontes. Houve algumas hipóteses de trabalho que tiveram de ser abandonadas, por muito aliciantes que fossem, devido à falta de informação que as comprovasse.

Sendo a catedral de Lourenço Marques um tema que estava inédito, esperamos que este trabalho abra novas perspectivas e abordagens de futuro pois com toda a certeza que a obra não se esgota aqui.

Resta apenas referir que, para a apresentação da bibliografia e todo o restante material consultado foram seguidas as normas portuguesas: NP 405-1; NP 405-4 e NP 405-3 e que o presente trabalho não está redigido sob o novo acordo ortográfico.

Capítulo 1 – O contexto político e religioso de 1928 a 1944.

1.1- Na véspera do Estado Novo (1928-1933)

Para melhor compreendermos a importância que teve a catedral de Lourenço Marques na história de Portugal e Moçambique é necessário retroceder dezasseis anos e ver como a entrada do professor catedrático Oliveira Salazar para o governo da Ditadura, ocupando o cargo de ministro das finanças, e de Manuel Gonçalves Cerejeira, futuro Cardeal Patriarca, vieram alterar o rumo da nação.

O golpe de 28 de Maio de 1926, tal como refere Veríssimo Serrão, «não se fazia contra a República, apenas queria acabar com o império do Poder que se instalara no seio do Partido Democrático⁷» e que apenas contribuía para o desequilíbrio financeiro e a desordem pública do país. É neste regime ditatorial «reconhecido por quase todas as potências estrangeiras, que mantinham ou nomeavam os seus representantes diplomáticos em Lisboa⁸» que em Abril de 1928 Oliveira Salazar aceita o cargo de ministro das finanças⁹. O trabalho que desenvolveu neste campo valeu-lhe reconhecimento. A sua imagem perante os seus pares e a população ficava assim ligada, à austeridade é certo, mas à competência e honestidade com que conseguiu desempenhar o seu cargo ao longo de quatro anos, data na qual passa a ocupar o cargo de presidente do ministério entretanto vacante¹⁰.

No mesmo ano de 1932, Oliveira Salazar sentiu que era necessário - depois de muito se debruçar sobre o real problema da falência sucessiva do Estado e ter chegado à conclusão de que o mesmo incidia sobre as instituições: «eram o

⁷ Serrão, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, Vol. XIII, *Do 28 de Maio ao Estado Novo (1926-1935)*, Lisboa, Verbo, 1977, pág.19.

⁸ *Ibidem*, pág.21.

⁹ Oliveira Salazar já tinha tido uma breve passagem pelo poder sob a égide de Mendes Cabeçadas. Mas vendo que não estavam asseguradas as condições que ele julgava necessárias acabou por se retirar para Coimbra novamente. Esta entrada no ano de 1928 para a pasta das Finanças teve como principal interveniente Duarte Pacheco, que se deslocou propositadamente a Coimbra para conversar com Salazar e tentar que este aceitasse a pasta.

¹⁰ Em Julho de 1932 Domingos Oliveira deixa o cargo que ocupara desde 1930.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

conteúdo, a orgânica, a estrutura do Estado que impediam as finanças sãs¹¹» - alicerçar aquilo que ficou conhecido por Estado Novo. Assim surge, ainda neste ano, o texto de uma constituição política que foi sujeita a livre discussão. A 19 de Março de 1933 foi votada e teve 1 292 864 apoiantes contra 6 192 discordantes¹². A ordem pública encontrava-se bastante longe do ideal, sendo que todos os anos existiam tumultos que tinham em vista o derrube do governo com intenções de implementar o *passado*. No entanto, no espaço temporal que distancia o ano de 1928 a 1933, Oliveira Salazar trabalhou afincadamente para levar a cabo a sua visão de Estado, ou seja, as suas doutrinas¹³, e nestas cabiam igualmente a recuperação viável das colónias portuguesas que eram vistas por si como parte integrante da nação portuguesa e que, apesar de terem sido o mote de entrada na Grande Guerra para Portugal, estavam subaproveitadas economicamente, desorganizadas administrativamente e quase ao abandono no que dizia respeito à missionação devido (directamente esta última) à política da I República.

É necessário ter em conta que desde os Descobrimentos até meados do século XIX, a presença portuguesa em África, como o conhecimento que existia da mesma, era apenas costeiro. Durante séculos a costa africana foi apenas um ponto de apoio para os navios portugueses em trânsito. No caso específico de Moçambique, os povos nativos não toleravam a entrada do homem branco nos seus territórios¹⁴. O maior lucro que provinha de África eram os seus escravos que seguiam rumo aos engenhos do Brasil, Cabo Verde, etc. Com a independência do Brasil, em 1825, as atenções viraram-se para o continente africano, mas abolição da escravatura em 1836 por Sá

¹¹ Franco Nogueira, *Salazar*, Vol. II, *Os tempos áureos [1926-1936]*, Atlântida Editora, Coimbra, 1977, pág.19.

¹² Serrão, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, Vol. XIII, *Do 28 de Maio ao Estado Novo (1926-1935)*, Lisboa, Verbo, 1977, pág.24.

¹³ O autor Franco Nogueira mostra no seu primeiro livro biográfico de Salazar como este assimilou várias fontes que lhe moldaram o pensamento ao longo de toda a sua vida, entre elas a *Encíclicas* de Leão XIII (*Diuernun; Nobilissima Gallorum; Immortale Dei; Libertas; Sapientiae Christiannae; Rerum Novarum* e *Inimica Vis* são apenas algumas que Franco Nogueira menciona) que abrangem vários temas da sociedade civil e da religião católica e de que forma podem e devem ambas conviver, que tomam um papel fundamental em toda a doutrina de Oliveira Salazar. A tradição de celebrar figuras ou datas com significado ideológico e político já vinham dos tempos de Coimbra (C.A.D.C.) Resta lembrar que, quando tomou a pasta das Finanças em 1928, Salazar não partiu do nada, mas antes de toda a obra que tinha publicado aquando professor em Coimbra e que lhe valeu o reconhecimento público e o desgaste de Sinel de Cordes.

¹⁴ Os vátuas deram muita luta face à presença branca/portuguesa e o caso mais mediático da história ultramarina é a captura do rei Gungunhana por Mouzinho de Albuquerque no ano de 1895 nas ditas campanhas de pacificação.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

da Bandeira veio dar outro golpe neste mercado tão lucrativo onde os colonos vindos da metrópole se ocupavam inteiramente. Acontece que a colonização de África era outro problema, já o era sob a monarquia, e o liberalismo também não conseguiu modificar a situação. O motivo dos fiascos sucessivos devia-se, em primeiro lugar, ao facto dos defeitos (políticos, administrativos, financeiros) do qual o país padecia se reflectirem nas terras ultramarinas e em segundo lugar, mas bastante pertinente, era o facto de que durante muito tempo a colonização foi feita com recurso a degredados de todos os tipos: desde os políticos a homicidas. A imagem que o colono passava não era, sem dúvida, aquela que décadas mais tarde o Estado Novo quer passar: um exemplo de virtudes a seguir em todos os aspectos. A luta pela partilha dos territórios africanos faz surgir uma corrida exploratória ao interior de África, em especial Angola e Moçambique: temos, entre vários nomes, os mais sonantes como Monteiro e Gamito (viagem de 1831-32); Graça e Silva Porto (viagem de 1853-1854); Serpa Pinto (viagem de 1877-79); Capelo e Ivens (viagens de 1877-80 e 1884-85). Estes homens tinham como missão cartografar o terreno e bacias hidrográficas, recolher novas espécies de fauna e de flora (descrever e catalogar ficará a cargo de académicos como Arruda Furtado, por exemplo), tal como os povos nativos que iam encontrado à sua passagem, seus costumes e verificar a maior ou menor influência da presença portuguesa. Como o seu objectivo final era o interesse económico que pudesse reverter positivamente para o país tudo foi analisado o melhor possível tendo em conta a capacidade produtiva dos terrenos, o que poderia aí ser plantado, se eram devidamente aproveitados ou não, etc. Alguns deles publicaram as suas viagens para um público ávido de todo este mundo novo que se revelava¹⁵. A importância da missionação era reconhecida, especialmente depois de 1890 (ano do Ultimatum), mas era deficitária. No ano de 1892 o Papa Leão XIII fazia um apelo à missionação dos domínios ultramarinos. No ano de 1896 são enviados missionários franciscanos para África, e um deles – com destino a Moçambique – será o mesmo que pedirá a Marcial de Freitas e Costa o novo projecto para a catedral que será sagrada pela mão do Cardeal Cerejeira no ano de 1944.

¹⁵ A criação da Sociedade de Geografia em 1876 vem dar apoio às explorações do território africano. Há uma emergência de conhecimento de África, territórios, fauna, flora, povos nativos e seus costumes devido à tensão vivida na Europa, e Portugal via os seus territórios ultramarinos serem ameaçados. África era vista com um sentimento de medo pelos povos europeus devido às suas doenças tropicais, ao clima e à sua fauna. Não era por acaso que os degredados tinham como destino as terras africanas: estas eram vistas como uma pena de morte, lenta, mas eficaz, pois a malária ou um animal selvagem eram as sentenças mais comuns.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

Com a queda da monarquia e a implantação da I República o cenário não terá mudanças substanciais uma vez que era o próprio estado em que se encontrava o país que não dava margens para uma melhor actuação nas terras ultramarinas. Com a ditadura saída do 28 de Maio, que segue a linha ideológica da I República face ao ultramar no sentido em que este era pertença de Portugal e que todos os habitantes das colónias eram cidadãos portugueses¹⁶, há a referir a presença de João Belo como Ministro das Colónias de 1926 a 1927, e que deixou obra legislativa de importância reconhecida (e segundo alguns autores ainda não devidamente trabalhada) como são as cartas orgânicas. É também da mão de João Belo que sai a regulamentação do trabalho indígena¹⁷ para Angola e Moçambique tendo em conta as directrizes da Sociedade das Nações. Todos estes documentos vieram trazer alterações às colónias a nível legislativo mas a autonomia financeira e administrativa continuava intocável. Será mesmo com a chegada de Oliveira Salazar ao governo em 1928 que lentamente (no início) o cenário se modificará e será com o Estado Novo que se concretizará a política ultramarina colonial que tanto se ansiava.

Por força de um incidente grave ocorrido no ano de 1930, em Angola, que causou pelo menos um morto (e que contribuiu para o adensar das relações com Cunha Leal¹⁸) Oliveira Salazar, na altura também ministro interino das Colónias, acaba por responder com o Acto Colonial¹⁹. Este documento, como refere Veríssimo Serrão, «impunha-se no momento em que estava prestes a ser lançado o crédito de fomento da economia ultramarina para solucionar o problema das dívidas das colónias à metrópole²⁰» e será ele que irá centralizar económica e administrativamente tudo o

¹⁶ A Constituição de 1822 no seu Artigo 20º, determinava que a Nação portuguesa era a união de todos os portugueses de ambos os hemisférios. Assim, à primeira vista, não havia distinção alguma entre raças, todos seriam iguais em direitos e deveres à época, mas no entanto a realidade é outra no que diz respeito aos africanos, pois a própria atitude perante o negro era já contaminada pela imagem de escravo e, como se tal não bastasse, pela imagem que as doutrinas filosóficas/antropológicas apoiadas nas descobertas científicas do século XIX faziam circular numa Europa tão europocêntrica. A Constituição de 1911 não sofre grandes alterações relativamente à de 1822 (existe também a de 1826 e 1838).

¹⁷ Veríssimo Serrão refere que sobre este ponto o Acto Colonial foi um passo atrás. Isabel Castro Henriques, sobre o Acto Colonial, refere também no seu trabalho (vide bibliografia) que o civilizar *pelo* trabalho era mais *para* o trabalho devido ao facto de que África precisaria sempre da mão-de-obra ao desbarato.

¹⁸ Francisco Cunha Leal foi um feroz opositor do futuro chefe do governo. Este episódio valeu a Salazar, segundo Franco Nogueira, um opúsculo intitulado: «*Oliveira Salazar, Filomeno da Câmara e o Império Português*», 1930.

¹⁹ Publicado a 8 Julho de 1930.

²⁰ Serrão, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, Vol. XIII, *Do 28 de Maio ao Estado Novo (1926-1935)*, Lisboa, Verbo, 1977, pp. 304-305.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

que diga respeito ao ultramar. Em 1931 Portugal participa na Exposição Internacional de Paris (Vicennes) e o resultado é muito positivo pois conseguiu passar uma imagem que Veríssimo Serrão descreve bem ao relatar um comentário de um jornalista coevo que diz: «são relíquias do primeiro dos impérios coloniais pela sua extensão e antiguidade, levando a pensar que os portugueses foram os fundadores do mundo moderno²¹». No que diz respeito a propaganda esta participação de Portugal é um sucesso. No ano seguinte, e ainda a respeito das colónias, são realizadas feiras de amostras coloniais em Luanda e Lourenço Marques. Estas têm um intuito meramente económico mas são de extrema importância tanto para Angola, Moçambique e Portugal, sendo que foram um sucesso e dando já mostras de uma política económica uma que se vinha delineando paulatinamente sobre a mão de Oliveira Salazar. A 9 de Junho de 1931 é criado o Arquivo Histórico Colonial²² tendo em vista o estudo dos descobrimentos e da expansão portuguesa. Tal como refere Cláudia Castelo: «nos anos 30 o Estado Novo irá apostar na criação de uma mística imperial, capaz de mobilizar os espíritos no sentido do orgulho e da defesa das colónias²³», diríamos mesmo que ainda antes da Constituição de 1933 já estas ideias estavam em progresso. Elas são o reflexo das doutrinas de Oliveira Salazar, já referidas, postas em marcha por Armindo Monteiro que ocupou o cargo de ministro das Colónias de 1931 a 1935. Este nacionalismo é de cariz imperialista, baseia-se no nosso passado histórico (de Reconquista e Expansão) para justificar a nossa presença em África; uma presença civilizadora, evangelizadora, apta por gerações sucessivas a esses climas tão nefastos e impróprios para qualquer outro europeu.

No que diz respeito às relações entre Estado e Igreja houve alguns avanços tendo em conta a cisão causada pela I República. Segundo Rita Carvalho: «com a ditadura militar a Igreja Católica criou expectativas favoráveis relativamente à renovação do seu estatuto²⁴». De facto, em Julho de 1926 foi elaborado o Decreto de Personalidade²⁵ (jurídica). Não devemos esquecer, também, a importância e o

²¹ Idem, pág.317.

²² Desde logo se instalou no Palácio da Ega que foi comprado com esse fim. Hoje é conhecido como Arquivo Histórico Ultramarino.

²³ Castelo, Cláudia Orvalho, *Passagens para África. O povoamento de Angola e Moçambique com naturais da metrópole (1920-1974)*, Porto, Afrontamento, 2007, pp.63-64.

²⁴ Carvalho, Rita Almeida de, *A Concordata de Salazar*, Lisboa, Temas e Debates: Círculo de Leitores, 2013, pág. 32.

²⁵ Carvalho, Rita Almeida de, *A Concordata de Salazar*, Lisboa, Temas e Debates: Círculo de Leitores, 2013, pp.92-93.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

impacto que tiveram as aparições de Nossa Senhora de Fátima²⁶ a vários níveis. A tentativa para descredibilizar o acontecimento por parte da imprensa laica só veio dar mediatismo ao sucedido. A imprensa católica não foi, ao contrário do que se poderia pensar, a grande propagadora do fenómeno, mas antes os jornais como *O Século* ou *O Mundo*. Quando o golpe de 28 de Maio se deu o culto a Nossa Senhora de Fátima já estava arraigado entre a população. No ano de 1928, a 13 de Maio, é colocada a primeira pedra da Basílica de Fátima.

No ano de 1928, pouco antes de Oliveira Salazar dar entrada como ministro das finanças, deu-se o *Protocolo*²⁷ que era, segundo Pedro Brandão, uma concordata em termos práticos. Outra figura, de extrema importância no contexto do Estado Novo, dá entrada na vida pública do país de então: Manuel Gonçalves Cerejeira.

O padre Gonçalves Cerejeira foi colega de Oliveira Salazar no tempo em que ambos estudaram em Coimbra. Devido a ideais comuns, que fizeram com que ambos actuassem muitas vezes lado a lado²⁸, construíram uma amizade que, segundo autores como Pedro Brandão, se repercutiu nos assuntos e interesses do país devido à pressão exercida pelo Cardeal Cerejeira sobre Oliveira Salazar para determinados assuntos. Será ele que irá substituir o falecido Cardeal-Patriarca Mendes Belo, e a escolha que recaiu sobre si não é ingénua tendo em conta o contexto vivido à época, como refere Rita Carvalho apoiando-se nas informações dadas por Beda Cardinale para o Vaticano: «seria de grandíssima utilidade para a Igreja que a escolha do futuro patriarca recaísse sobre um candidato contra o qual não houvesse hostilidade da parte do governo²⁹», ou seja, que não houvesse ligações monárquicas como acontecia com o arcebispo de Portalegre (Manuel Domingos Maria Frutuoso também ele um candidato) e refere, ainda, a capacidade que Cerejeira tinha em organizar a juventude e o prestígio que detinha por ter sido professor em Coimbra. Embora o mais

²⁶ Segundo as memórias de Lúcia o nome pelo qual se deu a conhecer aquela entidade foi Nossa Senhora do Rosário. O nome de Fátima ficou devido à localidade. Sejam os acontecimentos verdadeiros ou falsos de tudo o que se passou durante seis meses (de Maio a Outubro de 1917) a verdade é que modificaram a vida do país.

²⁷ Brandão, Pedro Ramos, *A Igreja Católica e o Estado Novo em Moçambique:1960-1974*, Lisboa, Notícias, 2004, pág. 46.

²⁸ Para além de terem partilhado o mesmo tecto em Coimbra (Grilos) durante vários anos, eram membros do C.A.D.C. (Centro Académico da Democracia Cristã, que fora fundado em 1901), fundaram o jornal *Imparcial*, e juntos estiveram na luta pelo não encerramento da Igreja de S. João de Almedina que estava para ser transformada em anexo do Museu Machado de Castro.

²⁹ Carvalho, Rita Almeida de, *A Concordata de Salazar*, Lisboa, Temas e Debates: Círculo de Leitores, 2013, pág. 68.

importante para a escolha ter recaído sobre si pareça ser o facto de ser considerado um *homo novus*³⁰ afastado das competições partidárias, como refere a autora. A 18 de Novembro de 1929 Gonçalves Cerejeira é nomeado Cardeal-Patriarca embora só tome posse a 22 de Janeiro de 1930. Com a sua entrada para a patriarcal, Cerejeira será uma figura de peso dentro do contexto político da época. É da sua mão que sairá a Concordata e o Acordo Missionário, documentos que ficaram em vigor até ao fim do Estado Novo³¹. Sebastião Formosinho³² revela a modernidade do pensamento de Cerejeira, uma vez que este acreditava na harmonia entre a força da Fé e as exigências da Razão, mesmo quando a Razão se revela através da ciência: «a verdade não pode contradizer a verdade». Será este cardeal a permitir a construção do projecto de Pardal Monteiro para a Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, em Lisboa, mesmo debaixo de fortes críticas da ala tradicionalista.

Quanto aos documentos que moldaram o país, Rita Carvalho e Pedro Brandão aceitam que Oliveira Salazar e o Cardeal Cerejeira iniciaram, pelo menos, desde 1933 conversações entre si para um documento que veio a ser conhecido em 1940 como Concordata. Este último é um documento de grande importância no que diz respeito às relações do Estado Novo com a Santa Sé. Uma parte deste documento fala directamente sobre a missionação no ultramar (Acordo Missionário) e iremos abordá-lo adiante.

Apesar da catedral em estudo ter sido iniciada (ao nível projectual) numa data anterior a 1940, este documento - o Acordo Missionário - é muito pertinente, pois vai moldar ainda mais a visão que a Igreja e o Estado Novo têm sobre o ultramar português aumentando a carga histórica e iconológica desta catedral.

Com a votação em plebiscito da Constituição, em 1933, damos entrada num novo período político denominado Estado Novo que terminará no ano de 1974 com o golpe militar de 25 de Abril. Não nos cabe aqui, nem pretendemos, fazer uma análise

³⁰ Carvalho, Rita Almeida de, *A Concordata de Salazar*, Lisboa, Temas e Debates: Círculo de Leitores, 2013, pág.71.

³¹ Depois do 25 de Abril de 1974, houve uma preocupação por parte do novo poder em negociar com a Santa Sé alguns pontos mais delicados: o divórcio, para o casamento católico, e a missionação de modo a não surgirem confrontos agudos entre Estado e Igreja (mais uma vez).

³² Sebastião Formosinho, *Ciência e Religião, a modernidade do pensamento epistemológico do Cardeal Cerejeira*, Principia, 2002.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

do que foi, ou não, este regime que durou quarenta anos³³ (com variantes peculiares durante o mesmo), mas podemos dizer, no que interessa para este trabalho e tendo em conta o já atrás foi mencionado, que foi um regime que se pautou pela colaboração com a Igreja, embora fosse independente dela pela constituição; que a religião católica dominou e moldou a vida dos cidadãos portugueses em várias frentes como a educação, a legislação, a intervenção (não assumida) ao nível político sob o desígnio da União Católica; que foi um regime que se alicerçou na História da Reconquista (justificando a religião cristã como sendo a religião do povo português) e dos Descobrimentos (justificando a presença e posse portuguesa das colónias ultramarinas). A Igreja é a companheira que tudo justifica - na nossa secular tradição - sendo assim legitimada, tanto cá dentro, como nas colónias. Foi, também, um regime que se pautou por uma forte censura e tentativa de controlar opositores que pudessem destabilizar a ordem do país, que centralizou todos os poderes na cabeça do império sob a mão de um único homem que já tinha afirmado anos antes: «sei muito bem o que quero e para onde vou³⁴». Em suma, foi aquilo que muitos autores denominaram de regime autoritário (para outros paternalista); corporativista, (para outros orgânico); nacionalista/imperialista e, por fim, providencialista.

1.2- O Acto Colonial (1930) e o Acordo Missionário (1940)

Como já referimos anteriormente, o Acto Colonial de 1930, surge num momento em que era necessário colocar rédeas à situação financeira e administrativa que se vivia nas colónias, em especial Angola e Moçambique. Não podemos esquecer que no ano anterior a economia americana tinha entrado em colapso e os seus efeitos sentiram-se na Europa. Por sua vez, o mesmo se fez sentir nas suas extensões além-

³³ Veríssimo Serrão fala em quarenta e oito anos partindo do golpe de 28 de Maio de 1926 tendo em conta que considera em linha contínua o regime deposto em 1974, o qual o autor considera uma República. Retiramos das suas palavras que isso não significa que foi igual de 1926 a 1974, mas que sofreu as adaptações ao longo do tempo que lhe permitiu sobreviver e do qual o Estado Novo é, também, um exemplo.

³⁴ Franco Nogueira, *Salazar, Vol.I, A mocidade e os princípios*, Atlântida Editora, Coimbra, 1977, pág.339.

mar. Oliveira Salazar compreendeu que era urgente colocar em marcha uma política que salvasse as empresas portuguesas fixadas nas colónias, que nesse momento atravessavam um período de crise³⁵ e que se viram obrigadas a contrair empréstimos a entidades locais mas de propriedade estrangeira. O seu receio de desnacionalização era real. É então pensado um outro diploma vital no qual é criado o Banco de Fomento Colonial (que sai ao mesmo tempo do Acto Colonial). É este banco que irá activar as empresas portuguesas. África transforma-se no mercado receptor privilegiado dos produtos de origem portuguesa e fornecedor das matérias-primas em sentido inverso. Deste modo, logo no ano de 1931, o governo consegue o equilíbrio das contas públicas.

O Acto Colonial é o diploma que irá centralizar económica e administrativamente tudo o que é relacionado com as colónias portuguesas. É o diploma que reflecte a visão que Oliveira Salazar tinha para o futuro da nação além-mar: organização contra a desorganização (política, administrativa e económica) que grassava e comprometia resultados; a centralização de poderes onde se dá a extinção dos altos-comissários dando lugar aos governadores-gerais cujos poderes são significativamente reduzidos e que ficam dependentes de Lisboa (metrópole); um princípio de solidariedade natural entre as colónias e a metrópole para o bem comum; proibição às colónias de contraírem empréstimos a entidades estrangeiras; a preocupação de abolir e não renovar as concessões dadas a companhias estrangeiras, que como refere Newitt sobre o Artigo 12º são: «frases [que] condenavam finalmente ao esquecimento todo o episódio lamentável das companhias avalizadas e das concessões dos prazos³⁶»; é tratado o estatuto do indígena onde ficam resguardados, em teoria, os seus direitos e explícitos os seus deveres. Se João Belo descrevia o indígena como: «o indivíduo de raça negra ou deles descendentes que, pela sua ilustração e costumes, se não distingam do comum daquela raça³⁷» o Acto Colonial, pelo seu artigo 22º³⁸, vinha

³⁵ Como refere Veríssimo Serrão, esta crise, para além dos efeitos ainda sentidos da Grande Guerra, tinha também como culpados o ineficaz escoamento para o exterior dos produtos das colónias e os baixos preços dos mesmos. O colapso americano foi mais um peso sobre a Europa, embora este último não seja referido pelo autor.

³⁶ Newitt, Malyn, *História de Moçambique*, trad. Lucília Rodrigues e Maria Georgina Segurado, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1997, pág.394.

³⁷ Noré, Alfredo, Adão, Áurea, *O ensino colonial destinado aos "indígenas" de Angola. Antecedentes do Ensino rudimentar instituído pelo Estado Novo*. In *Revista Lusófona de Educação*, 2003,1,pp.101-126.

³⁸ Onde se pode ler: «Nas colónias atender-se-á ao estado de evolução dos povos nativos, havendo estatutos especiais dos indígenas, que estabeleçam para estes, sob a influência do direito público e

trazer à luz do dia uma segregação racial ainda maior pois incorpora novos estatutos como o de assimilado³⁹ (ou civilizado). Toda esta nova linguagem legislativa tem como finalidade, como refere Isabel Castro Henriques, que «a realidade da exploração do africano não seja tão cruamente visível⁴⁰» de uma mão-de-obra que iria ser ensinada a trabalhar nas grandes plantações e indústrias emergentes, que teria o ensino rudimentar assegurado (de língua portuguesa, reconhecimento da moeda corrente, cálculos matemáticos das quatro operações aritméticas, pesos e medidas e um aperfeiçoamento das qualidades morais⁴¹) que era ministrado pelas Missões e separado dos colonos (brancos) que tinham direito a um ensino igual ao da metrópole.

Temos assim que, no direito de «desempenhar a função histórica de possuir domínios ultramarinos⁴²», o indígena é a causa principal que justifica duas acções: do Estado, pois este civiliza - o trabalho era o meio para civilizar; e da Igreja, numa influência moral - com vista a evangelizar e civilizar. Eis a justificação da presença portuguesa e direito de posse das colónias: o passado justificava o presente e o futuro tendo por base a tradição histórica «de povo escolhido para alargar as fronteiras do mundo cristão e civilizado⁴³» e o papel primordial da Igreja em todo esse processo e na formação da própria nacionalidade. Estas eram as nossas justificações ao nível internacional, desde finais do século XIX, uma vez que Portugal não tinha grande capacidade bélica para defender as suas colónias.

Este diploma foi incorporado na Constituição de 1933 sob o Título VII, artigo 132º onde se lê: «são consideradas matéria constitucional as disposições do Acto Colonial, devendo o Governo publicá-lo novamente com as alterações exigidas pela presente Constituição». Devemos também recordar que a mesma Constituição «estabelece definitivamente as relações diplomáticas entre o estado português e a Santa Sé o que

privado português, regimes jurídicos de temporização com os seus usos e costumes individuais, domésticos e sociais, que não sejam incompatíveis com a moral e com os ditames de humanidade.»

³⁹ Assimilado: ter mais de 18 anos, ter profissão/arte/ofício, falar correctamente o português, ter bom comportamento, não ser desertor ao serviço militar; e com todos os requisitos descritos poder ser possuidor do alvará de cidadania. Deste modo, a igualdade nos direitos que eram descritos na Constituição era apenas teórica, pois a segregação racial não o permitia.

⁴⁰ Henriques, Isabel Castro, *Os pilares da diferença. Relações Portugal-África. Séculos XV-XX*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2004,pág.312.

⁴¹ Noré, Alfredo, Adão, Áurea, O ensino colonial destinado aos “indígenas” de Angola. Antecedentes do Ensino rudimentar instituído pelo Estado Novo. In *Revista lusófona de Educação*, 2003,1,pp.101-126.

⁴² Artigo 2º do Acto Colonial.

⁴³ Henriques, Isabel Castro, *Os pilares da diferença. Relações Portugal-África. Séculos XV-XX*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2004,pág.304.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

se traduz no reconhecimento desta como estado soberano⁴⁴». Assim sendo, temos as bases doutrinárias já bem estabelecidas de um Estado Novo cooperante com a Igreja, mas independente dela, onde se prepara terreno para o ano de 1940.

A Concordata e o Acordo Missionário, estão ligados entre si, pois no primeiro estão enunciadas as normas fundamentais que irão reger a actividade missionária nas colónias (do artigo XXVI ao XXVIII), no segundo⁴⁵ encontram-se as mesmas mais desenvolvidas. A Concordata fazia a divisão final dos dois poderes: o Estado e a Igreja. Uma entrevista feita ao Cardeal Cerejeira nas vésperas do 25 de Abril à *Novidades*, ou seja, trinta e um anos depois, revela-nos, na primeira pessoa, o que Cerejeira mantinha sobre o documento saído da sua mão. Perante a pergunta do seu entrevistador: «terá ainda razão de ser a Concordata?» o Cardeal responde:

«a razão de ser da Concordata, declara-o o Prólogo que anuncia o texto, a saber: «regular por mútuo acordo e de modo estável a situação jurídica da Igreja Católica em Portugal, para a paz e maior bem da Igreja e do Estado». É dos documentos que assinalam datas na história dum povo. Diga-se sem temer: estabeleceu a paz religiosa em Portugal⁴⁶».

A Concordata cristalizou a divisão de ambos os poderes, temporal e espiritual, que a Constituição já tinha abordado e reconhecido, demarcou posições noutros aspectos como refere Cerejeira, ainda na mesma entrevista:

«nas sondagens que precederam as negociações para a Concordata [entenda-se as inúmeras cartas trocadas com propostas de ambos os lados], teria sido afirmado não serem de prever dificuldades insuperáveis a um acordo; havia porém dois pontos de que a Santa Sé fazia questão essencial: a educação cristã da juventude e o reconhecimento do carácter sagrado do casamento⁴⁷»

⁴⁴ Carvalho, Rita Almeida de, *A Concordata de Salazar*, Lisboa, Temas e Debates: Círculo de Leitores, 2013, pág. 94.

⁴⁵ Diz o autor Bruno Cardoso Reis que o Acordo Missionário, como documento à parte da Concordata, foi uma sugestão de D. Rafael da Assunção dita primeiramente ao Ministro das Colónias no ano de 1939. Conferir: Reis, Bruno Cardoso, *A Concordata de Salazar in Lusitania Sacra*, Lisboa 2^o série, Tomo 12, 2000, pág.210.

⁴⁶ Cerejeira, Manuel Gonçalves (Cardeal Cerejeira), *A Concordata Hoje*, Lisboa: s.n., 1971.

⁴⁷ Cerejeira, Manuel Gonçalves (Cardeal Cerejeira), *A Concordata Hoje*, Lisboa: s.n., 1971.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

Documento de simples leitura, à vista desarmada - mas de complexidade de conteúdo devido à abrangência e efeitos que terá na vida do país de então - irá regular a vida religiosa aquém e além-mar e determinar (entre o artigo 6º e 8º), as cedências e privilégios fiscais devidas à Igreja como compensação do que tinha perdido ao longo da I República.

No passado, a fraca missão das colónias portuguesas era um reflexo dos problemas do país coevo; a extinção das Ordens Religiosas (1834) foi outro golpe que comprometeu durante bastante tempo a missão devido à falta de clérigos. Mas a mesma era vista como prioritária, principalmente depois do Ultimatum (1890), de modo a demarcar a presença portuguesa em África. Em 1911, mesmo com a Lei de Separação do Estado e das Igrejas⁴⁸, o artigo 189 autorizava a reabertura do colégio das Missões Católicas (em Cernache do Bonjardim⁴⁹). Tal facto fica a dever-se à consciência da extrema necessidade atrás descrita. O Acordo Missionário pretende colocar um ponto final a nível internacional sobre este assunto numa Europa em guerra. Ambos os documentos são datados de 7 de Maio.

O que distingue o diploma de 1930 e o Acordo Missionário é o facto de o primeiro ter como primeira preocupação a organização das colónias de modo a demarcar o espaço português afirmando que tudo é Portugal, expurgando os territórios ainda ocupados por estrangeiros (prazos e companhias majestáticas) e não deixar, de uma forma camuflada, que a mão-de-obra indígena se “esgote”. São preocupações maioritariamente civis. Justifica, ainda, a presença da Igreja - que é “adstrita” ao povo português - pela figura do Padroado do Oriente (lembrando a ancestralidade da nação portuguesa e da sua função histórica no Mundo). Por sua vez, o Acordo Missionário, dez anos depois, vem reconhecer regalias à Igreja nos territórios ultramarinos portugueses, pretendendo como já se mencionou, colocar ordem a nível internacional quanto a novas tentativas de ocupação devido à II Guerra Mundial. A revista *Missões Franciscanas*⁵⁰ coloca a questão desta maneira: «quando olhares cobiçosos e ambiciosos se lançam por toda a parte, o facto do mais alto poder

⁴⁸ O título do decreto-lei surgiu com a palavra Igreja escrita no plural, embora não se compreenda o porquê.

⁴⁹ Que em 1913, com o Decreto n.º233 de 22 de Novembro, foi secularizado dando lugar a “missões laicas”. Esta acção não trouxe bons resultados e em 1919, pelo Decreto n.º5 778, é reconhecido ao clero missionário a função civilizadora e de nacionalização. Outro decreto no final do mesmo ano vem afirmar que todas as missões católicas estabelecidas ou subsidiadas pelo Estado são nacionais.

⁵⁰ *Missões Franciscanas*, Órgão da União Missionária Franciscana, Director P. José Alves Pereira, Número extraordinário, Missões Franciscanas, s.d. [1944].

espiritual e moral da terra reconhecer o valor ao direito da acção de Portugal no seu Império Ultramarino é uma afirmação duma transcendência política incalculável» e acrescenta, para que se compreenda totalmente a importância do diploma de 1940, «a viagem do Eminentíssimo Cardeal Legado está para o Acordo Missionário, como a viagem do Sr. Presidente da República esteve para o Acto Colonial». O Presidente Carmona tinha feito uma primeira viagem em 1938 a S.Tomé e Angola, e uma segunda no ano seguinte, 1939, onde visitou Cabo Verde, S.Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique e a União Sul-Africana⁵¹, sendo o motivo destas viagens o facto de haver rumores, que algum fundo de verdade continham, sobre as aspirações da Alemanha de Hitler em querer recuperar os territórios africanos perdidos com o Tratado de Versalhes em 1919 ou na impossibilidade destes... Outros. Ao aproximar-se o início da II Guerra Mundial a Europa vai aprendendo a temer a Alemanha e na sombra começam alguns países a querer pacificar o monstro que se erguia, qual oferta de sacrifício aos deuses, à custa de territórios ultramarinos, que muitas vezes eram de terceiros como era o caso das colónias portuguesas. Já no ano de 1937 Oliveira Salazar se pronuncia sobre este suposto apaziguamento dizendo:

«alheios a todos os conluios, não vendemos, não cedemos, não arrendamos, não partilhamos as nossas colónias, com reserva ou sem ela de qualquer parcela de soberania nominal para satisfação dos nossos brios patrióticos. Não no-lo permitem as nossas leis constitucionais; e, na ausência desses textos, não no-lo permitiria a consciência nacional⁵²».

Quando o Presidente Carmona regressa a Lisboa a 12 de Setembro de 1939 da sua segunda viagem, para bem demarcar a presença e pertença portuguesa em África, já a Europa está oficialmente em guerra.

O Acordo Missionário confirma a questão do reconhecimento jurídico (que já estava resolvido na Constituição de há sete anos atrás) e passa diretamente para outros assuntos como a importância de *nacionalizar* todos os intervenientes nas missões, pois umas das preocupações portuguesas nas missões do ultramar era a

⁵¹ A União Sul-Africana já tinha deixado cair esta designação e tinha adoptado o nome de África do Sul desde a sua independência do domínio Britânico em 1931, no entanto é comum encontrar-se até princípios dos anos 50 o primeiro nome em jornais, documentos oficiais, etc.

⁵² Franco Nogueira, *Salazar*, Vol.III, *As Grandes Crises* (1936-1945), Coimbra: Atlântida Editora, 1977, pág. 87.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

Propaganda FIDE⁵³ que recorria, em grande maioria, a missionários não portugueses e isso era tido como um problema a ser solucionado, pois no entender da ideologia vigente era meio caminho para o desvirtuar da missionação portuguesa, tão carregada de patriotismo e justificada pela História Universal. Deste modo um dos requisitos que mais surge em todo o documento é a nacionalidade portuguesa. Um dado importante é a necessidade da concordância do governo português para a nomeação de arcebispos e bispos no ultramar português tendo por base a mesma preocupação atrás descrita. Trata o documento também: da organização das dioceses e circunscrições missionárias onde se dão por criadas as dioceses de Angola (Luanda, Silva Porto e Nova Lisboa), as de Moçambique (Lourenço Marques, Beira e Nampula) e uma em Timor (Díli); a atribuição de subsídios para a formação e obras da missionação; o dever do governo português continuar a ceder terrenos livres para a ocupação e desenvolvimento das missões; isenção de imposto ou contribuição para os bens que estejam afectos àquelas entidades; direito à pensão para Bispos, Vigários e Prefeitos Apostólicos; direito de abono de despesas de viagem para o pessoal missionário; o direito das missões se poderem expandir livremente para poderem exercer a sua actividade com tudo o que lhe está inerente. Artigo lapidar é o artigo 19º: «a Santa Sé continuará a usar da sua autoridade para que as corporações missionárias portuguesas intensifiquem a evangelização dos indígenas e o apostolado missionário» lembrando, mais uma vez, a sua importância histórica no percurso de Portugal. Pedro Brandão refere no seu estudo que «até aos anos sessenta, o trabalho missionário estava associado, quase unanimemente, à ideia de colonização⁵⁴».

Tudo se liga e complementa. O que um diploma aflora o outro aprofunda.

⁵³ Conhecida hoje como Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos, a Propaganda FIDE (criada pelo Papa Gregório XV em 1622) ocupava-se das questões que respeitavam à propagação da fé católica em todo o mundo. Acontece que a maioria dos missionários que eram enviados para África (que é o que nos importa) não eram portugueses na sua maioria devido à falta de clero e formação para tal como causa directa de todas as vicissitudes que se deram no fim do século XIX e inícios do século XX e já aqui mencionadas. Assim que o clero português se sente com capacidade de manobra é elaborado um documento (Acordo Missionário) que tenta inverter esta situação. No entanto a falta de clero para as missões africanas será um tema que virá a lume durante muito tempo pois raramente os africanos, ou indígenas, terão acesso a tais lugares formando um clero autóctone.

⁵⁴ Brandão, Pedro Ramos, *A Igreja Católica e o Estado Novo em Moçambique:1960-1974*, Lisboa: Notícias, 2004, pág.61.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

E só poderia ser deste modo, pois sabemos pelos estudos levados a cabo por Rita Carvalho e por Pedro Brandão⁵⁵, que houve um longo trabalho de bastidores entre Oliveira Salazar, o Cardeal Cerejeira e a Santa Sé, numa constante troca de rascunhos do diploma e cartas entre ambos onde se antevê a posição desta última⁵⁶. Pedro Brandão mostra as pressões exercidas pelo Cardeal Cerejeira junto a Oliveira Salazar para temas que eram capitais para a Igreja e que segundo o mesmo autor foram algumas vezes bem-sucedidas, como por exemplo: A questão da Religião Católica na Educação; Cristianização do calendário civil; empenho na dinamização da Acção Católica e justificação das suas acções objectivamente políticas; argumentação permanente de carácter antitotalitário; questão financeira da Igreja⁵⁷.

Devemos relembrar o facto de Espanha, nosso único país vizinho, ter estado em guerra civil entre 1936 e 1939, e que apesar de ter ganho a ala nacionalista com o General Francisco Franco a dirigir, momentos houve em que se chegou a duvidar de tal vitória sendo temido o pior: a vitória da Frente Popular (apesar de republicana era maioritariamente esquerdista e obtinha ajuda bélica directa da União Soviética). Caso tal se verificasse, Portugal poderia temer uma segunda perda de independência⁵⁸. Este medo do comunismo - com tudo o que está inerente a esta ideologia: a negação da existência de Deus, da propriedade privada, de classes e do capitalismo - foi devidamente aproveitado tanto pelo Governo como pela Igreja e, sem dúvida, que terá agido como um elemento galvanizador de patriotismo que ajudou à aceitação, de grande parte da população, do pensamento de Oliveira Salazar (e do Cardeal Cerejeira⁵⁹) que encaminharam o país para estes diplomas (Concordata e Acordo Missionário) acordados em 1940.

⁵⁵ Brandão, Pedro Ramos, *Salazar-Cerejeira: A «força» da Igreja: Cartas do Cardeal-patriarca ao Presidente do Conselho*, Lisboa: Notícias, 2002.

⁵⁶ O projecto que ficou conhecido oficialmente, conforme relata Rita Carvalho, foi o do Cardeal Cerejeira com as devidas alterações que a Santa Sé viu serem necessárias para a sua aprovação.

⁵⁷ *Ibidem*, pág. 92.

⁵⁸ O historiador Manuel Ros Agudo veio trazer a lume documentos pertencentes ao Arquivo da Fundação Francisco Franco e que demonstram o desejo que o General tinha de anexar Portugal a Espanha. Oliveira Salazar já o devia desconfiar e, talvez por esse motivo, se tenha empenhado tanto em estabelecer um Tratado de Amizade e Não-Agressão com Espanha a 17 de Março de 1939.

⁵⁹ Se não era permitido à Igreja imiscuir-se na política (e o pensamento de Cerejeira também indicava esse sentido, pelo menos oficialmente) a verdade é que no ano de 1932 (antes da Constituição) são dados os primeiros passos para a organização da Acção Católica em Portugal (Acção Católica Portuguesa) e no ano de 1934, Março, surge oficialmente com os seus estatutos e linhas de orientação. Este movimento surge, em primeiro lugar, para *formar* os seus filiados e em

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

Com a assinatura da Concordata e do Acordo Missionário, um compromisso entre Estado e Igreja, fica totalmente cristalizado o Estado Novo que brotara no ano de 1933: Deus, Pátria e Família num Estado *catolaicista*⁶⁰.

1.3- A Catedral de Lourenço Marques no contexto político-religioso colonial do Estado Novo (1933-1944)

A revista *Missões Franciscanas* escrevia sobre a viagem do Cardeal Cerejeira, no ano de 1944, o seguinte:

«Em nome do Sumo Pontífice, vai mostrar que a Santa Sé põe a sua chancelaria na política missionária do governo português e que lhe reconhece, a Portugal, o direito secular, histórico, inamovível, a evangelizar e a civilizar as parcelas do Globo que descobriu e de que tomou posse por meios pacíficos e cristãos⁶¹.»

No ano de 1944 temos o culminar da importância histórica e ideológica que a nova catedral representava face a todo o ultramar português: muito mais do que o símbolo religioso à vista desarmada, ela era um verdadeiro padrão, como afirmava o Padre João Francisco dos Santos⁶², que demarcava o território português e afirmava internacionalmente os acordos estabelecidos em 1940 para que não restassem dúvidas a uma Europa que nesse ano de 1944 já levava cinco anos em plena guerra e para a qual ainda não se vislumbrava o fim.

Verificamos num primeiro momento - onde a igreja existente na capital já não era suficiente para suprir as necessidades dos fiéis - um arrastar de projectos

segundo, para permitir aos católicos uma actuação ao nível social que em alguns pontos não era permitido à Igreja.

⁶⁰ Manuel Braga da Cruz introduz esta nova palavra que tão bem descreve o estado português pós-concordata, tal como as convicções de Oliveira Salazar sobre a mesma temática. Conferir: Braga da Cruz, Manuel, *As negociações da Concordata e do Acordo Missionário de 1940*, in *Análise Social*, Vol. XXXII, 1997, pp. 815-845.

⁶¹ *Missões Franciscanas*, Órgão da União Missionária Franciscana, Director P. José Alves Pereira, Número extraordinário, *Missões Franciscanas*, s.d. [1944].

⁶² Santos, João Francisco dos, *Guia da Catedral de Lourenço Marques*, Imprensa Nacional, 1944, pág.68.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

(principalmente o do arquitecto António do Couto), uma falta de orçamento e mesmo falta de vontade por parte da Câmara de Lourenço Marques que levantava problema atrás de problema⁶³, para que uma nova igreja se construísse. Desde este primeiro impasse até ao momento da sacração, que é vivido como um momento apoteótico da Nação, o que mudou?

A catedral de Lourenço Marques, pela duração que levou a ser projectada, construída, e sagrada acompanhou a materialização do Estado Novo e toda a mística nacional-imperialista por ele criada. Vemos, deste modo, que a importância que a catedral vai ganhando é crescente ao longo desse lapso temporal que vai de 1933 a 1944.

No ano de 1933 em que é apresentado um primeiro esboço (e finalmente parecem ser removidos os obstáculos camarários) temos já um Acto Colonial vigente que obriga as colónias à dependência directa da metrópole. A Constituição é publicada no início desse ano, anexa o Acto Colonial, e vem consolidar o que se passou a designar por Estado Novo. A partir deste momento podemos ver a importância que o Estado Novo vai dedicar ao culto da nacionalidade: com a actividade de restauro de que foram alvo monumentos nacionais (que se viram maior parte das vezes reduzidos a uma unidade de estilo por forma a evidenciar a época a que eram associados⁶⁴) de modo a enaltecer a história da fundação da nacionalidade e sua expansão; a preparação para a Comemorações do Duplo Centenário da Nação a ter lugar em 1940 (para a qual se começa a trabalhar logo no ano de 1938) da qual fará parte uma mostra do império colonial e, por fim, as atenções que se viram para as colónias tentando, dentro do que era possível financeiramente, apoiar as missões católicas que pediam novos edifícios (o que existia era deficitário devido às opções da I República) à medida que se instalavam no território africano. Se até ao ano de 1932 *O Evangelho* tratava com ironia, e algumas vezes com humor, a falta de uma nova

⁶³ Desde o terreno onde iria ser construída, ao problema estético que levantava (tendo sido apelidada a proposta de António Couto de aleijão) numa cidade já moderna. Opus citado.

⁶⁴ Sob a alçada da D.G.E.M.N. foram feitas muitas intervenções em monumentos nacionais que alteraram por completo a sua leitura estilística e simbólica, pois sofreram uma “limpeza” em nome de uma unidade de estilo que expurgava acrescentos tidos como posteriores à data com que eram histórica e simbolicamente associados. Durante o Estado Novo deram-se várias intervenções, especialmente tendo em conta a celebração do Duplo Centenário da Nação em 1940, mas não ficaram as mesmas por aqui. Esta corrente de pensamento dá-se ao nível internacional e é fruto do contexto vivido à época, embora em Portugal esta tenha sofrido mutações. Para melhor compreensão do tema ver: Neto, Maria João Baptista, *Memória, propaganda e poder: o restauro dos monumentos nacionais (1929-1960)*, Porto: FAUP, 2000.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

igreja, no ano de 1933 já se encontram frases como: «dá tristeza ver a capital de Moçambique tão mal representada na tradição religiosa do povo português⁶⁵». A mudança de postura não é inocente e reflecte a nova ideologia emanada da metrópole, passa-se assim a poder exigir frontalmente, acusando como falta de patriotismo, a não resolução da construção da nova igreja. No ano de 1936 surge o projecto⁶⁶ da catedral (que aparece neste momento designada de igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição) assinada por Marcial de Freitas e Costa e é finalmente benzida a primeira pedra por D. Rafael da Assunção⁶⁷ a 28 de Junho numa cerimónia onde se encontram presentes, na tribuna, todas as figuras de importância e poder da colónia: Governador-geral, vários directores e chefes das variadas repartições de serviços, representantes eclesiásticos e o próprio engenheiro Marcial de Freitas e Costa. Neste mesmo ano entra a Espanha em guerra civil e vários acontecimentos entre 1936 a 1939, quando finalmente cessa o conflito, acabam por moldar ainda mais o pensamento patriótico da nação, como é o caso da insubordinação⁶⁸ dos navios *Afonso de Albuquerque* e *Dão* que tentam sair de Lisboa rumo a Espanha. Oliveira Salazar manda bombardeá-los até à rendição, e por aqui se entende irem ao fundo em última instância, e explica-se dois dias depois em nota da Presidência do Conselho afirmando que «os navios da Armada portuguesa podem ser metidos no fundo; mas não podem içar outra bandeira que não seja a de Portugal⁶⁹». Este caso tem eco além-fronteiras e Oliveira Salazar é elogiado na sua acção⁷⁰. Ainda neste ano são criadas a Legião Portuguesa e a Mocidade Portuguesa (que se estendeu às

⁶⁵ *O Evangelho*, Ano VII, n.º 316, 3 de Junho de 1933, Lourenço Marques.

⁶⁶ Todos os desenhos, cálculos, memória descritiva, etc., são entregues em 1936 à Câmara de Lourenço Marques. Levaram dois anos a ser executados.

⁶⁷ O missionário franciscano, anteriormente mencionado, que no ano de 1896 seguiu para Moçambique era na verdade D. Rafael da Assunção, que logo depois é nomeado Bispo de Limira e irá para Cabo Verde não acompanhando mais a catedral, que passará a ser acompanhada por D. Teodósio de Gouveia. D. Rafael foi um grande impulsionador de construção de igrejas em Moçambique, sob a sua alçada foram construídas a Igreja da Missão Franciscana da Beira, a de Homóine e a de S. José de Lhanguene por onde o Cardeal Cerejeira passou aquando da sagração pois fica nos arredores de Lourenço Marques.

⁶⁸ Pela O.R.A (Organização Revolucionária da Armada).

⁶⁹ Franco Nogueira, *Salazar*, Vol. III, *As grandes crises* [1936-1945], Coimbra, Atlântida Editora, 1977, pág.31.

⁷⁰ Oliveira Salazar tinha a seu favor dois elementos importantes: tinha conseguido um “milagre” com a pasta das Finanças, o que lhe deu um reconhecido mérito por parte da classe política e população em geral; e carisma, que é raro, embora a palavra esteja hoje em dia banalizada. Mas Oliveira Salazar possuía esse adjectivo e foi ele, juntamente com a sua capacidade de trabalho que levou um povo já cansado de revoltas intestinas, fomes e misérias de princípio de século a segui-lo, a apoiá-lo e a admirá-lo. Tudo isto num primeiro momento, pois o que a seguir se sucedeu dentro do regime nada tem que o possa justificar: não se justificam as torturas, as vidas perdidas e o terror vivido aquém e além-mar.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

colónias) para proteção da Nação e salvaguarda da juventude de influências imorais (devemos entender comunistas e anticlericais). A Nação cresce de orgulho patriótico. Não devemos esquecer que a mesma Guerra Civil trouxe até à fronteira portuguesa o medo de que a Frente Popular (fracção maioritariamente comunista) ganhasse, em detrimento da Franquista (nacionalista), e se tal acontecesse falava-se em anexar Portugal. Em Julho de 1936 é criado o Fundo da Catedral e Lourenço Marques aguarda a chegada da primeira encomenda de ferro para dar início às fundações que começam no ano seguinte. No ano de 1938, quando na metrópole se cria oficialmente a Comissão Nacional dos Centenários⁷¹, a catedral já fazia parar muita gente para observar os alicerces e andaimes, e por esse motivo, o governador-geral Nunes de Oliveira sugere a sua integração nas Comemorações, uma vez que já no ano de 1937 tinha proferido um discurso em Lisboa, no Salão da Academia de Ciências pela celebração do cinquentenário da capital de Moçambique, onde lamentava que em Lourenço Marques «nem o mais alto representante da soberania nacional, nem o próprio Deus tivessem ainda habitação condigna⁷²». Pondera-se, assim, a sua sacração para o ano de 1940. O Ministro das Colónias, Francisco Vieira Machado, incluía assim, no orçamento da colónia para o ano de 1939 um subsídio de 4000 contos⁷³ aprovado por Oliveira Salazar. É também aprovada a isenção de pagamento de direitos de cais para os materiais importados, e os Caminhos de Ferro de Moçambique oferecem o transporte gratuito dos mesmos. Com as negociações a decorrer para a elaboração da Concordata e do Acordo Missionário, e que ainda não se sabia quando terminariam, a percepção deste acontecimento (a participação no Duplo Centenário) revela uma visão ideológica de longo alcance. Facto da maior relevância, pois pretende enaltecer a colónia (e as colónias) como parte integrante de Portugal (tal como a Constituição já consagrara no papel e sendo de momento o único documento legal vigente) onde a Igreja é adstrita a todo o processo, de um modo *vivo* e para que *todos* o vejam e assim interpretem. Deve ser também este o momento (1938) em que a igreja é elevada a Catedral oficialmente, pois Marcial de

⁷¹ Criada em 28 de Outubro de 1938 pelo Decreto-Lei n.º 29 087 para proceder à organização das comemorações do Duplo Centenário da Nacionalidade a ter lugar no ano de 1940.

⁷² *Diário de Luanda*, Ano 14, n.º 3609, 14 Agosto de 1944, Luanda.

⁷³ Há discrepâncias quanto à quantia primeiramente disponibilizada: 3 500 contos, seguidos de 500 contos nos anos seguintes diz Marcial numa entrevista; ou 4 000 afirma Nunes de Oliveira noutra entrevista. O Padre João Francisco dos Santos afirma a quantia total de 5 000 contos recebidos. Estima Marcial que o valor total da catedral, caso tudo tivesse sido cobrado, que ascenderia aos 10 000 Contos.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

Freitas e Costa revela numa entrevista dada ao *Notícias, Diário da Manhã* de Lourenço Marques no ano de 1942 que: «pediu-se-me simplesmente que providenciasse uma Igreja: a Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Conceição⁷⁴», embora a designação combinada, e ambígua, de *igreja catedral* surja logo em 1936 aquando da bênção da primeira pedra.

Deste modo é nomeada uma comissão⁷⁵ (da qual faz parte Marcial de Freitas e Costa) e elaborado então um *Ante-projecto das comemorações da Colónia*⁷⁶ (doc.1) onde é abordado o programa para as celebrações. São encomendados mais materiais dando avanço aos trabalhos da futura catedral. No ano de 1939 é já comentado no jornal *O Evangelho* que é provável que o Cardeal Cerejeira venha inaugurar a Catedral de Lourenço Marques nas Comemorações Centenárias.

Com os fundos que entraram, para que a catedral estivesse pronta e fizesse parte das Comemorações, o seu programa decorativo sofre algumas alterações ao projecto inicial traçado por Marcial de Freitas e Costa: é pensada uma Via Sacra de bronze para colocar nas paredes do templo, são discutidas as pedras para pavimentos e altares sendo que tudo isto virá da metrópole e da mão de artistas conceituados (já dentro da linguagem aceite pelo regime) e empresas activas à época como é o caso da Firma Pardal Monteiro, Lda que trabalhava com mármore. Vemos assim uma *apropriação nacional* da catedral de Lourenço Marques onde o discurso iconográfico ganha outra importância.

⁷⁴ *Notícias, Diário da Manhã*, Ano XVII n.º 4896 de 4 de Junho de 1942, Lourenço Marques.

⁷⁵ É nomeada a 2 de Novembro de 1938 por portaria como consta na 1ª página do *Ante-projecto das comemorações da Colónia*.

⁷⁶ Este *Ante-projecto* é um relatório onde são expostas as ideias que as várias comissões especiais (vinte e duas descritas) têm do que poderia ser apresentado em Lourenço Marques nas comemorações. É pertinente o facto de ser aproveitado de algum modo o facto para serem feitas melhorias que doutro modo seriam difíceis de concretizar, como é o caso da organização do arquivos coloniais existentes e espalhados pelo país. O Cardeal Cerejeira irá visitar o Arquivo de Lourenço Marques (no Edifício da Estatística) aquando a sagração e dirá que ficou muito impressionado (pois sabia dar o valor uma vez que ele próprio trabalhou num arquivo) com a organização e com os recursos materiais disponíveis. A estátua de Mouzinho de Albuquerque, de Simões de Almeida (Sobrinho), é projectada também para esta data. Para a sua inauguração sugere-se a participação indígena que por norma é muito numerosa aumentando, assim, o impacto do acontecimento e sendo ao mesmo tempo uma exposição étnica viva. São ponderados, também, edifícios a ampliar (caso do Museu da Cidade) para albergar exposições alusivas a Portugal onde cada sala representaria uma região do mesmo. Em resumo: a preocupação em apresentar algo que mostre a história da colónia e de como a Nação se interliga e se engrandece é patente em todo o programa (provisório) apresentado.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

Aconteceu que a Santa Sé concordou com o documento, que já vinha a ser negociado anos antes como já referimos, e foi o mesmo a assinar na data chave de 1940⁷⁷ de modo a engradecer, no contexto ideológico do Estado Novo, o significado das Comemorações. Sempre se acreditou que a catedral estaria concluída no ano de 1940 e em verdade o único obstáculo que não permitiu que tal acontecesse foi o deflagrar da II Guerra Mundial. O primeiro entrave foram os vitrais que ficaram retidos na Holanda, já encaixotados para embarque, depois, a escassez de materiais devido ao deficiente tráfico de bens que a própria guerra causava. Em Agosto de 1940 *O Evangelho* admite a impossibilidade da sagração para esse ano. Mas os esforços continuaram e o Governo não deixou de financiar a obra⁷⁸, consciente da importância do valor da mesma e da propaganda a que a mesma tinha sido alvo para dar entrada nas Comemorações Centenárias, era impossível deixar a obra embargada. Durante mais quatro anos se esperou pela sagração da catedral, que aguardava a chegada das encomendas travadas pelo andar da guerra. Depois de todas as vicissitudes, a entrevista concedida pelo Cardeal Cerejeira, no ano de 1944 na véspera da sua partida para África⁷⁹, revela, com algumas frases lapidares, toda a importância que catedral encerra em si ao afirmar: «[o Papa] quis estar presente e presidir, por intermédio do seu legado [Cerejeira], à sagração da Sé de Lourenço Marques – a primeira que se levanta, depois da assinatura do Acordo Missionário», e também, «as nossas colónias, sem igrejas, seriam apenas expressões geográficas e políticas de soberania ou organizações de exploração económica - não seriam parcelas distantes da Pátria, onde esta se reproduzisse com a sua alma e o seu coração», reafirmando a presença e importância da Igreja na História (universal) de Portugal ou como afirma Fernando Rosas «o mito da essência católica da identidade nacional⁸⁰».

⁷⁷ Querem alguns autores dar a entender que esta data foi propositadamente escolhida para o efeito, mas parece-nos que devido à duração das negociações e à falta de pressa por parte da Santa Sé (que é eterna) a aprovar os mesmos, tal com Rita Carvalho mostrou no seu estudo, que o facto da assinatura se ter dado nessa data foi uma feliz coincidência para o Estado Novo e para o clero português.

⁷⁸ Continuaram a ser feitos pedidos com regularidade para cobrir despesas feitas com obras, algumas encomendadas posteriormente, como foi o caso dos painéis de Frederico Ayres.

⁷⁹ Entrevista que foi primeiramente transmitida na Emissora Nacional e depois transcrita no jornal *Notícias, Diário da Manhã*, Ano XIX, n.º5563, 17 de Agosto de 1944, Lourenço Marques.

⁸⁰ Rosas, Fernando, *O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo*. In *Análise Social*, vol. XXXV (157), 2001, pp.1031-1054. Conferir na bibliografia em linha.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

A viagem do Cardeal Cerejeira às colónias portuguesas foi seguida minuciosamente; para além de ser a primeira, e única vez, que um cardeal português visitava as terras ultramarinas, com a honra de legado *a latere* pelo Papa Pio XII, a sua missão era sagrar uma catedral: a de Lourenço Marques. A catedral era por este motivo, e sem dúvida, um Padrão.

Capítulo 2 – A emergência de uma nova igreja.

2.1 - A necessidade de uma nova igreja para Lourenço Marques

O ano de 1900 é tido como o ano em que se reconhece a falta de espaço da antiga igreja paroquial para receber tantos fiéis segundo o Padre João Francisco dos Santos.

A partir de 1912 já se falava, oficialmente, que era urgente ampliar ou erguer uma nova igreja em Lourenço Marques, devido à falta de espaço para os fiéis na então actual igreja (fig.1)⁸¹. Esta tinha sido construída na década de oitenta do século XIX para a população que aí residia, mas com o passar dos anos e com a crescente imigração para Moçambique de colonos vindos da metrópole, tornou-se acanhada no espaço. Houve mesmo um peditório a bordo do Lusitânia, que rendeu 150\$00, para a futura igreja, mas esse dinheiro iria depois, por vários motivos, para a construção da igreja da Munhuana no ano de 1911. Apenas na década de vinte o assunto de uma nova igreja paroquial para Lourenço Marques é retomado.

Informação precisa sobre um *concurso* para a nova igreja não existe. Os párcos, eventualmente, queixar-se-iam à Prelazia nesse sentido, e neste contexto vemos surgir dois projectos, próximos temporalmente entre si, que nunca avançaram. O primeiro projecto para uma nova igreja é assinado pelo arquitecto Tito Fernandes, com data de 27 de Setembro de 1920, mas é abandonado pelo segundo projecto, de António do Couto (arquitecto conceituado) com data de 20 de Setembro de 1922.

Esta necessidade, de um novo edifício, começa a tomar voz a partir da década de vinte, e o jornal *O Evangelho*⁸² é a caixa-de-ressonância. Na década de trinta o apelo para a construção da nova igreja é praticamente semanal. Em 1932 é fundada a Associação Católica Feminina tendo em vista a angariação de donativos para a nova construção. Neste ano de 1933 o Prelado D. Rafael da Assunção pede ao engenheiro Marcial de Freitas e Costa que elabore o projecto para a nova igreja uma vez que o projecto que existia, assinado por António do Couto, insistia em não passar disso

⁸¹ Datada de 1890, retirada do Arquivo Tropical Digital.

⁸² Semanário de propaganda católica que cobriu os anos de 1927 a 1949 na cidade de Lourenço Marques.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

mesmo: um projecto. As dificuldades eram constantemente levantadas para que o mesmo não passasse do papel: era o problema do terreno, era a falta de informação técnica na memória descritiva, era a própria estética da igreja. De todos os problemas levantados tudo aponta para que esta última seja a razão mais honesta na obstrução da construção da igreja. Lourenço Marques era uma cidade em emergente progresso e sofria influências dos seus países vizinhos, em especial da União Sul-Africana (África do Sul) onde a adesão a novas tendências de arquitectura⁸³ já se faziam notar. Cidade cosmopolita, moderna, os seus representantes não pareciam dispostos a mudar-lhe a imagem:

«a discussão no Conselho chegou a ser *violenta*. A questão bizantina da estética serviu para passar diplomas de incompetência aos técnicos [o engenheiro da Câmara e o Director das Obras Públicas]. A implantação da igreja foi apelidada de *aleijão* e a autorização que, porventura, fosse dada para a sua construção, passou a ser um crime!⁸⁴»

E não ficando por aqui ainda se acrescenta:

«o Governador Geral não concordava com a demolição do edifício onde funcionam as repartições dos Negócios Indígenas, da Agricultura e da Veterinária, que seria necessário demolir, se fosse aprovada a estética por ele [Chefe da Administração Civil] apresentada⁸⁵».

Como o processo insistia em ficar parado, Marcial de Freitas e Costa, acaba por oferecer a sua ajuda em conversa, não num eléctrico, como João Francisco dos Santos relata, mas antes à saída da missa⁸⁶, a uma senhora pertencente à Associação Católica, para o que fosse necessário no projecto uma vez que era engenheiro e tinha contactos devido à sua profissão. D. Rafael da Assunção não deixa escapar a oportunidade e desloca-se a casa de Marcial para lhe mostrar o projecto de António do Couto e ver o que este lhe podia dizer de modo a fazer sair o mesmo do papel.

⁸³ Kenneth Frampton menciona a existência de um movimento pioneiro, de modernismo directamente influenciado por Le Corbusier, que denomina de Grupo Transvaal e que se balizou entre 1929 e 1942. Frampton, Kenneth, *História crítica da arquitectura moderna*, Trad. Jerfferson Luiz Camargo, Martins Fontes, São Paulo, 2003, pp. 309-310.

⁸⁴ Santos, João Francisco dos, *Guia da Catedral de Lourenço Marques*, Imprensa Nacional, 1944, pág. 43.

⁸⁵ Opus.Cit.

⁸⁶ Marcial de Freitas e Costa relata o sucedido em duas entrevistas distintas. O motivo desta discrepância nos relatos não é inocente. Ver 4.1.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

Marcial de Freitas e Costa observa o projecto com a devida atenção e respeito e produz a sua opinião:

«era interessante, mas inadequado para uma cidade moderna como Lourenço Marques e em que se vai definindo já um determinado tipo de arquitectura. Nesse ante-projecto a frontaria exigia de mais a mais o emprego de cantarias que, importadas necessariamente da metrópole, tornariam muito pesado o custo da obra⁸⁷.»

João Francisco dos Santos acrescenta outro pormenor muito pertinente que provavelmente lhe foi relatado pelo próprio D. Rafael da Assunção e que o autor achou por bem referir:

«tudo indicava que se devia adoptar o cimento armado, e aceitar as normas estéticas correspondentes. Consequentemente, as linhas do edifício teriam de ser modernas. Havia já numerosas igrejas assim concebidas desde a Finlândia a Marrocos, e principalmente em França e na Alemanha.»

Segundo o autor nos relata, D. Rafael ouviu com atenção a opinião do engenheiro e acabou por concordar, pedindo-lhe assim que projectasse ele mesmo uma nova igreja dentro desses conceitos. Marcial conta o sucedido na entrevista dada ao jornal *A Voz* a um mês da sacração: «se V. desse o risco para o edifício... - disse D. Rafael. - Mas eu não sou arquitecto! – Protestei – Posso é auxiliá-los...Não foi para isso que ofereci a minha ajuda. Estou habituado a fazer pontes, caminhos-de-ferro, mas igrejas, não!⁸⁸»

Marcial de Freitas e Costa acaba por ceder, e apresenta um esboço (1933⁸⁹) do qual só há registo deste modo: «no projecto primitivo de Freitas e Costa havia só uma porta de acesso à nave da igreja. Por conveniência do serviço, principalmente numa Catedral⁹⁰, onde o clero tem de vir muitas vezes esperar o Bispo à porta principal,

⁸⁷ Entrevista dada ao *Diário da Manhã*, Ano XVI, n.º 4820, 3 de Outubro de 1944, Lisboa.

⁸⁸ *Jornal A Voz*, Ano XVIII, n.º6229, 13 de Julho de 1944, Lisboa.

⁸⁹ Numa entrevista dada ao jornal *Notícias, Diário da Manhã*, a 4 de Junho de 1942, Marcial perante a pergunta do seu entrevistador «há quanto tempo trabalha V.EX.ª para a catedral?», responde «desde 1933».

⁹⁰ Relembramos que a designação gera conflito entre o momento em que foi a igreja elevada a catedral (data que desconhecemos com rectidão) e o projecto que Marcial fez sempre tendo em conta uma igreja paroquial (nome que surge na capa do projecto).

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

concordou em fazer três⁹¹», quanto à estética apresentada para a nova igreja, não há informação que revele hesitação por parte do clero (Missões Católicas). A semelhança com a igreja de Auguste Perret é inegável neste primeiro momento. A memória descritiva e as plantas apresentadas em 1936 são já da catedral, ainda com o nome de igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, que será construída. Mediante este volte-face, os embargos deixaram de existir, o presidente da Câmara passara a ser o Major Francisco dos Santos Pinto Teixeira, que era também o director dos C.F.M., a planta foi aprovada com celeridade (três dias) e é então ponderado o seu início. A primeira pedra é benzida a 28 de Junho de 1936 por D. Rafael da Assunção, e no ano seguinte são abertas as suas fundações.

2.2- O Projecto de Tito Fernandes

Deste arquitecto não existe uma biografia que nos esclareça quem tenha sido e o que tenha produzido. Pelo trabalho de Alberto Cláudio Faria⁹² sabemos que nenhum aluno com esse nome (ou de Carlos Fernandes) cursou nas Belas-Artes de Lisboa. Sousa Viterbo também não inclui este nome no seu *Dicionário*. Do projecto de 27 de Setembro de 1920 não há qualquer registo no arquivo do Cardeal Patriarca Mendes Belo, possuímos apenas o que é relatado no *Guia da Catedral de Lourenço Marques*. Refere o próprio autor que «não tem memória descritiva» e julga «que nunca foi sujeito à aprovação da Câmara». Parece-nos no entanto que o consultou em primeira mão, ou seja, estaria em posse da Prelazia, pois o seu encomendante foi o Cónego Sebastião Alves que era governador da mesma no ano em que o projecto é dado a conhecer. Passaremos a descrever, pelo seu relato, o que seria este projecto elaborado por Tito Fernandes:

⁹¹ Santos, João Francisco dos, *Guia da Catedral de Lourenço Marques*, Imprensa Nacional, 1944, pág. 118.

⁹² Faria, Alberto Cláudio Rodrigues, *A Colecção de Desenho Antigo da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa (1830-1935):tradição, formação e gosto*, Lisboa, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2008, Vol.III, Dissertação de mestrado.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

«estilo gótico, duas torres de 45 metros de altura cada uma, três entradas para o pórtico de 21m, 35 de comprimento, incluindo a base das torres, três portas de acesso do pórtico para a nave central, que mede 9m,15. As três naves medem 16m,77 de largo entre paredes; o comprimento total da igreja era de 48m,20; e a largura do transepto era 29m,28. No corpo da igreja havia duas portas travessas. O transepto só tinha portas para as sacristias e estas tinham comunicação directa para o exterior.⁹³»

Uma obra revivalista de estilo gótico - embora não tenhamos nenhuma descrição da linguagem ornamental usada que o confirme - era a proposta deste arquitecto, que depressa foi abandonada por outra, revivalista também, mas de estilo *românico* como descreve João Francisco dos Santos.

2.3- O Projecto de António do Couto

O projecto de António do Couto Abreu (1874-1946) surge com a data de 20 de Setembro de 1922 e é o seu nome conceituado em Lisboa que faz tombar o projecto de Tito Fernandes.

O percurso académico e profissional de António do Couto é longo e meritório: estudou na Casa Pia de Lisboa (estudos liceais) e no ano 1890 foi admitido na Escola de Belas Artes de Lisboa para o Curso Geral de Desenho onde foi discípulo de José Simões de Almeida Júnior. Quatro anos depois dá entrada para o Curso Especial de Arquitectura Civil na mesma casa de ensino onde teve como seu mestre José Luís de Monteiro⁹⁴. Ao terminar o seu curso foi premiado com um valor pecuniário de 30\$00 e uma medalha de prata devido às elevadas classificações que obteve, tanto finais como de frequência⁹⁵.

Ainda antes de ter terminado o seu curso ingressa no Ministério das Obras Públicas onde desempenha o cargo de desenhador. É com esta função que vai colaborar, sob a

⁹³ Opus Citado, pág. 51.

⁹⁴ Formado na Academia de Belas-Artes de Lisboa, estagiou em França, passou por Roma e veio a ser o mestre, na ESBAL, de nomes como Pardal Monteiro, Cottinelli Telmo, entre outros.

⁹⁵ Conferir Faria, Alberto Cláudio Rodrigues, *A Colecção de Desenho Antigo da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa (1830-1935):tradição, formação e gosto*, Lisboa, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2008, Vol.III, Dissertação de Mestrado,pp.16-17.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

alçada do arquitecto Ventura Terra, no projecto do Edifício das Cortes (que hoje conhecemos como Assembleia da República). Depois de terminado o curso irá fazer o tirocínio (hoje designado de estágio) durante dois anos (1900-1902) no referido edifício, mas já na qualidade de ajudante de arquitecto. O seu mérito enquanto profissional é reconhecido e passa a fazer parte, no ano de 1903, da 1ª Direcção de Obras Públicas do Distrito de Lisboa. A título particular arrecada o Prémio Valmor no ano de 1907 com um edifício, na Avenida Duque de Loulé n.º 77, para o empresário Ernesto Empis. Demolido no ano de 1954, podemos verificar pela imagem (fig.2), que detém uma linguagem revivalista (de onde se reconhece o neomanuelino) em voga à época. Com a morte do Eng.º Augusto Fuschini é António do Couto que é chamado para a continuação do *restauro* à Catedral de Lisboa no ano de 1911, trabalho que o ocupará quase na totalidade até ao fim da sua carreira. Tomamos este ponto da sua vida como um marco importante para a compreensão do projecto apresentado por si para a igreja de Lourenço Marques. António do Couto era, tal como refere a autora Maria João Neto, «ardente seguidor de Viollet-le-Duc⁹⁶» e a intervenção que faz na mesma é sob o desígnio da unidade de estilo, ou seja, houve elementos setecentistas que foram removidos em detrimento de uma leitura medieval do monumento⁹⁷. António do Couto é um arquitecto, de formação clássica como era comum na sua geração⁹⁸, que apresentará ao longo da sua carreira uma linguagem revivalista, ao gosto e em sintonia com a mentalidade vernácula à época, uma vez que o despontar do modernismo em Portugal foi, numa primeira fase, embrionário: a Exposição Livre em 1911 concebida por jovens pintores que se encontravam à margem das bolsas estatais passava ao lado, como ao lado passava também *Lisboa no anno 2000* de Mello de Matos, publicada cinco anos antes na *Ilustração Portuguesa*. Portugal continuava agarrado a um passado artístico que já não fazia sentido numa Europa em célere progresso. António do Couto irá projectar, no ano de 1914, o pavilhão de Portugal para a Exposição Universal de São Francisco

⁹⁶ Neto, Maria João, *Os restauros da catedral de Lisboa à luz da mentalidade do tempo*, Carlos Alberto Ferreira de Almeida: *In Memoriam*, Faculdade de Letras do Porto, Vol.II, pp. 131-142. Conferir bibliografia em linha.

⁹⁷ Sobre este assunto e toda a sua envolvimento à época consultar: Neto, Maria João Baptista, *Memória, propaganda e poder: o restauro dos monumentos nacionais (1926-1960)*, Porto: FAUP, 2001.

⁹⁸ Todos os arquitectos eram formados em Belas-Artes num repertório formal e academizante, tal como todos os engenheiros saíam da Escola do Exército. Só no ano de 1911 surge uma viragem com a criação do Instituto Superior Técnico que passará a formar engenheiros, e no ano de 1920 incluirá pela primeira vez no seu plano a disciplina de Arquitectura.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

(Panamá-Pacífico) que terá lugar no ano seguinte. Sobre este projecto, em que trabalhou com o escultor Costa Mota (sobrinho), refere Paulo Simões Nunes⁹⁹ que o arquitecto recorreu ao *estilo manuelino* «articulando ameias, torrinhas, pináculos, janelas e alpendres, cordas, capitéis, florões, bases e paquifes, numa parafernália ornamental que recebeu a devida aprovação da redacção [da revista *A Construcção Moderna*]». No ano de 1921 dá entrada para o quadro da Administração-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais onde tinha como função estudar e propor obras de conservação e *restauro*. É neste ambiente que vemos surgir, no ano de 1922, o projecto para a igreja paroquial de Lourenço Marques, e deste modo não podemos estranhar que o projecto apresentado seja revivalista (figs.3 e 4). O autor do livro *Guia da Catedral* refere-se ao mesmo como sendo de estilo românico, no entanto o que verificamos é a utilização de uma linguagem híbrida por parte de António do Couto: se temos arcos de volta perfeita na fachada, temos também o que nos parecem ser gabletes por cima dos mesmos. Não é mencionada nenhuma memória descritiva do projecto, podemos apenas verificar do desenho que existe, no livro já citado, tratar-se de uma igreja em forma de cruz latina, com telhado de duas águas, e uma simples abside. Na fachada temos três portais com arquivoltas de arco perfeito, no nível acima temos janelas de arco de volta perfeita cegos coroados com janelas circulares (com certeza rendilhadas) e com gabletes a terminar. A torre sineira é centrada, onde podemos ver também janelas de arco de volta perfeita cegos e rematada com um coruchéu. Lateralmente podemos ver contrafortes que vão percorrendo a nave principal intercalados com janelas de arco de volta perfeita. No transepto a linguagem decorativa mantém-se, tal como na abside.

Do seu interior nada podemos concluir: que tipo de arco pensou António do Couto? Perfeito? Ogival? Quantas naves? Uma? Três?

Seria pertinente, num estudo futuro, verificar as semelhanças passíveis de existir entre este projecto para a igreja de Lourenço Marques e os trabalhos de *restauro* propostos e/ou executados nos monumentos intervencionados por este arquitecto, em especial a Sé de Lisboa que tanto o ocupou profissionalmente. Este projecto, que será abandonado pelo de Marcial de Freitas e Costa, é reflexo do seu tempo e de como um homem consegue reviver um estilo arquitectónico, com oito séculos de interregno,

⁹⁹ Nunes, Paulo Manuel Simões, *A Construcção Moderna e a cultura arquitectónica no início do novecentos em Portugal*, Lisboa, s.n., 2000, 2 volumes, Dissertação de mestrado, pág. 190.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

onde a sociedade e a cultura que o produziu já não existe, e onde o seu espírito, como arquitecto, tem em mente outras preocupações ideológicas que se fazem reflectir.

António do Couto irá ocupar o cargo de director interino da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, que foi criada no ano de 1929, e à parte das mudanças que foram sendo feitas dentro do organismo estatal, irá manter-se no seu quadro até ser reformado compulsivamente, devido à sua idade, no ano de 1944, ano em que abandonará o restauro da Sé de Lisboa. Vem a falecer no ano de 1946.

2.4- O projecto (revolucionário) de Freitas e Costa

Ao fim de duas décadas à espera que se concretizasse uma igreja paroquial, D. Rafael da Assunção, então Bispo de Augusta, decide aproveitar a oferta de auxílio por parte do engenheiro Marcial de Freitas e Costa, e ao fim de poucos dias, da mesma ter sido proferida, surge na casa deste último pedindo ajuda para o projecto de António do Couto Abreu¹⁰⁰, uma vez que era o único existente e em vista de ser construído. O Bispo de Augusta pede a opinião ao engenheiro: o que achava do projecto, porque motivo teria tantos obstáculos à sua construção e o que se poderia fazer para levar o projecto a sair do papel. Marcial de Freitas e Costa analisa o projecto de António do Couto e refere o problema mais patente, que era o facto de toda a igreja implicar o uso da cantaria e esta ter de ser importada da metrópole. Os custos seriam avultadíssimos. Acrescentava o facto de não existir em Lourenço Marques mão-de-obra qualificada para o efeito, o que implicava, mais uma vez, a importação da mesma. Sob este pretexto, que era real, Marcial consegue convencer D. Rafael (respeitando e não criticando o projecto de António do Couto) a adoptar os materiais em uso na colónia, neste caso o «cimento armado¹⁰¹» e adaptar a linguagem arquitectónica ao mesmo. D. Rafael aceita e pede a Marcial que projecte o mesmo. O que podemos retirar destas informações, que nos são relatadas no livro

¹⁰⁰ Na realidade o que lhe devemos chamar é anteprojecto, pois não inclui cálculos ou outras plantas para além da planta do alçado principal e do alçado lateral.

¹⁰¹ Na década de vinte surge uma fábrica de cimento na Matola (arredores de Lourenço Marques) propriedade de dois engenheiros ingleses. Marcial fará referência, numa entrevista, a «cimento vindo da Matola» que chegava de comboio para a catedral.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

Guia da Catedral, é que na verdade uma coisa não implicava a outra: a igreja de António do Couto poderia ter sido construída em betão armado dando lugar a mais um projecto revivalista onde o material usado seria *não-assumido* e a linguagem arquitectónica corresponderia ao gosto em uso. No entanto Marcial de Freitas e Costa soube *causar* essa necessidade de uso ao seu interlocutor - e fê-lo ver - mencionando outras igrejas já construídas em várias partes do Mundo¹⁰². É neste momento, de viragem, que podemos verificar que Marcial era um homem em sintonia com o seu tempo: era moderno. Numa entrevista ao jornal *A Voz* onde o interlocutor questiona: «é partidário dos modernistas?»¹⁰³, Marcial não deixa espaço para dúvidas respondendo «acompanho a minha época, naturalmente, mas detesto extravagâncias, em arte como em tudo». Simplicidade e racionalidade acima de tudo. Nascido em fins do século XIX e com a sua formação entre os anos de 1910 a 1917, este engenheiro assimilou o espírito de modernidade que com timidez se revelava, pois na construção de edifícios a linguagem arquitectónica cedia, pontualmente é um facto, aos novos materiais¹⁰⁴. Para si os estilos de outras épocas eram isso mesmo: passado.

Homens como Marcial de Freitas e Costa (engenheiro), Pardal Monteiro (arquitecto) e todos os que enfileiraram os pioneiros do modernismo, que se manifestou arquitectonicamente em obras da década de vinte e de trinta em território luso - e até um Cardeal Cerejeira que autorizou e apoiou a linguagem arquitectónica da Igreja de Nossa Senhora de Fátima - foram homens que assimilaram o espírito da sua época em sintonia, talvez rara, com o que se passava além-fronteiras. É deste modo que Marcial de Freitas e Costa faz um projecto, de cariz moderno, para a nova igreja de Lourenço Marques, que foi o que D. Rafael lhe pediu. Aqui brota outra questão: como foi possível uma igreja, que foi elevada a catedral, possuir uma linguagem arquitectónica tão internacional quando o Estado Novo estava já vigente?

¹⁰² É interessante a referência a Marrocos entre todos os pontos geográficos referidos, entre eles, Alemanha, França e Finlândia. Julgamos que a referência é à Catedral de S.Pedro, de 1921, do arquitecto Adrien Laforgue. Com esta indicação passa a mensagem a D.Rafael de que até em África já se constroem edifícios religiosos modernos. Os irmãos Perret têm também dois edifícios construídos em Marrocos (Casablanca), mas são loja/ armazém, entre 1912-1914 e 1914-1917.

¹⁰³ *A Voz*, Ano XVIII, n.º 6229, 13 de Junho de 1944, Lisboa.

¹⁰⁴ No início do século XX os novos edifícios ainda tentavam *esconder* os novos materiais, só mais tarde o betão armado é assumido e a linguagem arquitectónica adaptada a si. Conferir: Tostões, Ana, *Construção moderna: as grandes mudanças do século XX*, vol.III, pp.130-147, Coord. Manuel Heitor, João Maria Brandão de Brito, Maria Fernanda Rollo, *Momentos de inovação e engenharia em Portugal no século XX. Edificações e Materiais de Construção*, Lisboa, Dom Quixote, Centro de Estudos em Inovação, Tecnologia e Políticas de Desenvolvimento do IST, 2004.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

Pensamos que a resposta para este facto se alicerce num facto fundamental: é que o anteprojecto, ou esboço, foi apresentado à Prelazia no ano de 1933¹⁰⁵ ano em que a Constituição é celebrada dando início ao denominado Estado Novo, sendo que o projecto final (com os cálculos, memória descritiva e plantas) é apresentado em Maio de 1936¹⁰⁶; e nestes primeiros anos o regime ainda não tinha uma linguagem ou modelos para impor, como veio acontecer posteriormente (a partir da década de 40) fruto de uma necessidade do regime em *nacionalizar*¹⁰⁷ a arquitectura.

Temos assim um projecto que está em sintonia com o que será feito pelos arquitectos portugueses, de renome, na metrópole.

A sua memória descritiva, que passaremos a transcrever, mostra a ideia que o seu autor teve quando projectou o que viria a ser a catedral de Lourenço Marques:

«Lourenço Marques, cidade moderna e progressiva, mas pobrezinha em edifícios e monumentos, não possui uma igreja digna da sua categoria de primeira cidade do *Império Colonial Português* e daqueles que, há longos anos, por estas paragens a *Fé e o Império vêm dilatando*.

Visa o presente projecto a remediar essa falta.

Tomou-se em consideração, na elaboração do projecto:

- a) A necessidade de dotar Lourenço Marques com edifício de linhas modernas, mas agradáveis à vista, que bem se integrasse no aspecto moderno e risonho da cidade, sem prejuízo da severidade do culto a que se destina;
- b) Os fracos recursos financeiros de que se dispõe para a construção;

¹⁰⁵ Por coincidência, é o ano que Pardal Monteiro trabalha e apresenta o seu projecto para a igreja de Nossa Senhora de Fátima que começa a ser construída no ano seguinte.

¹⁰⁶ A data que consta na capa de cada planta é a de 13 de Maio de 1936.

¹⁰⁷ Fenómeno complexo e que gerou vários debates/perspectivas sobre o tema entre vários autores (José Augusto França, Nuno Portas, Nuno Teotónio Pereira, Ana Tostões, entre outros). Um facto é indesmentível: a primeira leva de arquitectos que produziram edifícios numa linguagem moderna foram os mesmos que viram imposições (de modelos) no seu trabalho (que se viria a designar de *português suave*). Sendo o Estado o maior encomendante e empregador podemos retirar a conclusão de que o espaço de manobra por parte de quem quisesse opor-se a tais modelos seria muito pouco. A «casa portuguesa» de Raúl Lino, a imunidade ao que pudesse ter influência estrangeira (vista como degeneradora), o gosto ainda revivalista/classizante/académico serão alguns dos aspectos que decerto contribuiram para o processo. O I Congresso Nacional de Arquitectura no ano de 1948 dará um volte-face a esta situação.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

c) A necessidade de aproveitamento dos materiais e mão-de-obra usados habitualmente na cidade.

Abandonou-se, pois, o custoso estilo clássico, de linhas imponentes e majestosas, mas que exige o emprego de cantaria e hábeis artistas especializados, para se enveredar pela simplicidade das linhas modernas, que bem se adaptam ao emprego do betão armado e reduzem o custo do edifício, simplificando a sua construção. Nada de linhas curvas também: simples rectas, horizontais e verticais, delimitam as fachadas do edifício cuja beleza se procurou fazer residir principalmente na justeza das suas proporções. E, tanto quanto possível, linhas verticais, em altura, como as da torre da fachada principal, caminhado para o Céu como prece dos fiéis a que a Igreja se destina.

Ornatos simples também: a tradicional *Cruz de Cristo*, conjugada com simples motivos em losango e os vidros policromos das janelas, se não forem acessíveis os vitrais, que se recomendam especialmente na abside e no transepto. Estes elementos decorativos em betão, moldados em série em estaleiro, são de preço reduzido.

A estrutura resistente do edifício é constituída por um esqueleto de vigas, arcos e colunas em betão armado, com os intervalos preenchidos por blocos de cimento, dispostos alternadamente dois a dois, vertical e horizontalmente, contribuindo as suas juntas, que ficarão reentrantes, para quebrar a monotonia das fachadas, decorando-as. Não se dissimula a estrutura em betão, deixando-a, pelo contrário, bem aparente, marcando as linhas próprias do betão armado e tornando económica a construção por supressão dos dispendiosos rebocos.

O acesso ao átrio da igreja faz-se por três degraus, a partir dum amplo patamar de 25m,43x2m,50, que faz parte dum conjunto de lanços e patamares dum escadório que, da Avenida Miguel Bombarda [hoje Rua da Rádio] conduz à igreja.

Em planta é o edifício constituído por duas naves que se cruzam octogonalmente. A nave principal, de 54m,245 de comprimento e de largura livre de 16m,68 entre paredes e 15m,70, entre colunas, é precedida por um átrio de 16m,45 de largura que tem adjacentes, do lado esquerdo, um corpo saliente para o baptistério, e, do lado direito, um corpo semelhante destinado à caixa da escada que conduz ao coro.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

A nave do transepto tem o comprimento de 46m,132 e a largura livre de 10m,98 entre colunas. O altar-mor fica situado no cruzamento das duas naves e tem posteriormente uma abside com a forma, em planta, dum meio octógono, inscrito em circunferência de 5 metros de raio. O comprimento total do edifício, de fora a fora é de 66m,070 e a sua largura máxima de 47m,132.

Junto do cruzamento das duas naves existem duas capelinhas, uma das quais se destina ao culto do Santíssimo Sacramento, ficando os púlpitos apoiados nas colunas desse cruzamento. Duas portas, uma de cada lado da nave principal, darão entrada directa para o transepto.

Posteriormente à nave do transepto ficam as sacristias, uma de cada lado do altar-mor e cada uma tendo 9m,459x5m,250. Nas paredes de separação abrir-se-ão frestas destinadas a confessionários, de modo que o sacerdote fique do lado da sacristia e o fiel na nave do transepto.

Contíguas às sacristias ficarão as escadas, uma de cada lado também, que darão acesso aos pavimentos superiores, aproveitando-se os vãos das escadas para instalação de retretes e urinóis destinados a público e sacerdotes. As escadas terão entrada pelo transepto e pelas sacristias.

A todo o comprimento das sacristias corre um segundo pavimento, parcialmente coberto por um terceiro pavimento junto da nave principal e por um terraço na parte restante. No segundo pavimento, duas tribunas em escada, uma de cada lado da nave principal, darão directamente para o altar-mor. Escadas de caracol, em betão armado, conduzirão directamente das tribunas para o terceiro pavimento, dando, por intermédio dele, passagem para os terraços.

O pavimento do transepto ficará elevado de 0m,16 em relação ao pavimento da nave principal, prolongando-se aquele pavimento, dum lado e doutro desta nave, de modo a constituir um espaço delimitado por uma teia onde se erguem seis altares (três de cada lado) encostados às paredes da nave principal. No transepto serão igualmente erguidos dois altares, um em cada topo.

Ao centro da fachada principal, ligeiramente saliente, destaca-se a torre da igreja, com a altura total de 60m,84, contados a partir do patamar que precede o átrio.

A torre é constituída por cinco troços, de sessão, rectangular o primeiro e de secção quadrada os restantes, sendo o último rematado por uma peanha, em betão, formada por três prismas quadrangulares sobrepostos, que são coroados

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

por uma cruz em betão armado de 5m,24 de altura total. Cada troço da torre, cujas dimensões as peças desenhadas indicam, é constituído por quatro colunas convenientemente encastradas no troço inferior e rematadas por plataformas vigadas ou não. As suas paredes, constituídas por blocos ocos de cimento, são rasgadas por janelas decoradas com os motivos a que atrás se fez referência, excepção feita do troço destinado aos sinos, cujas colunas são ligadas por placas de betão armado, constituindo persianas que orientam para a terra o som dos sinos. Um mostrador do relógio, por cada face, contribui ainda para a decoração do conjunto.

A torre é prolongada para um e outro lado por dois corpos de 18m,50 de altura e 5m,62 de largura, aos quais se encostam, recuadas, as fachadas do baptistério e caixa da escada do coro.

A entrada do átrio faz-se por três amplos vãos rectangulares, vedados por portões de barra de ferro com os motivos em losango e em cruces de Cristo que constituem a decoração do edifício. Portões similares vedam a entrada do baptistério e escada do coro.

Do átrio passa-se à nave principal por uma porta em madeira como respectivo guarda-vento. O aspecto decorativo desta, como das restantes portas, obtém-se como emprego de madeiras de qualidade diferente, por exemplo ambila e jambire, convenientemente engradadas de modo a apresentarem a disposição indicada nas peças desenhadas.

Junto do guarda-vento, na nave principal, uma de cada lado, ficarão duas pias para água benta.

Sobre o átrio, e ocupando toda a sua área, ficará o coro, que apresenta ainda uma parte em sacada sobre a nave principal. Do coro partirá uma decorativa escada de caracol, em betão armado, que conduzirá directamente ao terraço que o cobre, ficando o topo superior dessa escada abrigado por uma guarita construída junto da fachada principal do edifício, mas escondida por ela. Do lado oposto à escada de caracol ficará o órgão, que contribuirá também para a decoração do coro.

Uma porta dará passagem do terraço para a plataforma da torre. Uma escada de caracol, em frente, de diâmetro exterior não excedendo 1m,20, conduz à plataforma, atravessando o troço da torre destinado aos sinos. Os sinos ficarão suspensos de vigas metálicas, apoiadas nas colunas e dispostas entre estas

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*

colunas e a coluna central da escada de caracol. Por uma abertura quadrada de 0m,70 de lado, praticada na plataforma, se pode subir a esta plataforma por meio duma escada simples, de marinheiro, construída em barra de ferro.

A nave principal é coberta por uma abóbada elíptica, apoiada em oito arcos elípticos também, que descarregam a sua carga sobre dezasseis colunas, que limitam a nave e se encontram afastadas de 5m,30 de eixo a eixo e na direcção das fachadas laterais. Estes arcos são extradorsados paralelamente e os seus eixos são elipses do semi-eixo maior igual a 8m,20 e semi-eixo menor igual a 5m,35.

A largura dos arcos e das colunas é a mesma (0m,70), sendo aparentemente as colunas o prolongamento dos arcos.

A nave do transepto é coberta por uma abóbada semicircular, suportada por oito arcos de volta inteira, cujos eixos são semicircunferências de 5m,35 de raio. Estes arcos apoiam-se em dezasseis colunas que limitam o transepto e cujos eixos estão lateralmente afastados de 4m,742.

As colunas destas duas naves interseptam-se segundo uma abóbada de arestas, sendo estas arestas arcos elípticos cuja fibra mediana tem um semieixo igual a 9m,79 e semieixo menor igual a 5m,35. Estes arcos, que são também extradorsados paralelamente, apoiam-se, juntamente com os arcos das abóbadas circulares e elítica que limitam a abóbada de arestas, em quatro colunas em betão armado.

A abóbada da cobertura da igreja é tripla: é constituída por uma primeira estrutura em betão armado, de 0m,21 de espessura, formando a abóbada propriamente dita, que resiste ao peso próprio, ao dos elementos superiores e às sobrecargas acidentais; por uma segunda camada isoladora de cortiça de 0m,10 de espessura, destinada a proteger a abóbada resistente das variações da temperatura; e por fim, por uma terceira camada de betão simples, revestida de argamassa de cimento, constituindo a cobertura estanque. Esta última camada, de 0m,05 de espessura total, é dotada de juntas de dilatação convenientemente recobertas.

Todos os terraços de cobertura têm a mesma composição tripla: laje resistente, camada isoladora de cortiça e camada hidrófuga em argamassa de cimento.

As colunas são ligadas por vigas de coroamento, onde vêm apoiar-se as abóbadas e as lajes dos terraços.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

Uma sapata nervada correndo sobre o átrio serve de alicerce à torre e corpos adjacentes. A carga máxima transmitida pela sapata ao solo, supondo o edifício completamente carregado, não excede 1:700kg/cm² no caso mais desfavorável.

Sobre as nervuras da fundação das paredes exteriores da igreja corre um soco em betão simples de 0m,50 de espessura e 1m,25 de altura sobre o qual se erguem as paredes em blocos ocios de cimento, de 0m,30 de espessura, com a disposição atrás indicada. As paredes não rebocadas, por razões de ordem económica e para se conseguir efeitos decorativos com as juntas dos blocos. Estes terão, nas faces vistas, uma camada de 0m,20 de espessura em cimento branco ou serão pintados com aguadas deste cimento, a mesma pintura se dando na restante estrutura em betão armado.

As paredes são rasgadas por amplas janelas compostas de uma parte fixa constituída por peças moldadas em betão com a forma de cruces de Cristo ou de losangos, convenientemente combinados e de caixilhos metálicos com alguns batentes de abrir. Estes caixilhos e as peças moldadas em betão são decorados com vidros de cor, sendo recomendável o emprego de vitrais, principalmente na abside e nas amplas janelas das fachadas do transepto. Os batentes móveis terão dispositivo que permita a sua manobra do pavimento da igreja.

Os pavimentos serão constituídos por lajes independentes, em betão francamente armado, directamente assentes sobre o terreno e revestidos duma camada de granolito¹⁰⁸, de 0m,02 de espessura, de duas ou mais cores, com as quais se conseguirão desenhos decorativos adequados à ornamentação geral do edifício¹⁰⁹».

Com a descrição feita pela própria mão do seu autor chamamos a atenção para palavras-chave utilizadas na memória descritiva: *beleza implica justeza das proporções; ornatos simples; não dissimular a estrutura em betão.*

De todo este projecto veremos que houve soluções que foram alteradas, como é o caso do chão, por exemplo, devido ao facto da igreja se elevar a catedral e de ter sido incluída nas Comemorações do Duplo Centenário a ter lugar no ano de

¹⁰⁸ Granulito. Rocha metamórfica composta de feldspato e quartzo, o que lhe confere tons esverdeados e castanhos/acinzentados.

¹⁰⁹ Santos, João Francisco dos, *Guia da Catedral de Lourenço Marques*, Imprensa Nacional de Moçambique, Lourenço Marques, 1944, págs. 54-59.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

1940, beneficiando de um subsídio que permitiu outro tipo de acabamentos e inclusão de ornamentos que não estavam pensados numa primeira fase.

Capítulo 3 – O *arquitecto* da catedral e a sua visão.

3.1- A vida de Marcial de Freitas e Costa

«Amanhã seremos substituídos por outros que, já não tendo conhecido Freitas e Costa, somente dele ouvirem falar e, porque depois destes outros virão e depois outros e mais outros e, ainda outros, e para que o nome de Freitas e Costa não se vá diluindo na imensidade do tempo e para que se não vá mirrando e varrendo pelos ventos ardentes do deserto, quis a direcção do Clube materializá-lo mandando-o esculpir em bronze¹¹⁰»

In *Notícias, Diário da Manhã*

Marcial Simões de Freitas e Costa nasceu na freguesia de S.Julião¹¹¹ de Lisboa a 29 de Julho de 1891. Era filho de Luiz Teodoro de Freitas e Costa, médico e subdelegado de saúde, natural da Cidade da Praia em Cabo Verde, e de Maria da Glória Simões de Freitas e Costa natural de Penacova. No dia 20 de Dezembro do mesmo ano recebia solenemente os santos óleos na igreja paroquial de S. Julião pois a parteira, Adelaide Sophia Chaves, vendo que ele corria risco de vida baptizou-o no momento do nascimento. Teve como padrinho Amandio Eduardo da Malta Veiga, advogado, e como madrinha, por devoção, Nossa Senhora da Conceição cuja insígnia foi segurada por Virgínia da Costa Simões sua tia paterna¹¹². Marcial de Freitas e Costa cresceu em Lisboa juntamente com os seus dois irmãos, Maria Luísa e Manuel embora desconheçamos a ordem de nascimento. Ao crescer no centro da capital é muito provável que tenha tido memórias ou conhecimento directo de factos que marcaram a história social e política do seu tempo. Quando contava quase cinco anos

¹¹⁰ Discurso proferido pelo Eng. Magalhães Ribeiro aquando da inauguração do Campo Engenheiro Freitas e Costa pertencente ao Clube Ferroviário. Homenagem à memória do engenheiro Freitas e Costa, *Notícias, Diário da Manhã*, ano XIX, n.º 5756, 9 de Abril de 1945, Lourenço Marques.

¹¹¹ Extinta com a I República. Confinava com as freguesias da Conceição, Madalena, Nossa Senhora dos Mártires e de S.Nicolau. Para informação completa de ruas ver: Santana, Francisco, *Lisboa na 2ª metade do Séc.XVIII (plantas e descrições das suas freguesias)*, Lisboa, Câmara Municipal, 1976.

¹¹² Conforme a certidão de baptismos extraída do livro de baptismos n.º16 da paróquia de São Julião, concelho de Lisboa folha 14v a 15v. Retirado do Arquivo Nacional Torre do Tombo. Os nomes foram transcritos tal como constam do original. Ver (doc.2).

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

chega a Lisboa o capturado rei Gungunhana com as suas sete mulheres, para escândalo da sociedade católica portuguesa. Chegava a *fera cruel*, o *pesadelo* dos portugueses em Moçambique e o inimigo da Coroa Portuguesa capturado por Mouzinho de Albuquerque. Gungunhana desfilou em Lisboa juntamente com as suas esposas sendo, não recebido como um rei tal como esperava, mas antes humilhado, insultado. Gungunhana é deportado para os Açores onde viria a falecer no ano de 1906. Terá Marcial guardado alguma lembrança deste rei? O Elevador de Santa Justa, projectado pelo engenheiro Raoul Mesnier e concebido entre 1900 e 1901 tê-lo-á impressionado? A caminho de completar os dezassete, estaria ele entre a multidão que veio receber o rei D.Carlos ao Terreiro do paço?

A 9 de Agosto de 1910, após ter concluído o curso complementar de Ciências no Liceu Passos Manuel, então com dezanove anos, Marcial faz o juramento de fidelidade¹¹³ e dá entrada como voluntário no regimento de cavalaria nº 2, Lanceiros de El-Rei¹¹⁴. É a sua mãe, Maria da Glória Simões de Freitas e Costa, que assina o documento onde *deseja* provar que Marcial não cometeu crime algum que o impeça de entrar no Exército e um segundo em como lhe dá autorização para assentar praça. Por esta altura residem na freguesia de Santos-o-velho. O seu pai é já falecido nesta data.

É então com este estatuto, de voluntário, que pede licença especial para fazer as preparatórias que lhe permitiriam entrar na Escola do Exército¹¹⁵. Entre os anos de 1910 e 1915 Marcial irá frequentar na Escola Politécnica (actual Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa¹¹⁶) as seguintes disciplinas: Desenho (14 valores), Geometria Descritiva (13 valores), Química Mineral (10 valores), Análise Química e Química Orgânica (10 valores), Cálculo Diferencial, Integral e das Variações (14 valores), Física Geral (11 valores), Mineralogia e Geologia (16 valores), Economia Política (11 valores), Desenho de Máquinas (14 valores),

¹¹³ Apesar do regicídio de 1908, o juramento de fidelidade era feito, ainda, ao rei D. Manuel II.

¹¹⁴ Localizado em Belém.

¹¹⁵ Denominou-se Escola do Exército de 1837 a 1910, depois Escola de Guerra de 1911 a 1919 e Escola Militar de 1919 a 1938. Retomou o primeiro nome de 1938 a 1959 e desde aí que se passou a designar, até ao presente, de Academia Militar.

¹¹⁶ Na sua folha de matrícula consta que pediu licença especial para estudos na Escola Politécnica, na Universidade de Lisboa e no Instituto Superior Técnico. A Escola Politécnica passa a designar-se de Faculdade de Ciências, sob a alçada da recém-criada Universidade de Lisboa, com as reformas republicanas no ano de 1911. O Instituto Superior Técnico surge com a divisão do Instituto Industrial e Comercial de Lisboa também no ano de 1911.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

Mecânica Racional (15 valores), Física Matemática (11 valores) e Astronomia e Geodesia (15 valores).

No Instituto Superior Técnico frequentou no ano de 1914-1915¹¹⁷: Resistência de Materiais (15 valores), Hidráulica Geral - máquinas hidráulicas (14 valores), Eletrotécnica Geral – geradores, motores e transmissões de potência (18 valores), Estabilidade das Construções (16 valores), Teoria Geral e Descrição de Máquinas (18 valores) e Termodinâmica (15 valores).

Acreditamos que é durante este período de formação superior que Marcial tenha entrado em contacto com o que então se produzia, tanto em Portugal¹¹⁸ como no estrangeiro. A revista *A Construção Moderna*¹¹⁹ por certo fez parte das suas leituras e trouxe consigo a *cidade do futuro*, tanto no texto de Melo de Matos como no de Carlos Carvajal¹²⁰. A introdução do betão armado, os seus cálculos¹²¹, e os novos edifícios que desafiavam tudo o que até aí se construía, denominados de *raspa-céus* ou *carda-nuvens*, são dados a conhecer também por este periódico. Será neste período - consolidando com o que verá em França - que o conceito de modernidade será devidamente compreendido e assimilado.

¹¹⁷ Duarte Pacheco entraria dois anos mais tarde e Pardal Monteiro seria docente da disciplina de Arquitectura no ano de 1920.

¹¹⁸ Em Portugal temos o Elevador de Santa Justa, a Garagem Auto-Palace (de Eiffel), os armazéns Nascimento entre outros, que são a manifestação da modernidade e dos novos materiais que davam entrada na arquitectura : o ferro e o betão armado. Para melhor compreensão de como foi a introdução e evolução destes materiais em Portugal ver: Tostões, Ana, *Construção moderna: as grandes mudanças do século XX*, vol.III, pp.130-147, Coord. Manuel Heitor, João Maria Brandão de Brito, Maria Fernanda Rollo, *Momentos de inovação e engenharia em Portugal no século XX. Edificações e Materiais de Construção*, Lisboa, Dom Quixote, Centro de Estudos em Inovação, Tecnologia e Políticas de Desenvolvimento do IST, 2004.

¹¹⁹ Esta revista iniciou a sua publicação no ano de 1900 e terminou dezanove anos mais tarde. Foi pioneira pois veio preencher um vazio que havia sobre a Arquitectura, deu a conhecer o que de notável se fazia no estrangeiro, e em território nacional sendo que abriu portas a novos conceitos. Ao nível da edição era composta por fotografias, o que era uma verdadeira inovação para a época.

¹²⁰ Carlos Carvajal, de origem chilena, era um engenheiro-arquitecto (como refere Paulo Simões Nunes) que publicou na dita revista, entre Maio e Dezembro de 1910, um texto com o título *A arquitectura racional das futuras cidades* onde explana o conceito da cidade-linear: moderna e de igualdade social para todos os seus habitantes.

¹²¹ Será a partir de 1911, com a criação do I.S.T. e do Laboratório de Resistência de Materiais que os cálculos do betão armado foram sujeitos a fórmulas matemáticas rigorosas e passaram, assim, a fórmulas que tinham de corresponder a normas legais de segurança. Conferir: Tostões, Ana, *Construção moderna: as grandes mudanças do século XX*, vol.III, pp.130-147, Coord. Manuel Heitor, João Maria Brandão de Brito, Maria Fernanda Rollo, *Momentos de inovação e engenharia em Portugal no século XX. Edificações e Materiais de Construção*, Lisboa, Dom Quixote, Centro de Estudos em Inovação, Tecnologia e Políticas de Desenvolvimento do IST, 2004.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

Assim que terminou as preparatórias Marcial Simões de Freitas e Costa pediu requerimento para matrícula na Escola de Guerra a 21 de Novembro de 1915. O primeiro ano de Artilharia a Pé e Engenharia Militar era ramo comum, sendo que foi no segundo ano (1916-17) que fez a especialização de Engenharia Militar¹²² que terminou com 15 valores. Foi um aluno de mérito. A matrícula foi encerrada a 31 de Dezembro de 1917. Marcial dirige-se, em documento, ao Ministro de Guerra (à época era Norton de Matos) pedindo que seja colocado como Alferes no Batalhão de Telegrafistas ou no Batalhão de Pontoneiros. Ficou colocado na sua primeira opção.

Enquanto Marcial estudava, o país sempre em convulsão, mudava. Dois meses depois de ter feito o juramento de fidelidade e de ter entrado para o regimento, dá-se a implantação da república e Afonso Costa é nomeado para o governo provisório da mesma. Seguiram-se tempos de inconstância, onde os presidentes do recente regime implantado se sucediam vorazmente. O país mergulhado nas constantes intrigas e ameaças dos monárquicos, na fome e na adversidade vê a I Grande Guerra ter início no ano de 1914. Depois de muito se debater, tanto na Assembleia como em praça pública, a sua entrada na guerra, por Intervencionistas e Não Intervencionistas, Portugal vê a Alemanha declarar-lhe guerra a 9 de Março 1917 por conta de navios seus, num total de 72, apreendidos em portos nacionais a pedido da Inglaterra. Perante este novo cenário, o Exército é chamado a treino de guerra em Tancos¹²³. Marcial é colocado no Corpo Expedicionário Português¹²⁴, no Regimento de Sapadores Mineiros¹²⁵ ainda como Alferes, e no dia 26 de Maio de 1917 (um sábado) parte de Lisboa, num navio britânico, rumo a França¹²⁶. Em Setembro do mesmo

¹²² Na folha de matrícula não constam as disciplinas discriminadas, sendo provavelmente o motivo de tal facto o processo ser interno, ao contrário das habilitações preparatórias, que vinham de entidades exteriores.

¹²³ É chamado a este treino o “Milagre de Tancos”. Devemos lembrar que a I Grande Guerra rompeu com a tradição bélica, se assim lhe podemos chamar, do que vinha sendo feito até aí. Em Tancos os nossos soldados não foram preparados para a *nova* guerra que se lutava no espaço europeu (em oposto ao que vivia no cenário de guerra africano) que era uma guerra de trincheiras, de gás e de novas armas e recursos de guerra até então nunca utilizados.

¹²⁴ Nos documentos oficiais é designado por 1º Corpo Expedicionário Português.

¹²⁵ Onde estava incluído o Batalhão de Telegrafistas.

¹²⁶ Sabemos, por testemunho familiar, que o seu irmão Manuel também foi chamado para a Grande Guerra, no entanto desconhecemos quando e onde. Fica apenas a referência de que Marcial tinha família no mesmo conflito armado.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

ano, já como Tenente, é colocado na Escola de Sinaleiros¹²⁷. Em seguida foi destacado para Chefe da Estação Telegráfica do Quartel-general do Corpo.

A Grande Guerra foi uma cisão com tudo o que estava para trás em termos bélicos. Era uma guerra nova, de trincheiras, onde o exército alemão empregou a estratégia da “terra queimada¹²⁸”, introduziu os lança-chamas (logo em 1914), depois o gás (1915). Este último causou uma forte condenação pela comunidade internacional. Os dirigíveis e os aeroplanos entraram na guerra como instrumentos auxiliares. O tanque surgiu pela primeira vez em 1916, pela mão dos ingleses, de modo a ultrapassar o arame farpado e as metralhadoras ao mesmo tempo que era acompanhado pela infantaria, mas em 1918 os franceses tinham-no aperfeiçoado (tornando-o ligeiro) e foi, segundo alguns, a arma que deu o ponto de viragem na guerra. Era uma guerra onde brotava todo um novo mundo de tecnologias de ponta. O Corpo Expedicionário Português estava mal preparado e mal equipado perante a realidade que foi encontrar. Foram tempos muito críticos que tiveram de suportar, e se por um lado a entrada de Portugal na guerra foi vista para muitos como um “alívio” para a honra e futuro do país, a sua manutenção já foi vista de modo diferente. Podemos afirmar que o Corpo Expedicionário Português foi abandonado à sua sorte se tivermos em conta que as tropas viram os seus oficiais a partir para Portugal, uns sob licença de campanha, outros sob atestados médicos, e que jamais regressariam, e a rotatividade das tropas não existir na prática devido à Grã-Bretanha ter retirado os seus navios para o efeito (dando prioridade ao transporte de víveres e à tropa americana que se deslocava para o cenário de guerra europeu). O facto de em Portugal Sidónio Pais ter encabeçado uma revolta militar, tomando o poder, e de não ser, também ele, a favor da participação de Portugal na guerra não contribuíram para o apoio das tropas. Marcial só retornará a Portugal no fim da Grande Guerra já no ano de 1919. Na sua folha tem a indicação de cinquenta e três dias de licença de campanha que foram gozados de 7 de Janeiro a 15 de Março de 1918 e sabemos que esteve em Paris¹²⁹.

¹²⁷ Onde muito provavelmente ensinou soldados, que sabiam ler e escrever, o Código Morse (ao qual se denominava na gíria de guerra a *linguagem do pica-pau*) e ainda a tratar dos fios/linhas para que as comunicações, indispensáveis no cenário de guerra, funcionassem o melhor possível.

¹²⁸ Nome de código “Alberich”, implicava o corte das árvores, a contaminação da água dos poços e a queima da terra de modo que, atrás da sua passagem o inimigo nada pudesse fazer. Nem as populações.

¹²⁹ Por testemunho familiar foi-nos dito que Marcial esteve em Paris aquando integrado no C.E.P. Para descanso das tropas foram permitidas licenças nas zonas civis francesas e Paris era uma delas.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

Como terá Paris marcado Marcial? Este é, sem dúvida, um ponto-chave. A Cidade Luz, um pólo cultural à época, repleta de história e de personagens que foram marcos na própria História (da pintura, da escultura, da arquitectura, do cinema, da filosofia, da ciência). O que terá Marcial pensado do triunfo de engenharia e arquitectura da Torre Eiffel? O que terá pensado, também, da Ponte Alexandre III¹³⁰ ou do Metropolitano cuja primeira linha tinha sido inaugurada ao virar do século XX? Terá tido conhecimento de alguma obra de Auguste Perret¹³¹? Toda a envolvência da cidade incutiria progresso a par com os antigos edifícios históricos e nobres. Uma cidade onde, apesar do clima de guerra, se podia recuperar forças e ânimos do cenário das trincheiras.

Na madrugada de 8 para 9 de Abril de 1918 Marcial de Freitas e Costa consegue sobreviver ao ataque alemão sem precedentes às tropas portuguesas (operação Georgette) que entre nós ficou conhecida como a Batalha de La Lys. O Corpo Expedicionário Português é reorganizado, em virtude desta razão, e ficou adstrito ao Exército britânico (British Expeditionary Force). Marcial é colocado, em Abril de 1918 até Dezembro do mesmo ano, altura em que o Corpo é desmobilizado, na Secção Automóvel de Fio¹³². No seu processo pode ler-se:

«louvado pela maneira como comandou a Secção Automóvel de Fio, de Abril a Dezembro de 1918, período em que a Secção esteve destacada no Exército Britânico, tendo conseguido pelo seu esforço que esta unidade colaborasse eficazmente e com máximo rendimento no serviço de comunicações daquele Exército, no que revelou notáveis qualidades de competência e de dedicação pelo serviço».

Regressa a Portugal, via terrestre, a 4 de Agosto de 1919, seis dias depois de ter completado vinte e oito anos. Por certo, o homem que regressava já não era o mesmo que partira dois anos antes.

¹³⁰ Não nos esqueçamos que a segunda opção, aquando terminou o seu curso de Engenharia Militar, era o Batalhão de Pontoneiros.

¹³¹ Por esta data Perret já tem obra edificada, o edifício de apartamentos da Rue Franklin em Paris é já uma obra de referência devido ao facto de ter sido construído com betão armado, material considerado vulgar devido ao seu uso industrial, e por isso, era tido como não nobre. A sua obra mais emblemática, Igreja de Notre Dame du Raincy, seria construída entre 1922-1923. Ver Britton, Karla, *Auguste Perret*, London, New York: Phaidon, 2001.

¹³² Secção ligada às comunicações.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

No ano de 1922 é nomeado professor assistente da Escola Militar para: 24^a Cadeira (Resistência de Materiais. Estabilidade de construção); 25^a Cadeira (Materiais de construção. Arquitectura) e a 29^a Cadeira (Processos Gerais de construção. Obras de Arte. Trabalhos marítimos e subterrâneos). Esta passagem como professor vem revelar-nos o facto, mais uma vez, de que Marcial teria de estar documentado sobre o que se produzia tanto a nível nacional, como internacional e das inovações que surgiam nestes campos. Em Fevereiro de 1922 é promovido a Capitão para arma de engenharia por antiguidade, em Março pede autorização para contrair matrimónio com Nina Martin e casam-se a 11 de Abril do mesmo ano numa cerimónia que teve lugar na casa da noiva, apenas de cariz civil e discreta. Marcial é descrito como pessoa muito devota a Nossa Senhora¹³³, fosse porque tivesse Nossa Senhora da Conceição como sua madrinha, fosse porque passara pelo tenebroso cenário da guerra, mas, no momento de contrair matrimónio opta pela descrição. Um motivo que deve ter sido ponderado seria o facto de pertencer ao Exército.

No dia 2 de Junho do mesmo ano parte para Lourenço Marques, acompanhado de sua esposa, e inicia-se outra fase na sua vida. Depois de um mês em viagem pela costa africana Marcial de Freitas e Costa desembarca em Lourenço Marques e entra ao serviço (como adido requisitado para desempenhar comissão de serviço dependente do Ministério das Colónias) para servir na Direcção dos Caminhos de Ferro¹³⁴ como Chefe de Via e Obras.

Lourenço Marques no ano de 1922 era, ainda, uma cidade em emergente progresso¹³⁵: as campanhas de pacificação prolongaram-se até inícios do século XX; não havia uma política de colonização, verdadeiramente dita, que só se veio a dar com o Estado Novo, com toda a mística imperial incutida pelo regime¹³⁶; ao contrário do que acontecia em Angola, Moçambique recebia mais funcionários

¹³³ Ainda hoje se mantêm na família uma escultura de Nossa Senhora da Conceição que lhe foi oferecida pelo seu baptismo (1891).

¹³⁴ A designação completa é: Direcção do Porto e Caminhos de Ferro de Lourenço Marques (C.F.L.M.). Acima estava a Direcção do Porto e Caminho de Ferro de Moçambique (C.F.M.) que incluía as duas congéneres de Lourenço Marques: Quelimane e Inhambane.

¹³⁵ Para se ter uma ideia do que era Lourenço Marques antes da década de trinta veja-se o documento cinematográfico que a Cinemateca Portuguesa recuperou e de fácil acesso na Web. Conferir nas fontes consultadas em linha.

¹³⁶ Mesmo assim, segundo refere Cláudia Castelo, entre 1930 e 1945 o Estado Novo não apoiou a emigração em grande número para as colónias. A grande leva dar-se-á a depois da II Guerra Mundial. Conf. Castelo, Cláudia Orvalho, *Passagens para África. O povoamento de Angola e Moçambique com naturais da metrópole (1920-1974)*, Porto, Afrontamento, 2007, pág.375 e ss.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

estatais do que homens *empreendedores*¹³⁷ que fizessem a cidade avançar com maior rapidez; planos urbanísticos também nunca tinham sido ponderados pelo governo de Lisboa. Quando Marcial desembarcou, o que encontrou foi uma cidade parecida com a Lisboa que deixava para trás,¹³⁸ mas cosmopolita, onde cidadãos de várias nacionalidades coabitavam entre si e onde a presença (e influência nos costumes diários) da vasta comunidade britânica era francamente visível¹³⁹. Moçambique mantinha uma relação muito próxima com a sua vizinha União Africana (África do Sul) e ao contrário de Luanda onde a cidade negra se misturava na cidade branca, não vemos o mesmo acontecer em Lourenço Marques, que apesar de não ter ainda um plano de urbanização oficial, mas antes projectos de ampliação, como é o caso do plano Araújo¹⁴⁰ e muito posteriormente o Plano Aguiar¹⁴¹, não deixa que ambas as partes se imiscuem: a cidade branca está desde cedo separada da cidade negra de caniço e madeira.

A sua actividade durante os anos que cobrem a sua chegada até ao momento em que o vemos a trabalhar em prol da catedral é-nos dada a conhecer pelas homenagens que amigos e colegas lhe fizeram a título póstumo. Sabemos pelos meios oficiais que ocupou interinamente o cargo da C.F.L.M. no ano de 1924 e mais tarde, em 1932, foi

¹³⁷ Opus citado.

¹³⁸ Do trabalho de Cláudia Castelo, opus citado, retiramos este excerto de uma entrevista: «quando desembarquei em meados de 1926 em Lourenço Marques, não cheguei a África: verdadeiramente eu desembarquei num bairro de uma Lisboa mais sofisticada do que eu tinha deixado, talvez devido à influência de uma numerosa colónia de abastados comerciantes e industriais ingleses que aqui viviam(...)»,pág. 264.

¹³⁹ Dutra Faria, aquando da sua viagem acompanhando o Cardeal Cerejeira, faz uma menção a este facto escrevendo «que Lourenço Marques não se pode confundir ou comparar com nenhuma outra cidade portuguesa. Tem o seu carácter próprio». A forte ligação entre Moçambique e a África do Sul também contribuíam bastante para este facto. Faria, Dutra, *Navegação de paz e glória*, Lisboa, Agência Geral das Colónias,1945, pág.83.

¹⁴⁰ No ano de 1875 a cidade, que ainda não o era, sofreu um grande incêndio que destruiu grande parte da povoação intramuralhas. As casas de madeira foram posteriormente banidas do seu interior e o Major António José de Araújo foi o projectista do novo plano de reorganização e expansão da futura cidade.

¹⁴¹ O Plano Aguiar surge, apenas, no ano de 1955 pela mão de um arquitecto, como emergente devido ao crescimento e consolidação dos subúrbios a partir da década de vinte. Até esse momento a cidade foi sendo obra de engenheiros, engenheiros militares, que foram os primeiros a chegar à linha da frente quando tudo estava por fazer e era necessário projectar, ao contrário dos arquitectos coevos que se debatiam com a falta de formação técnica, pois saíam das Belas-Artes.

promovido a Chefe da Divisão de Estudos e Construções dos C.F.M.¹⁴² e foi subdiretor dos C.F.M.¹⁴³ até ao seu falecimento.

Sob a alçada da sua profissão ampliou os C.F.L.M. e construiu as pontes que tal expansão exigia¹⁴⁴, a título póstumo, referem os jornais, que foi também o construtor do “refrigerífico” do Porto Grande¹⁴⁵. Fora da sua vida profissional, Marcial de Freitas e Costa teve intervenção relevante na sociedade, foi presidente do Clube Ferroviário¹⁴⁶ durante mais de dez anos e o «edifício onde está instalada a sede daquele clube, é devida, em grande parte, ao seu entusiasmo pelo desporto¹⁴⁷» onde fica a dúvida se também este edifício terá sido da sua autoria¹⁴⁸. Pertencia a pelo menos dois clubes presentes na cidade: os Lisboaetas e os Ex-Combatentes.

É verossímil que entre 1923, ano em que Notre-Dame du Raincy é sagrada, e o ano de 1933, data do primeiro esboço para a futura catedral, Marcial se tenha deslocado a Paris (sendo o ano mais verossímil 1926) e tenha visitado e tomado conhecimento com grande parte da obra de Perret que entretanto tinha sido construída, como a Igreja de Santa Teresa (1925-1926) (fig.5); e um projecto que nunca saiu do papel mas que nos parece muito relevante depois para a futura catedral que é a igreja de Santa Joana de Arc (1926) (fig.6). Esta sugestão não é aqui levianamente proposta, pois tem por base o facto de existirem soluções encontradas para a catedral que sugerem o conhecimento *in loco* de determinados pormenores, alguns deles que teriam de ser contornados¹⁴⁹ e, por último, se assim o podemos dizer, o facto de

¹⁴² A vida profissional de Marcial dentro desta instituição é vasta, e comporta factos que não revestem pertinência para este trabalho, no entanto, fica a informação de que Marcial, devido à sua elevada competência, assumiu interinamente, por diversas vezes, a Direcção desta instituição.

¹⁴³ Por esta data, 1938, a C.F.M. já integrava a Direcção e Exploração de Transportes Aéreos (D.E.T.A.) o que aumentava a complexidade dos serviços.

¹⁴⁴ Marcial, ao ser entrevistado para o jornal *A Voz*, a 13/7/1944, dirá que está habituado a fazer pontes e caminhos-de-ferro. Existe um registo de se ter deslocado aos Estados Unidos da América no ano da sacração incumbido de trazer ferro, que então escasseava na Europa devido à II Guerra Mundial.

¹⁴⁵ É o armazém de refrigeração do porto de Lourenço Marques, cobre uma área com 2380m² e servia para guardar viveres que aguardavam por embarque ou por distribuição.

¹⁴⁶ Clube que incluía vários desportos como o futebol, boxe, natação e atletismo à época, hoje inclui muitos mais. Foi fundado em 1924, já Marcial de Freitas e Costa se encontrava em Lourenço Marques, mas só toma a sua direcção entre 1930-1932. O progresso e estrelato que o clube conheceu foram alcançados sob a sua presidência.

¹⁴⁷ *Guardian, Lourenço Marques*, 40º ano, n.º10035, 15 de Dezembro de 1944, Lourenço Marques.

¹⁴⁸ Até ao momento não nos foi possível confirmar a autoria deste edifício. A informação sobre o mesmo é escassa e os contactos estabelecidos até ao momento não nos deram resposta, sabemos apenas que foi inaugurado em 1944.

¹⁴⁹ Referimo-nos, por exemplo, à acústica.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

Marcial estar ligado intrinsecamente com a simbologia que Notre-Dame du Raincy representa: uma homenagem aos soldados mortos na Grande Guerra¹⁵⁰.

No ano de 1933 fica a cargo com os seus dois filhos depois de se divorciar da primeira esposa. Volta a casar no ano seguinte com a mulher que o acompanhará, e apoiará, até ao fim dos seus dias, Adelaide de Freitas e Costa.

Sabemos que devido à sua profissão se deslocava com regularidade à União (África do Sul) para assistir a conferências de cariz profissional, era um homem em trânsito constante¹⁵¹.

À Catedral de Lourenço Marques dedicou mais de dez anos da sua vida como projectista e construtor, entre esboços, plantas e betão armado deu forma ao que D. Rafael da Assunção lhe pedira: uma igreja para Lourenço Marques. Quis o decurso dos acontecimentos que se elevasse a catedral. Nada cobrou pelo trabalho, pelo contrário, os vitrais que lá se encontram foram, grande parte, pagos por si. Pela documentação que até nós chegou, verifica-se que Marcial de Freitas e Costa dedicou bastante cuidado a pormenores de construção, procurou estar sempre informado sobre o que de melhor se fazia, e havia, para o projecto¹⁵² que tinha em mãos visando, sempre, os custos e recursos financeiros disponíveis. Dedicou-lhe, podemos afirmar com toda a certeza, todo o seu conhecimento, dedicação e coração.

No ano de 1944 é-lhe pedido que se desloque, uns meses antes da sagração, aos Estados Unidos da América para proceder à angariação de ferro que os C.F.L.M. tanto necessitavam para proceder à constante ampliação das linhas¹⁵³, e quando cumpre a tarefa de que foi incumbido desloca-se para Lisboa a fim de gozar licença graciosa. Permanecerá aí até à sagração da catedral à qual deu vida, não assistindo às cerimónias. O motivo é simples: a importância que a Igreja adquiriu dentro do Estado Novo, culminando com a Concordata, ditou mudanças na sociedade civil e moldou mentalidades numa forma mais fechada e consistente com a *palavra de*

¹⁵⁰ Conferir Britton, Karla, *Auguste Perret*, London, New York: Phaidon, 2001, pp. 76 - 77.

¹⁵¹ No A.H.U. existe documentação das viagens que fez a título profissional.

¹⁵² Entre a documentação da catedral encontram-se revistas de especialidade (maquinaria, materiais, etc.) em inglês e alemão, língua que a sua presença na Grande Guerra obrigou a conhecer uma vez que fazia parte da Companhia de Telegrafistas.

¹⁵³ O pico de expansão dos C.F.L.M. dá-se a partir de 1944. Conferir: Mendes, Maria Clara, *Maputo antes da Independência: Geografia de uma cidade colonial*, Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 1979.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

Deus, e determinadas situações passaram a ser apontadas com o dedo. O divórcio passou a ser uma delas¹⁵⁴. Marcial de Freitas e Costa jamais recebeu convite para estar presente, mas o seu espírito brilhante, despretensioso, deu um rasgo de grande nobreza à situação, e prevendo exactamente o que iria acontecer ausentou-se de Lourenço Marques, assistindo de longe, com orgulho na sua obra, e dando entrevistas a jornais como o *Notícias*, *A Voz* ou o *Diário da Manhã* onde explicava as vicissitudes e episódios da Catedral. No jornal *Notícias*, *Diário da Manhã* do dia 15 de Agosto (segundo dia da sagração) um jornalista, consciente do que se passava, escreve estas linhas:

«não é demais frisar – e é só para fazer justiça – que foi o engenheiro Freitas e Costa quem graciosamente meteu ombros à grande empresa e, tenazmente, indiferente a contrariedades, a realizou passo a passo, sem desânimos, protegido por uma fé – como bom cristão que é - inabalável, e viu enfim os seus esforços, ao cabo de muitos anos, coroados de êxito. E quando agora falamos da Sé, e nos sentimos ufanos da obra que honra Lourenço Marques, Moçambique e Portugal, ingratidão seria olvidar o nome daqueles que, como o engenheiro Freitas e Costa, foram os pilares em que assentou o templo monumental.»

A admiração pela obra ser projectada e construída por um engenheiro, e não um arquitecto, transparece em todos eles. O seu autor é descrito como tendo «aparência calma, com a fleuma de marca britânica». Numa entrevista dada ao jornal *A Voz*, a um mês da sagração, Marcial de Freitas e Costa fala de todo o processo pelo qual a catedral passou com verdadeiro entusiasmo e tem consigo as plantas, pois o entrevistador, Eugénio Navarro, refere: «O espectro da catedral, a sua análise espectral – conjunto complexo, misterioso, cabalístico, de linhas, formas geométricas e números, perpassa-me diante dos olhos. Estão ali os moldes da grande obra, o seu esqueleto informal, puro, o seu princípio». No fim da sua entrevista, Marcial de Freitas e Costa reflecte numa única frase todo o tempo e dedicação que ofereceu à *sua* catedral, afirmando: «parece que me “falta” alguma coisa!». No dia 14 de Dezembro de 1944, quatro meses exactos decorridos da sagração da catedral, pelas 12h30 regressando a casa do seu trabalho, no preciso momento em que transpunha a porta de entrada, o seu coração decide deixar de bater¹⁵⁵. Perante o desespero da sua

¹⁵⁴ Relembramos que Marcial tinha estado presente, na tribuna, no ano de 1936 aquando a bênção da primeira pedra.

¹⁵⁵ Consta da sua certidão do registo de óbito um enfarte do miocárdio.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

esposa, Adelaide de Freitas e Costa, são tomadas as diligências necessárias mas o seu óbito é confirmado trinta minutos depois. Terminava assim a vida de um homem brilhante, erudito, modesto, incansável nos seus deveres, que aprendera, na irmandade forjada pela força bruta da guerra, o valor da vida e o quanto a mesma é breve para se deixar levar por sentimentos e acções vãs¹⁵⁶.

A 15 de Dezembro a sua «urna, envolvida na bandeira da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, foi transportada [da sua residência] num armão militar¹⁵⁷» em direcção ao cemitério de Lourenço Marques. Largas centenas de pessoas acompanharam o cortejo fúnebre:

«além da família ferroviária e amigos do falecido, incorporaram-se o Corpo Consular, Conselho de Administração dos P.C.F.T., directores e chefes de serviços, oficiais de terra e mar, representantes das corporações administrativas, do Comércio, Agricultura e Indústria, dos organismos económicos, associativos, de classe e culturais, antigos combatentes e lisboetas, e centenas de outras pessoas, incluindo muitas senhoras¹⁵⁸.»

A urna ficou em depósito aguardando a transladação para Portugal, o que veio a acontecer a 29 de Outubro de 1945. A família enlutada regressa a Lisboa para um recomeço, deixando para trás tudo o que conhecia...Deixando para memória futura a Catedral.

¹⁵⁶ À época, entre várias manifestações póstumas de apreço feitas pelos seus amigos e que revelam a personalidade e carácter de Marcial, salientamos que os serventes dos C.F.M. lhe fizeram uma homenagem. Poucos terão tido esta honra, que demonstra, numa sociedade colonial e por isso segregacionista, o carácter deste homem.

¹⁵⁷ *Notícias, Diário da Manhã*, Ano XIX, n.º5664, 16 de Dezembro de 1944, Lourenço Marques.

¹⁵⁸ Para além das senhoras pertencentes à Associação Católica Feminina, estas *muitas senhoras* seriam algumas freiras que quiseram prestar uma última homenagem a Marcial de Freitas e Costa: como construtor da catedral, e que tanto deu de si, como também pela pessoa devota que era. O colonista não quis identificá-las pois sabia as consequências que enfrentavam. *Notícias, Diário da Manhã*, Ano XIX, n.º5664, 16 de Dezembro de 1944, Lourenço Marques.

3.2 - A visão de Freitas e Costa para a Catedral: uma cópia de Notre-Dame du Raincy?

As referências à catedral de Lourenço Marques e ao seu autor são, como já dizemos, muito poucas, e as que existem são deste modo pautadas: a autora Ana Vaz Milheiro refere num artigo: «nesta cidade, a catedral (1936-1944), obra de um engenheiro civil (ao que parece um admirador do trabalho de Auguste Perret), merece igual destaque¹⁵⁹»; Nuno Teotónio Pereira, numa nota de rodapé, refere: «projecto de um engenheiro das Obras Públicas, com um vocabulário incoerente mas de expressão moderna, já nos anos 40¹⁶⁰» e André Renga refere: «autor de espírito culto e pragmático, revela-se numa obra caracterizada pela exploração de novos materiais de construção, inspiradores de uma estética próxima das referências arquitectónicas mais vanguardistas da época, desde Notre-Dame du Raincy de Auguste Perret até Nossa Senhora de Fátima de Pardal Monteiro¹⁶¹». Iremos por aqui. Tentar compreender a obra, desconhecendo o homem que a projectou e a sua vivência, é fazer uma leitura superficial da mesma. Para compreendermos todo o edifício temos que atender ao seu autor e o contexto que a ambos envolveu. A sua formação superior, o facto de ter estado destacado em França no C.E.P., tudo contribuiu para um conhecimento e uma assimilação do que de novo e inovador se edificava fora de Portugal. Também Pardal Monteiro, o arquitecto da igreja de Nossa Senhora de Fátima, se desloca ao exterior por diversas ocasiões, sendo uma delas a França, para a Exposição de Artes Decorativas e Industriais Modernas no ano de 1925¹⁶². Podemos afirmar que ambos foram *beber* a sua inspiração ao mesmo local:

¹⁵⁹ Observação muito pertinente da autora, pois parece reconhecer a influência de várias obras e não apenas de uma: Notre-Dame du Raincy. Milheiro, Ana Vaz, *Territórios de sonho para a arquitectura portuguesa, modelos e miscigenação*, in *Urbanidade e Património*, Coord. João Couceiro, Fotog. Paulo Valente, Emanuel Sampaio, Lisboa, IGAPHE, 1998, pág.34.

¹⁶⁰ Pereira, Nuno Teotónio, *A arquitectura do Estado Novo de 1926 a 1959*, Colab. José Manuel Fernandes, Vol.II *O Estado Novo. Das Origens ao fim da Autarcia.1926-1959*, Lisboa, Fragmentos, 1987.

¹⁶¹ Ferreira, André Renga Faria, *Obras públicas em Moçambique: inventário da produção arquitectónica executada entre 1933 e 1961*, Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra, 2006, Dissertação de mestrado, pp. 117-118.

¹⁶² Nesta exposição, que esteve patente de Abril a Outubro de 1925 em Paris, estiveram representados vários países europeus aos quais se juntaram o Japão e a União Soviética (os Estados

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

Auguste Perret. Este arquitecto foi mestre de outro grande vulto do movimento moderno: Le Corbusier.

Pardal Monteiro, quando dá início ao projecto da igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima tinha já grande contacto com o que se produzia no exterior: a partir de 1930, data em que é fundada, torna-se correspondente da revista *L'Architecture d'Aujourd'hui*, onde é possível inteirar-se do trabalho de vários arquitectos como Auguste Perret (e irmãos), Le Corbusier, entre outros (alemães, russos, japoneses etc.).

Marcial de Freitas e Costa, tendo em conta o levantamento que pudemos fazer da sua vida académica e profissional – com base na documentação que consta do A.H.M. e com os testemunhos familiares de memórias que conseguiram passar por duas gerações - nunca teve contacto (pessoal) com este grande arquitecto português que foi Porfírio Pardal Monteiro. Esta hipótese, de contacto e influência, não pode ser assim considerada. Como derradeira prova temos, também, o facto de ambos apresentarem o seu esboço/projecto no mesmo ano: 1933. Resta-nos partir da base de influência, que para Marcial, tudo nos indica ter sido Auguste Perret.

Auguste Perret, nascido em 1875 na Bélgica indo depois para França, com formação de arquitectura (em Belas-Artes como era normal à época) veio a distinguir-se pelo uso do betão armado nos seus edifícios. O que o distinguia não era o uso deste, mas como refere Ana Tostões «a emergência de uma estética a partir do uso do novo material¹⁶³» que Perret tão bem compreendeu e empregou. O betão armado abriu um novo leque de possibilidades técnicas – de engenharia – que permitiram a utilização de grandes vãos que se suportavam por vigas, e que, por sua vez conseguiam suportar grandes cargas de peso, as paredes de sustentação deixaram de ser necessárias. Auguste Perret afirma, conforme refere a autora Karla Britton,

Unidos não participaram). Estiveram presentes ao nível da arquitectura (com os seus trabalhos) os irmãos Perret, Le Corbusier, entre outros que como Melnikov, Rodchenko e Tatlin (União Soviética) traziam outras linguagens (Construtivismo, Suprematismo). A exposição foi uma mostra do que já vinha sendo feito desde o início do século XX, mas que só agora se podia dar a conhecer numa exposição deste calibre devido ao término da Grande Guerra. Esta exposição foi um marco incontornável a todos os níveis artísticos.

¹⁶³ Tostões, Ana, *Construção moderna: as grandes mudanças do século XX*, vol.III, pp.130-147, Coord. Manuel Heitor, João Maria Brandão de Brito, Maria Fernanda Rollo, *Momentos de inovação e engenharia em Portugal no século XX. Edificações e Materiais de Construção*, Lisboa, Dom Quixote, Centro de Estudos em Inovação, Tecnologia e Políticas de Desenvolvimento do IST, 2004.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

que estes edifícios «continham a linguagem dos engenheiros¹⁶⁴», o que era verdadeiro, e é por esse motivo que Marcial consegue projectar e erguer uma catedral (de Lourenço Marques). A linguagem usada era uma linguagem que ele dominava. O primeiro período da arquitectura moderna (primeira metade do século XX) é uma fusão entre a técnica (vanguarda de materiais e engenharia) e a morfologia/estética - as *novas plantas* que estes materiais permitiam explorar e a estética depurada de ornamentação que o material *parecia* exigir - rompendo com o que até então era vigente¹⁶⁵. Auguste Perret¹⁶⁶ passou pelas várias fases de construção da charneira do século: no início usou os novos materiais em linguagens revivalistas, passou pela Arte Nova e compreendeu, sendo dos primeiros a fazê-lo, que o betão armado tinha uma linguagem própria devido às potencialidades já mencionadas. Assumir o betão armado - visto como vulgar, industrial e não-nobre - como material que detém uma estética única foi o passo decisivo. Quando Perret é consultado pelo Padre Canon Félix Nègre para a construção da igreja de Notre-Dame du Raincy, ou Nossa Senhora da Consolação, em honra dos soldados mortos na grande Guerra, em especial na Batalha de Ourcq de 1914, não o fez como primeira opção. O baixo orçamento que tinha para a construção¹⁶⁷ a isso o obrigou, ou seja, o gosto estético era ainda, ao que se deduz, revivalista, mas ao pedir a Auguste Perret (à sua empresa) o projecto e construção para esta igreja, por ser compatível com o orçamento, o panorama sofreu alterações¹⁶⁸. Perret concebeu, em doze meses, uma igreja ampla de nave única (basilical); repleta de luz filtrada por vitrais (de Marguerite Huré) que corriam lateralmente, e a toda a volta, a igreja (como se as paredes da mesmas fossem translúcidas¹⁶⁹) e que se adaptou ao terreno, ligeiramente inclinado, fazendo com que o altar-mor se elevasse dez degraus. Tudo foi feito com recurso ao betão armado -

¹⁶⁴ Conferir Britton, Karla, *Auguste Perret*, London, New York: Phaidon, 2001, pág.15. Tradução nossa.

¹⁶⁵ A Arte Nova foi, segundo Dorfles, a primeira a dar o passo de rompimento com a arquitectura precedente, compreendendo que os novos materiais podiam criar *formas novas*. Conferir Dorfles, Gillo, *A arquitectura Moderna*, trad. José Eduardo Rodil, Lisboa, Edições 70, 1986, pág.23.

¹⁶⁶ Auguste Perret detinha, juntamente com dois irmãos, uma empresa de construção (negócio que já vinha de seu pai).

¹⁶⁷ Por coincidência foi também este o argumento decisivo para o abandono do projecto de António Couto a favor de um *moderno* para a igreja de Lourenço Marques.

¹⁶⁸ Desconhecemos em pormenor como foi dirigido o processo de projectos para a igreja da Nossa Senhora da Consolação, mas parece claro que o que estava desejado teve de ser abandonado a favor do betão armado que trouxe consigo uma nova linguagem.

¹⁶⁹ Numa ocupação de espaço superior ao que a arquitectura gótica alguma vez tinha alcançado, fruto do uso do betão armado.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

com produção em estaleiro dos ornamentos (como na catedral) - desde o altar ao anjo do tabernáculo como refere Karla Britton.

A igreja de Nossa Senhora de Fátima, de Pardal Monteiro¹⁷⁰, revela também influências deste grande arquitecto, no entanto o seu interior revela uma linguagem medieval, neogótica, que faz uma dicotomia entre interior e exterior. A planta (basilical com três naves escalonadas) e o exterior do edifício são claramente modernos: de linhas rectas, depuradas, assimetria e cobertura em terraço. Resta-nos verificar as semelhanças e diferenças entre a obra do engenheiro Marcial de Freitas e Costa e as duas igrejas modernas, de dois distintos arquitectos, que tanto se aproximam e parecem ter, segundo vários autores, influenciado a catedral de Lourenço Marques.

Quanto à hipótese de proximidade e contacto com Pardal Monteiro, já se verificou não haver documentação ou memórias que o comprovem. A data do esboço para a igreja de Lourenço Marques, ano de 1933, retira também essa possibilidade. Ao contrário da igreja de Nossa Senhora de Fátima, em planta basilical - onde se aproxima de Notre-Dame du Raincy - a catedral de Nossa Senhora da Conceição é em planta de cruz latina. A primeira observação a ser feita é o facto de Marcial de Freitas e Costa não ter tido quem o assessorasse¹⁷¹, como aconteceu com Pardal Monteiro, devemos concluir que o que ele *imaginou* passou para o papel - sem constrangimentos de maior e sem grandes alterações - e apresentou à Prelazia, sendo que o único reparo que chegou até nós, e é relatado pelo Padre Francisco dos Santos, foi o facto do primeiro esboço só possuir uma porta, ao que se procedeu à alteração para três por necessidade prática do culto. Torna-se evidente que o ponto de contacto, a maior influência para a igreja, depois catedral, de Lourenço Marques foi a obra de

¹⁷⁰ Pardal Monteiro teve como assessor D. Martin, um monge belga, para o ajudar no projecto da *nova igreja*. Seria pertinente ver até que ponto houve ou não cedências ou impedimentos no projecto. Pardal Monteiro fez viagens a França, que se encontram documentadas no arquivo pessoal do Cardeal Cerejeira, sendo o motivo a igreja que estava a projectar. Lembramos que o primeiro projecto apresentado difere ligeiramente do que foi construído. O autor Alberto Estima levanta também esta possibilidade quanto a alterações possíveis na planta. Conferir: Estima, Alberto, *Considerações em torno de duas igrejas iniciadas na década de 1930: a igreja de N.ª Sr.ª de Fátima, em Lisboa e a igreja da Sr.ª da Conceição, no Porto*, in *Ciências e técnicas do Património*, Porto, Revista da Faculdade de Letras do Porto, I Série, Volume 2, 2003, pp.155-164.

¹⁷¹ Ao contrário de Pardal Monteiro, que assumia a sua laicidade e causou desconforto na sociedade de então quando foi escolhido para arquitecto da igreja de Nossa Senhora de Fátima, Marcial é assumidamente cristão e conhecedor dos rituais litúrgicos o que lhe deve ter permitido outra abordagem ao nível de projecção do edifício sem que fosse pressionado.

Auguste Perret. A importância que o significado da igreja de Nossa Senhora da Consolação representou para Marcial deve ter sido capital, se unirmos o facto de o edifício ser construído numa linguagem que era totalmente compreendida por si e o seu gosto pela modernidade¹⁷² (em lugar de repulsa ou incompreensão) temos a equação perfeita para o nascimento de uma obra semelhante a Nossa Senhora da Conceição (caso surgisse a oportunidade, o que veio a acontecer). Mas não foi só a igreja de Nossa Senhora da Consolação que inspirou Marcial. A igreja de Santa Teresa (Montmagny, 1925-26) (fig.5) e uma igreja que jamais saiu do papel: Santa Joana d’Arc (1926) (fig.6) impressionaram-no fortemente. Esta última saiu na revista *L’Architecture Vivante* no ano de 1926 e por este motivo arriscamos balizar a sua ida a França neste mesmo ano¹⁷³. O conhecimento que mostra de determinados pormenores não deixam dúvida de que os conheceu *in loco* e o facto da igreja de Santa Joana D’Arc nunca ter sido construída implica um conhecimento por periódicos (revistas ou jornais coevos) que (pensamos nós) não teriam grande circulação fora de França. Existem ainda outros pormenores como comprovam os esboços (figs.7 a 15.) onde Marcial teve dúvidas quanto ao acabamento da torre sineira (mais revivalista terminando em coruchéu, ou optando por uma sobreposição de prismas que se iam reduzindo proporcionando ao observador uma maior ilusão óptica de altura) sendo que o corpo simétrico da fachada parece nunca ter estado em causa, junto com os seus ornamentos em losango e cruz de Cristo onde encaixariam vidros coloridos. É impossível não reconhecer a igreja de Santa Teresa no esboço de Marcial¹⁷⁴ (fig.16) e compreendemos imediatamente o motivo do primeiro esboço ter mantido uma porta única de entrada: Perret era a sua inspiração directa. No entanto, a solução final adoptada acabaria por nos lembrar mais a igreja de Nossa Senhora da Consolação. Ao nível do interior, o coro da catedral em estudo (fig.17) mostra mais semelhanças com a igreja de Santa Teresa (fig.18) do que com a de Notre-Dame du Raincy (fig.19), mas é nos remates das fachadas (prismas sobrepostos que se elevam) que vemos as semelhanças com a igreja de Santa Joana D’Arc (fig.6). Podemos

¹⁷² Em especial pelo progresso técnico, tecnologias de ponta. O interior da catedral será disso um exemplo: todos os recursos técnicos disponíveis à época lá foram colocados, desde microfones e autofalantes por exemplo.

¹⁷³ No ano de 1925 nasce o seu primeiro filho e o segundo nascerá no ano de 1928, pensamos que foi neste espaço de tempo que Marcial se tenha deslocado a Paris juntamente com a sua esposa e primogénito.

¹⁷⁴ No entanto ele tenta dar um ar mais *nacionalista* com a colocação de uma Cruz de Cristo (símbolo Templário) no cimo da torre antes da cruz.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

retirar, tendo em conta a documentação que chegou até nós e feito o cotejo com a obra de Auguste Perret, que é um facto inegável que houve influência deste grande arquitecto quando Marcial agarrou no lápis para projectar a igreja de Lourenço Marques. Mas poderemos falar de uma cópia, uma imitação?

Ao projectar a nova igreja de Nossa Senhora da Conceição, Marcial tinha como limites físicos o terreno onde a mesma iria ser construída e isso limitava em si a disposição física da mesma deixando de parte as orientações Poente/Oriente tão desejadas (a sua cabeceira encontra-se virada a Noroeste). À sua volta nada havia de monumental, com excepção da igreja antiga que aguardava a demolição (fig.1). A nova igreja, depois catedral, iria ocupar um lugar de destaque na cidade de Lourenço Marques num local privilegiado onde se ergueria o edifício da Câmara Municipal (concluído em 1947) e onde ficaria um monumento equestre a Mouzinho de Albuquerque (pensado para as Comemorações de 1940). A catedral era visível do cais, para quem chegava de barco, como «um padrão», como afirmara o Padre João Francisco dos Santos. A monumentalidade do edifício foi pensada pelo seu construtor pois seria o edifício mais alto de toda a cidade¹⁷⁵. Como terá surgido a ideia plenamente concebida do edifício no seu pensamento? Era um homem moderno, da sua época, habituado a trabalhar com tecnologia de ponta¹⁷⁶ mas o gosto da sociedade católica portuguesa de Lourenço Marques acompanhá-lo-ia? O projecto de António Couto, e que tanto se aguardou ser o edificado, era revivalista. É neste momento que pensamos ter Marcial de Freitas e Costa dado um passo importante ao pensar e conceber o futuro edifício. Adivinhando, com toda a certeza, que um projecto demasiado *moderno* pusesse de novo em causa a construção de uma igreja (que era realmente necessária) devido à estética e morfologia; e o emprego de uma linguagem arquitectónica que não coincidia com o uso do betão armado, ele opta por unir os dois: uma igreja em cruz latina (que Perret nunca usou); o uso de pilares e abóbadas elípticas¹⁷⁷ visíveis (que não era necessário revelar) para marcar o ritmo da nave central (posteriormente com a inclusão da *Via Sacra* o observador é convidado

¹⁷⁵ Quando hoje olhamos a catedral perdemos o sentido de urbanismo na qual foi construída, pois edifícios de maior escala foram erguidos ao seu redor logo na década de 50, diminuindo o seu impacto de escala de grandeza. Com o crescimento da cidade, edifícios de dez, doze, quinze andares tapam agora a sua vista do cais onde outrora a mesma era visível.

¹⁷⁶ Os C.F.L.M. como seu porto de abastecimento aos navios era uma estrutura com tudo o que de melhor havia à época. Carregava 1 200 toneladas de carvão por hora devido à tecnologia empregue para o efeito.

¹⁷⁷ Denominado também de arco abatido ou arco de asa de cesto.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

a deter o olhar); no cruzamento da nave central com o transepto evidenciou uma abóbada de arestas (sugerindo uma época medieval ao observador); na fachada principal e na abside optou por subir o plano da mesma de modo a não ser visível a estrutura do corpo central, como se de uma platibanda se tratasse (preocupação que Perret também não demonstrou em nenhuma igreja) no entanto, o desenho¹⁷⁸ (fig.16) mostra-nos uma igreja onde os planos das fachadas já se encontram subidas (aumentando a monumentalidade do edifício) e onde a torre sineira nos reporta para a igreja de Santa Teresa de Perret. As portas desta são em madeira (assim sugere a cor escolhida) assumindo uma linguagem bastante próxima deste arquitecto. Acaba no entanto por alterar a torre sineira para o que hoje conhecemos (depois de várias tentativas de volumes), e por introduzir algum adorno nos portões (como descrito na memória descritiva). Os portões sofrem alterações, com a inclusão da catedral para as Comemorações do Duplo Centenário, e aos losangos e cruces de Cristo acrescenta-se açucenas (fig.20) pois o seu autor já não era Marcial mas sim António Lino.¹⁷⁹

De cariz moderno, decide assumir o betão na estética do edifício (os blocos são perceptíveis tanto fora como dentro); assume o uso de linhas rectas, com excepção do coro que tem uma ligeira ondulação que lhe imprime leveza, permitindo a passagem dos pilares que suportam a torre (fig.17), aligeirando deste modo a verticalidade imponente dos mesmos; os ornamentos da fachada, abside e restantes aberturas que comportariam vidros, são também eles simples e feitos em betão e em série no estaleiro (cruces de Cristo e losangos) e a fachada em si, composta por cinco corpos verticais, não avançam nem recuam como Santa Teresa ou Nossa Senhora da Consolação, no entanto, os pilares que suportam a estrutura destacam-se ligeiramente à frente produzindo um leve movimento e quebrando a monotonia da fachada¹⁸⁰.

Existe, no entanto, uma questão que se levanta quando confrontamos no *Guia da Catedral de Lourenço Marques* a data que o seu autor revela como sendo a data das encomendas dos vitrais: 25 de Janeiro de 1930. Em primeiro lugar o projecto de António do Couto, apesar de ter espaço para vitrais, não tinha ordem para iniciar a

¹⁷⁸ Este desenho pode ser cronologicamente posto entre o primeiro esboço de uma só porta, e do qual não temos registo, e o projecto final que foi dado a construir.

¹⁷⁹ António Lino (1914-1996), sobrinho do arquitecto Raul Lino.

¹⁸⁰ Quando o Sol incide de frente na fachada dá a sensação que a mesma se encontra toda ao mesmo nível, o que não é verdade.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

construção e o projecto de Marcial só viria a ser oficialmente conhecido em 1936 (sendo que o primeiro esboço data de 1933 como já aqui referimos). Como pode haver uma encomenda no ano de 1930 em que não havia nenhum edifício para construir? Erro do autor? Será que havia já um desejo expresso de que a nova igreja albergasse vitrais (numa tipologia medieval) e isso influenciou de algum modo a planta que Marcial veio a apresentar? Caso assim tenha sido, só vem confirmar o gosto da sociedade católica portuguesa à época e os ajustes que Marcial achou necessário fazer para não chocar a mesma.

Ao nível da técnica Marcial faz o melhor, e mais avançado, que podia. Como descreve André Renga: «o principal destaque no conjunto de soluções construtivas da cobertura, constituídos por uma arrojada composição tripla: uma lâmina estrutural com 21 centímetros de betão armado, uma camada isoladora com 10 centímetros de cortiça e uma superfície exterior impermeabilizante, com 5 centímetros de betão simples revestido a argamassa de cimento¹⁸¹». Quanto ao interior do edifício, é necessário ter em conta, que a igreja tal como foi programada já não chegou até nós: o altar que hoje vemos não está coerente com o que foi projectado, e que podemos confrontar nos desenhos de Marcial (fig.21) ou no documentário em depósito no ANIM¹⁸². Setenta e um anos ininterruptos de serviço religioso ao público, uma guerra civil que não chegou à cidade mas que deixou as suas marcas num edifício que era símbolo do colonialismo português (vitrais partidos (fig.22), por exemplo), imagens trasladadas de lugar (e não visíveis nos dias de hoje), órgão negligenciado e retirado do seu primitivo lugar (fig.23) onde Marcial o projectou, são factores que teremos de ter em conta na análise do edifício como um todo. Temos também de separar o que foi projectado por Marcial de Freitas e Costa e o que sofreu alterações e/ou acrescentos devido à inclusão da catedral nas Comemorações de 1940 pois nesse momento podemos falar de uma *nacionalização* da catedral¹⁸³. Do seu interior podemos concluir que foi projectada tendo em conta o meio-ambiente que a

¹⁸¹ Ferreira, André Renga Faria, *Obras públicas em Moçambique: inventário da produção arquitectónica executada entre 1933 e 1961*, Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra, 2006, Dissertação de mestrado, pág.117.

¹⁸² *Viagem de Sua Eminência O Cardeal Patriarca de Lisboa como Legado "A Latere" de Sua Santidade O Papa Pio XII*, António Lopes Ribeiro, 1944, 27 minutos. Cota 2001548-003-00-36-57-01.

¹⁸³ Se Pardal Monteiro tem um interior neogótico que pode ter escapado um pouco ao seu desejo primitivo pelo facto de ter como assessor D.Martin, logo uma pressão, Marcial vê a catedral a transformar-se num hino à Nação por conta de materiais, painéis, etc., que foram incluídos a partir dessa data. É por este motivo, em parte, que Nuno Teotónio Pereira fala em vocabulário incoerente.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

envolvia: houve uma preocupação em atenuar o calor tropical, a luz entra abundantemente, permitindo uma iluminação natural perfeita em todo o interior, sem comprometer a protecção atrás descrita; não foram projectadas esculturas, ou outro tipo de adorno para as paredes da catedral (a *Via Sacra* só seria encomendada em 1940), o olhar do fiel seria imediatamente dirigido para o altar-mor (que detinha uma imponência que hoje não conhece) devido à directriz de fuga horizontal, que sob a alçada da luz ritmada das janelas, rasgadas nos tramos, se vê potenciada culminado no vitral da abside. As capelas laterais, na nave central, só se revelam quando o observador já se encontra junto às mesmas. Houve um cuidado acrescido na aplicação da iluminação artificial devido ao facto de existir um decreto-lei do ano de 1895, que regula o uso da mesma dentro das igrejas, pois «a luz eléctrica não pode usar-se para o culto, pode iluminar mas sem efeito teatral¹⁸⁴». Marcial irá colocar apliques em bronze ao longo da nave e do transepto junto aos pilares o que produzirá outra leitura do seu interior.

Afirmamos, deste modo, que a catedral de Nossa Senhora da Conceição não é uma cópia, ou imitação, de Notre-Dame du Raincy (Nossa Senhora da Consolação). Toda a obra de Auguste Perret foi admirada por Marcial de Freitas e Costa e dela foi inspirada, mas a catedral seguiu as adaptações que o seu *arquitecto*¹⁸⁵ por bem achou fazer de modo a que o edifício não desiludisse a sociedade católica portuguesa de Lourenço Marques, mas também, que correspondesse ao seu espírito moderno e, acima de tudo, cumprisse a função para a qual era projectada.

*O Brado Africano*¹⁸⁶, a dois dias da sagração, publica um artigo de saudação ao Cardeal Patriarca, onde é descrito o programa oficial da sagração e figuras de relevo e, praticamente no fim diz: «de facto, a nova igreja não é apenas uma afirmação de fé – é ao mesmo tempo um padrão nacional a atestar o progresso e a modernização da cidade». A frase é lapidar: Lourenço Marques é uma cidade em progresso onde edifícios revivalistas, de uma linguagem já morta, não são mais bem-vindos. Lourenço Marques, também Portugal, não é bem ao gosto português, e num momento, breve, de liberdade de concepção, edificação e pensamento nasce a catedral (tal como nasceu a igreja de Nossa Senhora de Fátima de Pardal Monteiro)

¹⁸⁴ Retirado do jornal *O Evangelho*, Ano IX, n.º 399, 5 de Janeiro de 1935, Lourenço Marques.

¹⁸⁵ Que não o era.

¹⁸⁶ *O Brado Africano*, Ano XXVII, n.º 1 111, 12 de Agosto de 1944, Lourenço Marques.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu
arquitecto?

para depois sofrer um interregno de mais de uma década para novos voos modernistas.

Capítulo 4 – Do projecto à realidade.

4.1- A construção (e vicissitudes) da Catedral de Nossa Senhora da Conceição

Com a bênção da primeira pedra em 1936 inicia-se um período de construção que duraria oito anos. Jamais o seu construtor, ou a restante comunidade envolvida, pensou que levaria tanto tempo a ver a catedral concluída. O motivo que pode ser apontado para tal foi o estalar da II Guerra Mundial.

Quando a planta da nova igreja é aprovada na Câmara de Lourenço Marques em 11 de Junho de 1936 outros passos importantes são dados: é criado o Fundo da Catedral, a 26 do mesmo mês, com a importância de 500 contos (que tinham sido angariados pela Associação Católica Feminina fundada em 1932) e são feitos os preparativos para o lançamento da primeira pedra. Como refere o autor do *Guia da Catedral*:

«no mesmo dia [em que se criou o Fundo da Catedral] passou a folha de convites por mais de sessenta entidades, declarando-se que os mesmos se dirigiam também aos seus subordinados. Também foram convidados os cônsules da Itália, Bélgica, Espanha, União da África do Sul, Suíça, Suécia, Inglaterra, França, Holanda e Alemanha. Tudo estava pronto.¹⁸⁷»

No dia 28 de Junho às 10h foi celebrada missa na igreja paroquial e quando esta terminou seguiu-se uma procissão até ao terreno onde seria construída a nova igreja, o percurso foi breve pois na realidade ficavam ambas próximas uma da outra (fig.24). A multidão era grande a assistir e «numa tribuna sobranceira ao plano da igreja¹⁸⁸» o governador-geral, várias autoridades e pessoas de maior relevo da cidade de Lourenço Marques estavam presentes para ouvir o auto da Bênção. Marcial de Freitas e Costa era uma das pessoas presentes e com lugar na tribuna onde figuravam

¹⁸⁷ Santos, João Francisco dos, *Guia da Catedral de Lourenço Marques*, Imprensa Nacional de Moçambique, Lourenço Marques, 1944, pág.65.

¹⁸⁸ Idem, pág.66.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

os desenhos dos alçados principais da nova igreja. No final da leitura do auto, o Bispo, D. Rafael da Assunção, pronunciou-se:

«eu não sei avaliar, porque não sou engenheiro, a soma de cálculos que foi necessário repetir para que a construção se pudesse fazer com a possível economia, mas sei que foram cadernos cheios de números que, só de ver, davam dor de cabeça. Este trabalho colossal foi gratuitamente oferecido à igreja pelo ilustre engenheiro, a quem presto a homenagem dos meus agradecimentos, pedindo à Virgem Imaculada, sua madrinha e Padroeira da Catedral, que lhe dê em paga os seus divinos favores. Este trabalho representa uma dádiva de muita generosidade, que mais cresce ainda com a direcção da obra que tomou ao seu cuidado¹⁸⁹»

Colocada a primeira pedra dá-se início às obras e é feita a primeira encomenda de ferro que estava com chegada eminente em Novembro de 1936, mas que chegaria apenas no início de Dezembro. Em Fevereiro de 1937 *O Evangelho* menciona que estaria para breve o início das fundações. Em Agosto, o mesmo periódico, anuncia que as obras já estavam em plena actividade. Em Janeiro de 1938 as pessoas já paravam para ver os alicerces e andaimes levantados, juntamente com a azáfama de operários e mestres. Em Abril é feito um peditório pela Associação Católica Feminina para custear as obras. Em troca do donativo as senhoras colocavam no peito um cartãozinho com a miniatura do projecto da futura catedral. Em Julho é feito um peditório para a imagem de Nossa Senhora. Várias casas de comércio e empresas participam dando um vislumbre do cosmopolitismo da cidade, pois *O Evangelho* nomeia um a um os doadores e respectivas quantias recebidas pela Associação Católica Feminina.

No ano de 1938 é criada na metrópole, em 28 de Outubro, a Comissão Nacional dos Centenários que tem como objectivo a organização das comemorações do Duplo Centenário da Nacionalidade que teriam lugar em 1940. Neste sentido, o governador-geral Nunes de Oliveira, sugere a integração da igreja, catedral, nestas comemorações.

¹⁸⁹ Santos, João Francisco dos, *Guia da Catedral de Lourenço Marques*, Imprensa Nacional de Moçambique, Lourenço Marques, 1944, pág.70.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

É então criada, a 2 de Novembro do mesmo ano em Lourenço Marques, uma comissão, da qual faz parte Marcial de Freitas e Costa, com o objectivo de organizar um programa passível de ser concretizado para o ano de 1940. A conclusão da catedral é colocada para esse ano. *O Evangelho*, no ano de 1939, comenta a possibilidade de ser o Cardeal Patriarca a sagrar a mesma. Com a inclusão da catedral no programa das Comemorações é aprovado um orçamento que permitisse a conclusão da mesma e «que permitiu embelezar a igreja com obras de arte, que não figuravam no plano primitivo¹⁹⁰». Em carta recebida por Marcial de Freitas e Costa (doc.3) datada de 26 de Fevereiro de 1939, D. Teodósio refere que:

«não devemos arrefecer perante a recusa do Sr. Gov. Geral. Sua Ex.^a em carta que recebi há dias pareceu-me estar disposto a ir até um subsídio maior de 3.000 contos. Falei ao Sr. Ministro da Colónias [Francisco Vieira Machado] que se manifestou benévolo, mas não quis prometer, antes de receber a proposta d'aí e pede a planta da Igreja. Seria bom se V. Ex.^a pudesse obter algumas cópias. Mas boas e bonitas para lhe mandar em meu nome ou da Prelazia. Entendo porém que não devemos recusar o subsídio dos 3.000 contos e que seria bom envidar todos os esforços para levar a obra a cabo dentro dessa verba.»

É neste ano, de 1939, que surge pela primeira vez um saldo negativo no Fundo da Catedral mesmo com o subsídio, proveniente do governo, de 1000 contos, correspondentes aos anos de 1938 e 1939 e que são acusados na folha do Fundo da Catedral a 12 de Setembro (doc.4).

Com este subsídio, cujo valor ascendeu a 4000 contos posteriormente, começavam as melhorias no programa decorativo da futura catedral - que era depurado no projecto original - mas começavam também os dissabores para o seu projectista e construtor, dá-se início ao que designámos de *nacionalização* da catedral. A partir de Lisboa começaram a vir pedidos constantes de esclarecimentos e ordens discordantes ao que Marcial de Freitas e Costa tinha projectado. O autor do livro *Guia da Catedral*, o cónego João Francisco dos Santos que se encontrava no Patriarcado, é quem se entrepõe face aos trabalhos que estavam a decorrer na catedral. Dos documentos que até nós chegaram, podemos verificar que houve tensão entre

¹⁹⁰ Dirá Marcial de Freitas e Costa numa entrevista concedida ao jornal *Diário da Manhã*, Ano XIV, n.º 4820, 3 de Outubro de 1944, Lisboa.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

Marcial e o cónego Santos. Marcial escreve a D. Teodósio a 26 de Junho de 1940 (doc.5) dizendo:

«não posso concordar em que a parte artística dos acabamentos interiores fique entregue exclusivamente à orientação e decisão do cónego Sr. Dr. Santos – por muito grande que possa ser a sua competência artística; julgo ter direito, pelo menos, a ser consultado antes de se tomar sobre o assunto resoluções definitivas.»

Mas a resposta que mais evidencia o amargo das relações é dada por Marcial em carta datada de 31 de Maio de 1940 endereçada a Francisco dos Santos (doc.6) onde escreve:

«entendo que se não deve estar a regatear o preço das imagens e das obras de arte. Se não pretendêssemos obras de arte, teríamos recorrido aos canteiros de Braga e teríamos gasto muito menos, mas ficaríamos pior servidos. Poupar, não é cortar a torto e a direito, mas apenas não gastar aquilo que não é necessário.»

A relação entre ambos já tinha azedado em poucos meses ao fim de algumas missivas trocadas. Cremos que houve uma clara tentativa de afastar Marcial do projecto, e das decisões que se tomavam nesse sentido, por parte de Francisco dos Santos. A última carta, datada de 21 de Julho de 1940 (doc.7), endereçada a D. Teodósio Clemente mostra o desagrado e frustração de Marcial face a todo o processo (os mármore para os altares eram o que o cónego Santos pretendia, sem preocupação de enviar amostras antecipadamente, o que levou ao cancelamento da encomenda já embarcada para Lourenço Marques e composta de azulino, que não era o pretendido):

«não posso, de modo algum, conformar-me com a maneira como todo este assunto, de capital importância, foi tratado, nem que não houvesse a atenção de nos consultarem, como se recomendára (sic), antes da remessa d'aquilo com que contávamos para embelezamento d'uma obra a que tenho o meu nome tão estreitamente ligado.»

Como tudo foi resolvido, posteriormente, não temos documentação que nos revele, no entanto o azulino aparece pontualmente no altar-mor associado com outros tipos de mármore todos vindos da firma Pardal Monteiro, Lda.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

O lambrim que percorre toda a catedral é marianela, pedra que também surge na igreja de Nossa Senhora de Fátima de Pardal Monteiro. Na documentação que chegou até nós surge um desenho de um lustre com traços revivalistas (neomanuelino) (fig.25) desenhado por António Maria Ribeiro. Nunca saiu do papel, pois Marcial jamais tinha projectado um projecto revivalista. Cartas ou telegramas trocados não chegaram até nós para nos esclarecer como todo o assunto foi tratado, resta-nos a entrevista que deu ao jornal *Notícias, Diário da Manhã* onde se pronuncia assim: «a iluminação da Igreja será toda indirecta, sem candelabros¹⁹¹ [lustres]», o que revela que já teria havido vontade de que fossem incluídos na decoração da catedral. É um facto que Notre-Dame du Raincy, de Perret, tem no seu interior vários lustres revivalistas e que na igreja projectada por Pardal Monteiro também os podemos encontrar, no entanto, no caso da catedral esse tipo de lustre nunca foi aplicado.

Vários artistas portugueses são chamados a fazer parte do projecto decorativo da catedral: António Maria Ribeiro (ourives e cinzelador), Leopoldo de Almeida (escultor), Simões de Almeida (escultor), Frederico Ayres (pintor). No início todas as imagens pensadas (cinco no total) para integrarem os altares, foram dadas a executar ao escultor Simões de Almeida, no entanto, e como explica Marcial em carta de 18 de Janeiro de 1943 (doc.8) e o livro *Guia da Catedral* o confirma, um ano após o contrato¹⁹² duas imagens foram canceladas (Sagrado Coração de Jesus e Nossa Senhora de Fátima) devido à falta de dinheiro para tal. A encomenda tinha a importância final de 250 contos (cada imagem ficaria a 50 contos). Será Simões de Almeida a executar o Sagrado Coração e Leopoldo de Almeida o escultor da imagem de Santa Filomena (oferta da esposa do Ministro das Colónias em homenagem à viagem presidencial de 1939).

¹⁹¹ *Notícias, Diário da Manhã*, Ano XVII, n.º 4 896, 4 de Junho de 1942, Lourenço Marques.

¹⁹² Existe correspondência trocada entre Marcial de Freitas e Costa e Simões de Almeida que revela um desentendimento sobre o que se pretendia executar. Ao que parece, Marcial terá pedido cotações para imagens, altares e sacrário, mas algo correu mal e Simões de Almeida acabou por interpretar, após missivas que não chegaram até nós e das quais só temos referência naquelas que chegaram, que havia um aumento da sua proposta ao nível de trabalho a executar e que o mesmo não se verificava no aumento de recebimentos, para além de outras cláusulas discutidas no contrato que não estariam de acordo e vontade do escultor. Essas missivas datam do ano de 1940, uma de Fevereiro e outra de Junho onde Marcial reconhece a perda de oportunidade devido a tudo já se ter resolvido, mas onde clarifica a situação. O contrato terá sido celebrado a 13 de Abril com a situação entretanto resolvida. Conferir: Santos, João Francisco dos, *Guia da Catedral de Lourenço Marques*, Imprensa Nacional de Moçambique, Lourenço Marques, 1944, pág. 122 e 126.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

Durante o ano de 1940 sempre se pensou que a catedral seria sagrada a 8 de Dezembro. Tal não veio a acontecer devido, principalmente, à falta dos vitrais e vidros coloridos que permitiam concluir as obras. Os vitrais ficaram retidos na Holanda devido à invasão desta por parte da Alemanha no ano de 1939. Os procedimentos diplomáticos, então accionados ao mais alto nível, ainda trouxeram a esperança que a sagração se mantivesse para o ano de 1940. Apenas no ano de 1943 é que os caixotes, contendo os vitrais e os caixilhos correspondentes, foram acondicionados em vagões alemães rumo a Lisboa. Os vitrais vieram no *Munique* e os caixilhos no *Breslau*, fazendo transbordo na Catalunha¹⁹³. Uma vez chegados a Lisboa embarcaram no *Mouzinho* e chegaram a Lourenço Marques na última quinzena de Agosto de 1943. Há referências, tanto no semanário *O Evangelho*¹⁹⁴ como no *Guia da Catedral*¹⁹⁵, que a viagem causou estragos, o que obrigou a uma intervenção, sendo que tal foi moroso pois «o meio era falho de artistas», como refere o semanário religioso. Não existem pormenores do que foi intervencionado.

Os bronzes da *Via Sacra* encomendados a Leopoldo de Almeida e cinzelados por António Maria Ribeiro, só chegaram a Lourenço Marques em finais de Outubro de 1943, quatro anos depois de terem sido encomendados. O motivo para o atraso é explicado por excesso de trabalho para o ano de 1940 (deviam ter sido entregues em Junho desse ano) e falta de material para o mesmo, o que veio a encarecer o valor estipulado de 140 contos¹⁹⁶ no contrato.

Da entrevista dada por Marcial no ano de 1942 ao jornal *A Voz*, e as entrevistas posteriores, no ano de 1944, ao mesmo jornal e ao *Diário da Manhã*, podemos verificar que no ano de 1942 as alterações feitas ao projecto primitivo foram consistentes até ao ano da sua sagração: a inclusão da *Via Sacra*, a alteração do padrão dos portões (os principais mantiveram as cruzes de Cristo e os losangos, mas acrescentou-se uma açucena estilizada, símbolo de Nossa Senhora Imaculada; o do baptistério terá dois veados a beber água (fig.26); o do coro terá aves canoras, tudo da mão de António Lino), o átrio ficará com um lambrim em mármore azulino, o baptistério será revestido a mármore verde de Viana, a pia baptismal será da autoria

¹⁹³ *O Evangelho*, Ano XVII, n.º 819, 28 de Janeiro de 1943, Lourenço Marques; *O Evangelho*, Ano XVII, n.º 827, 25 de Março de 1943, Lourenço Marques.

¹⁹⁴ *O Evangelho*, Ano XVIII, n.º 868, 13 de Janeiro de 1944, Lourenço Marques.

¹⁹⁵ Santos, João Francisco dos, *Guia da Catedral de Lourenço Marques*, Imprensa Nacional de Moçambique, Lourenço Marques, 1944, pág.128-129.

¹⁹⁶ *O Evangelho*, Ano XVII, n.º 850, 9 de Setembro de 1943, Lourenço Marques.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

de Leopoldo de Almeida e cinzelada por António Maria Ribeiro e não o que Marcial teria proposto inicialmente (fig.86), a catedral terá um lambrim que a percorre em mármore marianela abandonando o despojamento inicial (apenas betão armado), o chão será de mármore de Lioz e não granulito. A capelinha de Nossa senhora de Fátima dará lugar à de Santa Filomena (em honra da visita presidencial do ano de 1939).

Resta referir que o mobiliário que se encontra no seu interior, bancos e confessionários, onde se optou pelo uso de linhas rectas (fig.28) (lembrando arte Deco), foram feitos por um funcionário dos caminhos-de-ferro: João dos Santos. Vemos surgir seis propostas revivalistas (figs.29 a 31) para o que supomos ser cadeiras presidenciais (carimbadas pela firma P, Santos Gil de Lourenço Marques) e que foram abandonadas em favor das que hoje lá se encontram e restante mobiliário (fig.32). Julgamos que o desenho para os mesmos tenham sido da autoria de Marcial, devido às linhas depuradas, e a execução de João dos Santos, com a ajuda do contra-mestre Júlio de Matos. Estes dois funcionários são mencionados na entrevista dada por Marcial ao *Diário da Manhã*¹⁹⁷. Setenta e um anos depois, com missas a decorrer todos os dias, os bancos com genuflexória ainda não mostram sinais de degradação, apenas de uso.

Os relógios que se encontram na torre sineira – quatro mostradores de estilo moderno em numeração romana (fig. 33) – foram encomendados à Suíça, à firma J.G. Baer, mas a encomenda afundou-se com o navio *Ganda*¹⁹⁸ a 20 de Junho de 1941, sendo, por isso, os que hoje lá se encontram a segunda encomenda feita à mesma firma. A esta firma estava também encomendada a produção dos vinte e três sinos para a torre, mas a encomenda acabou por ser abandonada a favor da Casa Rebelo da Silva, uma das mais antigas e conceituadas do país com oficina em Braga,

¹⁹⁷ *Diário da Manhã*, Ano XIV, n.º 4 820, 3 de Outubro de 1944, Lisboa.

¹⁹⁸ O navio *Ganda* foi o segundo navio português a ser afundado no ano de 1941 (sendo quatro no total). O seu afundamento por um submarino de nacionalidade desconhecida causou um grande impacto na opinião pública de então devido ao facto de que o escaler com quarenta náufragos a bordo esteve desaparecido durante quatro dias tendo reaparecido, posteriormente, junto a Huelva quando já tudo se julgava perdido. Existe documentação na Torre do Tombo sobre este grave incidente onde existem relatos do que se terá passado, entre o Ministro da Marinha e Oliveira Salazar, como também uma declaração feita pelo Adido Naval da Embaixada Britânica em que se apressa a informar o governo português que à data do incidente nenhum navio britânico se encontrava na zona. Sabe-se hoje que o submarino era de nacionalidade alemã e que se tratou de um erro que a Alemanha sempre tentou camuflar. Conferir: Silva, Ricardo, *Navios Portugueses afundados durante a II Guerra Mundial. As perdas de um «Neutral»*, em linha.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

devido aos transtornos que a guerra causava na obtenção de materiais, nos transportes, etc. Dos vinte e três sinos, dezassete têm imagens em relevo e inscrições correspondentes, sendo eles: sino de Nossa Senhora; sino de Cristo-Rei; sino do Sagrado Coração de Jesus; sino do Santíssimo Sacramento; sino de Nossa Senhora de Fátima; Sino de S. José; sino de S. Paulo e S. Pedro; sino de S. João Baptista; sino de S. Jorge; sino de S. Francisco Xavier; sino de Santa Isabel; sino de S. João de Deus; sino de Santo António; sino de Santa Teresinha; sino da Beata Joana; sino do Beato João de Brito e sino do Beato Nuno. Todas figuras religiosas ligadas à História de Portugal e às Missões. Todos os sinos têm inscrito o ano (1940), a marca da fábrica e o número de fabrico, que começa no número 5041 e vai até ao 5067. Os sinos foram projectados para funcionar em conjunto com o relógio, tocando a melodia escolhida (Ave Maria de Lurdes) às 6h, 12h e 18h¹⁹⁹.

O órgão eléctrico Hammod veio dos Estados Unidos da América, e era o último modelo à época.

Tal como o jornalista do jornal *A Voz* escreveu:

«[Marcial] nada lhe esqueceu. Todos os recursos de que a técnica dispõe, todos os cuidados que a vida moderna aconselha foram mobilizados para erguer e dotar a catedral de beleza, segurança e comodidade. A arte e a ciência devem servir a Deus, constituir actos de adoração²⁰⁰».

O que é verdade se tivermos em conta todos os pormenores colocados no interior da catedral: o Celotex²⁰¹ para a acústica do edifício, uma vez que este era em betão armado e a reverberação é elevada, os microfones nos púlpitos e na capela-mor tal como altifalantes (fig.34) para que toda a liturgia pudesse ser ouvida em excelentes condições ao longo de todo o edifício, a iluminação eléctrica espalhada indirectamente por lampadários de bronze ao longo das colunas, a própria iluminação da torre e da cruz²⁰² foi algo de pioneiro para a época (fig.35). Na catedral de Lourenço Marques tudo foi inovador: o projecto, os materiais de construção, a

¹⁹⁹ Hoje em dia tal já não acontece, pois o relógio não se encontra em funcionamento apresentando mesmo sinais de degradação.

²⁰⁰ *A Voz*, Ano XVIII, n.º 6229, 13 de Julho de 1944, Lisboa.

²⁰¹ Este Celotex é descrito por Marcial como sendo de cor creme e com faixas doiradas. Hoje em dia a cor encontra-se ligeiramente diferente e as faixas doiradas não são visíveis de todo.

²⁰² A torre era, também ela, iluminada indirectamente, e a cruz que a encimava foi deixada com uma cor azulada, de cor lunar como é referida por um jornalista.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

tecnologia utilizada tanto na construção em si, como a que foi implementada no seu interior para comodidade dos fiéis. Marcial de Freitas e Costa deixou, nesta capital outrora portuguesa, uma marca incontornável de arquitectura moderna, que ele tão bem soube compreender o espírito, recorrendo a referências arquitectónicas que admirava: a obra de Perret.

4.2- O programa imagético

No projecto primitivo de Marcial de Freitas e Costa tudo era depurado e substanciado ao essencial, como o espírito moderno exigia e juntamente a falta de recursos financeiros. Podemos afirmar que a encomenda dos vitrais com a sua iconologia presente nas figuras e temas escolhidos foi o passo que principiou a regular tudo o que adviria²⁰³. Consagrada a Nossa Senhora da Conceição por ser a padroeira de Portugal e da cidade de Lourenço Marques tudo o resto é um hino à afirmação da nacionalidade e à importância histórica da missão portuguesa no Mundo.

Necessidade de afirmação num período muito conturbado a nível mundial (com a II Guerra Mundial) o programa imagético é prolixo em figuras e carregado de simbolismo que se entrelaça de várias maneiras. No ano de 1936, Marcial Freitas e Costa, colocou na memória descritiva da sua igreja (depois catedral) duas capelinhas, sendo que uma delas estava desde logo destinada ao Santíssimo Sacramento (lado esquerdo), o resto estava em aberto. Pensou-se que a segunda capelinha seria consagrada a Nossa Senhora de Fátima, mas acabou por ser concedida a Santa Filomena, sendo a estátua uma oferta da esposa do Ministro das Colónias, Francisco Vieira Machado, em memória da visita presidencial ocorrida no ano de 1939.

Passando pela propaganda do simbolismo de ligação constante entre artistas e materiais vindos da metrópole como o jornal *Notícias* nos demonstra:

²⁰³ O que queremos realçar é o programa imagético que sobrevaloriza a missão missionária, e civilizadora, de Portugal e do qual a catedral está carregada.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

«os portões que se abrem para nos introduzir no pórtico, os mármorees que pisamos, os lambris que todos admiram, os mármorees que povoam o grandioso templo, nasceram em terra portuguesa, foram trabalhados por artistas portugueses, viajaram até Lourenço Marques à sombra da bandeira das quinas²⁰⁴.»

Temos um programa iconológico que passa pelos vitrais, pelos painéis e pela estatuária que reafirma o papel de Portugal na história universal desde os Descobrimentos e a sua ligação íntima com a Igreja, relação essa que o Estado Novo reatava com o maior vigor no ano de 1940 com a assinatura do Acordo Missionário e da Concordata. Para além da iconografia mariana e da vida de Cristo o resto foi pensado para exaltar Portugal. Começando pelos vitrais: temos a representação no corpo central da abside de Nossa Senhora da Conceição (Imaculada Conceição), por cima desta a Santíssima Trindade com a legenda *electa mea, candida sicut nix* (a minha escolhida é cândida como a neve), por baixo de Nossa Senhora temos Eva a colher o fruto proibido da Árvore do Bem e do Mal fazendo a ligação para a Nova Eva que é Maria (fig.36). Ainda na abside, do lado direito, temos um vitral que tem por tema S. José, que se encontra ao centro, por cima está a visão do anjo, em sonho, que sossega S. José, por baixo de tudo está representado o casamento da Virgem Maria e S. José (fig.37). Do lado esquerdo, ainda na abside, temos um vitral que tem por tema Santo António (central) (fig.38) pertencente à Ordem Franciscana que por ser português tem um enorme destaque, por cima de si tem João Duns Escoto (Duns Scoto) figura da Ordem Franciscana, grande pensador medieval, sendo o primeiro na Universidade de Paris a defender o Dogma da Imaculada Conceição. Por baixo de Santo António temos o rei D. João IV diante das cortes, defendendo este dogma, uma vez que foi ele quem proclamou Nossa Senhora da Conceição a padroeira de Portugal a 25 de Março de 1646.

Do lado do Evangelho (esquerdo) temos três tiras de vitrais: ao centro temos S. Francisco Xavier (fig.39), fundador da ordem dos jesuítas e considerado o Apóstolo do Oriente, por cima dele encontra-se uma nau portuguesa relembrando os Descobrimentos e a missão evangelizadora portuguesa, por baixo encontramos S. Francisco na Ilha de Moçambique; do lado direito deste vitral descrito temos o Beato Inácio de Azevedo (fig.40), missionário do Brasil, ao centro da composição, por cima temos o Beato ajoelhado junto ao Papa São Pio V (figura determinante para que

²⁰⁴ *Notícias, Diário da Manhã*, Ano XIX, n.º 5 504, 14 de Agosto de 1944, Lourenço Marques.

se conseguisse a vitória na Batalha de Lepanto contra os Turcos) entregando-lhe um quadro da Madona della Scala (a quem confiava o sucesso da sua missão), por baixo vemos representado o seu martírio às mãos dos huguenotes (nas Canárias) junto com os seus trinta e nove companheiros que seguiam no barco rumo ao Brasil; no vitral do lado esquerdo temos o Beato São João de Brito (central) (não dispomos de imagem) missionário da Ordem dos Jesuítas passou doze anos em missão na Índia regressando a Portugal por um breve período de tempo e regressando de novo para a Índia onde veio a falecer, por cima temos São João de Brito na corte de D. Pedro II relembrando a sua condição de nobre, por nascimento, como o facto de ter sido conselheiro de D. Pedro e tutor do seu filho, em baixo temos a representação do seu martírio na Índia onde foi degolado.

No lado da Epístola (direito) (não dispomos de nenhuma imagem) temos um vitral, ao centro, com Santa Teresa de Ávila, figura central, a reformadora da Ordem do Carmo (ou Carmelo), em baixo e em cima são descritas as visões que a santa teve e se ligam com a história de Portugal: uma é derrota na Batalha de Alcácer-Quibir que fez Portugal mergulhar numa crise e dois anos depois ser tomado pela coroa espanhola dando início à Dinastia Filipina, a outra visão é o prenúncio da morte do Beato Inácio de Azevedo que viajava para o Brasil junto com os seus trinta e nove companheiros. Do lado esquerdo temos um vitral dedicado à Santa Teresa de Lisieux (Santa Teresinha) da Ordem das Carmelitas Descalças, na parte de cima está Santa Teresa lançando rosas de graça sobre a terra; em baixo estão representados os Mártires do Uganda²⁰⁵ relembrando a barbárie das populações autoctónes anteriores à evangelização; do lado esquerdo temos um vitral com a figura central de Nuno Álvares Pereira, ao cimo vemo-lo a tomar o hábito na presença da corte, e em baixo é representada a sua morte no Convento do Carmo, que mandou erguer em Lisboa, rodeado de seus companheiros.

No conjunto total dos vitrais temos referências a santos, e beatos, e acontecimentos desde o século XIII (Santo António) até ao século XIX (Santa Teresinha²⁰⁶) mostrando que o trabalho de evangelização dos missionários nunca se esgota, sendo esse o principal propósito da Igreja ao longo dos séculos e no qual Portugal teve, e na

²⁰⁵ Acontecimento passado já em finais do século XIX.

²⁰⁶ Santa Teresa de Lisieux foi canonizada no ano de 1923 por Pio XI, se tivermos em conta que a mesma faleceu no ano de 1897 podemos afirmar que foi um processo muito rápido por parte do Vaticano.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

leitura da catedral, *tem* nesse plano da História. Seguem-se os painéis de Frederico Ayres que retoma o tema do Beato Nuno Álvares Pereira, o Santo Condestável, figura importante na história militar de Portugal face à opressão espanhola, representante da afirmação da nacionalidade (está representada a Batalha de Valverde com o Beato em oração) e que viria a tornar-se um religioso da Ordem do Carmelo, mandando erguer o Convento do Carmo por promessa cumprida. No painel que representa a morte do Beato Nuno, ocorrida no convento que mandara construir, o pintor tem uma excelente oportunidade de reproduzir o gosto estético historicista que domina no Estado Novo: a época medieval com travos de saudosismo, representante de uma época áurea que se tenta a todo o custo recuperar. Faz representar, também, o Infante Dom Henrique de espada à cintura relembrando, mais uma vez, ao observador esse passado glorioso.

O outro tríptico faz menção a D. Gonçalo da Silveira, missionário em Goa e em Moçambique onde sofreu o martírio em 1561, por estrangulação, depois de ter convertido o rei - ou como lhe chamavam os colonizadores: régulo (pequeno rei) – do Monomotapa.

O programa incide em figuras importantes da missionação, em diferentes épocas, que se cruzam com territórios que pertencem a Portugal, como é o caso de Moçambique, engrandecendo deste modo a nossa História e colocando Portugal num lugar chave de uma longa narrativa.

A estatuária complementa a leitura: no altar-mor temos a Nossa Senhora da Conceição, do lado esquerdo temos S. Francisco Xavier, do lado direito Santa Teresa de Lisieux.

As capelinhas ficaram consagradas ao Sagrado Coração de Jesus e a Santa Filomena.

4.3- Os vitrais

Os vitrais que decoram a abside e o transepto foram encomendados à firma Smeets, Herfst e Co. de Maastrich (Holanda). A data certa da encomenda é desconhecida, mas é possível balizá-la no ano de 1937 uma vez que o projecto da igreja/catedral já se encontrava deferido e já havia algum fundo de maneio. Porque motivo foram encomendados à Holanda e não a Portugal à oficina Ricardo Leone²⁰⁷? É uma pergunta pertinente, sendo talvez a resposta mais provável o facto de terem sido encomendados antes da inclusão da catedral nas Comemorações e, por esse facto, se ter recorrido ao que estava mais perto, neste caso o mais perto eram as ligações privilegiadas que Moçambique mantinha com o seu país vizinho: a União Sul- Africana. Marcial de Freitas e Costa viajava com frequência até Joanesburgo por motivos profissionais sendo que o cargo que ocupava nos C.F.L.M. também lhe permitiria ter contactos privilegiados em vários lugares. Deste modo surge a encomenda dos vitrais à Holanda, por intermédio da firma Breyner & Wirth, Limitada²⁰⁸ presente em ambos os países com ligações ao resto do globo. Pelo que podemos retirar das fontes parece-nos que não houve nenhuma tentativa de procurar outra firma que elaborasse os vitrais, sendo que a firma holandesa foi a primeira e única escolha para a encomenda. O programa iconológico celebra a padroeira da catedral, Nossa Senhora da Conceição, e o restante incidiu sobre a missionação portuguesa fazendo alusão a várias figuras como Santo António e Beato Nuno Álvares. Quem terá pensado no programa iconológico não sabemos, no entanto existe uma carta (doc.9), sem data, redigida pela mão do Director das Missões Religiosas para a firma Breyner & Wirth (intermediária da firma holandesa) em que dá a aprovação para os desenhos centrais da abside.

No ano de 1939 toda a encomenda estava pronta para embarque rumo a Lourenço Marques via Lisboa, no entanto a Alemanha invade a Holanda e foram necessários

²⁰⁷ A oficina Ricardo Leone ficava em Lisboa, na Rua da Escola Politécnica, fabricava vitrais, alguns dos quais patentes no restauro da Sé de Lisboa. Detentora também de vários prémios.

²⁰⁸ Firma que se designa como: comerciantes, agentes de navegação, de expedição e de seguros, etc.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

quatro anos e muita diplomacia por parte de Portugal para fazer sair os mesmos do país invadido. Não existe documentação que nos revele o que se passou, sabemos apenas que foi tratado ao mais alto nível. No ano de 1943 chegam finalmente ao seu destino mas veem danificados e é necessário repará-los o mais rápido possível para se proceder à colocação e poder sagrar a catedral. Sabemos que a reparação foi demorada, *O Evangelho* assim o relata, devido à falta de artistas. Não sabemos o que foi recuperado. A seguir à independência de Moçambique, devido aos conflitos inerentes ao processo de descolonização, a catedral foi sujeita a actos de vandalismo e os seus vitrais sofreram consequências (fig.23) pois todo o edifício representava um passado que queria ser esquecido. No entanto a partir do ano 2000 houve a preocupação de restaurar o que estava danificado, sendo que a catedral nunca parou de servir a comunidade católica, e os vitrais foram sendo recuperados, pelo menos os mais emblemáticos como foi o caso da abside. As partes que foram recuperadas têm a cor mais clara para se distinguirem do restante original. Em termos de soluções estéticas, os vitrais parecem seguir uma imagem arcaizante, em feições e panejamentos, mais próxima das soluções medievais e longe de soluções mais modernas como Almada Negreiros encontrou para a Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, não sabemos se por exigência das Missões Católicas ou tradição da própria oficina que as produziu.

4.4- Bronzes: A Via-Sacra.

São catorze os bronzes presentes ao longo das paredes da catedral ilustrando em baixo-relevo a Paixão de Cristo. Trabalho conjunto de dois artistas: o escultor Leopoldo de Almeida (1898-1975) que projectou toda a iconografia a ser representada em cada estação, e do ourives António Maria Ribeiro (1889-1962) que as cinzelou. Foram encomendados primeiramente para serem entregues em Junho de 1940 a tempo de inaugurar a catedral nas Comemorações do Duplo Centenário, como nos é revelado pelo jornal *O Evangelho*, mas que chegariam à mesma apenas no ano de 1943. O excesso de trabalho com que os artistas se viram confrontados com a

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

elaboração da Exposição do Mundo Português foi um dos motivos (doc.10 e 11), ao qual se junta o eclodir da II Guerra Mundial que fez escassear e elevar os preços das matérias-primas. *O Evangelho* explica deste modo o sucedido:

«o preço estipulado foi de cento e quarenta mil escudos. E como o prazo de entrega foi marcado o mês de Junho de 1940, cláusula que não foi cumprida, e que acarretou um acréscimo de despesa, para o arcebispado, na importância de vinte mil escudos, pagos a mais do que o estabelecido, sendo aliás, da inteira responsabilidade daqueles artistas se à data da entrega da obra nem tão pouco tinham adquirido o bronze bastante para o seu trabalho²⁰⁹.»

Estas catorze estações não faziam parte do projecto inicial de Marcial de Freitas e Costa (como pudemos verificar pela memória descritiva que apresentou, nem surge em nenhum desenho feito pela sua mão espaço para as mesmas) sendo que foram acrescentadas posteriormente quando se deu a inclusão - oficialmente no ano de 1938 - da catedral nas Comemorações e se deu o momento que designamos de *nacionalização* da catedral, aliás, o escultor Leopoldo de Almeida fez igualmente trabalhos para a Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima da autoria de Pardal Monteiro²¹⁰. Francisco dos Santos refere que:

«conheci Leopoldo de Almeida pelas suas obras na Exposição do Mundo Português e na Senhora de Fátima, em Lisboa. Conheci-o depois pessoalmente e admirei o entusiasmo com que recebeu a ideia de esculpir a sua Via-Sacra. Iniciou imediatamente o estudo dos melhores autores sobre a maior tragédia da história: a morte de um Deus pregado na Cruz.²¹¹»

O mesmo autor (*Guia da Catedral de Lourenço Marques*) refere, com certeza por lapso, que entregou a encomenda a Leopoldo de Almeida a 9 de Outubro de 1940 com a devida autorização superior²¹². Como já observámos, por outra fonte, e tendo em conta todo o contexto, não é credível esta data para a encomenda. O que se retira desta informação é o facto de ter sido a encomenda autorizada, ao que nos leva a

²⁰⁹ *O Evangelho*, Ano XVII, n.º 850, 9 de Setembro de 1943, Lourenço Marques.

²¹⁰ Virgem aparecida aos Pastorinhos; Ressurreição de Lázaro e um S. João Baptista são de sua autoria.

²¹¹ Santos, João Francisco dos, *Guia da Catedral de Lourenço Marques*, Imprensa Nacional de Moçambique, Lourenço Marques, 1944, pág.133.

²¹² Opus Cit.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

crer, pelo próprio Cardeal Cerejeira, uma vez que o Cónego Francisco dos Santos se encontrava no Patriarcado de Lisboa.

Em Setembro de 1941 *O Evangelho*²¹³ refere que estiveram presentes na Rua Garret, no salão do escultor e cinzelador António Maria Ribeiro, as referidas peças, as quais foram apreciadas presencialmente pelo Cardeal Cerejeira.

Nas estações representadas podemos encontrar: Jesus é condenado (Ecce Homo)(não dispomos de imagem); Jesus carrega a Cruz (fig.41); Jesus cai pela 1ª vez (fig.42); Jesus encontra as mulheres (fig.43); Jesus é ajudado por Simão Cirene (fig.44.); Verónica limpa o rosto de Jesus (fig.45); Jesus cai pela 2ª vez (fig.46); Jesus encontra a sua mãe Maria (fig.47); Jesus cai pela 3ª vez (não dispomos de imagem); Despojamento das vestes (fig.48); Jesus é pregado à Cruz (fig.49); Jesus Crucificado (fig.50); Cristo morto ao colo de sua mãe (Pietà) (fig.51) e Jesus sepultado (não dispomos de imagem). Ao gosto oficializado da estética do Estado Novo, os bronzes revelam corpos de grande perfeição e detalhe anatómico, imponentes de tendência classicista, e como refere José-Augusto França: estáticos. O próprio artista foi um dos mais produtivos durante o Estado Novo; aluno brilhante tanto a desenho, onde foi discípulo de Luciano Freire, como a escultura estatuária onde teve como mestre Simões de Almeida (Sobrinho) sendo que passou por Roma e Paris, cidades onde aprofundou os seus conhecimentos²¹⁴ que sempre penderam para o gosto clássico em detrimento de outras correntes. Ganhou inúmeros prémios, entre eles o prémio “Soares dos Reis” do S.P.N. no ano de 1940. Fez carreira como professor na E.S.B.A.L.

António Maria Ribeiro, produtivo entre a cidade do Porto e Lisboa, com obra extensa, presente em vários países, e de capital importância na ourivesaria portuguesa²¹⁵, de gosto mais revivalista (neogótico e neomanuelino) mas onde também podemos encontrar peças de Art Déco no seu extenso trabalho, tratou de passar os moldes de barro (figs.52 a 59) para peças majestosas de bronze cinzeladas

²¹³ *O Evangelho*, Ano XV, N.º 749, 18 de Setembro de 1941, Lourenço Marques.

²¹⁴ Conferir: Faria, Alberto Cláudio Rodrigues, *A Coleção de Desenho Antigo da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa (1830-1935): tradição, formação e gosto*, Lisboa, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2008, Vol.III, Dissertação de mestrado.

²¹⁵ Para compreender a extensão da vida e obra deste ourives e cinzelador consultar: Trancoso, Teresa Maria Pinto, *António Maria Ribeiro, Cinzelador, Ourives, Escultor e Desenhador Portuense (1889-1962)*, Porto: Universidade Católica, 2011.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

na perfeição de detalhes com as medidas de 1,80mx0,80m. Os bronzes chegaram a Lourenço Marques em Outubro de 1943 e são imediatamente colocados, pois *O Evangelho*²¹⁶ faz menção à visita do Arcebispo Teodósio Clemente, e outras figuras de capital importância, no mês de Novembro para apreciação das obras.

Presentemente os bronzes encontram-se intactos nas paredes da catedral, nada sofreram com o passar dos anos, apenas sendo desejável uma limpeza profunda dos mesmos (ao nível da Conservação) pois a beleza do bronze e de todos os detalhes encontra-se escondida por camadas de pó acumulado ao longo de setenta anos como se pode ver por comparação (figs.45 e 52).

4.5- Os painéis

Frederico Ayres (1889-1962) diplomou-se na E.S.B.A.L. Fez parte da Sociedade Silva Porto (criada em 1900) que mais tarde passou a designar-se de Grupo Ar Livre sendo que no ano de 1927 o mesmo passou definitivamente a Grupo Silva Porto. No seu percurso artístico reflecte-se uma recusa pelas tendências modernistas (acompanhando o ritmo da sociedade portuguesa) e uma clara opção pela linguagem estética de oitocentos num arrastado naturalismo em sucessivas pinturas de paisagem.

Conforme nos relata a autora Alda Costa²¹⁷, no ano de 1941 o pintor é designado pelo Ministério de Instrução para ir dar aulas de Pintura Decorativa na Escola Técnica de Lourenço Marques. Da sua presença, nessa cidade onde viria a falecer, fica o registo de que teve actividade no Núcleo de Arte²¹⁸ do qual foi presidente da

²¹⁶ *O Evangelho*, Ano XVII, n.º 859, 11 de Novembro de 1943, Lourenço Marques.

²¹⁷ Costa, Alda, *Arte em Moçambique: Entre a construção da nação e o mundo sem fronteiras, 1932-2004*, Verbo, Lisboa, 2013.

²¹⁸ Como refere Alda Costa, o Núcleo de Arte foi criado no ano de 1936 tendo como objectivo difundir e promover a arte, ajudar os artistas, moral e materialmente, estabelecer o intercâmbio artístico com a metrópole trazendo artistas, organizar exposições, sendo que havia também o desejo de criar um museu de arte com espaço para a arte indígena. Conferir: Costa, Alda, *Arte em Moçambique: Entre a construção da nação e o mundo sem fronteiras, 1932-2004*, Lisboa, Verbo, 2013, pág.102.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

Direção, para além de ter lecionado no mesmo. No ano de 1942 fez a sua estreia na colónia com uma exposição na Associação dos Velhos Colonos. Mais se seguiram - ao longo dos anos que ali permaneceu - a par da sua actividade de professor e de algumas encomendas de cariz público.

São da sua autoria os painéis que se encontram na catedral, e podemos afirmar que tal participação se deve, apenas, ao facto do pintor se encontrar a viver em Lourenço Marques (aliando o facto de não haver muita produção artística que oferecesse concorrência). No entanto, na colónia era admirado e estimado. O jornal *O Evangelho* esclarece o facto deste modo:

«por uma circunstância feliz encontra-se entre nós um dos melhores pintores portugueses, Mestre Aires, e ao artista sorria também a ideia de poder ligar o seu nome à Catedral. Aspiração justa que as senhoras [Associação Católica] não quiseram deixar perder e que tudo recomendava valorizar. Não abunda o dinheiro, mas combina-se a obra; porque os sessenta mil escudos hão-de também aparecer²¹⁹.»

A primeira prestação no valor de 20 mil escudos foi paga pela Associação Católica (que fazia peditórios para angariação de fundos) e a segunda prestação de 40 mil escudos foi oferta do Sr. Le May²²⁰.

Os dois trípticos podem ser vistos no transepto: do lado do Evangelho temos o *Padre D. Gonçalo da Silveira* (fig.60) e do lado da Epistola o *Nuno Álvares* (fig.61). Ambos foram pintados num ateliê improvisado: a sacristia. As medidas correctas dos painéis não são reveladas em nenhum documento, mas são imponentes na sua altura que deve rondar os dois metros e meio (fig.62). Habitado a pintar paisagens, e alguns retratos, Frederico Ayres deita mãos à obra para um trabalho que coincide plenamente com a iconografia e estética do Estado Novo: a temática incidia sobre a afirmação da nacionalidade e a missão portuguesa além-mar onde implicitamente se alude aos Descobrimentos; as figuras, apesar do rigor anatómico, apresentam-se estáticas e sem emoção, brilhando mais as paisagens que se deparam por trás como cenário. O pintor utilizou no painel o *Padre D. Gonçalo da Silveira* cores quentes nas figuras (amarelo e vermelho) para obrigar o olhar do observador a

²¹⁹ *O Evangelho*, Ano XVII, n.º856, 21 de Outubro de 1943, Lourenço Marques.

²²⁰ Figura enigmática devido à falta de informação que setenta anos de distância impõem. Sabemos apenas que era um comerciante inglês presente em Lourenço Marques mencionado nos periódicos coevos devido à sua acção de mecenas: foi ele que ofereceu à Câmara de Lourenço Marques um outro trabalho de Frederico Ayres de temática africana do conjunto Manchas de África.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

percorrer as telas. No segundo trabalho, *Nuno Álvares*, predomina o azul em busca do mesmo efeito. É um facto que os painéis se encontram necessitados de uma limpeza profunda que permitisse avistar correctamente todos os pormenores e realçar as verdadeiras cores utilizadas pelo pintor, por exemplo, no interior da cubata onde se dá o martírio é fraca a percepção de pormenores, tendo mesmo o observador dificuldade em discernir figuras da acção. Quanto ao tríptico *Nuno Álvares* fica a curiosidade de que Frederico Ayres fez representar Ester Ferreira, a presidente da Associação Católica e mecenas dos painéis, junto a Nuno Álvares pregando: é a figura feminina vestida de azul.

4.6- A estatuária

São cinco estátuas ao todo as que se encontram, de origem, na catedral. Primitivamente encomendaram-se ao escultor Simões de Almeida as seguintes imagens: Nossa Senhora da Conceição (fig.63), S. Francisco Xavier (fig.64), Santa Teresa de Lisieux (fig.65), Sagrado Coração de Jesus e uma Nossa Senhora de Fátima (não dispomos de imagens destas duas estátuas), estas duas últimas para serem colocadas nas respectivas capelinhas. Refere Francisco dos Santos que o primeiro contrato teve lugar a 13 de Abril de 1940. Em Novembro de 1941 foi pedido ao escultor que embarcasse as três primeiras e suspendesse as restantes, o motivo era a falta de liquidez para as despesas da catedral.

Ao serem retomadas as negociações para as duas imagens em falta, devido a entrega de subsídio para tal no fim de 1943 início de 1944, são propostos dois nomes pelo Arcebispo: Francisco Franco e Leopoldo de Almeida pensando que não havia nenhum compromisso para estas imagens uma vez que tinham sido suspensas. Acontece que, havia já obra em barro pronta para molde (Sagrado Coração de Jesus) por parte de Simões de Almeida, o que levou os dois escultores, mencionados pelo Arcebispo, a recusarem a encomenda para o Sagrado Coração de Jesus. Simões de Almeida irá, justamente, concluí-la. A imagem de Nossa Senhora de Fátima será preterida em favor da Santa Filomena que acabará por ser oferta da esposa do

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

Ministro das Colónias. Esta imagem, de Santa Filomena, será adjudicada a Leopoldo de Almeida, com conhecimento e aceitação de Simões de Almeida, em detrimento de Francisco Franco devido ao avultado preço exigido pelo mesmo (65 contos) como confirma a carta de Marcial (doc.8).

Em termos de soluções estéticas encontradas para estas imagens os escultores optaram por uma linguagem clássica, sem confrontos com o que era tradicionalmente idealizado. De notar que a imagem de Santa Teresinha é a que mais empatia cria com o observador, o motivo é simples: Simões de Almeida não teve de recorrer à imaginação ou a representações iconográficas já existentes pois existem fotografias de Santa Teresinha (1873-1897), deste modo a imagem é um retrato fiel da pessoa em vida.

4.7- As alfaias litúrgicas

O livro *Guia da Catedral de Lourenço Marques* informa-nos quais os objectos que deram entrada na catedral, fosse por encomenda ou oferta de empresas ou particulares. É pertinente, pois permite-nos verificar a existência ou a falta dos objectos mencionados ou ainda tentar perceber se outros, existentes nos dias de hoje, serão fruto de encomendas posteriores à data em causa. Deste modo, temos conhecimento que foram oferecidos à catedral de Nossa Senhora da Conceição, para celebração das liturgias, os seguintes adereços: uma custódia (fig.66), um par de galhetas com respectivo prato em estilo D. João V da casa Leitão & Irmão (oferta da Firma Breyner & Wirth, Limitada) e um cálice juntamente com um cibório também da casa Leitão & Irmão (oferta de particulares). De ambas as ofertas só temos imagem da custódia, o restante não coincide com as imagens que dispomos ou carecem algumas de confronto com documentos que não dispomos, pois consultámos o espólio que a casa Leitão & Irmão entregou à guarda da Fundação Calouste Gulbenkian na expectativa de encontrarmos desenhos dos trabalhos oferecidos, no entanto o facto de não se encontrar tratado na sua grande maioria não nos permitiu avançar para conclusões ficando assim este tema em aberto para abordagens futuras.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

Os trinta castiçais, cinco crucifixos e dois lampadários em bronze mencionados no *Guia da Catedral de Lourenço Marques* pensamos tratarem-se de peças saídas da oficina de António Maria Ribeiro uma vez que existe um pedido de orçamento, no ano de 1939, para castiçais e afins por parte de D. Teodósio Clemente (doc.10 e 11) ainda com título de Bispo de Moçambique nesta data. No entanto *O Evangelho*²²¹ faz menção ao facto de «banquetas, com os seus castiçais e porta sacrários» serem encomenda executada sob desenhos de António Lino. Na catedral estão dispostos no transepto algumas peças que pensamos tratar-se de *restos* do que é mencionado, pois encontram-se amolgados e sem sinal de uso nos dias de hoje (fig.67). Do restante que é mencionado no livro nada é patente nem nas fotografias que conseguimos obter, e como desconhecemos o que foi mandado executar do pedido de orçamento mencionado apenas podemos ter como orientação o que o livro dá como pago nas despesas da catedral ficando a dúvida se faltará algo mais que tenha sido executado.

²²¹ *O Evangelho*, Ano XV, n.º 749, 18 de Setembro de 1941, Lourenço Marques.

Capítulo 5 – A Nação em apoteose.

5.1- A sagração da Catedral e a viagem do Cardeal Cerejeira

No ano de 1939, quando Portugal se encontrava a preparar as celebrações do Duplo Centenário da Nacionalidade para o ano vindouro de 1940 onde estava incluída a sagração da catedral, a Alemanha de Hitler decide invadir e anexar a Polónia²²² dando, oficialmente, o início à II Guerra Mundial. Oliveira Salazar marca, desde o primeiro momento, a neutralidade de Portugal face ao sucedido, postura que se manterá até 1945 com o cessar do conflito. No ano de 1939 o presidente Carmona acabava de regressar da sua viagem por terras africanas tentando demarcar a presença e pertença portuguesa face às novas invasões que surgiam no palco africano: A Itália de Mussolini acabava de invadir a Etiópia e Hitler falava em recuperação de territórios ultramarinos. A encomenda dos vitrais (e caixilhos, fundamentais para a conclusão do edifício) fica retida na Holanda. A sagração da catedral para o ano de 1940 vê-se assim adiada. *O Evangelho* anuncia a sagração para Maio de 1941, data que mais uma vez não pôde ser cumprida por dois motivos: o assunto de carácter diplomático, extremamente delicado, de retirar os materiais da Holanda ocupada estava longe de ser resolvido; e em segundo lugar o agravamento, em 1940, de todo o cenário de guerra: a invasão da França por Hitler que levou ao Armistício de 25 de Junho e repartiu o país em quatro zonas distintas²²³; e face a este acontecimento a Inglaterra que se deteve frente a frente com a Alemanha nazi que durante Junho desse ano até Abril de 1941 a bloqueou²²⁴ face aos restantes países Aliados.

A Igreja, pela voz do Papa Pio XII, tentava apaziguar o conflito apelando à paz mesmo na véspera da declaração oficial de guerra. No entanto a posição do Vaticano

²²² A Polónia foi então dividida entre a Alemanha e a U.R.S.S.

²²³ A zona livre, que tinha Vichy como capital; a zona ocupada, que incluía Paris; as zonas interditas do litoral atlântico ou regiões fronteiriças com a Bélgica e a Suíça e a zona da Alsácia-Lorena anexada à Alemanha.

²²⁴ Londres foi durante esse período fortemente bombardeada. Os submarinos alemães causaram o pânico no Atlântico tendo em mira os navios britânicos. Foi neste período que dois navios portugueses foram abatidos: *Ganda* e *Corte Real* (verdadeiros incidentes diplomáticos que Oliveira Salazar teve de acatar para manter a neutralidade).

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

será de neutralidade face aos acontecimentos perpetrados pela política ideológica de Hitler. Como refere o autor Pedro Brandão, o Vaticano tinha ainda presente a experiência da Grande Guerra e a noção da fragilidade do Pacto de Latrão.²²⁵ Quando na metrópole e na colónia se trabalhava afincadamente para a conclusão da catedral e se anunciavam datas prováveis de sacração, o Estado do Vaticano tentava, diplomaticamente, e por vezes com longos silêncios por parte de Pio XII²²⁶, manter a sua independência face à ameaça fascista que ia ganhado cada vez mais poder e relevo. No período que vai de 19 Julho de 1943 a 4 de Junho de 1944, o Mundo segue a situação com a máxima atenção: Roma encontrava-se invadida e o Vaticano cercado pelas forças alemãs. O Papa Pio XII encontrava-se ameaçado por Hitler²²⁷ devido ao receio deste que o Papa se manifestasse contra a sua política de actuação anti-semita e despoletasse no mundo católico uma reacção contra o mesmo. Por seu lado, Pio XII, receava que ao fazer uma manifestação desse teor despoletasse uma reacção violenta no Führer contra todos os católicos com fins trágicos. Sabemos, por documentos presentes no Arquivo Pessoal do Cardeal Cerejeira, que a primeira data para a sacração proposta no ano de 1944 foi o 13 de Maio, data que foi imediatamente abandonada devido à situação vivida em Roma. No entanto, o motivo real do atraso nunca foi explicado à opinião pública, sendo que as desculpas mais recorrentes e de fácil aceitação para tal eram as obras que ainda decorriam no exterior da catedral (embelezamentos a cargo da Câmara).

A data de 14 de Agosto foi discretamente mantida em sigilo perante o desenrolar dos acontecimentos internacionais até que se pudesse perceber, pela conjuntura, se poderia ser confirmada ou não. No entanto, na sombra, tomavam-se decisões quanto ao programa a ser seguido, aos representantes diplomáticos a serem convidados, o que poderia, ou não, ser feito na viagem de modo a não criar mal entendidos internacionais, custos dos procedimentos, jornalistas e demais profissionais que deveriam acompanhar a comitiva, e afins. A um mês da possível partida do Cardeal

²²⁵ Conferir: Brandão, Pedro Ramos, *A Igreja Católica e o Estado Novo em Moçambique:1960-1974*, Lisboa, Notícias, 2004, pp.26-30.

²²⁶ Estes silêncios foram por vezes interpretados como consentimentos por parte do Papa face a todos os acontecimentos.

²²⁷ Hitler tinha planos para raptar o Papa e todo o processo relativo a esse plano consta das actas do processo de beatificação de Pacelli. Ao saber deste propósito o Papa tinha deixado uma carta de renúncia, caso tal viesse a acontecer, de modo a não abalar o poder e autonomia da Igreja. Conferir: Da Bello, Mário, *Quando Hitler quis raptar o Papa: Segredos revelados do Arquivo Secreto do Vaticano*, Prior Velho: Paulinas, 2014.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

Cerejeira começam a surgir fugas de informação correcta nos periódicos angolanos e levanta-se a questão interna de revelar ou não a data prevista da sacração da catedral. A situação de Roma, e do Vaticano, encontrava-se mais favorável, uma vez que os Aliados tinham repellido o exército nazi e, deste modo, a data pôde finalmente ser confirmada.

A conjuntura internacional vivida e a necessidade de afirmação de Portugal quanto ao caminho ideológico de uma Nação firmada na Constituição de 1933, na Concordata e no Acordo Missionário de 1940 galvanizaram esta primeira, e única, viagem em que um cardeal português se dirigia a terras de África fazendo-o como legado *a latere* do Papa²²⁸. A importância atribuída era enorme: Portugal, país neutro na Segunda Guerra Mundial, ia afirmar a sua nacionalidade, o seu cristianismo missionário, o seu direito às colónias pela justificação histórica e, em última instância, salvaguardar a imagem do Papa como figura intocável da Igreja (tão posta em causa pelas ideologias emergentes e seus representantes). A revista *Flama* deixa transparecer toda esta envolvimento no seguinte texto:

«bastas vezes tem mostrado o actual Romano Pontífice amor e até carinho pela nossa Pátria. Recordemos apenas a Encíclica sobre as missões no duplo centenário, a Concordata, e o Acordo Missionário e a Alocução no encerramento das Bodas de Prata das Aparições em Fátima, no fim da qual consagrou o mundo inteiro ao Imaculado Coração de Maria, servindo-se da nossa língua. Agora envia uma embaixada espiritual às nossas colónias, escolhendo para a representação de Sua Augusta Pessoa o Chefe Purpurado da Igreja Lisbonense, cabeça e mãe de muita cristandade. Nos tempos gloriosos dos descobrimentos vinham os portugueses dar conta, e chegavam até Roma em esplendorosa manifestação de vassalagem, das terras descobertas e dos feitos heróicos em prol da Fé e do Império. Hoje é o próprio Vigário de Cristo que na Pessoa do Eminente Membro Português do Colégio Cardinalício vai às longínquas terras do Império de Portugal ver e abençoar a obra ingente dos nossos Missionários²²⁹.»

²²⁸ O Cardeal Cerejeira foi nomeado legado *a latere* por três vezes: a Moçambique (1944); a Goa (1952) e a Brasília (1960). No entanto é a viagem a Moçambique, com todo o seu percurso, que maior impacto tem para a imagem e mensagem que Portugal quer transmitir ao Mundo.

²²⁹ *Flama*, Ano 1, n.º 4, Julho de 1944.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

No momento em que a data é confirmada oficialmente a “máquina” da propaganda, o S.N.I.²³⁰, entra em movimento. Como refere o *Diário da Manhã* na véspera da partida do Cardeal Cerejeira:

«o Secretário Nacional de Informação e Cultura Popular [António Ferro] trabalhou afincadamente nos últimos dias para que a repercussão da viagem de Sua Eminência o Cardeal Patriarca às terras portuguesas de África se não perdesse ou se diminuísse, por falta de meios próprios de divulgação. (...) a viagem do Senhor Cardeal Patriarca, com a sua alta qualidade de legado “à latere” do Sumo Pontífice, poderá desta maneira ser acompanhada por toda a parte, primeiro pela rádio e pela Imprensa, depois através dos documentários cinematográficos, sem diminuição do seu alto significado missionário, e, por consequência, nacional²³¹».

António Ferro apercebe-se desde cedo da importância do cinema como meio de propaganda (tal como Mussolini e Hitler já o utilizavam) embora Oliveira Salazar ainda não se mostrasse rendido a essa tecnologia devido, não só, aos custos elevados que a mesma comportava. O S.N.I. irá apoiar a realização deste filme/documentário de curta-metragem²³² que será realizado por António Lopes Ribeiro²³³ sabendo da importância e impacto que este teria como forma de “informar” o povo, e que chegaria a várias localidades uma vez que este organismo tinha cinemas ambulantes que percorriam o país (não devemos esquecer também que a maioria da população

²³⁰ O Secretariado de Propaganda Nacional (depois S.N.I.) foi criado oficialmente a 25 de Setembro de 1933 e as suas instalações foram inauguradas a 26 de Outubro do mesmo ano. O seu director, escolhido por Oliveira Salazar, era o jornalista António Ferro. Este tinha um percurso profissional de relevo: trabalhara no jornal *O Século*, dirigira a revista *Ilustração Portuguesa*, era jornalista do *Diário de Notícias* (lugar que ocupou após o seu regresso do Brasil) e que mantinha à data da formação do S.P.N. Neste último periódico tinha feito uma série de entrevistas a figuras contemporâneas de relevo: Papa Pio XI, Mussolini, Ortega, entre muitos outros. Oliveira Salazar foi um dos seus entrevistados. De espírito modernista, António Ferro tomou a seu cargo a direcção do S.P.N./S.N.I. e levou avante a sua Política do Espírito onde a cultura era utilizada como meio de propaganda do Estado Novo. Era importante relembrar aos portugueses os valores da Nação e dar a conhecer, e reconhecer, o valor de “ser português” e o que cá se fazia. A viagem do Cardeal Cerejeira foi revestida de um enorme cariz nacionalista e foi da responsabilidade deste organismo repercuti-la o melhor possível em terras portuguesas aquém e além-mar. O S.P.N. mudou o seu nome para Secretariado Nacional de Informação (S.N.I.) a 23 de Fevereiro de 1944.

²³¹ *Diário da Manhã*, Ano XIX, n.º 4739, 14 de Julho de 1944, Lisboa.

²³² *Viagem de Sua Eminência O Cardeal Cerejeira como Legado “A Latere” de Sua Santidade o Papa Pio XII*, realização de António Lopes Ribeiro, 1944, 27m. Nos catorze anos em que António Ferro esteve à frente do S.P.N./S.N.I. foram produzidos setenta documentários, patrocinadas quatro longas-metragens e foi ainda feita uma revista de actualidades (o *Jornal Português*) mostrando a importância do uso do cinema na propaganda. Conferir: Piçarra, Maria do Carmo, *Salazar vai ao Cinema: O Jornal Português de Actividades Filmadas*, Coimbra, Edições MinervaCoimbra, 2006.

²³³ Segundo Maria Piçarra, António Lopes Ribeiro foi o cineasta do regime. Opus Cit. pág.89.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

era analfabeta e esta curta-metragem era narrada). Deste modo, o S.N.I. irá enviar o jornalista Dutra Faria, o engenheiro Vítor Veres da Emissora Nacional (de som) e dois operadores de cinema²³⁴ (assim designados na altura) e um fotógrafo que embora não fizessem parte da comitiva do Cardeal tinham ordem de o acompanhar a todos os sítios que este visitasse. O propósito era maximizar o impacto da visita - recolher as imagens necessárias para a edição do filme/documentário - tanto dentro como fora de Portugal, sendo que em primeira mão chegavam as reportagens radiofónicas (a cargo do jornalista Dutra Faria) e as telegráficas, a serem distribuídas pela imprensa nacional e agências de informação como informa o *Diário de Notícias*:

«a viagem do Senhor Cardeal Patriarca (...) poderá desta maneira ser acompanhada em toda a parte, primeiro pela rádio e pela Imprensa, depois através dos documentários cinematográficos sem diminuição do seu alto significado missionário, e, por consequência, nacional.»

O Ministério das Colónias mandou emitir bilhetes²³⁵ (doc.12) para se poder assistir ao embarque do Cardeal Cerejeira a bordo do navio *Serpa Pinto*. Oliveira Salazar foi despedir-se do seu antigo colega de Coimbra ao cais, junto com o restante corpo oficial de ministros, num clima de festa antevendo a importância que a partida para terras africanas comportava. No mesmo *Diário da Manhã*, reflexo da ideologia vivida, podia ler-se na última página:

«a Direcção da J.C.F.[Juventude Católica Feminina] convida todas as raparigas da J.C.F. a comparecerem amanhã [15 de Julho] às 17 horas a-fim-de assistirem á partida do Legado Pontifício Eminentíssimo Senhor Dom Manuel Gonçalves Cerejeira. Todas as raparigas deverão apresentar-se de uniforme e nenhuma deverá faltar a este convite. Os bilhetes para ingressar no talhão reservado distribuem-se na Avenida Duque de Loulé,92²³⁶.»

Compareceram dez mil bilhetes, o que foi considerado pelas entidades oficiais uma enorme multidão e um enorme sucesso.

O Cardeal Cerejeira partiu de Lisboa às 18 horas do dia 15 de Julho e o seu itinerário abrangia a passagem por vários locais pela seguinte ordem: Funchal,

²³⁴ António Sousa e Luís Vieira são os nomes designados nos documentos oficiais presentes no Arquivo do Cardeal Cerejeira.

²³⁵ Desconhecemos a quantidade que o Ministério mandou imprimir.

²³⁶ *Diário da Manhã*, Ano XIX, n.º 4739, 14 de Julho de 1944, Lisboa.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

S. Tomé, Luanda, Lobito, Lourenço Marques (o motivo de toda a viagem), Beira, Mossâmedes²³⁷ e Praia²³⁸. Em cada paragem o Cardeal Cerejeira tinha missas campais para celebrar (Luanda onde o Rei do Congo esteve presente) ou edifícios para inaugurar²³⁹ (Beira e Quelimane) para além de todo o programa de visitas e protocolos diplomáticos a seguir. Na viagem de regresso o *Serpa Pinto* fará paragem de novo em Lobito, Luanda e Funchal. Dutra Faria irá relatar a viagem no seu livro *Navegação de Paz e Glória*²⁴⁰ com bastante pormenor: os locais visitados, como foram acolhidos, detalhes históricos que se entrelaçam com a História de Portugal e que justificam (mais uma vez) a presença portuguesa, católica e missionária, em última instância.

No dia 12 de Agosto o *Serpa Pinto* chega ao porto de Lourenço Marques às 8 horas da manhã dando início a um clima de festividade que Dutra Faria assim descreve:

«(...) singravam ao nosso encontro os barcos do Clube Naval e da Mocidade Portuguesa, éramos sobrevoados pelos aparelhos da Deta e soavam, na terra, as primeiras salvas. Depois, cerca das nove horas, o *Serpa Pinto* atraca. O Cardeal desembarca e, no momento de sair do cais para entrar na cidade, ouve-se nova salva. Forças de marinha, vindas do *Bartolomeu Dias*, do *Gonçalves Zarco* e do navio hidrográfico *Bérrio*, formam ao longo do percurso até à praça Mac-Mahon, átrio soberbo, digno de Lourenço Marques, onde, numa tribuna, o Cardeal recebe as chaves da cidade²⁴¹.»

Desde o momento em que o navio atraca no cais Gorjão (8h45) dá-se início à execução de um programa pensado ao milímetro: o Cardeal deveria ser o último a sair do navio, as salvas deveriam ser vinte e uma, entre outros variados pormenores (doc.13). A entrega das chaves da cidade ao Cardeal foi um incidente diplomático que não deveria ter acontecido - e que fez correr tinta no Ministério das Colónias - uma vez que o Cardeal representava um chefe de estado estrangeiro e no programa

²³⁷ Ou Moçâmedes, actual Namibe.

²³⁸ Esta será visitada no regresso entre Luanda e Funchal. Mais uma vez trata-se de uma demarcação de território uma vez que as ilhas de Cabo Verde, colónia portuguesa, possuíam uma grande importância geoestratégica durante a II Guerra Mundial onde Portugal era um país neutro.

²³⁹ Na Beira será a bênção da primeira pedra de uma nova igreja que se irá construir e em Quelimane será a inauguração da Ponte Cardeal Cerejeira.

²⁴⁰ Frase dita no discurso de chegada do Cardeal Cerejeira a Lourenço Marques e que o jornalista posteriormente aproveitou para título da sua obra.

²⁴¹ Faria, Dutra, *Navegação de paz e glória*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1945, pág.74. Alterámos para itálico o nome dos navios por forma a evitar o uso excessivo de aspas dentro do texto.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

enviado (acima mencionado) ao Governador-geral da Colónia com um mês de antecedência já constava o aviso para que tal não acontecesse. Chegado o dia 14, dá-se início à cerimónia de sagração da catedral que será repartida entre os dias 14 (dia da Batalha de Aljubarrota) e 15 (dia da Assunção de Nossa Senhora), uma vez que o Vaticano permitiu a sua divisão pelo facto de ser uma celebração que implicava sete horas seguidas de rituais litúrgicos. Presentes estavam vários vigários e prefeitos apostólicos: Beira, Joanesburgo, Transval, Durban, Nampula, Cidade do Cabo e Suazilândia, entre outros. A grande ausência foi do Arcebispo de Luanda²⁴². Da função pública e serviços todos os organismos estavam representados por altas figuras, sendo a grande ausência a de Marcial de Freitas e Costa que relembramos encontrar-se em Lisboa. Assim, no primeiro dia, logo pela manhã, 8 horas, o Cardeal Cerejeira, como legado *a latere* dirige-se à igreja de Nossa Senhora da Conceição (antiga e prestes a ser demolida) para se paramentar e dar início à Procissão de Purificação que seguiu rumo à catedral onde deu três voltas em redor da mesma antes de entrar prosseguindo os rituais exigidos²⁴³. As cerimónias neste primeiro dia terminaram às 12 horas perfazendo a primeira parte exigida ficando o resto do dia livre sem obrigações protocolares para o Cardeal Cerejeira. No dia seguinte, 15 de Agosto, dia oficial da sagração da Catedral, as cerimónias tiveram início da parte da manhã sendo que um dos momentos mais importantes foi a transferência das relíquias de S.Vítor e de S. Victorino (mártires franciscanos) para a nova catedral. Dentro da mesma, por volta das 11h, aguarda uma multidão (fig.68). Findos todos os rituais exigidos por Roma fez-se uma pausa para almoço e descanso breve, retomando da parte da tarde, às 16h, a procissão onde se carregam os andores com as imagens de Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora de Fátima para a catedral. As avenidas estão cheias de gente (não só de portugueses) que acorrem para ver a procissão e as cerimónias inerentes. O caminho escolhido para a passagem da procissão incidiu na Avenida Miguel Bombarda, Avenida Elias Garcia, Avenida da República, Avenida Joaquim António de Aguiar, Praça 7 de Março regressando pela

²⁴² O motivo provável da sua ausência encontra-se numa carta dirigida ao Cardeal Cerejeira com data de 31 de Julho de 1944, onde expõe cruamente a barbaridade, desumanidade cristã, com que se trata os africanos (indígenas) de modo a que tudo fique pronto para esta viagem a terras africanas (e não só). É muito pertinente verificar que o Arcebispo Cirilo dos Mártires Ventura já tinha premonição da desgraça que teria lugar daí por trinta anos.

²⁴³ Dutra Faria é quem faz o relato mais detalhado no seu livro. O filme/documentário resume apenas passagens breves do acontecimento, pois apenas lhe dedica cinco minutos de película que engloba todos os outros acontecimentos da visita do Cardeal em Lourenço Marques.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

Avenida António Augusto de Aguiar, passando na Praça Mouzinho de Albuquerque e chegando por fim à catedral, tal como o Ministro das Colónias pedira: nem demasiado extensa, para não fatigar, nem demasiado curta, onde se perderia a imponência da mesma. A procissão entra no templo já de noite²⁴⁴, numa catedral iluminada e imponente.

A repercussão da sagração reflecte-se tanto nos jornais portugueses (como seria de esperar) que se desdobram em entrevistas a várias figuras de capital importância (entre elas Marcial) explicando e dando a conhecer aos seus leitores como foi construir a catedral²⁴⁵ e como Portugal era uma país de tradição católica e missionária, como também nos jornais de tiragem inglesa presentes em Moçambique e que circulavam na União Sul-Africana (África do Sul) onde os apontamentos se fixavam mais em detalhes práticos como o facto de todas as flores presentes na cerimónia terem vindo de Pretória. Ao final do dia 15 de Agosto de 1944 dá-se por encerrada a sagração da catedral de Nossa Senhora da Conceição, um momento na história de Portugal e da sua colónia ultramarina que jamais voltaria a repetir-se: novas igrejas em território africano foram erguidas, mas nenhuma com estatuto de catedral, e o Cardeal Cerejeira não voltou a pisar chão africano até ao ano da sua morte.

No filme/documentário mandado fazer pelo S.N.I. o espectador pode ouvir o narrador encerrar a película com as seguintes palavras - acompanhadas da imagem do Mosteiro dos Jerónimos onde é feito o cotejo com a catedral recém sagrada – e onde tudo se resume:

«dois tempos distantes no tempo como no espaço que os separa, mas os dois com a mesma alma, razão e fim: a Fé e o Império. Eis a legenda da nossa imortalidade. A bandeira da Santa Sé flutua ao vento dos séculos e a bandeira de Portugal ergue-se no Mundo enorme da sua glória.»

²⁴⁴ Entre as 17h e as 18h anoitece rapidamente.

²⁴⁵ Resta salientar que foi feita uma maquete, em madeira e devidamente pintada, da catedral que esteve patente numa exposição organizada pelo S.N.P/S.N.I. no Palácio Foz no ano de 1944 de maneira a que os visitantes pudessem apreciar a grandeza da mesma, e o que ia o Cardeal Cerejeira sagrar em representação do Papa Pio XII. Depois dessa mostra a maquete seguiu para o I.S.T. onde integrou a exposição “Construção nas Colónias Portuguesas: Construções e Projectos. Após este momento a informação sobre a mesma desaparece. Informação gentilmente cedida pelo Dr. João Duarte. Uma imagem desta maquete junto com o seu *arquitecto* surge no jornal *Notícias, Diário da Manhã* (fig.69).

Conclusão

Partindo de fontes coevas como jornais e revistas e de documentação sobre a vida académica e profissional patente no Arquivo Histórico Militar, conseguimos, o melhor que pudemos, reconstituir a vida do engenheiro que deu o traço à catedral de Nossa Senhora da Conceição, na antiga Lourenço Marques, e mostrar de uma maneira válida de que forma a vida do mesmo se entrelaça com a visão e concepção moderna da mesma. Homem culto, com uma história de vida admirável, soube compreender o espírito da sua época: uma época acelerada, com constantes avanços na tecnologia que se reflectiam em várias áreas como a arquitectura. Enfim, um momento em que se vivia o futuro. Mas não dentro de Portugal, que ainda se mantinha num ritmo atrasado, tanto no desenvolvimento industrial, social, como no gosto. Gosto esse ainda agarrado a séculos passados e não ao devir do século XX.

Admirador da obra de Auguste Perret (e irmãos) irá aplicar essa linguagem, que compreendia perfeitamente, na catedral de Nossa Senhora da Conceição rompendo com a estética em voga e exportada da metrópole: o revivalismo. A pedido de D. Rafael, Marcial projectará um edifício que será um ícone na cidade de Lourenço Marques, como ainda o é na actual Maputo. Respeitou, no entanto, a comunidade católica que sabia ainda não estar pronta para tanto modernismo mantendo uma cruz latina (que Perret jamais usou) e colocando elementos visíveis, como os pilares das abóbadas e os arcos das mesmas, que não era de todo necessário ver, apenas para conforto visual dos futuros utilizadores; este foi o pormenor que até hoje nenhum autor tinha conseguido ver, preferindo acusar o seu projectista de incoerência na linguagem arquitectónica usada e reduzindo-o a um simples imitador da obra de um grande arquitecto. Marcial não abdicou, no entanto, de mostrar os blocos de cimento dos quais a catedral era feita, não lhe negando esse aspecto de modernidade.

O projecto, a construção e a sagração da catedral acompanharam o florescimento do Estado Novo e, dentro desse ambiente, a catedral foi ganhando uma importância relevante como símbolo (do mito) de Portugal católico com missão evangelizadora no Mundo de onde retirava o seu direito, e justificação, de posseção de colónias

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

ultramarinas. É neste momento, em que a catedral é incluída nas Comemorações do Duplo Centenário da Nação (1140-1940), que o seu autor vê sofrer algumas alterações ao seu projecto primitivo, com a introdução de peças que não estavam previstas no início. Foi o que designámos por *nacionalização* da catedral. Houve tentativas, por parte do Cónego Francisco dos Santos, de afastar Marcial de Freitas e Costa do seu projecto, tentando impor-se como conselheiro artístico e o único com poderes de decisão nesse sentido. A relação entre ambos azedou, mas Marcial conseguiu levar a bom porto a sua obra, com alterações é um facto, mas com uma palavra a dizer sobre o que era feito dentro da catedral. O resultado foi diferente do projecto depurado que Marcial concebeu: lambrins de mármore foram colocados em todo o edifício, bronzes forraram as paredes e trípticos ocuparam o transepto, firmas e artistas portuguesas apoderaram-se da catedral. Agora que temos uma visão mais alargada de todos os acontecimentos podemos compreender a visão inicial, e o espírito que a acompanhava, para o projecto da catedral e ver que as alterações sofridas não dependeram da vontade expressa do seu criador, mas foram um sinal da conjuntura vivida à época.

Considerações Finais

Temos clara consciência que este trabalho sobre a catedral não se esgota, de verdade ele é apenas o início para uma obra que não estava estudada, mas que tinha sido ao longo do tempo depreciada. Assim, algumas questões ficaram ainda por explorar em trabalhos futuros, sendo uma delas o impacto ou influência que a catedral, como edifício moderno e único que é, teve nas gerações vindouras de arquitectos portugueses que trabalharam em Moçambique na concepção de novos edifícios religiosos a partir da década de 50: como a viam e a interpretavam. Causaria admiração, incompreensão ou repulsa? Outro tema, mais delicado, é a salvaguarda e restauro da catedral ao abrigo das políticas do património de Moçambique, cuja lei prevê a cooperação entre países. É um facto que a catedral tem elementos (património móvel também) em clara deterioração que necessitam de ser intervencionados sob o risco de se perderem irremediavelmente. Outros objectos

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu
arquitecto?

pertencentes à catedral necessitam de um estudo mais aprofundado para se compreender a sua proveniência e datação.

Fontes e bibliografia

Jornais e revistas:

Jornal *A Voz*

Jornal *Diário da Manhã*

Jornal *Guardian*

Jornal *O Brado Africano*

Jornal *Notícias, Diário da Manhã*

Jornal *O Evangelho*

Revista *Arquitectos*

Revista *Flama*

Revista *Ilustração Portuguesa*

Revista *L' Architecture Vivant*

Arquivo do Patriarcado – Arquivo do Cardeal Cerejeira:

Caixa Secretaria Pessoal: PT/AHPL/PAT14-SB/B-01/02

Arquivo Histórico Militar:

Processo do Aluno: caixas 1323 e 2683

Arquivo Fílmico e Videográfico da Cinemateca Portuguesa:

Viagem de Sua Eminência O Cardeal Patriarca de Lisboa como Legado "A Latere" de Sua Santidade O Papa Pio XII, António Lopes Ribeiro, 1944, 27'

Moçambique, António Lopes Ribeiro (Direcção Técnica e Artística), 1941, 50'

Bibliografia

Acciaiuoli, Margarida, *António Ferro, a vertigem da palavra retórica, política e propaganda no Estado Novo*, Lisboa: Bizâncio, 2013.

_____, *Exposições do Estado Novo:1934-1940*, Lisboa: Livros Horizonte, 1998.

Baumer, Franklin, *O pensamento europeu Moderno*, 2ºvolume, trad. Maria Manuela Alberty, Lisboa: Edições 70,1990.

Da Bello, Mário, *Quando Hitler quis raptar o Papa: Segredos revelados do Arquivo Secreto do Vaticano*, trad. António Maia da Rocha, Prior Velho: Paulinas, 2014.

Boléo, José Oliveira, *Geografia das cidades:Lourenço Marques, s.l., s.n.*, 1945.

Brandão, Pedro Ramos, *Salazar-Cerejeira: A «força» da Igreja: Cartas do Cardial-Patriarca ao Presidente do Conselho*, Lisboa: Notícias, 2002.

Brandão, Pedro Ramos, *A Igreja Católica e o Estado Novo em Moçambique:1960-1974*, Lisboa: Notícias, 2004.

Britton, Karla, *Auguste Perret*, London, New York: Phaidon, 2001.

Carvalho, Rita Almeida de, *A Concordata de Salazar*, Lisboa, Temas e Debates: Círculo de Leitores, 2013.

Castelo, Cláudia Orvalho, *Passagens para África. O povoamento de Angola e Moçambique com naturais da metrópole (1920-1974)*, Porto: Afrontamento, 2007.

Cerejeira, Manuel Gonçalves (Cardeal Patriarca), *A situação da Igreja no regime da Concordata: Discurso de Sua Eminência ao clero de Lisboa no 12º da sua eleição*, s.l, s.n., 1941.

_____, *A Concordata Hoje*, Lisboa: s.n., 1971.

Concordata e Acordo Missionário entre a Santa Sé e a República Portuguesa assinadas a 7 de Maio de 1940,Lisboa: União Gráfica,1940.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu arquitecto?

Costa, Alda, *Arte em Moçambique: Entre a construção da nação e o mundo sem fronteiras, 1932-2004*, Lisboa, Verbo, 2013.

Cornwell, John, *O Papa de Hitler, a história secreta de Pio XII*, trad. Manuela Torres, Lisboa: Terramar, 2000.

Cunha, Luís, *A arquitectura religiosa moderna*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1957.

Daix, Georges, *Dicionário dos santos: do calendário romano e dos beatos portugueses*, trad. Augusto Joaquim, 1ª Edição, Lisboa: Terramar, 2000.

Dicionário de História do Estado Novo, Rosas, Fernando (Dir.), Lisboa: Círculo de Leitores, 1996, 2 volumes.

Dorfles, Gillo, *A arquitectura Moderna*, trad. José Eduardo Rodil, Lisboa, Edições 70, 1986.

Estima, Alberto, *Considerações em torno de duas igrejas iniciadas na década de 1930: a igreja de N.ª Sr.ª de Fátima, em Lisboa e a igreja da Sr.ª da Conceição, no Porto*, in *Ciências e técnicas do Património*, Porto, Revista da Faculdade de Letras do Porto, I Série Volume 2, 2003, pp.155-164.

Faria, Alberto Cláudio Rodrigues, *A Colecção de Desenho Antigo da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa (1830-1935): tradição, formação e gosto*, Lisboa, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2008, Vol.III, Dissertação de mestrado.

Faria, Dutra, *Navegação de paz e glória*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1945

Fernandes, José Manuel, *Geração africana: arquitectura e cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975*, Lisboa: Livros Horizonte, 2002.

Ferreira, André Renga Faria, *Obras públicas em Moçambique: inventário da produção arquitectónica executada entre 1933 e 1961*, Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra, 2006, Dissertação de mestrado.

Ferro, Marc, *História da primeira Guerra Mundial 1914-1918*, Lisboa, Edições 70, s.d. (1ª Edição original de 1969).

Formosinho, Sebastião, *Ciência e Religião, a modernidade do pensamento epistemológico do Cardeal Cerejeira*, S. João do Estoril: Principia, 2002.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu arquitecto?

Frampton, Kenneth, *História crítica da arquitectura moderna*, trad. Jerfferson Luiz Camargo, São Paulo, Martins Fontes, 2003.

França, José-Augusto, *A arte em Portugal no século XX (1911-1961)*, 3ª Edição, Venda Nova: Bertrand, 1991.

_____, *O modernismo na arte portuguesa*, 3ª Edição, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1991.

_____, *A arte e a sociedade portuguesa no século XX (1910 a 1980)*, 2ª Edição, Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

Franco Nogueira, *Salazar*, Vol.I *A mocidade e os princípios*, Coimbra, Atlântida Editora, 1977.

_____, *Salazar*, Vol. II, *Os tempos áureos [1928-1936]*, Coimbra, Atlântida Editora, 1977.

_____, *Salazar*, Vol. III, *As grandes crises [1936-1945]*, Coimbra, Atlântida Editora, 1977.

Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Exposições e Museografia, *Os anos 40 na arte portuguesa*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, 6 volumes.

_____, *Philippe et Marcel Wolfers: da arte Nova à art Déco*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

Guedes, Fernando, *António Ferro e a sua política do espírito*, Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1997.

Gomes, Maria Marques Calado de Albuquerque, *A cultura arquitectónica em Portugal: 1880-1920. Tradição e Inovação*, Lisboa, s.n., 2003, 3 volumes, Tese de doutoramento.

História da arte portuguesa: do barroco à contemporaneidade, Pereira, Paulo (Dir.), Lisboa: Círculo de Leitores, 1995, III volume.

Henriques, Isabel Castro, *Os pilares da diferença. Relações Portugal-África. Séculos XV-XX*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2004.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu
arquitecto?

_____, **Caldas**, Laura Castro (fotog.), *Espaços e cidades em Moçambique*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.

Latreille, André, *História da II Guerra Mundial, ensaio de análise e de explicação*, trad. Mascarenhas Barreto, Lisboa: Editorial Aster, s.d.

Lima, Alfredo Pereira de, *Casas que fizeram Lourenço Marques*, Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1968.

Loureiro, João M., *Memórias de Lourenço Marques: uma visão do passado da cidade de Maputo*, Lisboa: Maisimagem, 2003.

Marques, A.H. de Oliveira, *História de Portugal*, Vol. II, Lisboa, Ágora, 1972-73.

Mendes, Maria Clara, *Maputo antes da Independência: Geografia de uma cidade colonial*, Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 1979.

Milheiro, Ana Vaz, *Nos trópicos sem Le Corbusier, arquitectura luso-africana no Estado Novo*, Lisboa: Relógio d'Água, 2012.

_____, *Territórios de sonho para a arquitectura portuguesa in Urbanidade e Património*, coord. João Couceiro, Fotog. Paulo Valente, Emanuel Sampaio, Lisboa, IGPHE, 1998.

Morais, João Sousa, *Maputo: património da estrutura e forma urbana: topologia do lugar*, Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

Neto, Maria João Baptista, *Memória, propaganda e poder: o restauro dos monumentos nacionais (1926-1960)*, Porto: FAUP, 2001.

Newitt, Malyn, *História de Moçambique*, trad. Lucília Rodrigues e Maria Georgina Segurado, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1997.

Nunes, Paulo Manuel Simões, *A Construção Moderna e a cultura arquitectónica no início do noventa em Portugal*, Lisboa, s.n., 2000, 2 volumes, Dissertação de mestrado.

Pamplona, Fernando, *Dicionário de pintores e escultores portugueses*, Lisboa: s.n., 1954-1959, 1 volume.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu arquitecto?

Pardal, Monteiro, *Os portugueses precursores da arquitectura moderna e do urbanismo, s.l., s.n.*, 1949.

Pedreirinho, José Manuel, *Dicionário dos arquitectos activos em Portugal do século I à actualidade*, Reimpresso, Porto: Afrontamento, 1994.

Pereira, Nuno Teotónio, *A arquitectura do Estado Novo de 1926 a 1959*, Colab. José Manuel Fernandes, Vol. II *O Estado Novo. Das Origens ao fim da Autarcia. 1926-1959*, Lisboa, Fragmentos, 1987.

Piçarra, Maria do Carmo, *Salazar vai ao cinema: O Jornal Português de Actualidades Filmadas*, Coimbra: Edições MinervaCoimbra, 2006.

Portela, Artur, *Salazarismo e artes plásticas*, 1ª Edição, Instituto de Língua Portuguesa, 1982.

Portugal. Presidente do Conselho 1932-1968 (António Oliveira Salazar), *Discursos*, Coimbra: Coimbra Editora,

Reis, Bruno Cardoso, *A Concordata de Salazar in Lusitania Sacra*, Lisboa 2º série, Tomo 12, 2000.

Santana, Francisco, *Lisboa na 2ª metade do século XVIII (plantas e descrições das suas freguesias)*, Lisboa, Câmara Municipal, 1976.

Santos, João Francisco dos, *Guia da Catedral de Lourenço Marques*, Imprensa Nacional de Moçambique, Lourenço Marques, 1944.

Santos, José Rodrigues dos, *Crónicas de Guerra: da Crimeia a Dachau*, Lisboa: Gradiva, 2001-2002, 1 volume.

Serrão, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, Vol. XII, *A primeira República: 1910-1926: história diplomática, social, económica e cultural*. Lisboa, Verbo, 1977.

_____, *História de Portugal*, Vol. XIII, *Do 28 de Maio ao Estado Novo (1926-1935)*, Lisboa, Verbo, 1977.

_____, *História de Portugal*, Vol. XIV, *Da 1ª legislatura à visita presidencial aos Açores (1935-1941)*, Lisboa, Verbo, 1977.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu arquitecto?

Sousa, Maria José, **Baptista**, Cristina Sales, *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios segundo Bolonha*, Lisboa: Pactor, s.d.

Tostões, Ana, *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50*, Porto: FAUP, 1997.

_____, *Construção moderna: as grandes mudanças do século XX*, vol.III, pp.130-147, Coord. Manuel Heitor, João Maria Brandão de Brito, Maria Fernanda Rollo, *Momentos de inovação e engenharia em Portugal no século XX. Edificações e Materiais de Construção*, Lisboa, Dom Quixote, Centro de Estudos em Inovação, Tecnologia e Políticas de Desenvolvimento do IST, 2004.

_____, **Vieira**, Joaquim, *Pardal Monteiro*, Fotobiografias do século XX, Lisboa: Círculo de Leitores, 2009.

Trancoso, Teresa Maria Pinto, *António Maria Ribeiro, Cinzelador, Ourives, Escultor e Desenhador Portuense (1889-1962)*, Porto: Universidade Católica, 2011.

Viterbo, Sousa, *Dicionário histórico e documental dos Arquitectos, Engenheiros e Constructores Portugueses*, Lisboa: Imprensa-Nacional da Casa da Moeda, 1988, 3 volumes.

Zevi, Bruno, *A linguagem moderna da arquitectura*, trad. Luís Pignatelli, Lisboa: D.Quixote, 1984.

Zevi, Bruno, *História da arquitectura moderna*, trad. Virgílio Martinho, Lisboa: Arcádia, 1970.

Zevi, Bruno, *Saber ver a arquitectura*, trad. Mário Delgado, 2ªEd. Lisboa: Arcádia, 1977.

Referências World Wide Web (Em Linha)

Artigos

Brito, Ricardo de, *A presença e o papel da religião nas Comemorações Centenárias de 1940*, In *Lusitania Sacra*, 24 (Julho-Dezembro 2011), 263-276, Disponível em WWW:<URL:http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/8003/1/LS_024_RBrito.pdf ;
acedido em Março 2014.

Cruz, Manuel Braga da, *As negociações da Concordata e do Acordo Missionário de 1940*, In *Análise Social*, vol. XXXII (143-144), 1997 (4º 5º), 815-845. Disponível em: WWW:<URL:<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218793712C5wMG9pn8Pj18SG5.pdf> ;
acedido em Março 2014.

Neto, Maria João, *Os restauros da catedral de Lisboa à luz da mentalidade do tempo*, Carlos Alberto Ferreira de Almeida: *In Memorium*, Faculdade de Letras do Porto, Vol.II, pp. 131-142. Disponível em: WWW:<URL:<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3206.pdf> ,
acedido em Janeiro 2015.

Noré, Alfredo, **Adão**, Áurea, *O ensino colonial destinado aos “indígenas” de Angola. Antecedentes do Ensino rudimentar instituído pelo Estado Novo*. In *Revista Lusófona de Educação*, 2003,1, pp.101-126. Disponível em: WWW:<URL:<http://www.redalyc.org/pdf/349/34900106.pdf>;
acedido em Março 2014.

Silva, Ricardo Daniel, *Navios Portugueses afundados durante a II Guerra Mundial. As perdas de um «Neutral»*. Disponível em: WWW:<URL:http://www.citcem.org/encontro/pdf/new_02/TEXT0%20-%20Ricardo%20Silva.pdf

Rosas, Fernando, *O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo*, In *Análise Social*, vol. XXXV(157), 2001, 1031-1054, Disponível em: WWW:<URL:<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218725377D6jFO4wy1Oi67NG6.pdf> ;
acedido em Março de 2014.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu arquitecto?

Documentos

Acordo Missionário entre a Santa Sé e a República Portuguesa, 1940, Disponível em: WWW:<URL:http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/archivio/documenti/rc_seg-st_19400507_missioni-santa-sede-portogallo_po.html>; acedido em Março 2014.

Concordata entre a Santa Sé e a República Portuguesa, 1940, Disponível em: WWW:<URL:<http://www.ucp.pt/site/resources/documents/ISDC/Texto%20da%20Concordata%20-%201940.htm>>; acedido em Março 2014.

Revolta na Marinha, nos navios Dão, Bartolomeu Dias e Afonso de Albuquerque, organizada pela Organização Revolucionária da Armada (do PCP), procurando levar os navios para a Espanha republicana, Disponível em: WWW:<URL:<http://www.fmsoares.pt/aeb/crono/id?id=035563>>; acedido a Março 2014.

Revistas

Folha da Manhã, Ano XII, 10 de Setembro de 1936, São Paulo (sobre a revolta na Marinha Portuguesa), Disponível em: WWW:<URL:<http://acervo.folha.uol.com.br/fdm/1936/09/10/1/>>; acedido em Março 2014.

O Occidente, 4ºAno,Volume IV, n.º 86, 11 de Maio de 1881, Disponível em: WWW:<URL:http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/1881/N86/N86_master/N86.pdf>; acedido em Maio 2014.

Imagens

J.M.Lazarus (fotógrafo), *Lourenço Marques: The Parish Church (R.C.)*, [postal], n.º ID 23257, Disponível em: WWW:<URL: <http://actd.iict.pt/view/actd:AHUD27928>>; acedido em Junho de 2014.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

Vários (fotógrafos), *Egreja Parochial de Lourenço Marques (1895)*, [fotografia], n.º ID 5230, Disponível em: WWW:<URL:<http://actd.iict.pt/view/actd:AHUD6794>>;
acedido em Junho de 2014.

Filme/Documentário

A cidade de Lourenço Marques [1929], Agência Geral das Colónias, 12'02 m,
Disponível em: WWW:<URL:<https://www.youtube.com/watch?v=Rmu6VGQEc60>>;
acedido em Janeiro de 2015.

Para qualquer esclarecimento sobre esta dissertação: ana.reis.furtado@gmail.com

Índice de abreviaturas

- A.C.C.** – Arquivo do Cardeal Cerejeira.
- A.C.M.B.** – Arquivo do Cardeal Mendes Belo.
- A.C.T.D.** – Arquivo Científico Tropical Digital.
- A.F.V.C. P.** – Arquivo Fílmico e Videográfico da Cinemateca Portuguesa.
- A.M.M** - Arquivo Municipal de Mafra.
- A.P.** - Arquivo do Patriarcado.
- A.H.D.M.N.E.** – Arquivo Histórico-Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros.
- A.H.M.** – Arquivo Histórico Militar.
- A.H.U.** – Arquivo Histórico Ultramarino.
- B.D.A.M.** – Biblioteca e Documentação da Academia Militar.
- B.E.F.** – British Expeditionary Force.
- C.A.D.C.** – Centro Académico Democrático Cristão.
- C.E.P.** – Corpo Expedicionário Português.
- C.F.M.** – Caminhos de Ferro de Moçambique.
- C.F.L.M.** – Caminhos de Ferro de Lourenço Marques.
- D.G.E.M.N.** – Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
- I.I.C.T.** – Instituto de Investigação Científico Tropical.
- J.C.F.** – Juventude Católica Feminina.
- S.I.P.A.** – Sistema de Informação do Património Arquitectónico.
- S.P.N.** – Secretariado de Propaganda Nacional.
- S.N.I.** – Secretariado Nacional de Informação.

Índice documental

Doc. 1 – *Ante-projecto das Comemorações da Colónia*, Comissão de Moçambique, 1938, Lourenço Marques. Colecção particular.

Doc. 2 – Assento de baptismo de Marcial de Freitas e Costa, 1891, Lisboa. Torre do Tombo.

Doc. 3 – Carta de D. Teodósio Gouveia a Marcial de Freitas e Costa, 19, Lourenço Marques. Colecção particular.

Doc. 4 – Despesas do Fundo da Catedral, 1938/39, Lourenço Marques. Colecção particular.

Doc. 5 – Carta de Marcial de Freitas e Costa dirigida a D. Teodósio Gouveia, 26 de Junho de 1940, Lourenço Marques. Colecção particular.

Doc. 6 - Carta de Marcial de Freitas e Costa dirigida a D. Teodósio Gouveia, 31 de Maio de 1940, Lourenço Marques. Colecção particular.

Doc. 7 - Carta de Marcial de Freitas e Costa dirigida a D. Teodósio Gouveia, 21 Julho de 1940, Lourenço Marques Colecção particular.

Doc. 8 – Carta de Marcial de Freitas e Costa ao Director do Fomento Colonial, 18 de Janeiro de 1943, Lisboa. Colecção particular.

Doc. 9 – Carta das Missões Religiosas (Católicas) para a Firma Breyner & Wirth, Limitada, *s.d.*, Lourenço Marques. Colecção particular.

Doc. 10 – Carta de António Maria Ribeiro para D. Teodósio Gouveia, 6 de Março de 1939, Vila Nova de Gaia. Colecção particular.

Doc. 11 - Carta de António Maria Ribeiro para D. Teodósio Gouveia (verso), 6 de Março de 1939, Vila Nova de Gaia. Colecção particular.

Doc. 12 – Bilhete emitido pelo Ministério das Colónias, 15 de Julho de 1944, Lisboa. Arquivo do Cardeal Cerejeira: PT/AHPL/PAT14-SP/B-01/01/019.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*

Doc. 13 – Plano final da viagem do Cardeal Cerejeira, emitido pelo Ministério das Colónias (Gabinete do Ministro), 19 de Junho de 1944, Lisboa. Arquivo do Cardeal Cerejeira: PT/AHPL/PAT14-SP/B-01/01/033/23.

Índice de figuras

Fig.1- Antiga Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Conceição, Lourenço Marques. Arquivo Tropical Digital: IICT/ACTD/AHUD23257.

Fig.2 - Edifício Empis, Arq. António Couto. Retirado do Google Imagens

Fig.3 – Projecto de António Couto para a Igreja de Lourenço Marques. Retirado do Livro *Guia da Catedral de Lourenço Marques*.

Fig.4 - Vista lateral. Idem

Fig.5 – Igreja de Santa Teresa (1925-1926), Arq. Auguste Perret. Retirado do site Cité de L'Architecture & du Patrimoine.

Fig.6 – Projecto para a Igreja Santa Joana D'Arc (1926), Arq. Auguste Perret. Retirado do Google Imagens.

Fig.7 – Esboço para acabamento da torre sineira, Marcial de Freitas e Costa, *s.d.* Colecção particular.

Fig.8 – Esboço para tentativa de volumes e acabamento da torre sineira, Marcial de Freitas e Costa, *s.d.* Colecção particular.

Fig.9 – Esboço para tentativa de volumes e acabamento da torre sineira, Marcial de Freitas e Costa, *s.d.* Colecção particular.

Fig.10 - Idem

Fig.11 – Idem.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*

Fig.12 – Idem.

Fig.13 – Idem.

Fig.14 – Esboço mais próximo da solução encontrada mas muito semelhante à Igreja de Santa Teresa de Auguste Perret, Marcial de Freitas e Costa, *s.d.* Colecção particular.

Fig.15 – Esboço para acabamento da torre sineira num registo mais revivalista, Marcial de Freitas e Costa, *s.d.* Colecção particular.

Fig.16 – Esboço aguarelado para a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Marcial de Freitas e Costa, *s.d.* Grandes semelhanças à Igreja de Santa Teresa de Auguste Perret..Colecção particular.

Fig.16 a - Esboço para a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, vista lateral, Marcial de Freitas e Costa, *s.d.* Grandes semelhanças à Igreja de Santa Teresa de Auguste Perret. Colecção particular.

Fig.17 – Coro da catedral de Nossa Senhora da Conceição, Eng. Marcial de Freitas e Costa. Imagem da autora.

Fig.18 – Coro da Igreja de Santa Teresa, Arq. Auguste Perret. Retirado do Google Imagens.

Fig.19 – Coro de Notre-Dame du Raincy,(1922-1923), Arq. Auguste Perret. Retirado do Google Imagens.

Fig.20 – Portões de bronze da catedral de Nossa Senhora da Conceição. Desenho de António Lino. Imagem retirada do site S.I.P.A., propriedade da D.G.P.C.

Fig.21 – Esboços de proposta de altar para Nossa Senhora da Conceição, Marcial de Freitas e Costa, *s.d.* Colecção particular.

Fig.22 – Vitrais da abside partidos, 1998. Fotografia da autora.

Fig.23 – Orgão Hammond deslocado do coro e colocado na capela de Santa Filomena. Fotografia da autora.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*

Fig.24 – Mapa de um anúncio onde mostra a localização das duas igrejas: a velha e a nova. Retirado do jornal *O Evangelho*.

Fig.25 – Desenho de António Maria Ribeiro para um lustre revivalista, *s.d.* Colecção particular.

Fig.26 – Desenho de António Lino para portão de bronze a ser colocado no baptistério, não está assinado, *s.d.* Colecção particular.

Fig.27 – Pia baptismal de Leopoldo de Almeida e cinzelada por António Maria Ribeiro. Fotografia tirada por Nuno Pinto Basto.

Fig.28 – Banco com genuflexória pertencente à catedral de Nossa Senhora da Conceição. Fotografia da autora.

Fig.29 – Esboço de cadeiras presidenciais (?) de gosto revivalista, *s.d.* Colecção particular.

Fig.30 – Idem.

Fig.31 – Idem.

Fig.32 – Mobiliário presente na catedral de Nossa Senhora da Conceição. Fotografia da autora.

Fig.33 – Torre sineira: pormenor dos relógios. Fotografia da autora.

Fig.34 – Pormenor da catedral: altifalantes colocados na nave central. Fotografia da autora.

Fig.35 – Postal de Boas Festas com fotografia da catedral de Nossa Senhora da Conceição iluminada, passagem de Ano de 1944/45. Colecção particular.

Fig.36 – Vitral de Nossa Senhora da Conceição, abside. Fotografia da autora.

Fig.37 – Vitral de S. José, abside. Fotografia da autora.

Fig.38 – Vitral de S. António, abside. Fotografia da autora.

Fig.39 – Vitral de S. Francisco Xavier, transepto. Fotografia da autora.

Fig.40 – Vitral do Beato Inácio, transepto. Fotografia da autora.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*

Fig.41 – Via Sacra: Jesus carrega a Cruz. Fotografia da autora.

Fig.42 - Via Sacra: Jesus cai pela 1ª vez. Fotografia da autora.

Fig.43 - Via Sacra: Jesus encontra as mulheres. Fotografia da autora.

Fig.44 - Via Sacra: Jesus é ajudado por Simão Cirene. Fotografia da autora.

Fig.45 – Via Sacra: Verónica limpa o rosto de Jesus. Fotografia da autora.

Fig.46 - Via Sacra: Jesus cai pela 2ª vez. Fotografia da autora.

Fig.47 – Via Sacra: Jesus encontra sua mãe Maria. Fotografia da autora.

Fig.48 – Via Sacra: Despojamento das vestes. Fotografia da autora.

Fig.49 – Via Sacra: Jesus é pregado na Cruz. Fotografia da autora.

Fig.50 – Via Sacra: Crucificação. Fotografia da autora.

Fig.51 – Via Sacra: Jesus morto ao colo de sua mãe (Pietà). Fotografia da autora.

Fig.52 – Bronze da Via Sacra patente no ateliê de António Maria Ribeiro. Fotografia pertencente ao espólio do A.M.M. **PT-AMM-AMR-FT-PR02-179.**

Fig.53 – Molde de barro da Via Sacra patente no ateliê de António Maria Ribeiro. Fotografia pertencente ao espólio do A.M.M. **PT-AMM-AMR-FT-PR02-181.**

Fig.54 - Molde de barro da Via Sacra patente no ateliê de António Maria Ribeiro. Fotografia pertencente ao espólio do A.M.M. **PT-AMM-AMR-FT-PR02-182**

Fig.55 - Molde de barro da Via Sacra patente no ateliê de António Maria Ribeiro. Fotografia pertencente ao espólio do A.M.M. **PT-AMM-AMR-FT-PR02-183**

Fig.56 - Molde de barro da Via Sacra patente no ateliê de António Maria Ribeiro. Fotografia pertencente ao espólio do A.M.M. **PT-AMM-AMR-FT-PR02-184**

Fig.57 - Molde de barro da Via Sacra patente no ateliê de António Maria Ribeiro. Fotografia pertencente ao espólio do A.M.M. **PT-AMM-AMR-FT-PR02-185**

Fig.58 - Molde de barro da Via Sacra patente no ateliê de António Maria Ribeiro. Fotografia pertencente ao espólio do A.M.M. **PT-AMM-AMR-FT-PR02-186**

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*

Fig.59 - Molde de barro da Via Sacra patente no ateliê de António Maria Ribeiro. Fotografia pertencente ao espólio do A.M.M. **PT-AMM-AMR-FT-PR02-187**

Fig.60 – Tríptico de Frederico Ayres: D. Gonçalo da Silveira. Fotografia da autora.

Fig.61 - Tríptico de Frederico Ayres: Nuno Álvares. Fotografia da autora.

Fig.62 – Fotografia da sagração da catedral de Nossa Senhora da Conceição. Arquivo do Cardeal Cerejeira: PT/AHPL/PAT14-SP/ B -01/02.

Fig.63 – Estátua de Nossa Senhora da Conceição. Retirado do livro *Guia da Catedral de Lourenço Marques*.

Fig.64 – Estátua de S. Francisco Xavier. Retirado do livro *Guia da Catedral de Lourenço Marques*.

Fig.65 – Estátua de Santa Teresa de Lisieux. Retirado do livro *Guia da Catedral de Lourenço Marques*.

Fig.66 – Custódia pertencente à catedral de Nossa Senhora da Conceição, pela Leitão&Irmão. Fotografia tirada por Nuno Pinto Basto.

Fig.67 – Bronzes pertencentes à catedral de Nossa Senhora da Conceição. Fotografia da autora.

Fig.68– Sagração da catedral: pormenor do interior repleto de fiéis. Arquivo do Cardeal Cerejeira. PT/AHPL/PAT14-SP/ B -01/02

Fig.69 – Imagem da maqueta da catedral, ao lado a fotografia de Marcial de Freitas e Costa. Retirado do jornal *Notícias, Diário da Manhã*.

Fig.70 – Postal com a vista sobre a catedral de Nossa Senhora da Conceição , estátua de Mouzinho de Albuquerque e Câmara de Lourenço Marques, década de 40. Retirado do Google Imagens.

Fig.71 – Fachada de Notre-Dame du Raincy (1922-1923), Arq. Auguste Perret. Retirado do Google Imagens.

Fig.72 - Igreja Paroquial de N.^a Sr.^a da Conceição: Índice dos desenhos projectuais,1936, Marcial de Freitas e Costa. Colecção particular.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*

Fig.73 - Igreja Paroquial de N.^a Sr.^a da Conceição: alçado principal, 1936, Marcial de Freitas e Costa. Colecção particular.

Fig.74 – Idem, pormenor.

Fig.75 - Igreja Paroquial de N.^a Sr.^a da Conceição: alçado de tardoz, 1936, Marcial de Freitas e Costa. Colecção particular.

Fig.76 - Idem, pormenor.

Fig.77 - Igreja Paroquial de N.^a Sr.^a da Conceição: corte longitudinal, pormenor da torre sineira, 1936, Marcial de Freitas e Costa. Colecção particular.

Fig.78 - Igreja Paroquial de N.^a Sr.^a da Conceição: corte longitudinal, abside e transeptos, 1936, Marcial de Freitas e Costa. Colecção particular.

Fig.79 - Igreja Paroquial de N.^a Sr.^a da Conceição: corte longitudinal, corpo central, 1936, Marcial de Freitas e Costa. Colecção particular.

Fig.80 - Igreja Paroquial de N.^a Sr.^a da Conceição: corte longitudinal, coro e torre sineira, 1936, Marcial de Freitas e Costa. Colecção particular.

Fig.81 - Igreja Paroquial de N.^a Sr.^a da Conceição: planta geral, 1936, Marcial de Freitas e Costa. Colecção particular.

Fig.82 – Capa do projecto da Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Conceição: assinatura de Marcial de Freitas e Costa como Engenheiro Civil do Instituto Superior Técnico.

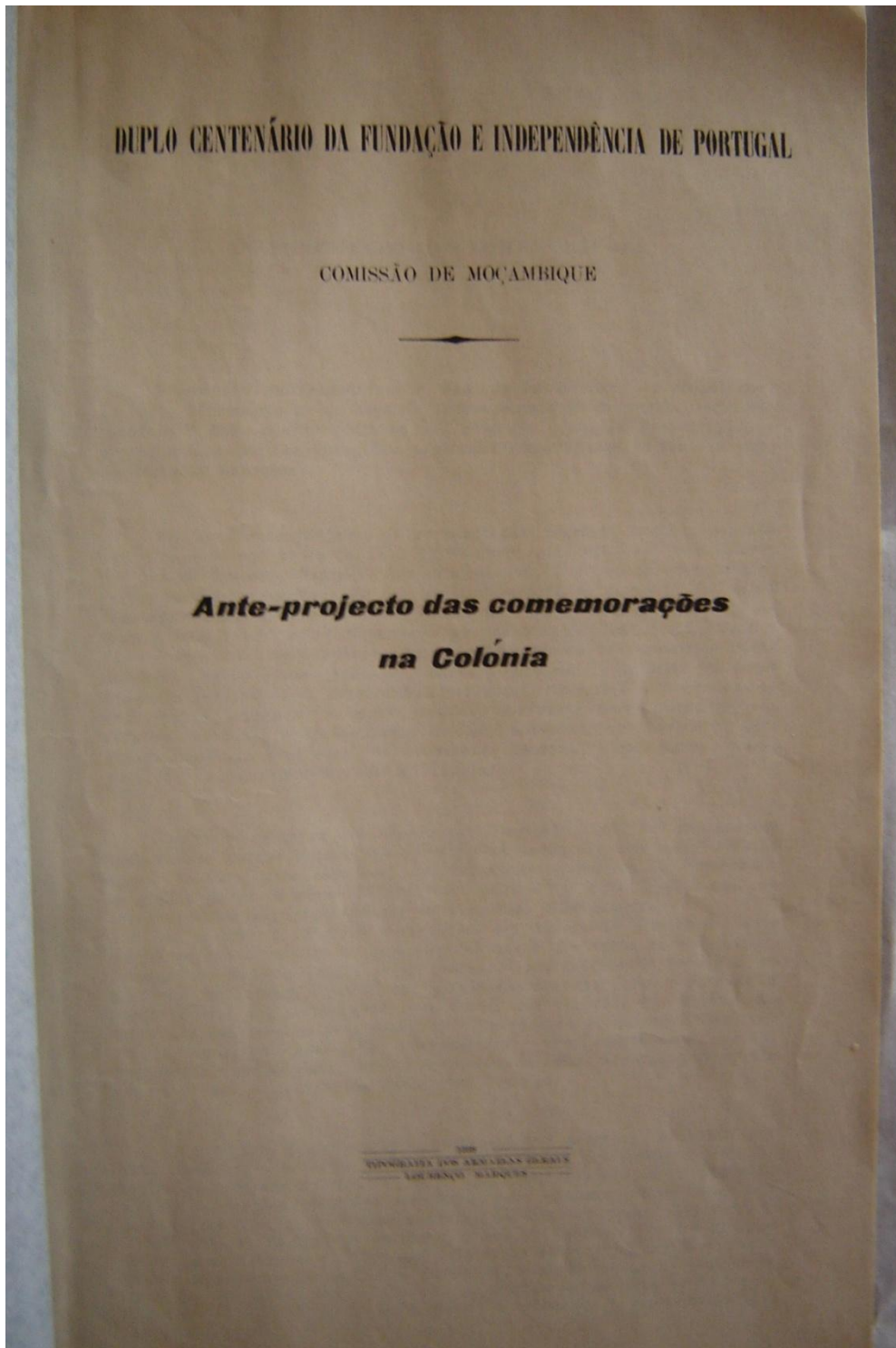
Fig.83 – Esboço de composição de encaixes dos vidros coloridos, *s.d.*, Marcial de Freitas e Costa. Colecção particular.

Fig.84 – Idem.

Fig.85 – Engenheiro Marcial de Freitas e Costa no seu gabinete de trabalho no edifício dos C.F.M., *s.d.* Colecção particular.

Fig.86 - Esboço de sugestões para pia baptismal, *s.d.* [entre 1933 e 1936], Marcial de Freitas e Costa. Colecção particular.

Anexo documental



1Doc. *Ante-projecto das Comemorações da Colónia*, Comissão de Moçambique, 1938, Lourenço Marques (oito imagens seguintes). Colecção particular.

ANTE-PROJECTO DAS COMEMORAÇÕES

A Comissão encarregada por V. Exa. da celebração, em Moçambique, do Duplo Centenário da Fundação e Independência de Portugal, vem apresentar a V. Exa. o ante-projecto do programa daquela celebração, e propor a nomeação das Comissões especiais encarregadas de realizar cada um dos seus aspectos.

Era este ante-projecto de apresentação urgente, porque, nomeada esta Comissão por portaria de 2 de Novembro corrente, ve, pelo officio n.º 195 da Comissão Nacional dos Centenários, que o plano das Comemorações em Moçambique terá de ser ainda submetido ao parecer da mesma Comissão Nacional, e, contudo, nos termos do mesmo officio, marcadas as festas, que devem supor terminadas as realizações materiais, para o fim de Abril de 1940; quer dizer, 18 meses depois da nomeação desta Comissão, menos ainda depois do regresso do plano, e levando em conta a demora inevitável da preparação financeira e técnica dos projectos de edificações, ainda muito menos, o prazo que resta será sempre pequeno para os realizar; a apresentação de um ante-projecto, sobre o qual incida desde já o parecer da Comissão Central, visa, tanto quanto possível, a não aumentar esta dificuldade.

Lembra a portaria que nomeou esta Comissão que as realizações teem de ser feitas dentro dos recursos da Colónia, o que seria posição apesar de tudo muito favorável, se estes não estivessem já empenhados em grande parte no plano de fomento ordinário, cuja realização se resolveu antecipar precisamente em vista das comemorações.

Ao estudar o programa preveniu-se por isso esta Comissão, tanto quanto possível, contra a, escassez dos meios que teria ao seu dispor. Procurou no imposto (aliás já em projecto), na reforma de serviços, na participação privada, quanto lhe permitisse aumentar, com utilidade, a magnificência das Comemorações sem abusar dos recursos do Estado. Em vista das realizações propostas, está convencida de que não abusou; de que, menos do que pede, prejudicaria o programa; e ainda de que o programa, prejudicado, não corresponderia aos acontecimentos que comemora, nem á posição da Colónia no Império.

A importância necessária a realização do programa proposto por esta comissão, e a cargo do Estado, só pode ser precisamente estabelecida no programa definitivo, cuja elaboração depende da apresentação dos relatórios das comissões especiais, que pedimos sejam presentes quinze dias depois da nomeação delas. Calcula-se, porém, que atinja 10.000 contos, em numeros redondos, e que, de qualquer forma, a aceitar todos os alvitre constantes dos relatórios especiais que disso fossem dignos não ultrapassaria 15.000 contos. A Comissão procurou excluir do programa tudo o que não resultasse uma realização de character perpétuo, e cuida te-lo conseguido tanto quanto o consentia o fausto necessário ás comemorações.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu arquitecto?

A participação da Colónia, e para isso bastará o adicional previsto para a instalação material da ordem económica, que o programa prevê, representa, sem dúvida, e pelo menos, o dobro dessa importância; mas há a acrescentar a da participação municipal, das associações em conjunto, e de algumas instituições civis; o que eleva os recursos consignados por Moçambique a celebração dos Centenários a um montante deveras considerável.

O encargo e responsabilidade das comemorações, se for aprovado o programa que propõe, entende esta comissão que exige a nomeação de um comissário, a quem se atribua todas as funções executivas, e se dedique ao exercício delas, com exclusão de quaisquer outros serviços, cargos e preocupações. Este ante projecto aguarda os projectos das comissões especiais para que se converta em projecto definitivo. Há, portanto, tempo, para esperar que cheguem à colónia os diplomas que criaram na metrópole instituições semelhantes, e de a constituir aqui, antes da data em que pode iniciar-se o cumprimento do mesmo programa. A acção de orientação, de coordenação, e de dinamização, que a execução do programa supõe, exige instituição adequada e, deve dizer-se, pessoa adequada também.

O numero das comissões especiais é grande. Quis-se assim restringir o objecto de estudo de cada uma, de forma que o pudessem fazer dentro de curto prazo e imediatamente entregarem os relatórios em que assentará o relatório da Comissão central justificativo do programa definitivo das Comemorações em Moçambique. Esse prazo propõe-se seja de quinze dias a contar da sua nomeação.

São também, e em regra, as comissões constituídas por mais de tres membros, em geral cinco, ou sete. Quis-se interessar toda a cidade no empreendimento, tanto mais que o custo da parte das realizações projectadas fica a seu cargo, e quis-se também relacionar logo todos os elementos pessoais necessários ao bom curso dos trabalhos, de forma a evitar posteriores arranjos, agregações, ou substituições. Em contra partida, porém, entende-se dever propor, que as funções deliberativas pertençam apenas ao presidente, e aos vogues pertençam apenas funções consultivas, ficando aquele com a faculdade de delegar nestes a parte que entender das funções que lhe cabem em vista de determinados objectivos do trabalho da respectiva comissão.

As comissões especiais trabalham como sub-comissões da comissão central, mas é conveniente que as comissões provinciais tenham maior autonomia, em vista da sua composição, da natureza do seu programa, e da distancia, que, doutra forma, dificultaria muito a eficacia do seu trabalho. Propõe-se que sejam presididas pelo Governador da respectiva provincia, tenham um vice-presidente em que este possa delegar as suas atribuições de presidente, e as sub-comissões de sua nomeação que sejam necessárias a realização do programa. A Comissão central, quanto as comissões provinciais, desempenhara apenas as funções que desempenham as direcções de serviço em relação aos respectivos governos.

Entendeu a Comissão que a parte fundamental do programa deveria ser constituída por aquelas realizações que realmente representassem uma comemoração da fundação e independencia de Portugal, porque consagrassem os grandes acontecimentos da nossa história, porque celebrassem os princípios fundamentais da vida nacional, ou porque perpetuassem, pela originalidade da realização, a data das comemorações e, com ela, o espirito com que se realizou.

De acordo com esta orientação julgou indispensável incluir no programa de realizações, em primeiro lugar, o acabamento da Catedral,

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu arquitecto?

que dêta lugar a uma serie de solenidades, que na Colonia marcariam uma época com extraordinario fulgor. Toda a Colonia tem contribuido para a construção do templo. Fomos o Sr. Bispo de Leuce e Prelado de Moçambique, que a sagração seja feita pelo Sr. Cardeal Patriarca, chama por sua vez accesa na lampada da Catedral seja accesa com a jaz o Fundador. As recepções, solenidades e factos que o acontecimento se constituiria o primeiro, e, sem duvida, o mais notavel dos grupos de ceremonias das comemorações.

Esta a Catedral a ser construida pela contribuição dos fiéis e auxilio do Estado. Supõe a Comissão possível que o Estado possa fornecer, de uma so vez, todo o auxilio que possa distribuir por alguns annos, e o que ainda faltar para que a Catedral se abra ao culto, e pouco mais será.

Assentou tambem a Comissão na necessidade e oportunidade de incluir no programa das Comemorações uma realização material que representasse a consciencia, orgulho, e vontade nacionais de Moçambique, e assim constituise a memoria dum solene compromisso e, por isso, o lugar, que aqui não existe, de culto patrio. A natureza desta realização implicava, porem, que ella fosse efectuada, não pelo Estado, mas por todos os portuguezes que trabalham em Moçambique, por intermedio das suas associações economicas, regionais, desportivas, e outras. São muitos os elementos a consultar, reunir, e organizar, para tal empreendimento, e, decerto, os poucos dias de vigencia desta Comissão não permitiriam ainda se deva por findo esse trabalho. Podemos apenas dizer a V. Exa. que todas as entidades com que se haja trocado impressões, manifestam a mais favoravel disposição e vontade de corresponder a sugestão apresentada. Como se desejaria que esta realização fosse daquellas que se devem encontrar terminadas na data em que se celebrem as comemorações, e para isso e preciso relacionar cuidadosamente os meios com o tempo, não se deve dar por definitivo nenhum dos projectos ideados, e por isso, o não apresentamos ainda.

Tambem no mesmo sentido julgou a Comissão que, na celebração dos Centenarios, se deveria ter em atenção a parte da nossa historia que se produziu na Colonia, fazendo acompanhar a manifestação da estatua de Mouzinho, que constitue uma realização da Camara Municipal de Lourenço Marques, de uma serie de realizações de ordem cultural:

Organização definitiva dos arquivos, existentes em toda a Colonia, e de que muitos se encontram desorganizados, e alguns em via de perda; elles não são, hoje, muito valiosos, pois que o que de melhor continham, já se encontra na Metropole; mas ainda neles se encontram documentos apreciaveis, que é mister e não é dispendioso salvar e conservar;

Publicação do catalogo bibliografico de Moçambique, embora por agora restricto a relação das obras inteiramente dedicadas a Colonia, pois que a sua ampliação as obras que apenas se lhe refiram e impossivel dentro do tempo e dos recursos;

Creação, nas capitães das provincias, de bibliotecas publicas; em toda a Colonia, só existe uma, em Quelimane, muito restricta e deficientemente instalada; decerto se não conta com a construção de edificios proprios, mas apenas com a adaptação de instalações, a não ser que se averigüe, em algumas das sedes, a impossibilidade desta adaptação.

A realização, que estas naturalmente sugere, e a que se dedique a Portugal novo, e seja, portanto, representativo de revolução nacional.

Esta em projecto o lançamento de um adicional sobre a exportação e a importação da Colonia, para a construção de um palacio de comercio, e que, a serem aceites as modificações propostas pela Direcção dos

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu arquitecto?

Serviços de Administração Civil, se converteria no projecto da instalação material, em Moçambique, de toda a ordem económica imperial e colonial, organizada pelas instituições corporativas e de coordenação. Desde que devidamente aprovado o projecto, a realização que preve seria, pela sua grandeza e significado, verdadeiramente esplendida. Seria ela constituída pela construção, em Lourenço Marques, do Palácio das Corporações, edificio necessariamente monumental, por ter de incluir instalações para organismos de coordenação imperial e colonial, muitos gremios e sindicatos de jurisdição colonial, suas secções ou delegações provinciais e institutos relacionados, e, nas capitães das provincias ou districtos, os edificios necessarios as secções e delegações regionais.

Dispensando outros recursos do Estado que não sejam, por ventura, os da sua intervenção na preparação do plano financeiro do empreendimento, para garantia do necessario periodo de vigencia do adicional, com fundos largamente bastantes, e com uma Administração que se projecta amplamente desembaraçada de formalidade, embora fiscalizada, poderia ser este, talvez, um dos numeros do programa que melhor resultaria em grandeza, significado e tempo.

Harmonica com o espirito que presidiu a elaboração da parte fundamental do programa, e já com elementos valiosos de realização, seria também a nacionalização, do ensino dos pequenos portugueses de Moçambique, que, hoje, pelo preço da vida na capital e deficiência de instituições de aprendizagem, são educados, por centenas alem fronteiras.

O desenvolvimento da Escola Tecnica esta já em estudo pelo Governo da Colonia independentemente das comemorações; lembra apenas esta Comissão que lhe não parece de excluir a colaboração dos Serviços aos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes nesse desenvolvimento, pois que a instituição a que aquela escola mais recorrerá.

A direcção das Missões tem construido os alicerces e parte das paredes mestras de um grande collegio de raparigas, e já verificou a viabilidade de uma operação financeira com a Caixa dos Correios e Telegrafos que permite leva-lo a cabo em 1940.

Resta a construção de um pensionato a preço modico para rapazes que frequentem as escolas da capital, em especial a tecnica. Ora talvez que o internato pudesse incluir as instalações do Instituto Mousinho de Albuquerque, a construir pela Assistencia Publica, embora por uma reforma dos serviços desta, que neste campo se limitariam a subsidiar os internados pobres, e, portanto, ser em parte construido com os recursos destinados a construção daquele. A organização interna da instituição, que é delicada, cabe aos Serviços de Instrução Publica da Colonia.

Esta em realização o plano municipal de abertura de ruas, avenidas e praças, criação de bairros indigenas, edificação dos novos Paços do Conselho, e construção do monumento a Mousinho de Albuquerque. Nesse plano se louva a Comissão, nada mais lhe cabendo. lembrar a comissão especial se não a aceleração do ritmo de trabalho, de forma a que as realizações consigam, tanto quanto possivel, o seu termo em 1940.

A construção de Estatua de Mousinho sugere, porem, que a volta da sua inauguração, se estabeleça a participação indigena nas comemorações. Recorda um dos membros desta Comissão que já viu aproveitar, numa pequena colonia, as festas de inauguração do monumento soldado que apacificou, para chamar a capital representações das raças indigenas do interior, muito numerosas para que o prestigio das festas se reflectisse em todos os recantos do territorio, e cujo total atinjiria bastantes milhares de homens. Cada raça construiu a volta da capital os acampamentos do seu estilo, ali vivia a seu modo, e efectuava as suas festas típicas. Tornava-se assim uma exposição ethnica viva, do maior interesse, diversidade, e movimento.

Decerto, não se tentou obter daquelas raças, alem das festas

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu arquitecto?

das comemorações, por elles mesmo espontaneamente e com os seus recursos próprios organizadas, maior contribuição para as festas da inauguração, do que a sua formação e desfile a volta e perante a estatua do pacificador, e não ser, dos museulimans, corridas e jogos de cavalaria. Contudo, a atenção do Governo, que comprehendem bem, o prestigio de festas que, para indigenas, seriam sempre extraordinarias, e o congresso das faças em nome de Portugal, produziram plenamente o resultado que se pretendia.

Não parece extraordinariamente oneroso, embora o seja mais do que ali, onde o não foi, conceber uma participação indigena nas comemorações, nestas bases gerais. O concurso que de cada uma se pode obter, será necessariamente, objecto de um estudo especial e mais demorado, a cargo das comissões provinciais. A comissão encarregada de realizar este numero do programa cabe resolver problemas, talvez difficeis, de transportes, de instalações, e de alimentação, além do estabelecimento da necessaria coordenação com as outras comissões de festas e solenidades.

A esta participação efemera ha, porem, que fazer corresponder uma participação de natureza perpetua - arte e ethnografia indigena, cujos elementos venham a ser aproveitados para a criação em Lourenço Marques, de um Museu de Arte e Ethnografia indigena.

Parece ser esta a melhor oportunidade, sendo uma oportunidade unica, para obter um documentario que se perde irremediavelmente dia a dia. A colheita não é de forma alguma onerosa e a capital dispõe de pessoas competentes para procederem a uma escolha que é difficil.

É certo que este ponto do programa supõe se amplie o Museu Alvaro de Castro, para que, numa sala, ou serie de salas, desse Museu, se instale o Museu de Arte e Ethnografia indigena. Mas essa ampliação esta prevista pelo Estado. Apenas se deve, ao que parece, conceber em termos maiores, para que responda a necessidades de instalação do Museu de Arte e Ethnografia Indigena, e a necessidade suposta pela realização que a seguir se expõe.

Parece, realmente, inteiramente conveniente que, no Museu da cidade, que o é da Colonia, se instale uma grande sala, ou serie de salas, dedicadas a Portugal, e que deveriam ser designadas pelo nome do nosso pais, notando-se que, quando se diz Portugal, não se diz Metropole, e, por consequencia, se parte destas instalações seriam dedicadas ao solar de todos os portugueses, outra, e por ventura a maior, seria dedicada a sua acção através dos tempos no mundo inteiro. Assim se representaria o conceito de vida nacional que deve presidir a vida colonial, e elevar o significado desta pela sua integração no longo, poderoso e vasto desenvolvimento daquela. A ampliação do actual Museu, que esta prevista pelo Governo, não bastaria ao preenchimento deste objectivo.

Projecta a Colonia as mais importantes realizações que ocorrem pela Repartição Technica das Obras Publicas e pela Direcção dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes, e que já relacionara, mesmo, com as comemorações dos Centenarios, umas a concluir e outras a iniciar em 1939 e 1940, entre as quaes se destacam as relativas a construção de numerosos edificios para instalação do Palacio do Governador Geral, dos Serviços Centraes, e de outros serviços da Colonia, instalações em que, e hoje notavel a deficiencia da capital, caminho de ferro da Tete, e rede de estação radiogoniometrica, etc. Julga a Comissão que, de todos esses edificios, os de maior importancia, e que podessem estar já em parte construidos a data das comemorações, e terminados dentro do prazo de um ano, a contar dessa data, para que assim se possam relacionar estreitamente com ella, deveriam ser incluídos no programa, para que a sua construção se submettesse ao ritmo de trabalho que elle supõe.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu
arquitecto?

Ignora esta comissão se o projecto de irrigação do vale do Umbeluzi se leva ou não por diante; e, por isso, anota apenas que, em caso afirmativo, o início das obras representaria um acto bem escolhido como comemorativo dos centenários.

As solenidades, cortejos, espectáculos, festas e recepções, comemorativas dos centenários, porque de organização mais rápida, não mereceram a comissão cuidado tão extenso como o dedicado as realizações materiais; as comissões respectivas incumbem o seu projecto pormenorizado.

De qualquer forma essas solenidades agrupam-se a volta de três factos mais notáveis: o da visita do Senhor Cardeal Patriarca, o da inauguração das realizações de ordem nacional, e o das destas da cidade pela inauguração do monumento a Mousinho.

As comissões especiais, encarregadas desta parte do programa, embora apresentem o seu relatório dentro do prazo igual ao fixado para todas as comissões especiais, o redigirão também com o caracter de ante-projecto, cabendo depois a comissão central promover quando e como as circumstancias o aconselharem, a sua conversão em definitivo.

Lista das comissões especiais que a realização do programa supõe:

CATEDRAL E COLEGIO FEMININO DE LOURENÇO MARQUES:

P. - O Senhor Bispo de Leuce e Prelado de Moçambique.
D. Ester Carregal Ferreira.
Dr. Vasco Palmeirim.
Francisco Paulo Menano.
Eng^o. Marcial Simões de Freitas e Costa.

Colaboram com esta comissão, e, nesta parte do programa, como sub-comissões, a comissão constituída pela comissão da Colonia da União Nacional, e a comissão de recepções, festas e espectáculos.

REALIZAÇÃO DEDICADA PELOS COLONOS A NAÇÃO PORTUGUESA:

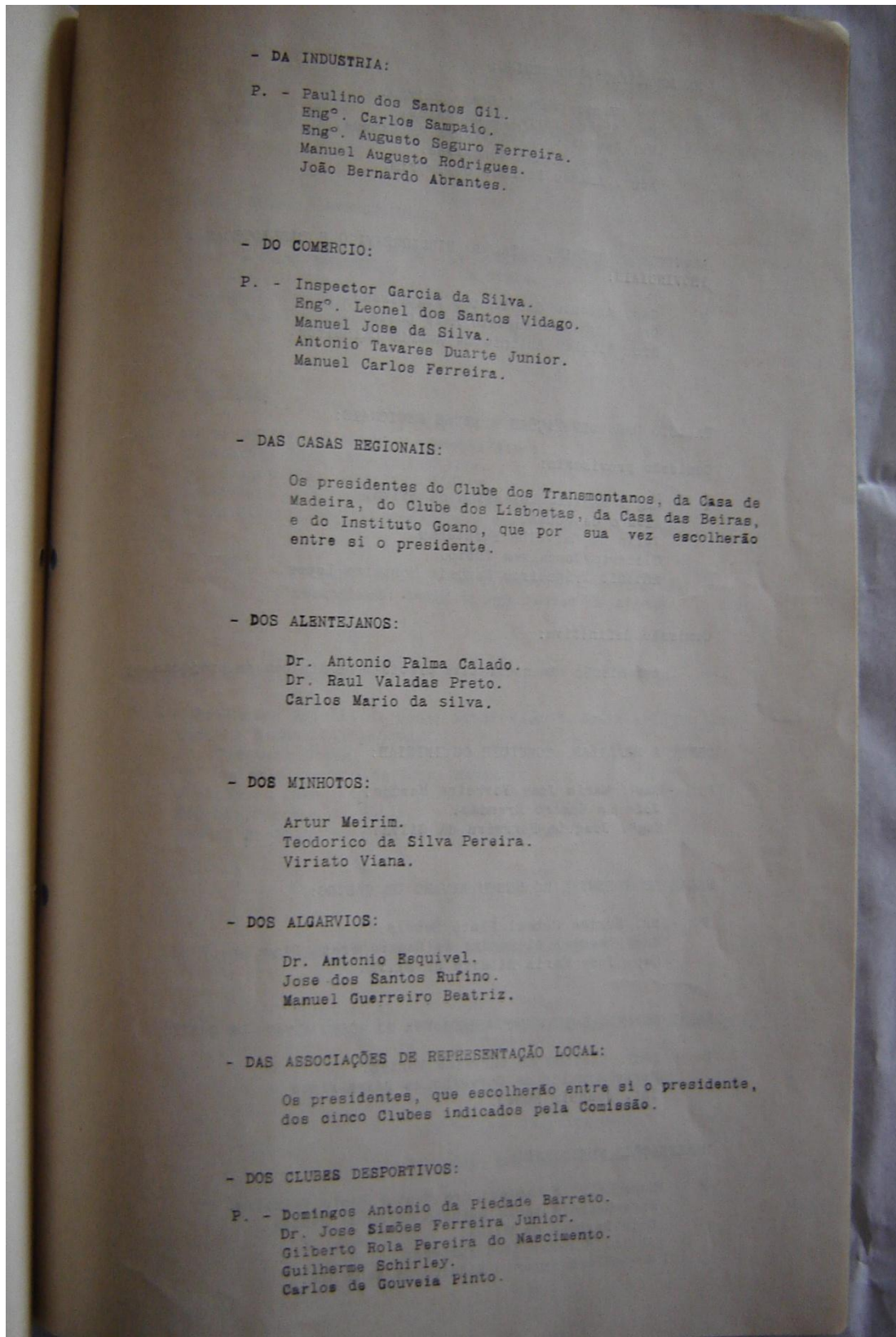
P. - Dr. Ernesto Augusto Garcia Marques.
Eng^o. Victor Barbosa da Silva Carvalho.
Luiz Esteves Gonçalves da Costa.

Colaboram com esta comissão as comissões representativas:

- DAS PROFISSÕES LIBERAES:

P. - Dr. João Augusto Ornelas.
Dr. Maximiano Cotta.
Eng^o. Herminio Lopes Madeira Leitão.
Dr. Mario de Carvalho Alcantara.
Platão Zoria do Amaral Guerra.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu
arquitecto?



A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu
arquitecto?

SOLENIIDADES CIVIS:

- P. - Comandante Jose Maria da Silva Cardoso.
Comandante Antonio Augusto Sequeira Braga.
Engenheiro Antonio Joaquim de Freitas.

RECEPÇÕES, FESTAS E ESPECTACULOS:

- P. - Engenheiro Manuel Alexandre de Castro Prata Dias.
Major Alvaro Herculano Pinho da Cunha.
Dr. Abel Simões de Carvalho.
Dr. Carlos Maximo de Figueiredo.
João da Silva Contreiras.

CIDADE INDIGENA:

- P. - Major Adolfo do Amaral Abranches Pinto.
Comandante Jose Saraiva Teixeira.
Intendente Raul Candido dos Reis.
Comandante Jose Frederico de Almeida Martins (Ca. Na. de Naveg.).
Administrador Adelino dos Santos Ferrão de Castel-Branco.

Incumbe tambem a esta comissão organizar a
colaboração indigena nas festas da cidade.

PROPAGANDA E PUBLICAÇÕES:

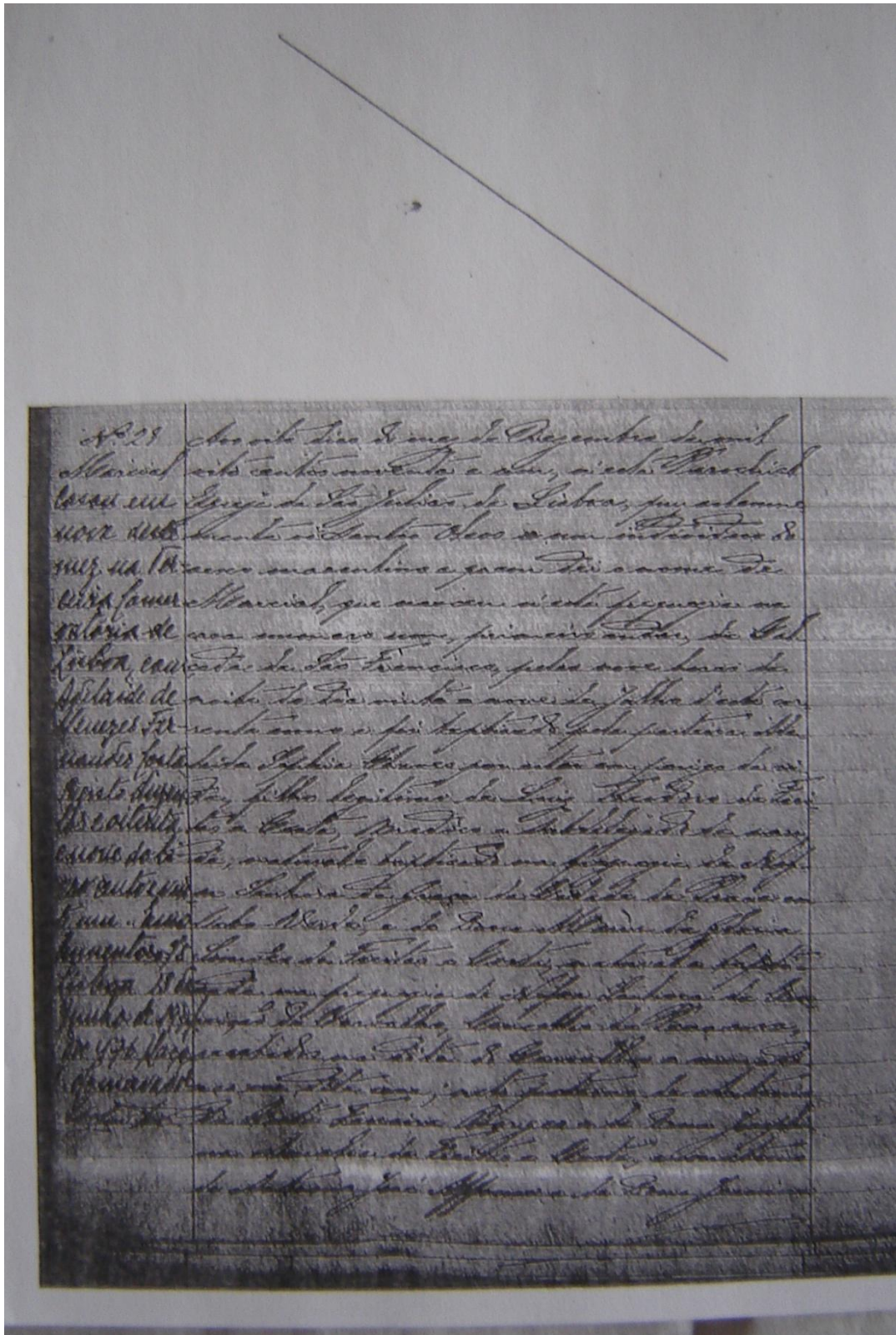
- P. - Conselheiro Antonio de Sousa Ribeiro (Ant.º Secretario Geral).
Capitão Manuel Simões Vaz.
Dr. Torquato Gomes.
Dr. Antonio Correia de Sousa Neves.
Raul Neves Dias.
Eduardo Correia de Matos.
Acacio da Silva Riesques Pereira (Guardian)

Lourenço Marques, 22 de Dezembro de 1938

A COMISSÃO ORGANIZADORA DAS COMEMORAÇÕES,

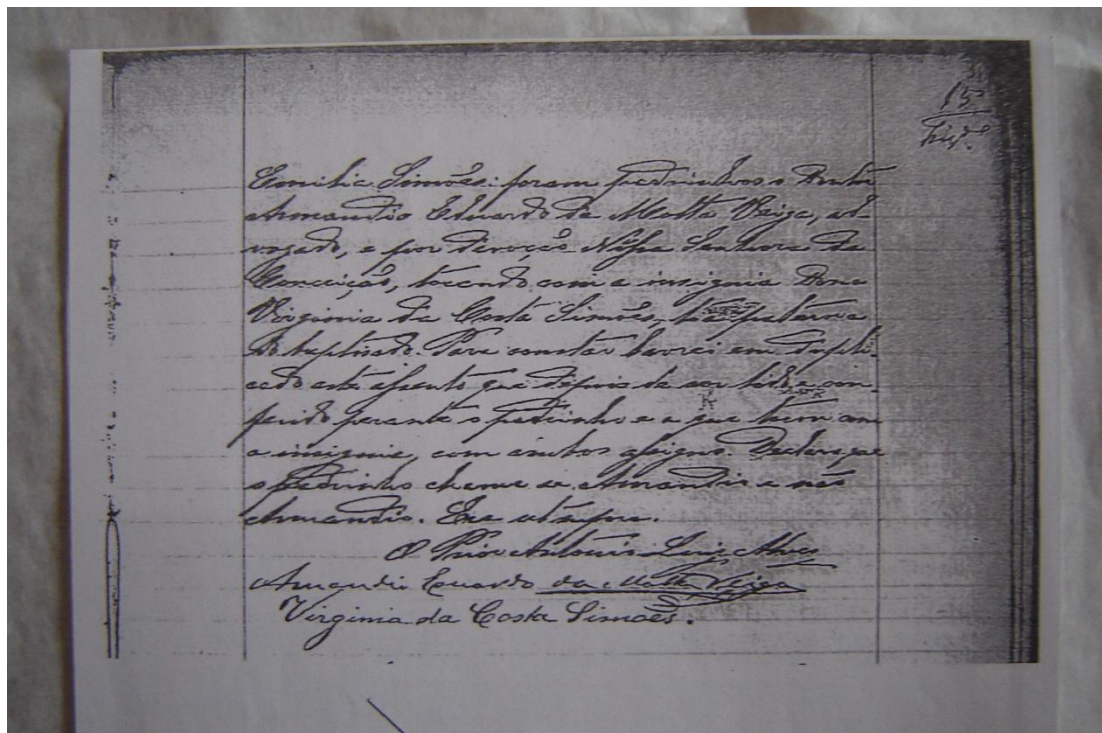
(Ass.) Manuel da Cunha e Costa Marques Mano
Mario Jose Ferreira Mendes
Antonio dos Santos Figueiredo

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu arquitecto?



2Doc. Assento de baptismo de Marcial de Freitas e Costa,1891, Lisboa (imagem seguinte). Torre do Tombo.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu
arquitecto?



Lisboa, 26-11-39.

Ex. mo
Sr. Sr. Eng. Freitas e Costa,

Muito obrigado pela sua carta e informações. Passo
que não devemos arrepender perante a recusa de Sr. For
geral. Sua Ex.ª em carta que recebi ha dias parece-me
estar disposto a ir até um subsídio unico de 3.000
contos.

Falei ao Sr. Ministro das Colonias que se mostrou bene-
volente, mas não prometter, antes de receber a propo-
sta e aia para a planta da igreja. Seria bom se V. Ex.ª
desse obter algumas copias - das boas e bonitas - para
lhe mandar um manuscrito da Relação.

Entendo porém que não devemos recusar o subsídio
dos 3.000 contos e que seria bom encargar todos os
cursos para levar a cabo a obra dentro de um prazo.
Vá V. Ex.ª pensando nisso, enquanto o vapor me
traz até ai, com os planos, de maneira a estar sem
o trabalho no fim de mais de um mês.

O architecto Franco para a igreja de S.ª de Conceição
em warmore; também se encarrega de Via Santa,
quanto as medidas que lhe houverem de mandar.

Quanto aos warmores, vai inclusa a nota de um
fornecedor.

Do Belato amigo, p. proto,
+ Antonio, Bispo de Lamea.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu arquitecto?

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE LOURENÇO MARQUES.	
FUNDO DA CATEDRAL.	
RECEITA TOTAL ATÉ 12 de Setembro de 1939.	
Da Prelazia e Direcção das Missões Católicas	500.000\$00
Da herança do Rev.do Padre J. Vicente do Sacramento	462.991\$28
Da Associação Católica	486.821\$50
De peditórios feitos na Igreja, durante as missas	299.701\$50
Da subscrição iniciada em 1930	14.803\$10
Da Associação do Apostolado da Oração	12.000\$00
Da subscrição promovida pelo Rev.do Pároco da Beira	12.570\$00
De diferentes esmolas e donativos	8.958\$50
Da venda de sacos de cimento, vazios	8.002\$50
Do saldo de velas de cera cedidas	5.000\$00
De depósitos não levantados	5.350\$00
Da Matiné do Cine Variedades	3.734\$50
Das Rev.dos Padres Franciscanos da Prelazia	4.320\$00
Da Associação Indiana	2.489\$70
Da subscrição promovida pelo Rev.do Pároco de Macequece.	1.545\$60
Da " " " " Superior de Amatongas	841\$80
Da " " " " da Chupanga	5.808\$00
Soma	1.835.338\$98
Subsídio do Governo nos anos de 1938 e 1939	1.000.000\$00
Da dotação da Missão (4.234, 1.237, 1.732 e 1.987)	202.105\$99
Total	3.037.444\$97
DESPESA	
Papel para a planta	2.207\$00
Um Camião "Fargo"	23.000\$00
Água gasta nas obras	9.410\$60
Areia	5.142\$82
Mão de obra	384.431\$26
Transportes (gasolina, óleo e reparações do camião)	40.241\$80
Pedra para cimento armado	76.862\$00
Ferro e arame	929.346\$48
Dois máquinas de dobrar ferro	9.476\$88
Madeiras	649.100\$79
Cimento	331.419\$40
Iluminação do local da construção	6.191\$71
Pregos e parafusos	18.335\$28
Ferramentas e utensílios	17.803\$39
Vitrals e janelas	303.970\$76
Dois betoneiras	61.570\$65
Um guindaste para elevar os materiais	28.021\$78
Cortica (4.500 m2.)	135.489\$20
Diversos	5.038\$96
Fôrça motriz para as máquinas	3.101\$70
Zinco	2.316\$40
Tintas para pintar a torre do elevador	660\$80
Resíduos de granito, vindos de Pretória	542\$20
Ventiladores	2.500\$00
Total	3.047.352\$04
Deficit existente em 12 de Setembro de 1939	9.907\$97

4Doc. Despesas do Fundo da Catedral, 1938/39, Lourenço Marques. Coleção particular.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu
arquitecto?

Ex. R^{ma} D. Teodósio:

Tenho aguardado a resolução de V. Ex.^a R^{ma}
sobre a questão do tipo de janelas a
colocar e sobre ~~a data~~ ^{o adiamento} da inauguração
da Catedral. Estou admirado de au-
da nada saber, decorrido alguns dias
já sobre a data em que me foi pro-
metida a resolução desses assuntos.

O supervisor do fornecimento e
montagem da instalação eléctrica já
me perguntou quando se deseja que come-
ce os seus trabalhos e a resposta deve
ser condicionada pela ^{fixação da} data ^{fixada}
para de inauguração.

Estou admirado também de nada
saber sobre o que se passa em Lisboa.
Não posso concordar em que a parte
artística dos acabamentos interiores
fique entregue exclusivamente a

5Doc. Carta de Marcial de Freitas e Costa dirigida a D. Teodósio Gouveia, 26 de Junho de 1940,
Lourenço Marques. Coleção particular.

orientação e decisão do conego Sr. Dr.
Santos - em muito grande que possa
ser a sua competência artistica;
julgo ter direito, pelo menos, a ser
consultado antes de se tomar sobre
o assumto resoluções definitivas.

Todos estes assumtos se prendem
com a orientação a qui primária
continuação dos trabalhos de cons-
trução e em isso eu peço a V. Ex.
R. o favor de sobre elles resolver
definitivamente.

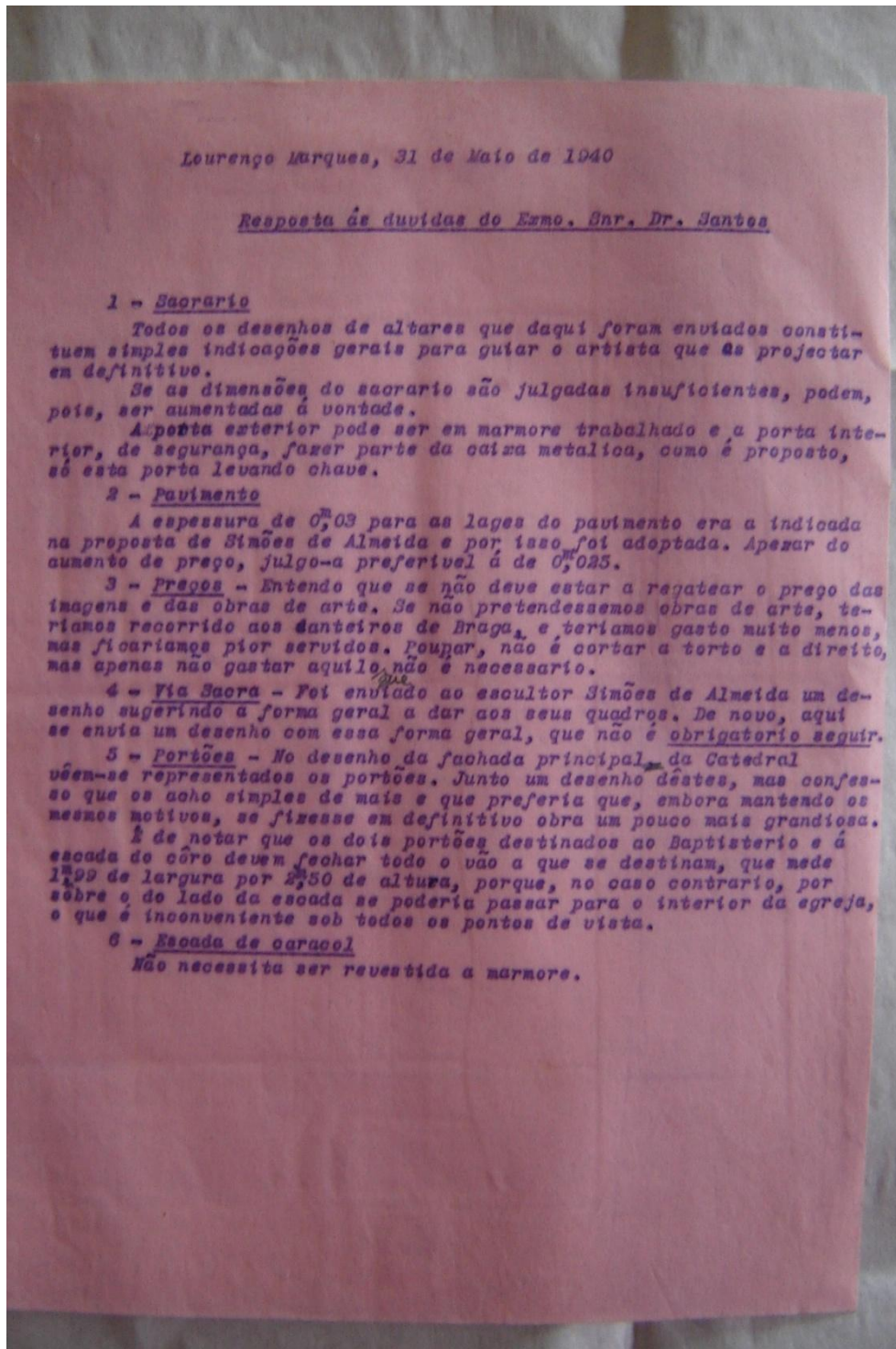
Desejando a continuação da
meu'ra saúde de V. Ex. R.
subscrevo-me, com muita con-
sideração e respeito.

Sr. V. P.

M. A. V. O.

Trindade

26-VI-40



6Doc. Carta de Marcial de Freitas e Costa dirigida a D.Teodósio Gouveia, 31 de Maio de 1940,
Lourenço Marques. Colecção particular.

21. VII. 40
Sr. D. Teodósio

Com enorme desgosto verifiquei hontem que o
Sr. Gouveia trouxe os primeiros planos para os altars,
Sua Alteza a mesma: agulha!

Esperar de mais esta contrariedade, continuo
a julgar indis pensavel a substituição dos planos
enviados, que são improprios e vão desfezar uma obra
a que tenho - V. Ex.ª - e eu - visto do tanto carinhoso.

Seu saber e seu veio, nenhuma idéias com
ciencias posso dar para Lisboa e por isso não escrevi
as que tinha prometido entregar hoje a V. Ex.ª para
seguirem pelo Sr. Belo. Seguirá pelo Sr. Gouveia se até
lá a situação se aclarar, para o que é indis pensavel
que se não façam novos embargos, conforme V. Ex.ª
hontem certamente determinou por telegrama, como
fiquei acordado.

Não posso, de modo algum, conformar-me com
a maneira como todo este assumto, de capital importância,
foi tratado, nem que não honresse a obra se
nos consultarem como se recomendaria, antes da remessa
da d'obra como que continhamos para um bellegamen-
to d'uma obra a que tenho o meu nome tão estrettamente
ligado.

Com protestos de muita consideração e respeito sou
de V. Ex.ª
M. de Freitas e Costa
Lisboa

7Doc. Carta de Marcial de Freitas e Costa dirigida a D. Teodósio Gouveia, 21 Julho de 1940, Lourenço Marques Colecção particular.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu arquitecto?

Ex. mo. Sr. Director Geral do Fomento Colonial:

Vouo e agradeço o offício de V. Ex.ª n.º 1252/III, de 22 de novembro do ano findo, a que se' hoje posso responder pela necessidade que tenho de effectuar certas diligencias que me permitam apresentar soluções definitivas para a execução das duas imagens que faltam para a Catedral de Lourenço Marques.


Em principio lugar, devo informar V. Ex.ª de que, ha muito tempo ja', foi encomendada ao esultor, Sr. Prof. Simões de Almeida, a execução de todas as 5 imagens necessarias para a Catedral, das quaes ele chegou a fazer

8Doc. Carta de Marcial de Freitas e Costa ao Director do Fomento Colonial, 18 de Janeiro de 1943, Lisboa. Colecção particular.

tres, que ja se encontram colocadas nos seus altares em Lourenço Marques. Cada uma destas 5 imagens foi contractada pelo preço de 50 contos.

Quando, porém, começaram a escaçar os fundos destinados a' construção, Sua Beatitude R.^{ma} Bispo de Lourenço Marques, mandou suspender a execução das duas restantes imagens, supondo em, quando inicialmente dirigia a V. Ex.^{cia} a minha carta de 28 de outubro do ano findo, que me- um trabalho para estas tinha sido expectado e que, portanto, compromissos alguma haveria com aquele escultor.

Não era assim, na verdade, e, quando consultados os escultores Francisco Franco e Eopoldo de Almeida, indicados no telegrama de Sua Ex.^{cia} R.^{ma}, recusaram-se ambos a tomar

conta da execução da imagem do Sagrado Branco
de Jesus, já álcada de sua adiantado estado
de execução em barro pelo seu colega ^{quartão} Simão de
Almeida e isto por uma justificação de causa
indagem e deferencia por um colega e consi-
derado professor da Escola de Belas Artes. Não
ousei de visitar o "atelier" este artista e um
pouco que, na verdade, a imagem em barro,
de feição conceptual artistica, está praticamente
concluida para ser executada em gesso, parece-
do-me de nenhuma justiça, se seja ultimada e
accite, como foi inicialmente contractado, con-
cordando o artista com o pedido que lhe fiz de
a executar por fim, em marmore branco de
Leiteiro, sem aumento do preço a 50 contos
acordado para a imagem em lig. 

Devido a' imagem de Santa Felomena,
ambos os outros esculptores acima citados, se

montificaram a execução. Lá eu mandei ler
de hetting: Francisco Franco por 65 contos; *
Leopoldo de Almeida pelo mesmo preço de 50
contos cotado por Simões de Almeida. Porém
ainda conheci preços e outros esdaltos, mas
não consegui cotações mais baratas - em descon-
absoluto com informações inicialmente colhidas
insucesso que atribuo ao conhecimento, por
interessante, do preço acordado com o professo-
Simões de Almeida.

Em face destes factos, parece-me que a
solução recta e justa será a de se confirmar
a encomenda já feita a Simões de Almeida
duma imagem do Sagrado Coração de J. C.
por 50 contos, e de encomendar a Leopoldo
de Almeida uma nova imagem de Santa
Filomena (solução que Simões de Almeida
aceita também) pelo mesmo preço, e

50 contos, mas Sua Excelência o Ministro decidia em seu alto critério.

Lástimo que enadas informações me tivessem levado a indicar a V. Ex.ª como suficiente para as duas mulheres em falta a importância de 50 contos que, afinal, só chega para uma e espero que Sua Excelência o Ministro, elevando-me essa enada, ainda que involuntária, indicada, mais uma vez se dignasse dispensar a construção da Catedral o seu magno apoio sob a forma de um refresco de 50 contos para a execução de uma capela de Santa Filomena.

Esperando vossas instruções me se dignem dar-me sobre este assunto, subscrevo-me

de V. Ex.ª

— Sr. M. e obediência

Marcial Estrela

Lisboa, 18-I-73



Breyner & Wirth, Ltda

1. Respondendo a' carta de V. Ex. de 12 de maio findo dirigida ao Sr. Eng. Freitas e Costa confirmo, em principio logo, a aprovação do desenho do ornamental central da abside e a concordancia em que os restantes vitraes sejam projectados, no mesmo estilo, para me serem presentes para aprovação definitiva.

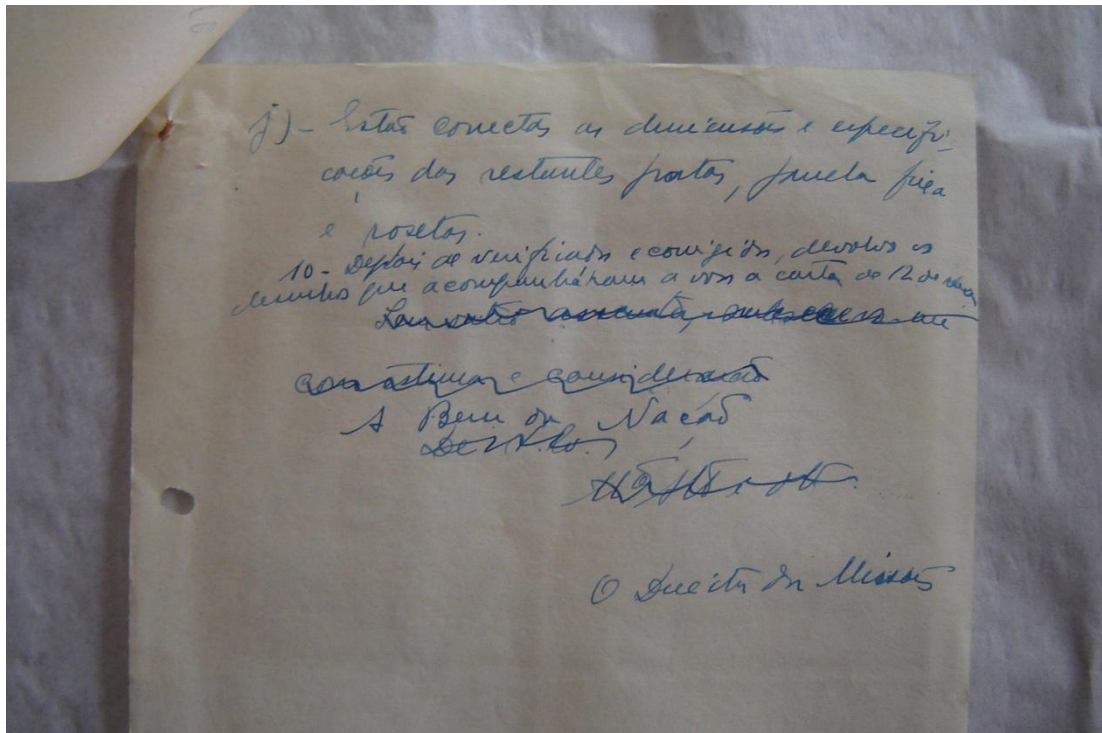
2. Concordo que as janelas que lesam vitraes sejam protegidas com rede e que sejam enviados vitraes sobressaltados para as restantes janelas.


3. Tomo nota e concordo com as observações do fabricante relativamente a ^{inutilidade} ~~inutilidade~~ de qualquer ^{nos janelas} arco adicional. Dica assim entre ^{deido} ~~deido~~ ^{nos janelas} ~~nos janelas~~ ^{peras} ~~peras~~ colorados os arcos metálicos ^{porém} ~~porém~~ ^{em V. Ex.} ~~em V. Ex.~~

4. Aceito o sistema preconizado para os caucillos basculantes das janelas. Insisto porém, e desejo que as janelas ^{de} ~~de~~ ^{7,800 x 5,50 m} ~~7,800 x 5,50 m destinadas as sacristias sejam dotadas de caucillos que abram lateralmente. ~~Concordo~~~~

9Doc. Carta das Missões Religiosas (Católicas) para a Firma Breyner & Wirth, Limitada, s.d., Lourenço Marques. Colecção particular.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu arquitecto?





MARCA REG. N.º 1208

TÓNIO MARIA RIBEIRO
DA ORDEN DE S. TIAGO DA ESPADA
RIVES-CINZELADOR-DESENHADOR

AVENIDA DA REPÚBLICA, 1101
TELEF. 3790
V. N. DE GAIA

Vila Nova de Gaia, 6 de Março de 1939

A sua Excelencia • Snr.
Bispo de Moçambique

Exmo. Snr.

Em resposta ao pedido de orçamento que V. Excelencia me fêz, para as peças de bronze, destinadas à igreja da N.ª. S.ª. da Conceição de Lourenço Marques, venho apresentar uma ideia de lampadario e de castiçal, bem como os tamanhos.

Só depois de me fornecer os detalhes e indicações de tamanhos exactos, poderei estudar os restantes desenhos, bem como rectificar os orçamentos, que são agora apresentados, unicamente para base de estudo.

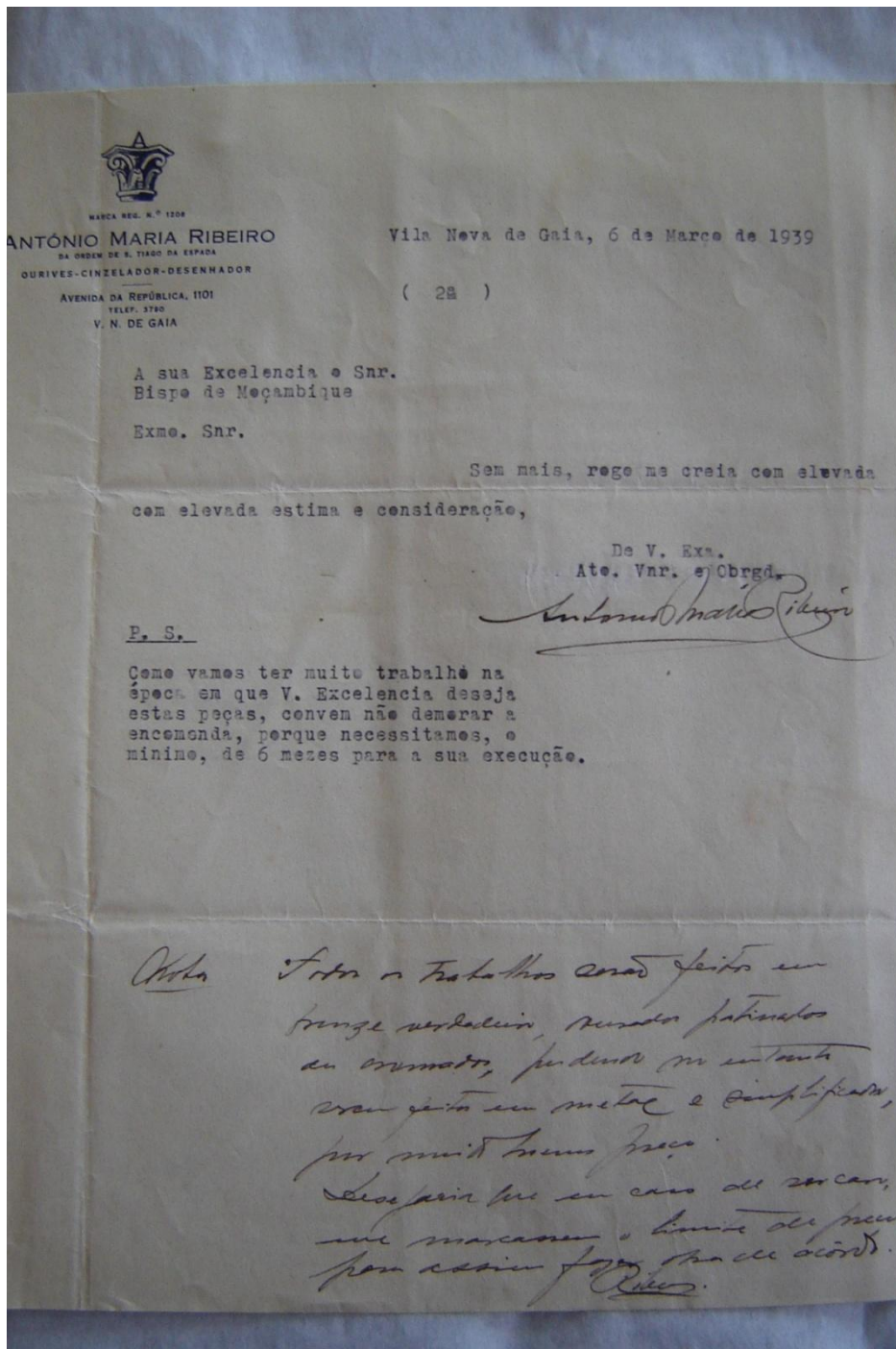
Junto assim, um desenho de castiçal tamanho para o Altar Mór, 1 lampadario para ficar em frente ao Altar Mór, 1 desenho de cruz, para os Altares do transepto.

A seguir mencione os orçamentos das peças que me pediu.

14 Quadros Via Sacra c/0,70 de alto	16.800\$00
1 Lampada azeite e electricidade para o Altar Mór c/1,50x3metros, cadeado	8.000\$00
2 Lampadas para os lados do transepto com 0,80x2 metros de cadeado (mesmo genero)	8.000\$00
2 Lampadas mais pequenas para as duas Capelas, c/ 0,50x1,50 de cadeado	4.000\$00
1 Lampadario para N.ª. S.ª. com pé de bronze, onde encaixa a lampada (retiva em prata)	5.000\$00
1 Porta para o Sacrario em bronze com a cruz de cristo no centro em prata	3.000\$00
1 Crucifixo para o Altar Mór em bronze	2.500\$00
2 " para os Altares laterais do transepto em bronze	3.000\$00
12 Castiçais para os mesmos	4.800\$00
6 " " o Altar Mór	3.600\$00

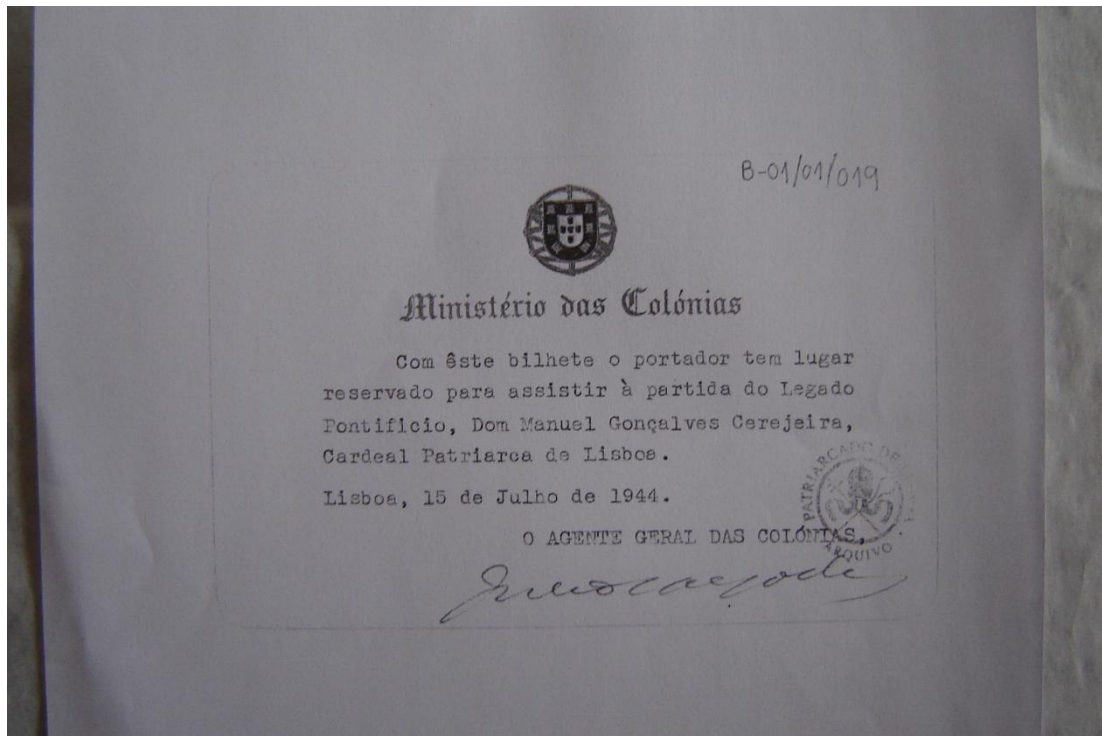
10Doc. Carta de António Maria Ribeiro para D. Teodósio Gouveia, 6 de Março de 1939, Vila Nova de Gaia. Coleção particular.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu
arquitecto?



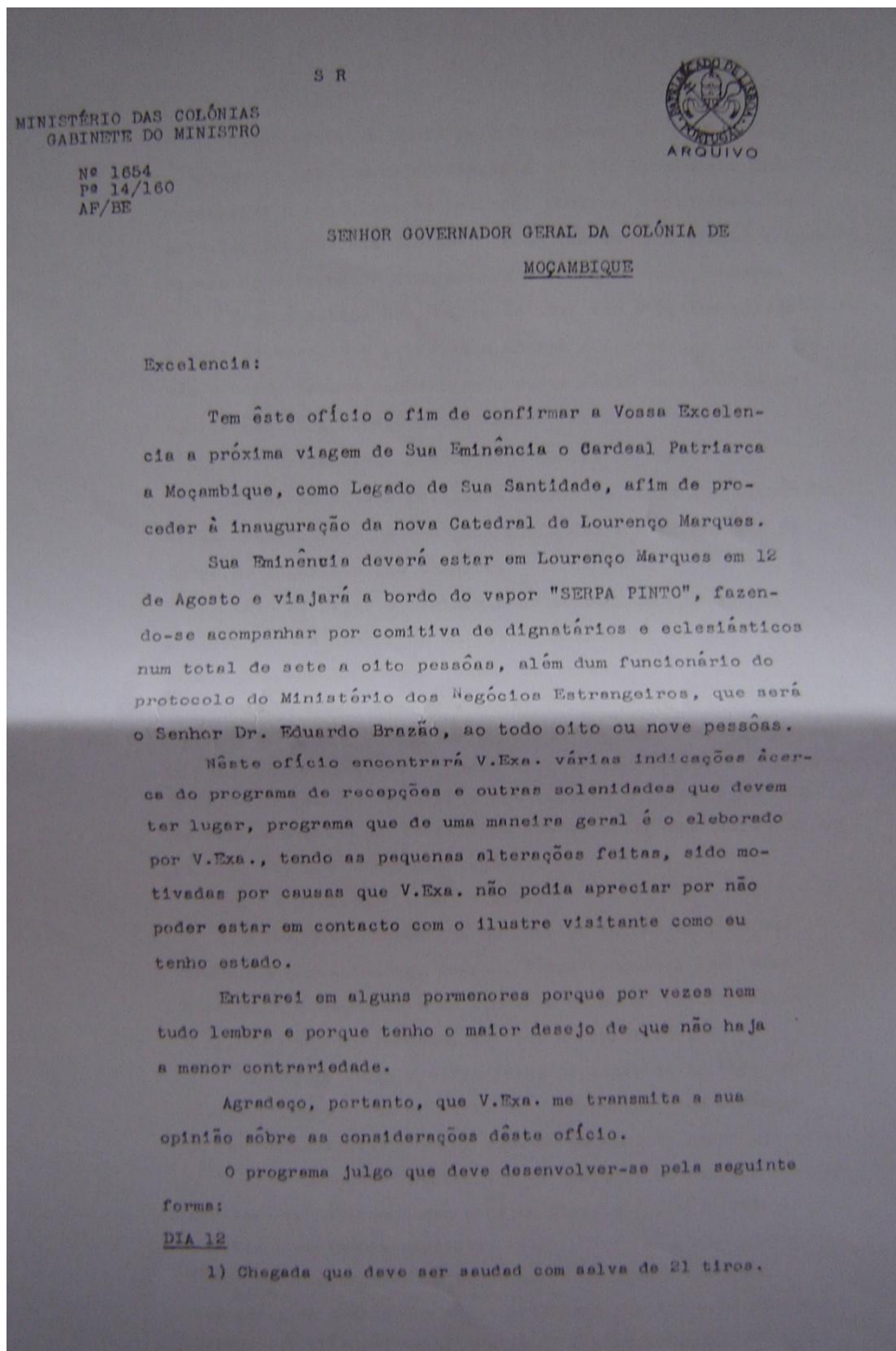
11Doc. Carta de António Maria Ribeiro para D. Teodósio Gouveia (verso), 6 de Março de 1939,
Vila Nova de Gaia. Coleção particular.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu
arquitecto?



12Doc. Bilhete emitido pelo Ministério das Colónias, 15 de Julho de 1944, Lisboa. Arquivo do Cardeal Cerejeira: PT/AHPL/PAT14-SP/B-01/01/019.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?



13Doc. – Plano final da viagem do Cardeal Cerejeira, emitido pelo Ministério das Colónias (Gabinete do Ministro), 19 de Junho de 1944, Lisboa (sete páginas seguintes). Arquivo do Cardeal Cerejeira: PT/AHPL/PAT14-SP/B-01/01/033/23.

Cumprimentos a bordo pelo Governador, às 8,30 horas, acompanhado pelos seus ajudantes e por Sua Excelência Reverendíssima o Arcebispo de Lourenço Marques, acompanhado do eclesiástico que êle designar. Pode também comparecer a Exma Esposa do Governador acompanhada por uma ou duas Senhoras.

Como é sabido Sua Eminência deve ser a última pessoa a sair de bordo e a primeira a entrar e convem que todos que vão a bordo tenham conhecimento deste facto para não haver hesitações ou confusão na escada.

2)- Desembarque e recepção. Guarda de honra.

Só devem passar revista à guarda de honra Sua Eminência, Vossa Excelência e um dos seus ajudantes e o comandante da força no lugar que lhe compita.

(Não se prevê a cerimónia da entrega das chaves da cidade, por se tratar de um representante de um Chefe de Estado Estrangeiro, como Legado do Papa).

Lembro a indispensabilidade de recomendar ao comandante da força para distanciar as fileiras por causa das ~~br~~ionetas. Sua Eminência percorrerá todas as fileiras da guarda de honra. É evidente que convém marcar previamente o ponto donde Sua Eminência assiste ao desfile da guarda de honra, por forma a na ocasião, não haver hesitações.

3) - Cortejo até ao Palácio.

O trajecto convém que se faça de automovel indo Sua Eminência num automovel aberto. Nêsse automovel irá Vossa Excelência à esquerda e um ajudante do motorista (trintanário), devidamente fardado, ao lado do chauffeur.

Assim se evita a dificuldade de saber se ao lado do chauffeur deve ir um ajudante de V. Excelência ou o Fâmulo de Sua Eminência. Não ir ninguém dá um aspecto menos agradável.

Sua Eminência repousa alguns momentos no Palácio e assim dar-se-á ao público tempo para se dirigir à Igreja onde se realiza a cerimónia seguinte.

4) - Solenidade às 10,30 horas na igreja que Vossa Excelência designar, de acôrdo com o Sr. Arcebispo. No trajecto para a Igreja - provavelmente na Igreja da cidade por ficar no

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu
arquitecto?

3

caminho entre o Palácio e a Câmara - organizar-se-á um pequeno cortejo.

Sua Eminência deverá ser recebido segundo o Pontifical que o Senhor Arcebispo conhece muito bem.

A cerimónia dura cêrca de 30 minutos.

Na Igreja será lida a Bula Pontificia que nomeia Sua Eminência Cardeal Legado "a latere" de Sua Santidade.

Convem que a Igreja esteja totalmente cheia, disponso-se os europeus à frente e os indígenas atrás. Como na Casa de Deus não há distinções, importa para êste fim marcar as cadeiras diferentes por forma a cada qual saber onde se deve sentar, ficando para os nativos, em pé, a parte de trás da Igreja por aí não dever existir qualquer lugar reservado.

Esta cerimónia pode ter lugar à ida para o Palácio, se V. Excelência achar preferível.

5) - Sessão solene na Câmara Municipal às 11,30 horas.

Na Câmara, antes de entrar para a Sala das Sessões, Sua Eminência deve repousar uns momentos no Gabinete do Presidente. Desta forma se dá ocasião a que o público se acomode devidamente na sala.

Na Sessão devem usar da palavra somente: O Presidente da Câmara, o representante da Acção Catolica e o Governador, dez minutos o máximo cada um.

Sua Eminência responderá se assim o entender.

6) - Almoço intimo no Palácio.

7) - Cumprimentos oficiais no Palácio às 17 horas.

8) - Jantar intimo no Palácio.

Dia 13:

9) - Missa na Igreja de S. José de Languene e visita à Missão.

10)- Parada de crianças das missões, escolas e escolas rudimentares.

11)- Almoço intimo no Palácio.

12)- Visita geral à cidade e chá no Palácio do Senhor Arcebispo se Sua Excelência Reverendissima o desejar oferecer.

13)- Jantar intimo no Palácio.

No caso de V.Exa. achar conveniente, pode aproveitar-se êste dia para um jantar de gala oferecido pela Câmara Municipal. Não indico jantar oferecido por V.Excelência no Palácio por ali

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu
arquitecto?

4

Já estar previsto o pôr do sol e o jantar de despedida.

Dia 14 - 14) - Primeira parte das cerimónias da Sagração da Catedral.

15) - Almoço íntimo.

(Tarde livre para Sua Eminência descansar).

16) - Jantar íntimo.

Dia 15:

17) - Segunda parte das cerimónias da Sagração da Catedral com Missa Pontifical.

18) - Procissão.

Convém estabelecer o percurso da procissão, que não deve ser demasiadamente extenso para não fatigar, nem demasiado curto pois isso lhe tiraria a imponência.

Como as ruas da cidade são muito extensas é este um problema para que ouse chamar a atenção de V. Excelência.

Os pormenores devem ser combinados com Sua Excelência Reverendíssima e Arcebispo.

19) - Jantar íntimo.

Dia 16):

20) - Visita ao Museu, Escola Técnica, Liceu, Hospital, Edifício da Estatística, etc.

21) - Almoço íntimo.

22) - Pôr do sol no Edifício
Jantar íntimo.

Dia 17:

23) - Viagem para Magude.

Pode aproveitar-se esta ocasião para Sua Eminência visitar os serviços do Caminho de Ferro para o que deve ir para a estação com a necessária antecedência da hora marcada para a partida do comboio especial que o transporta. As estações devem estar embandeiradas promovendo-se a concentração nelas de europeus e indígenas.

Lembro que à chegada à ponte o comboio pare e Sua Eminência seja convidado a dar-se ao incómodo de se apegar para ver os aspectos da ponte.

24) - Almoço no comboio.

25) - Visita ao Seminário, Missão e povoação de Magude.

26) - Jantar no comboio ou no caso de V. Exa. achar preferível será na própria Missão.

Eu lembrei uma festa gentílica em Magude. É um espectáculo de côr emocionante, que deixa uma impressão indelével. Reconheço, porém, que a ideia não era acertada em virtude da pessoa em honra de quem seria oferecida. Assim creio poder dizer a V.Excelência que a Sua Eminência não seria grato assistir a essa festa, que, nêstes termos, não deve ter lugar.

Dia 18:

- 27) - Partida para a "eira, de avião.
- 28) - Desembarque e recepção. Guarda de honra. Salva de 21 tiros.
- 29) - Cumprimentos no Palácio.
- 30) - Almoço íntimo.
- 31) - Te-Deum.
- 32) - Sessão na Câmara.

Na sessão devem usar da palavra, o Presidente da Câmara e o Governador da Província. No caso de haver Acção Católica organizada o representante deve também falar, a seguir ao Presidente da Câmara. Sua Eminência agradece se assim o entender. Os oradores não deverão demorar mais de 10 minutos cadaum.

- 23) - Jantar íntimo.

Dia 19:

- 34) - Almoço íntimo.
- 35) - Visita à cidade (Escolas de artes e officios, hospital de brancos, instituto de Manga). Lembro também a V.Excelência a visita ao Instituto Pio X.
- 36) - Jantar de gala.

Dia 20:

- 37) - Missa Pontifical
- 38) - Almoço íntimo.
- 39) - Pôr do sol na Residência
- 40) - Jantar íntimo.

Dia 21:

- 41) - Partida de comboio para Amatongas.
- 42) - Visita à Missão de Amatongas.
- 43) - Almoço - ou no comboio ou na própria Missão, como V.Excelência julgar preferível. Visita a Vila Pary. Convem não deixar de ir a Vila Pary, porque é um centro de população branca interessante.

Se houver tempo Sua Eminência pode ver o hospital, que não envergonha, e a Capelinha, que estava muito bem cuidada quando eu lá estive com V. Excelência.

44) - Jantar em Vila Pery ou no comboio, no regresso para a Beira.

Dia 22:

45) - Partida de comboio para Chupanga.

46) - Almoço no comboio.

47) - Visita à Missão de Chupanga.

O trajecto do Transambeziano à Chupanga poderia ser feito no comboio da Sena Sugar. Isso teria a vantagem de mostrar um comboio para fins agro-industriais. Simplesmente o comboio é muito ronceiro, as carruagens não tem as necessárias comodidades, o que não admira porque o comboio foi feito para transportar mercadorias e não pessoas. Assim, creio preferível fazer o transporte^{em}/automóvel, embora se peça à Sena Sugar para ter um comboio formado, por maneira a Sua Eminência poder avaliar da sua existência e valôr.

48) - Regresso e visita à ponte sobre o Zambeze.

49) - Regresso à Beira - Jantar no comboio.

Dia 23)

50) - Partida para Quelimane, de avião.

51) - Chegada a Quelimane. Guarda de honra.

52) - Cumprimentos no Palácio.

53) - Te-Deum.

54) - Almoço íntimo.

55) - Sessão na Câmara. Usará da palavra o Presidente da Câmara, o Governador da Província e o Representante da Acção Católica, se a houver organizada. Sua Eminência agradecerá, querendo. Os oradores só deverão usar da palavra, o máximo, 10 minutos cada um.

56) - Jantar íntimo.

Dia 24:

57) - Visita geral à cidade e visita às Irmãs Missionárias.

58) - Visita aos Palmares e almoço nos Palmares.

59) - Jantar íntimo.

(A visita à cidade e às Irmãs Missionárias poderá ser feita no regresso dos Palmares se V.Exa. achar preferível).

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu
arquitecto?

7

Dia 25:

60) - Partida de comboio para Mocuba.

61) - Benção e inauguração da Ponte do Lisungo. Visita à povoação. Convém Sua Excelência o Cardeal entrar na residência do Administrador para ver como estão alojados as autoridades administrativas.

62) - Almoço íntimo.

63) - Partida para o Gurúê.

Na ida para o Gurúê pode fazer uma paragem em Ille e rá pida visita pela povoação. Pelo motivo atrez indicado, Sua Eminência pode visitar a Séde da Circunscrição e a casa do Administrador.

64) - Jantar íntimo.

(pernoite no Gurúê)

Dia 26:

65) - Visita às plantações do Gurúê

66) - Almoço na casa da Companhia de Zambézia.

67) - Jantar em casa do Administrador.

(pernoite no Gurúê)

Dia 27:

68) - Regresso a Quelimane.

Dia 28:

69) - Regresso de avião a Lourenço Marques.

(O resto do dia é para descanso de Sua Eminência)

Dia 29:

70) - Visita Namascha.

71) - Almoço íntimo.

Dia 30:

72) - Visita a Marracuene. Ida de automovel. Volta de comboio.

73) - Jantar oficial.

Dia 31:

74) - Regresso a Lisboa.

Como já disse a V. Exa. o Ministério dos Negócios Estrangeiros indicou o Senhor Dr. Eduardo Brazão para acompanhar Sua Eminência durante toda a viagem como funcionário do protocolo.

Convém, por isso, durante a sua permanência na Colónia que V. Exa. se entenda com êle para a boa execução do programa e com êle resolva quaisquer duvidas ou dificuldades que surgirem.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu
arquitecto?



No jantar de gala haverá só dois brindes ^{colocares-}
O 1º brinde é de V. Exa. que levantando-se deve
pronunciar as seguintes palavras:

"Ergo a minha taça por Sua Santidade o Papa Pio XII
na pessoa do seu Legado o Eminentíssimo Cardeal
Patriarca de Lisboa".

Sua Eminência o Cardeal responderá brindando por
Sua Excelência o Presidente da República.

Depois de feitos estes brindes pode V. Exa. se assim
o julgar conveniente, dizer as palavras que entender affectuosas.

Convém, finalmente, que V. Exa. se entenda com o Sr. Dr.
Eduardo Brazão sobre a colocação da bandeira e galhardete com
as insígnias papais nos lugares apropriados. Ele próprio será
portador da bandeira e galhardete com as insígnias.

Qualquer dúvidas que surjam, rogo a V. Exa. o favor de
telegrafar.

A BEM DA NAÇÃO

Ministério das Colónias,
19 de Junho de 1944.

O MINISTRO DAS COLÓNIAS
ass) F. Machado.

Anexo de imagens

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?



Fig. 1 - Antiga Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Conceição, s.d. Lourenço Marques. Retirado do Arquivo Científico Tropical Digital (n.º ID 23257).



Fig. 2 - Edifício Empis (1907), Arq. António Couto. Retirado do Google Imagens.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu arquitecto?



Fig. 3 - Projecto de António Couto para a Igreja de Lourenço Marques (1922). Retirado do livro *Guia da Catedral de Lourenço Marques*.

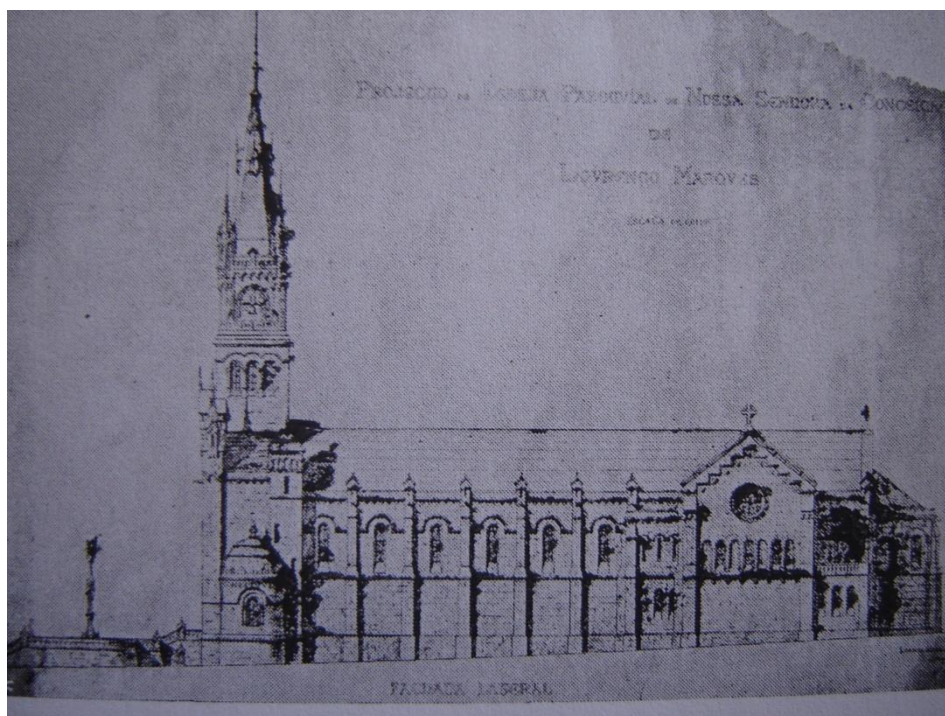


Fig. 4 - Vista lateral. Idem.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu arquitecto?



Fig. 5 - Igreja de Santa Teresa (1925-1926), Arq. Auguste Perret. Retirada do site Cité de L'Architecture & du Patrimoine.

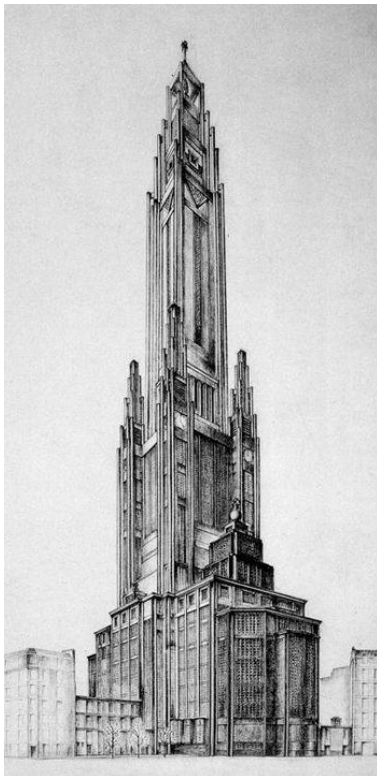


Fig. 6 -Projecto para a Igreja de Santa Joana d'Arc (1926). Arq. Auguste Perret. Retirado do Google Imagens.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*



Fig. 7 – Esboço de para acabamento da torre sineira, Marcial de Freitas e Costa., s.d. Colecção particular.

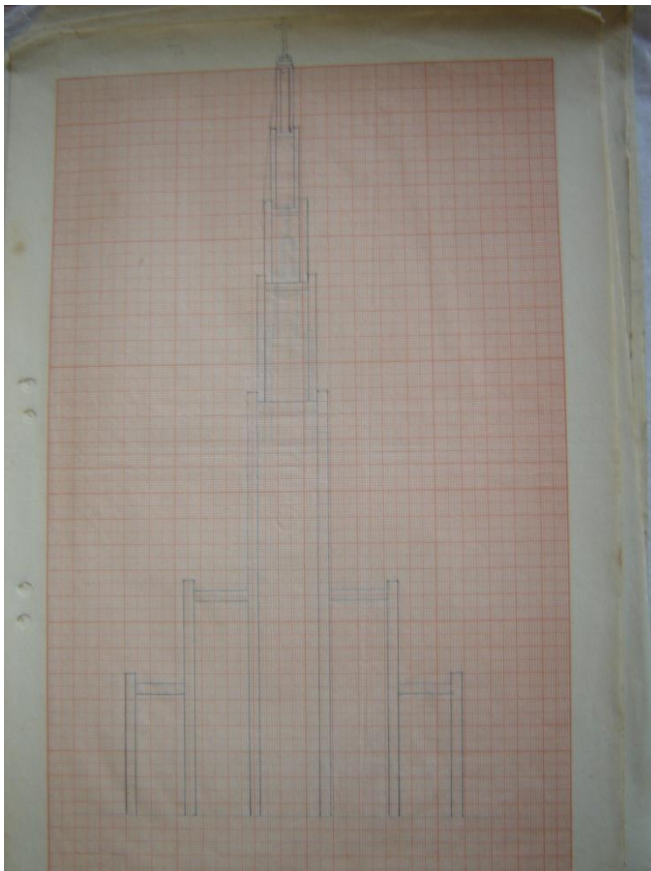


Fig. 8 - Esboço para tentativa de volumes e acabamento da torre sineira, Marcial de Freitas e Costa, s.d. Colecção particular.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*

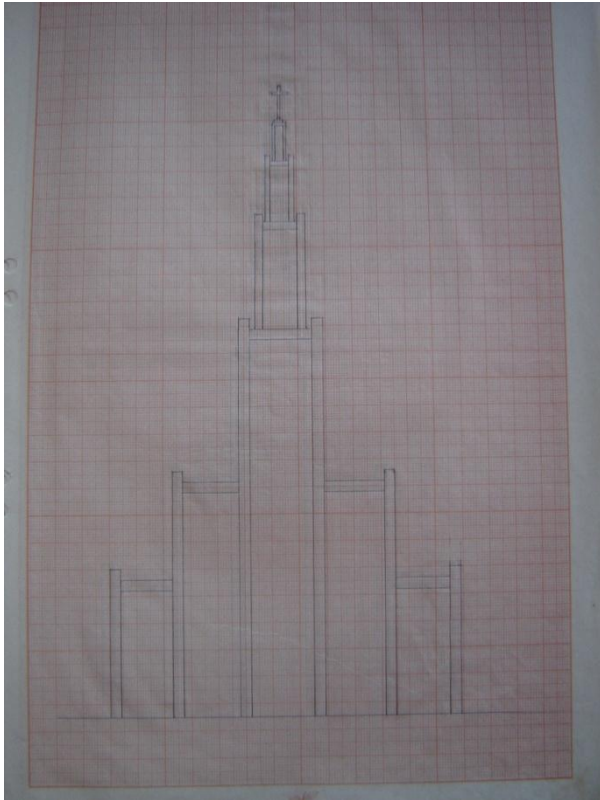


Fig. 9 - Esboço para tentativa de volumes e acabamento da torre sineira, Marcial de Freitas e Costa, *s.d.* Colecção particular.

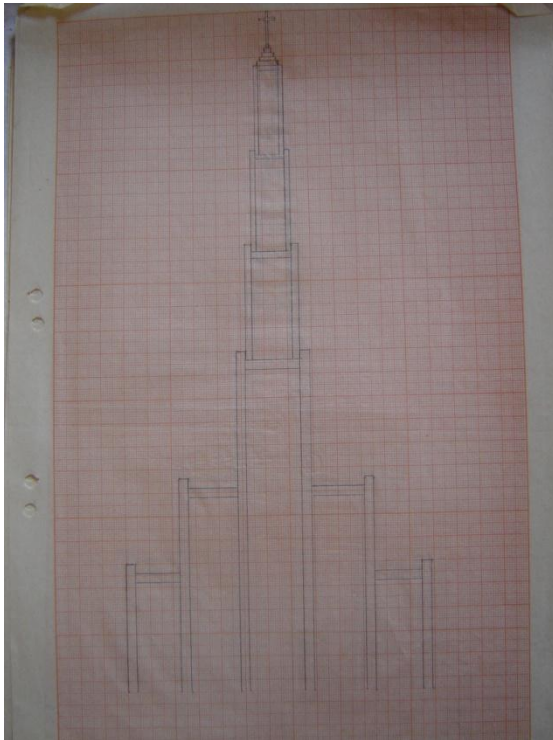


Fig. 10 – Idem.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*

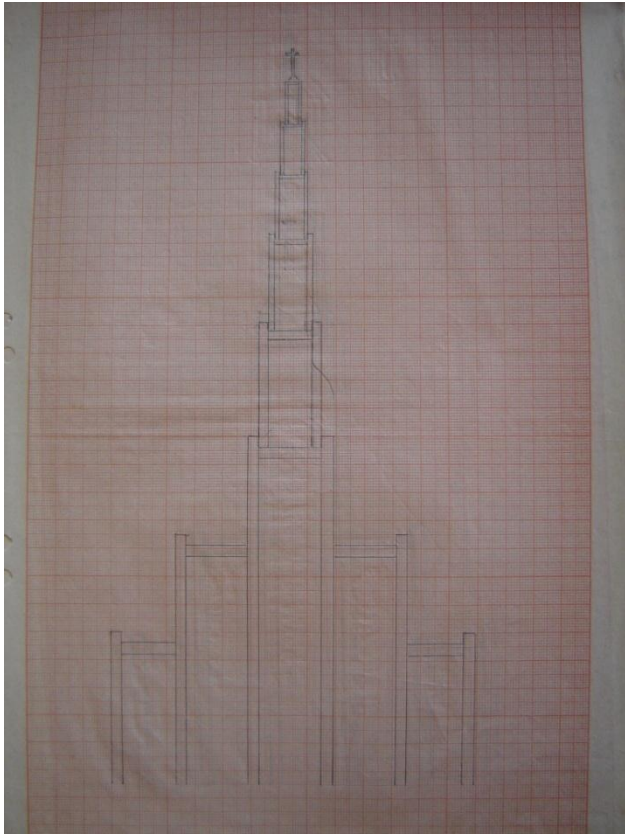


Fig. 11 – Idem.

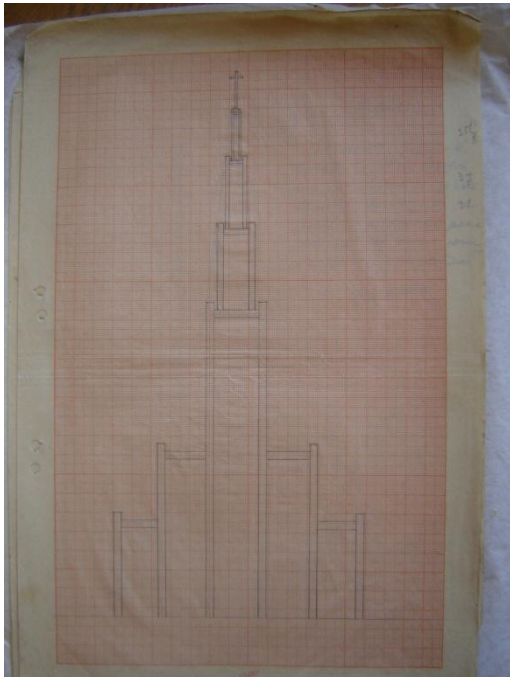


Fig. 12 - Idem.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu arquitecto?

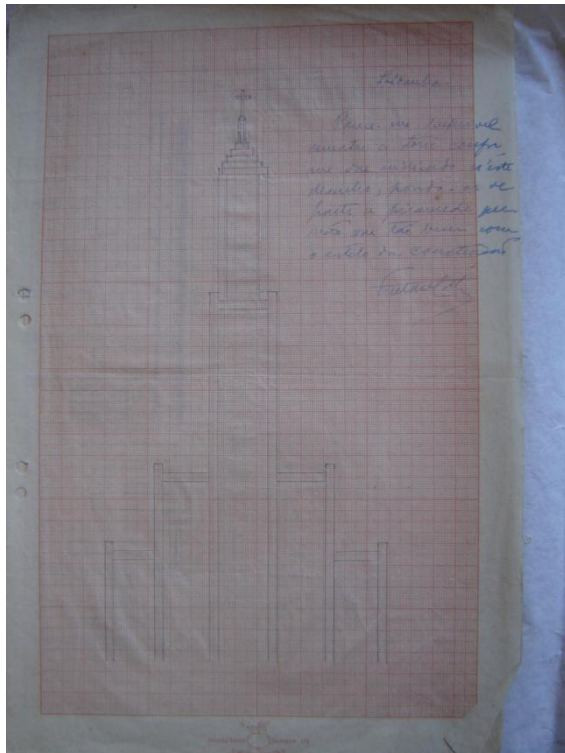


Fig. 13 - Idem.

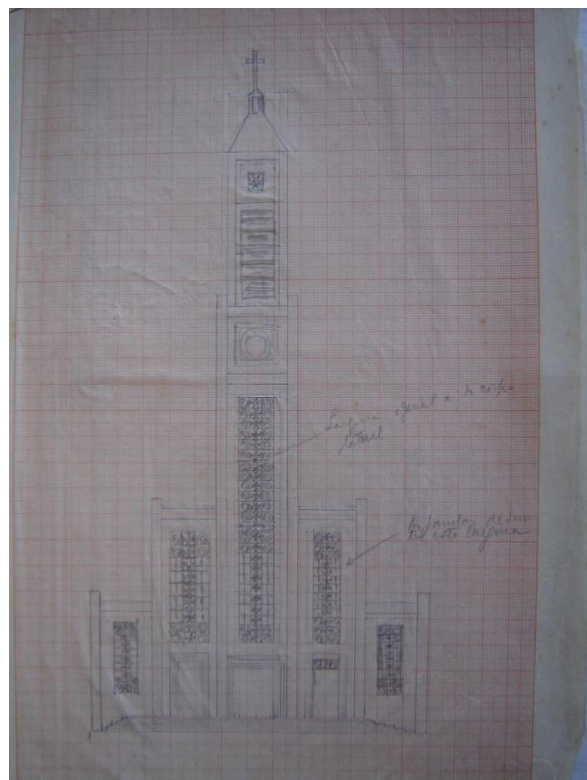


Fig. 14 – Esboço mais próximo da solução final encontrada mas muito semelhante à Igreja Santa Teresa de Auguste Perret, Marcial de Freitas e Costa, s.d.. Coleção particular.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu
arquitecto?

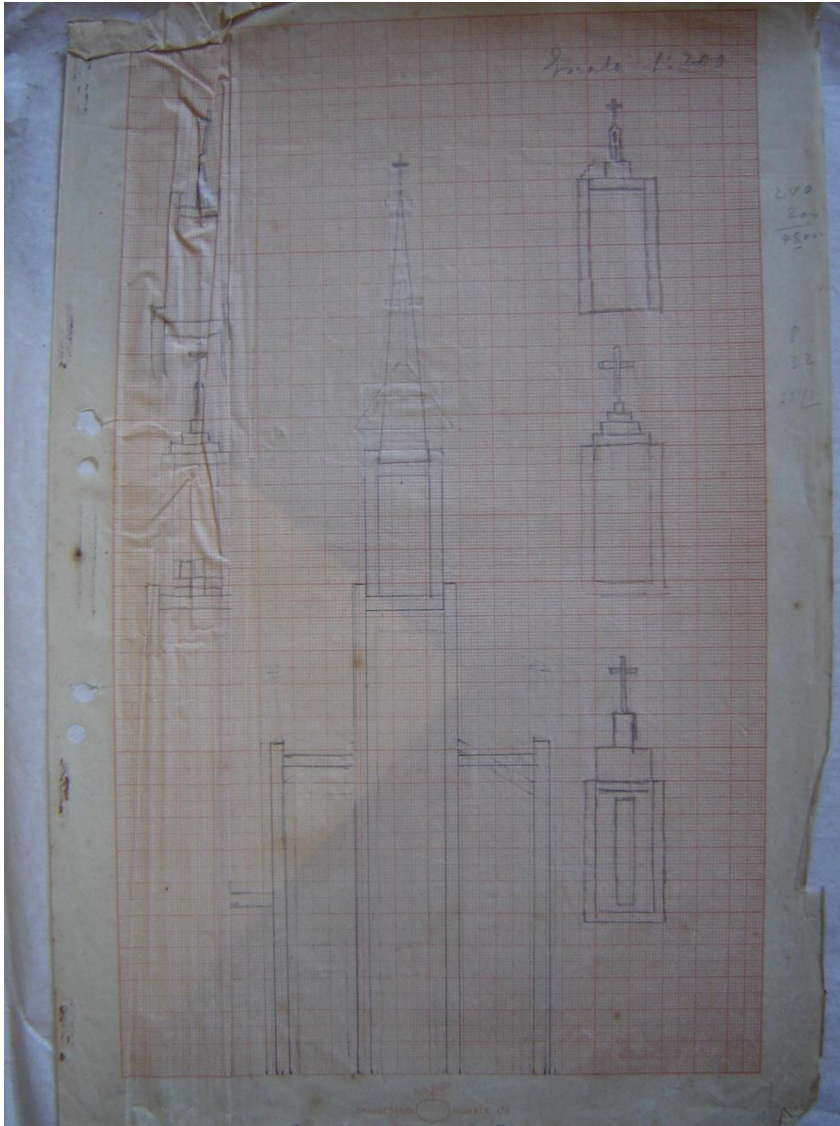


Fig. 15 – Esboço para tentativa de acabamento da torre sineira num registo mais revivalista, Marcial de Freitas e Costa, s.d. Colecção particular.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu
arquitecto?



Fig. 16 – Esboço aguarelado para a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Marcial de Freitas e Costa, *s.d.* Grandes semelhanças à Igreja de Santa Teresa de Auguste Perret. Colecção particular.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*

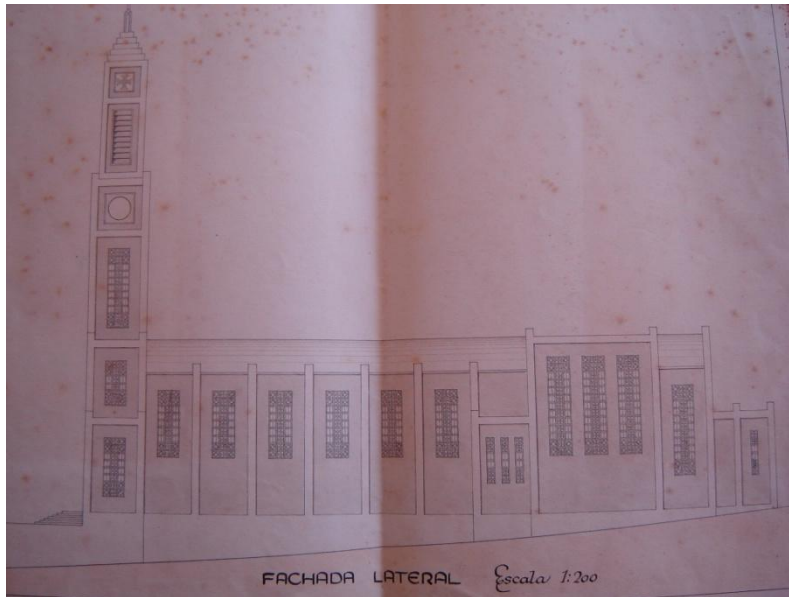


Fig.16 a - Esboço para a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, vista lateral, Marcial de Freitas e Costa, s.d. Grandes semelhanças à Igreja de Santa Teresa de Auguste Perret. Coleção particular.



Fig. 17 - Coro da catedral de Nossa Senhora da Conceição, Eng. Marcial de Freitas e Costa. Imagem da autora.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

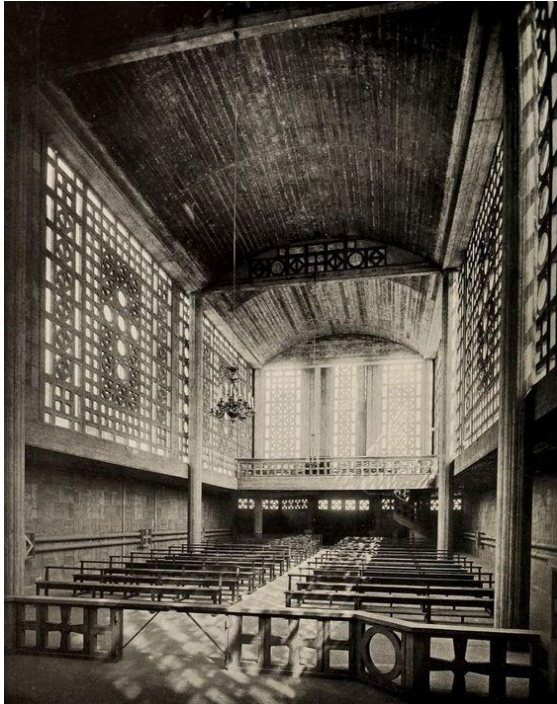


Fig. 18 - Coro da Igreja de Santa Teresa, Arq. Auguste Perret. Retirado do Google Imagens.

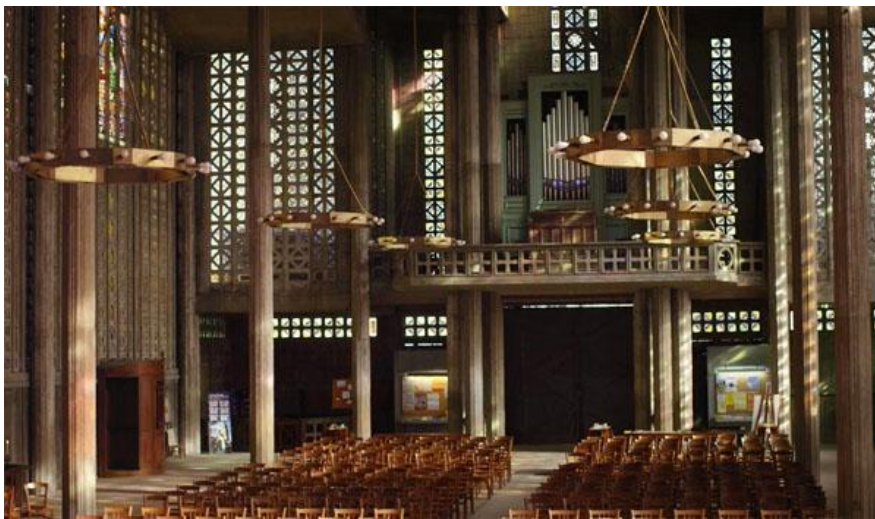


Fig. 19 - Coro de Notre-Dame du Raincy (1922-1923) Arq. Auguste Perret. Retirado do Google Imagens.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu arquitecto?



Fig. 20 - Portões de bronze da catedral de Nossa Senhora da Conceição. Desenho de António Lino. Imagem retirada do site S.I.P.A., propriedade da D.G.P.C.

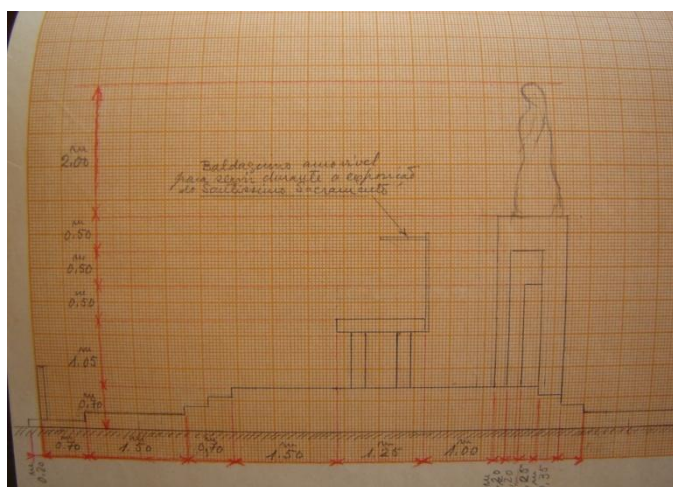
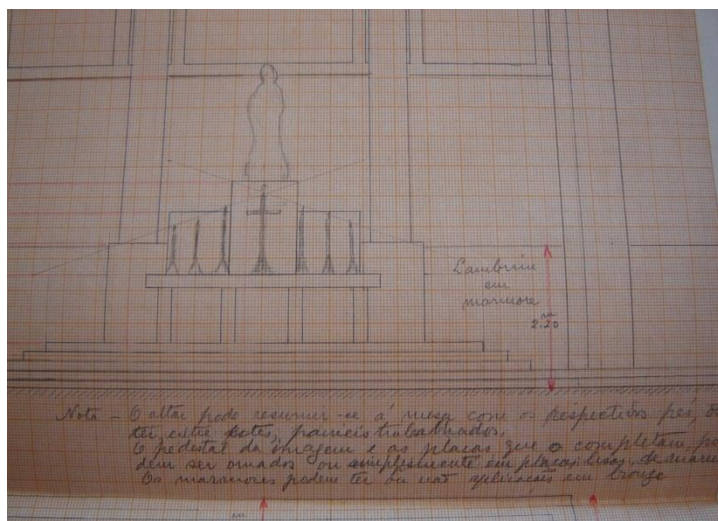


Fig. 21 - Esboços de proposta de altar para Nossa Senhora da Conceição, frente e lado, Marcial Freitas e Costa, s.d. Colecção particular.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*



Fig. 22 – Vitrais da abside destruídos, 1998. Fotografia da autora.



Fig. 23 - Orgão Hammond deslocado do coro e colocado na capela de Santa Filomena. Fotografia da autora.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*



Fig. 26 - Desenho de António Lino para portão de bronze a ser colocado no baptistério, não está assinado, *s.d.* Colecção particular.



Fig. 27 - Pia baptismal de Leopoldo de Almeida e cinzelada por António Maria Ribeiro. Fotografia tirada por Nuno Pinto Basto.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*



Fig. 28 - Banco com genuflexória pertencente à catedral de Nossa Senhora da Conceição. Fotografia da autora.

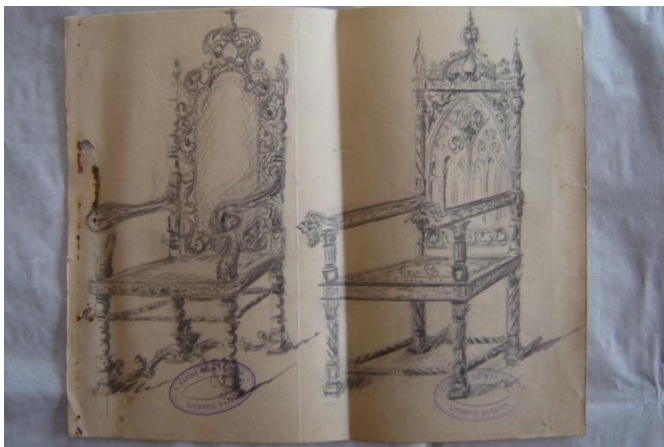


Fig. 29 - Esboço de cadeiras presidenciais (?) de gosto revivalista, *s.d.* Colecção particular.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

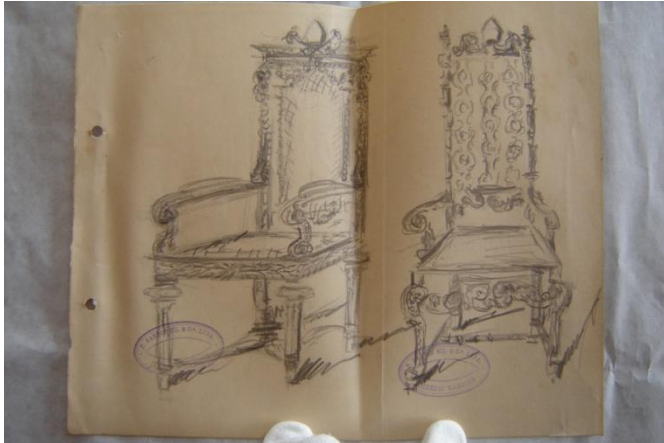


Fig. 30 – Idem.



Fig. 31 – Idem.



Fig. 32 - Mobiliário presente na catedral de Nossa Senhora da Conceição. Fotografia da autora.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*



Fig. 33 - Torre sineira: pormenor dos relógios. Fotografia da autora



Fig. 34 - Pormenor da catedral: altifalantes colocados na nave central. Fotografia da autora.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?



Fig. 35 - Postal de Boas Festas com fotografia da catedral de Nossa Senhora da Conceição iluminada, passagem de Ano de 1944/45. Colecção particular.

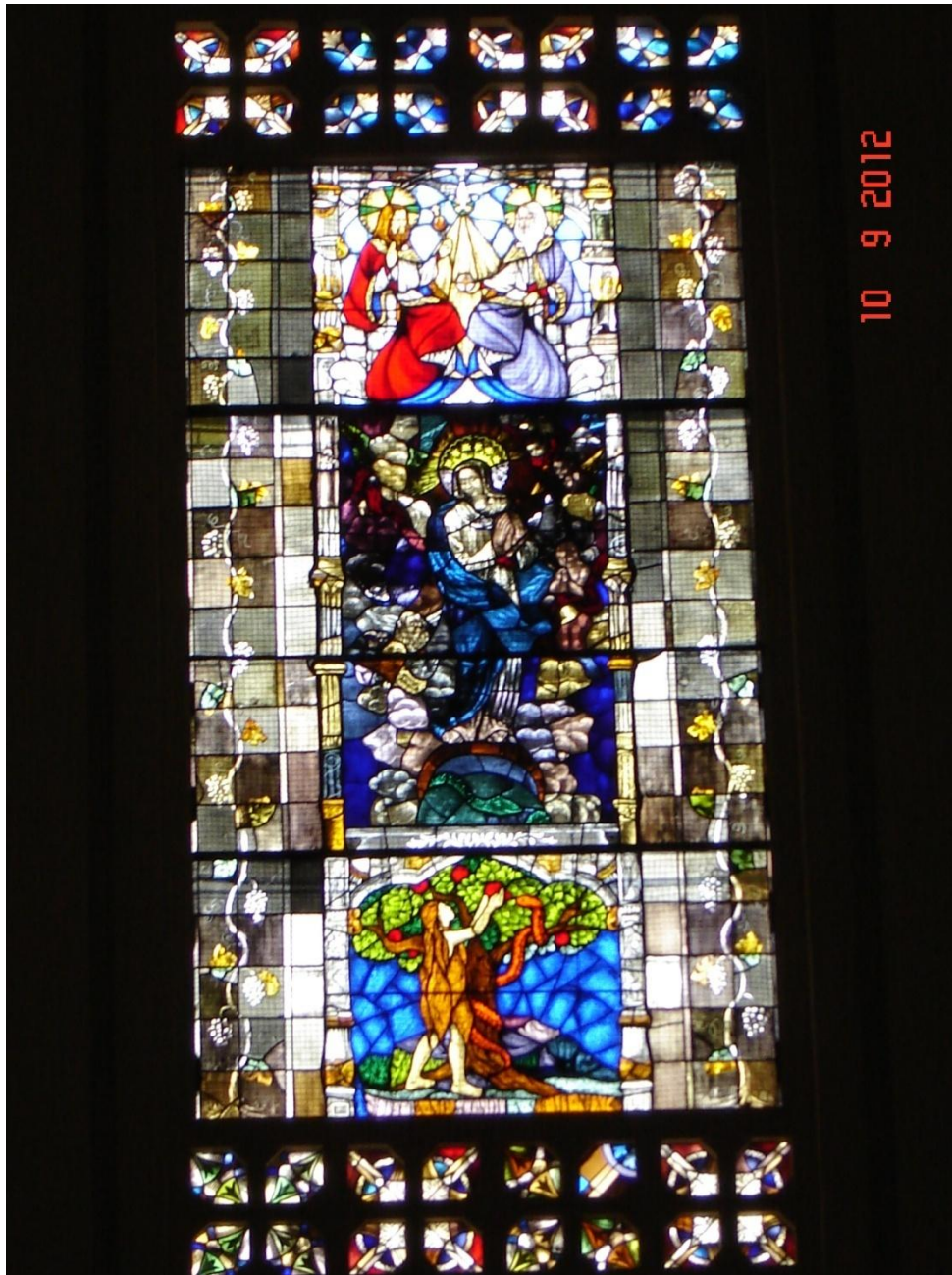


Fig. 36 - Vitral de Nossa Senhora da Conceição, abside. Fotografia da autora.

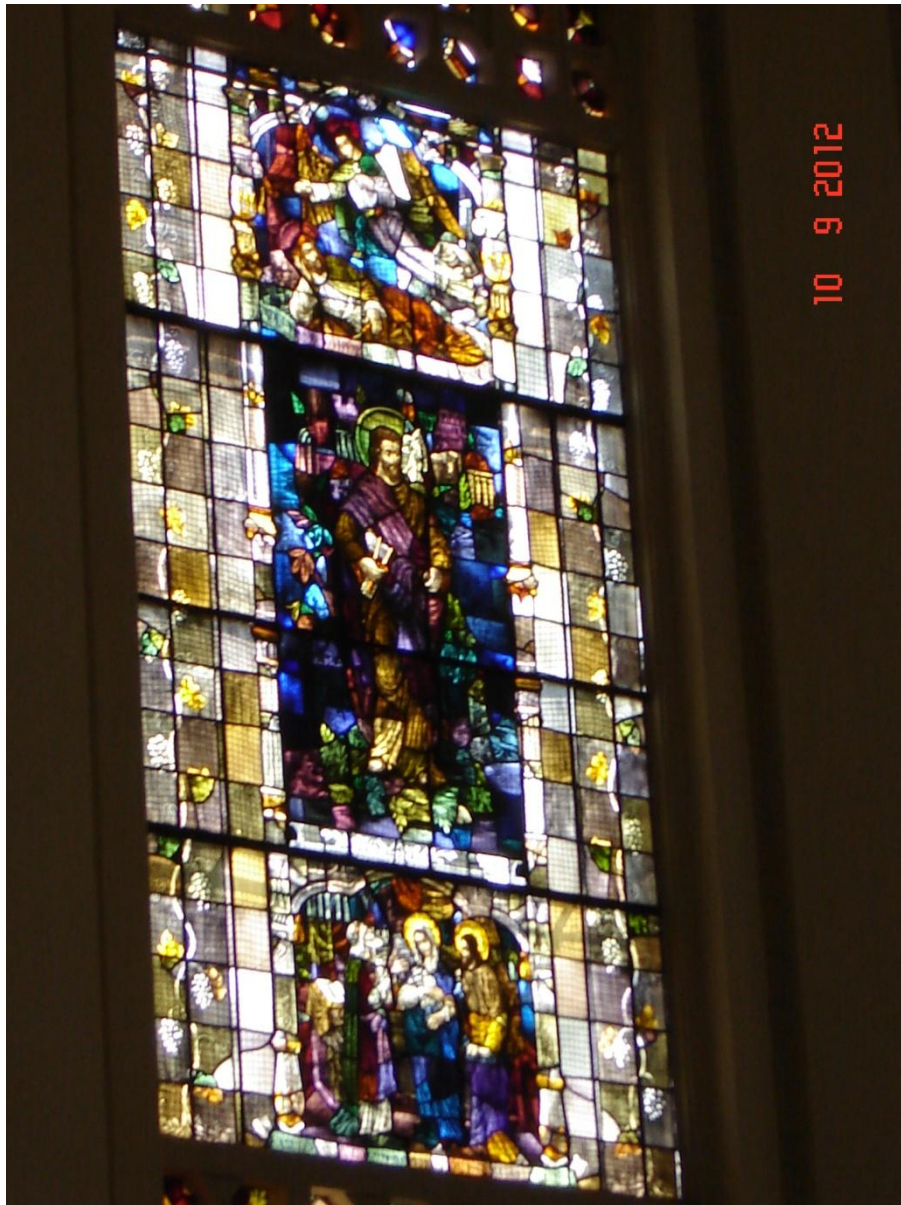


Fig. 37 - Vitral de S. José, abside. Fotografia da autora.

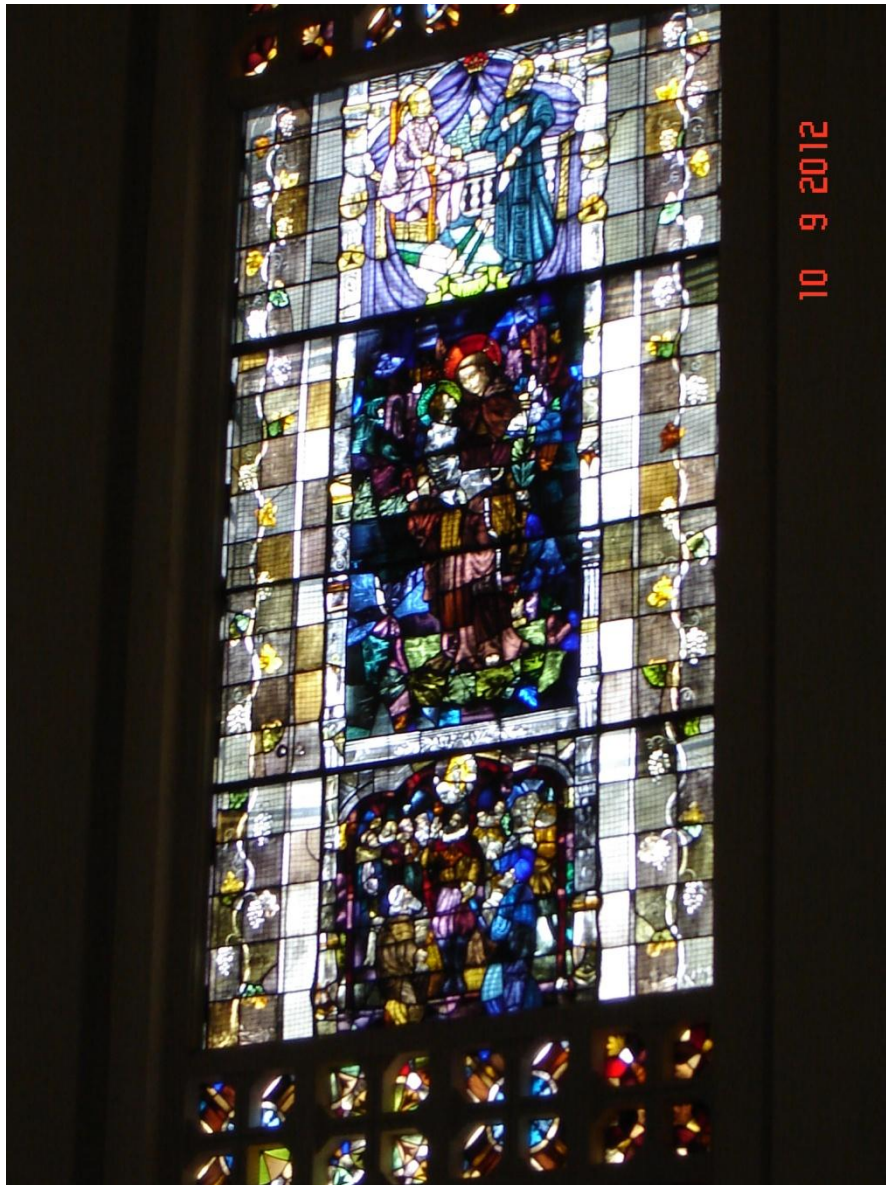


Fig. 38 - Vitral de S. António, abside. Fotografia da autora.

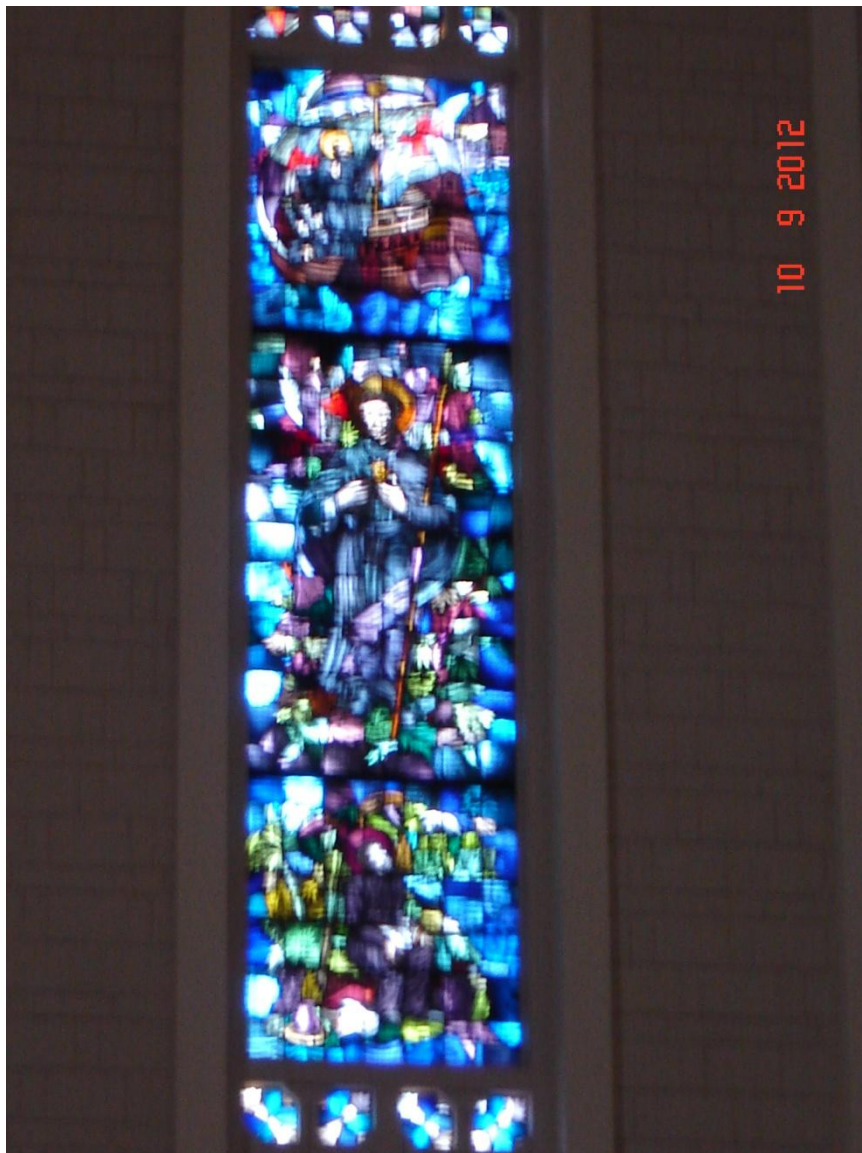


Fig. 39 - Vitral de S. Francisco Xavier, transepto. Fotografia da autora.

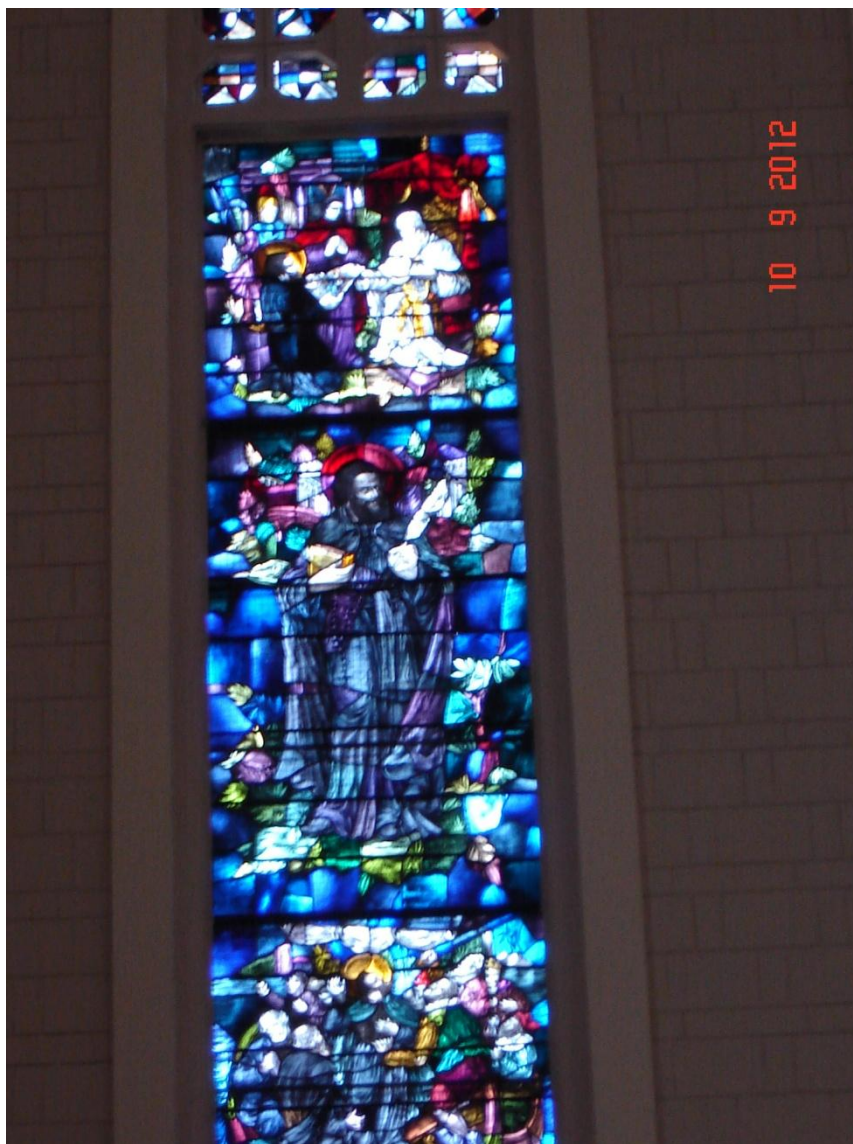


Fig. 40 - Vitral do Beato Inácio, transepto. Fotografia da autora.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*



Fig. 41 - Via Sacra: Jesus carrega a Cruz. Fotografia da autora.



Fig. 42 - Via Sacra: Jesus cai pela 1ª vez. Fotografia da autora.



Fig. 43 - Via Sacra: Jesus encontra as mulheres. Fotografia da autora.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*



Fig. 44 - Via Sacra: Jesus é ajudado por Simão Cirene. Fotografia da autora.



Fig. 45 - Via Sacra: Verónica limpa o rosto de Jesus. Fotografia da autora.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*



Fig. 46 - Via Sacra: Jesus cai pela 2ª vez. Fotografia da autora.



Fig. 47 - Via Sacra: Jesus encontra sua mãe Maria. Fotografia da autora.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*



Fig. 48 - Via Sacra: Despojamento das vestes. Fotografia da autora



Fig. 49 - Via Sacra: Jesus é pregado na Cruz. Fotografia da autora

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*



Fig. 50 - Via Sacra: Crucificação. Fotografia da autora.



Fig. 51 - Via Sacra: Jesus morto ao colo de sua mãe (Pietà). Fotografia da autora.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*

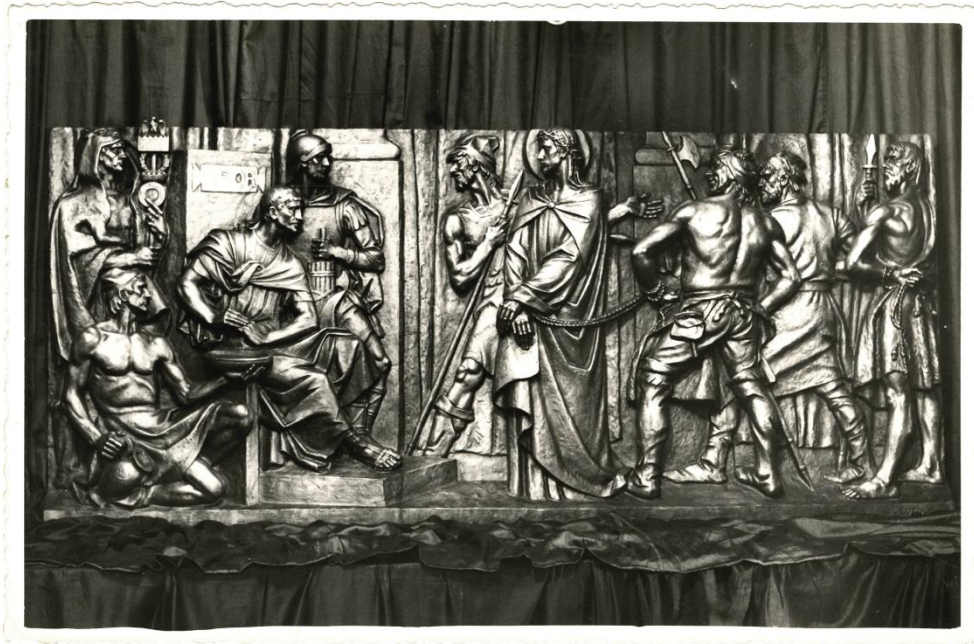


Fig. 52 - Bronze da Via Sacra patente no ateliê de António Maria Ribeiro. Fotografia pertencente ao espólio do A.M.M. PT-AMM-AMR-FT-PR02-179.



Fig. 53 – Molde de barro da Via Sacra patente no ateliê de António Maria Ribeiro. Fotografia pertencente ao espólio do A.M.M. PT-AMM-AMR-FT-PR02-181.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*



Fig. 54 - Molde de barro da Via Sacra patente no ateliê de António Maria Ribeiro. Fotografia pertencente ao espólio do A.M.M. PT-AMM-AMR-FT-PR02-182



Fig. 55 - Molde de barro da Via Sacra patente no ateliê de António Maria Ribeiro. Fotografia pertencente ao espólio do A.M.M. PT-AMM-AMR-FT-PR02-183

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*



Fig. 56 – Molde de barro da Via Sacra patente no ateliê de António Maria Ribeiro. Fotografia pertencente ao espólio do A.M.M. PT-AMM-AMR-FT-PR02-184



Fig. 57 - Molde de barro da Via Sacra patente no ateliê de António Maria Ribeiro. Fotografia pertencente ao espólio do A.M.M. PT-AMM-AMR-FT-PR02-185

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*



Fig. 58 - Molde de barro da Via Sacra patente no ateliê de António Maria Ribeiro. Fotografia pertencente ao espólio do A.M.M. PT-AMM-AMR-FT-PR02-186



Fig. 59 - Molde de barro da Via Sacra patente no ateliê de António Maria Ribeiro. Fotografia pertencente ao espólio do A.M.M. PT-AMM-AMR-FT-PR02-187



Fig. 60 - Tríptico de Frederico Ayres: D. Gonçalo da Silveira. Fotografia da autora.



Fig. 61 - Tríptico de Frederico Ayres: Nuno Álvares. Fotografia da autora.



Fig. 62 - Fotografia da sagração da catedral de Nossa Senhora da Conceição. Arquivo do Cardeal Cerejeira: PT/AHPL/PAT14-SP/ B -01/02.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*



Fig. 63 - Estátua de Nossa Senhora da Conceição. Retirado do livro *Guia da Catedral de Lourenço Marques*.



Fig. 64 - Estátua de S. Francisco Xavier. Retirado do livro *Guia da Catedral de Lourenço Marques*.



Fig. 65 - Estátua de Santa Teresa de Lisieux. Retirado do livro *Guia da Catedral de Lourenço Marques*.



Fig. 66 - Custódia pertencente à catedral de Nossa Senhora da Conceição, pela Leitão&Irmão. Fotografia tirada por Nuno Pinto Basto.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*



Fig. 67 - Bronzes pertencentes à catedral de Nossa Senhora da Conceição. Fotografia da autora.



Fig. 68 - Sagração da catedral: pormenor do interior repleto de fiéis. Arquivo do Cardeal Cerejeira. PT/AHPL/PAT14-SP/B -01/02

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*



Fig. 69 - Imagem da maquete da catedral, ao lado a fotografia de Marcial de Freitas e Costa. Retirado do jornal *Notícias, Diário da Manhã*.

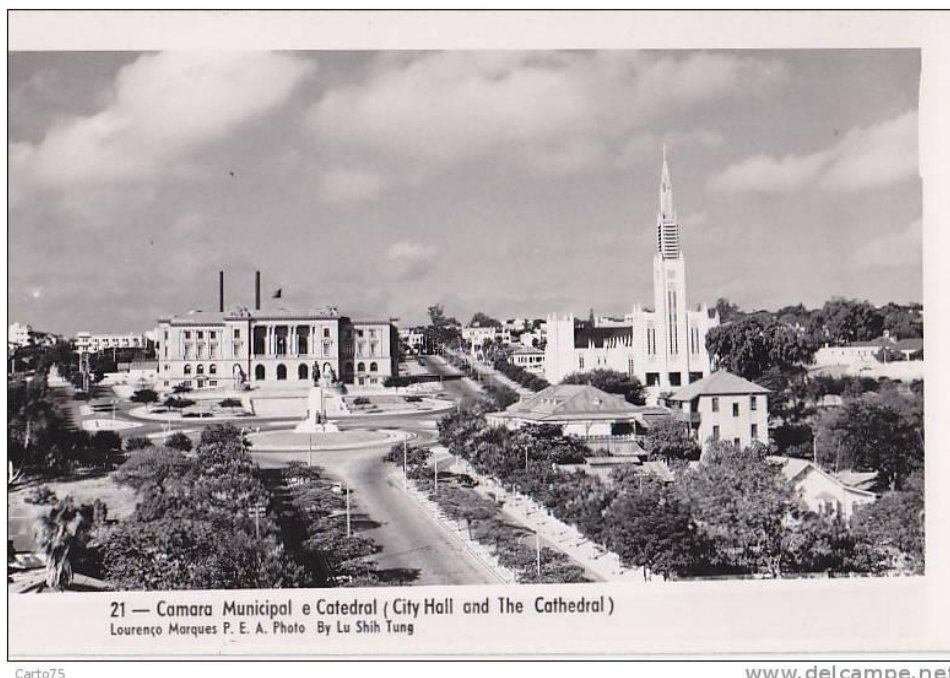


Fig. 70 - Postal com a vista sobre a catedral de Nossa Senhora da Conceição , estátua de Mouzinho de Albuquerque e Câmara de Lourenço Marques, década de 40. Retirado co Google Imagens.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?



Fig. 71 - Fachada de Notre-Dame du Raincy (1922-1923), Arq. Auguste Perret. Retirado do Google Imagens.

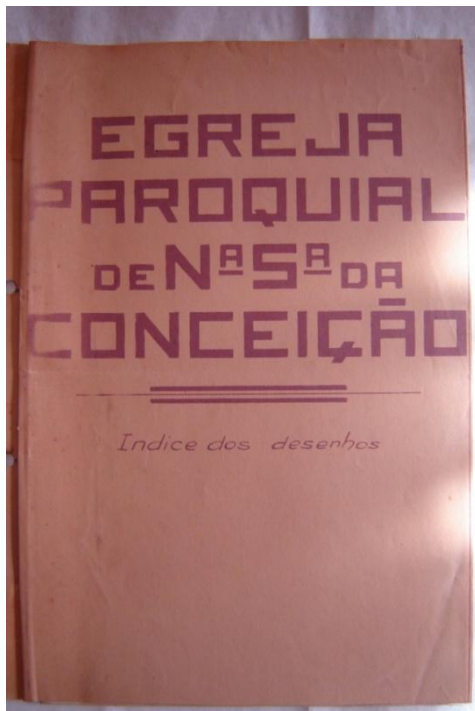


Fig. 72 - Igreja Paroquial de N.ª Sr.ª da Conceição: Índice dos desenhos projectuais, 1936, Marcial de Freitas e Costa (três imagens seguintes). Colecção particular.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu arquitecto?

Desenhos	Designação
1	Alçado principal
2	Alçado lateral
3	Alçado de tardoaz
4	Planta geral
5	Planta das fundações
6	Cortê longitudinal
7	Cortê transversal
Abside	
29	Secção transversal das colunas W-Z
5	Fundações
Batistêrio	
15	Corte horizontal
17	Portão de entrada
Côro	
15	Cortê horizontal do vão da escada de acesso
15	Escada de caracol
16	Planta
17	Cortê transversal
18	Escada de acesso
Nave principal	

19	Arcos
20	Colunas MN e vigas de apoio
21	Alçado das janelas
27	Arco de intersecção com a nave do Transepto
30-31	Fundações
29	Viga de coroamento da fachada de tardoaz Transepto
22	Detalhes do arco (Colunas Q-R)
23	— " — da cobertura
22-23	— " — das colunas do cunhal (Q-R)
23-24	— " — das vigas de coroamento
25	Confessionários
25	Cortê da parede para a sacristia
25	Portas
26	Detalhe das janelas
26	Cortê do arco no fecho e nas nascenças
26	Vigas de apoio da cobertura
27	Arco de intersecção com a nave principal
27	Colunas de apoio do arco intersecção (ST)
31-32	Fundações
Torre	
8	Cruz terminal e peanha (Troços AB-BC)
8	Troços CC-DD' e DD'-EE*
9	Troço dos sinos (Troço EE'-FF')

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu arquitecto?

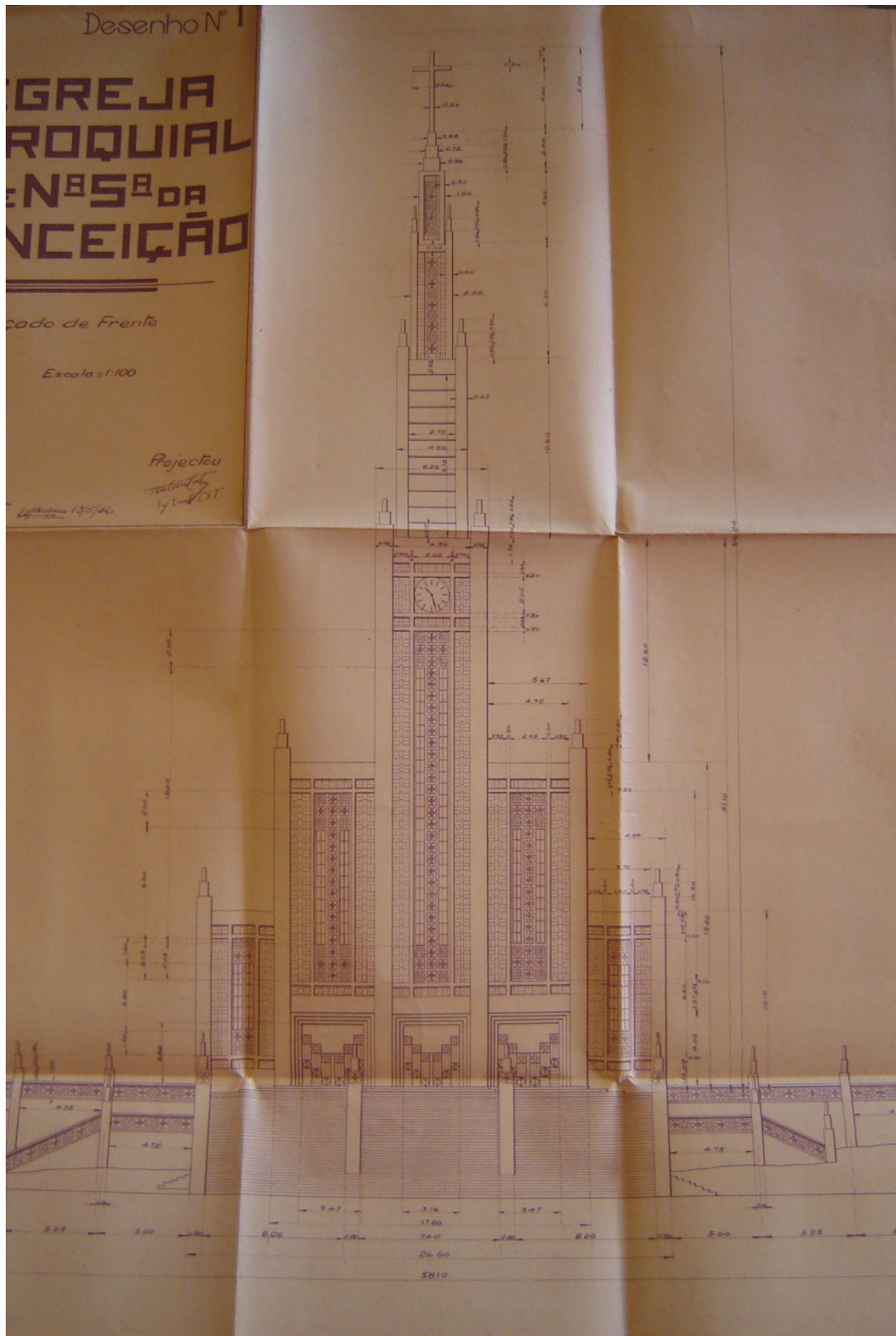


Fig. 73 - Igreja Paroquial de N.ª Sr.ª da Conceição: alçado principal, 1936, Marcial de Freitas e Costa. Coleção particular.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

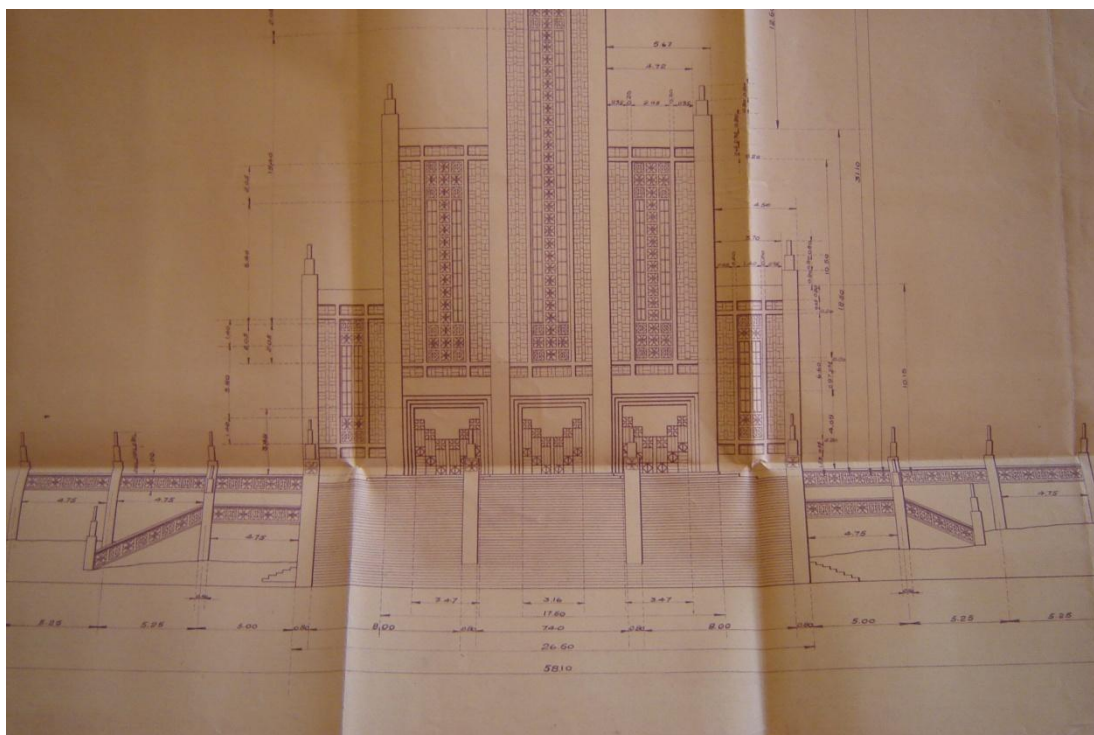


Fig. 74 - Idem, pormenor.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu arquitecto?

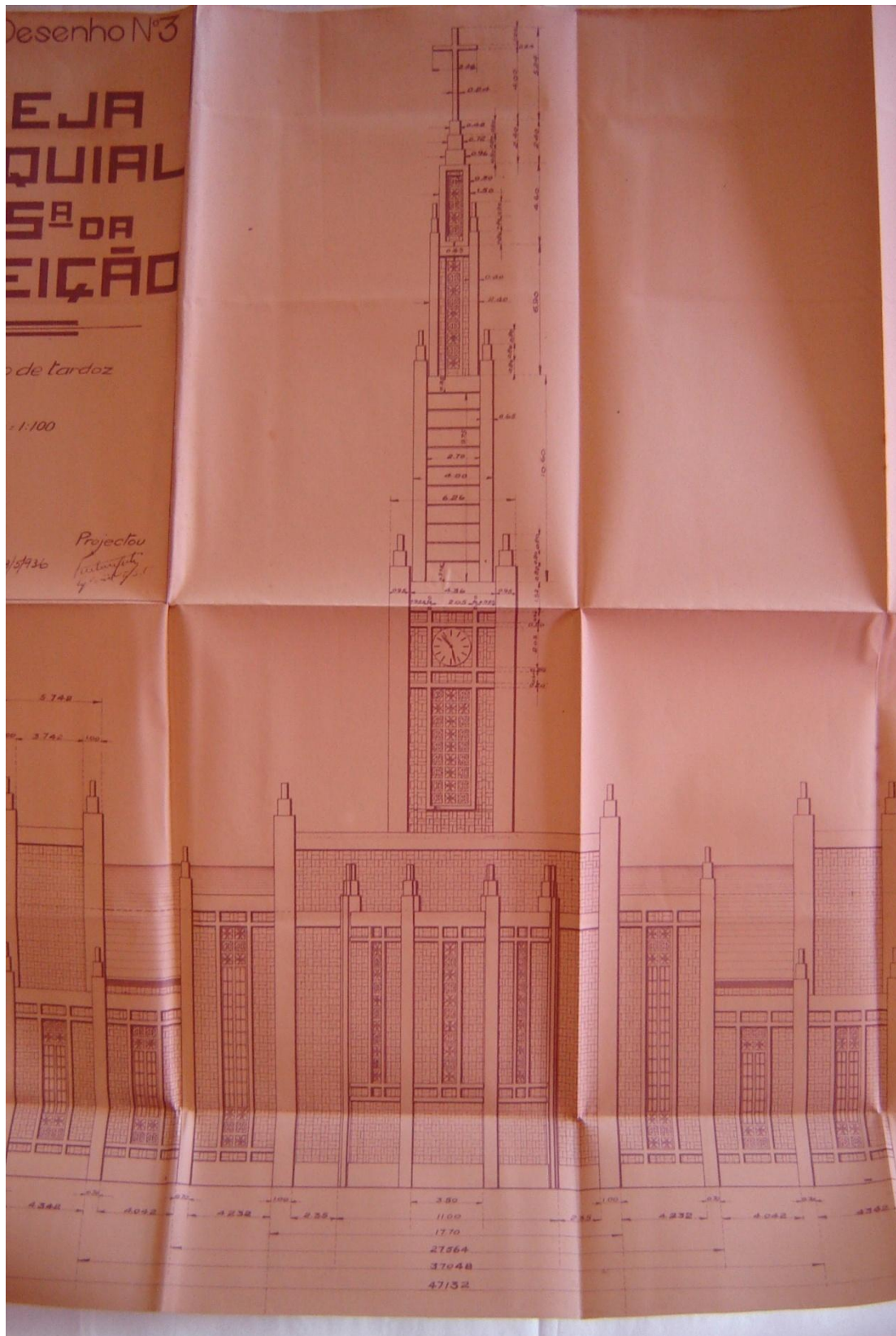


Fig. 75 - Igreja Paroquial de N.ª Sr.ª da Conceição: alçado de tardoz, 1936, Marcial de Freitas e Costa. Coleção particular.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto*?

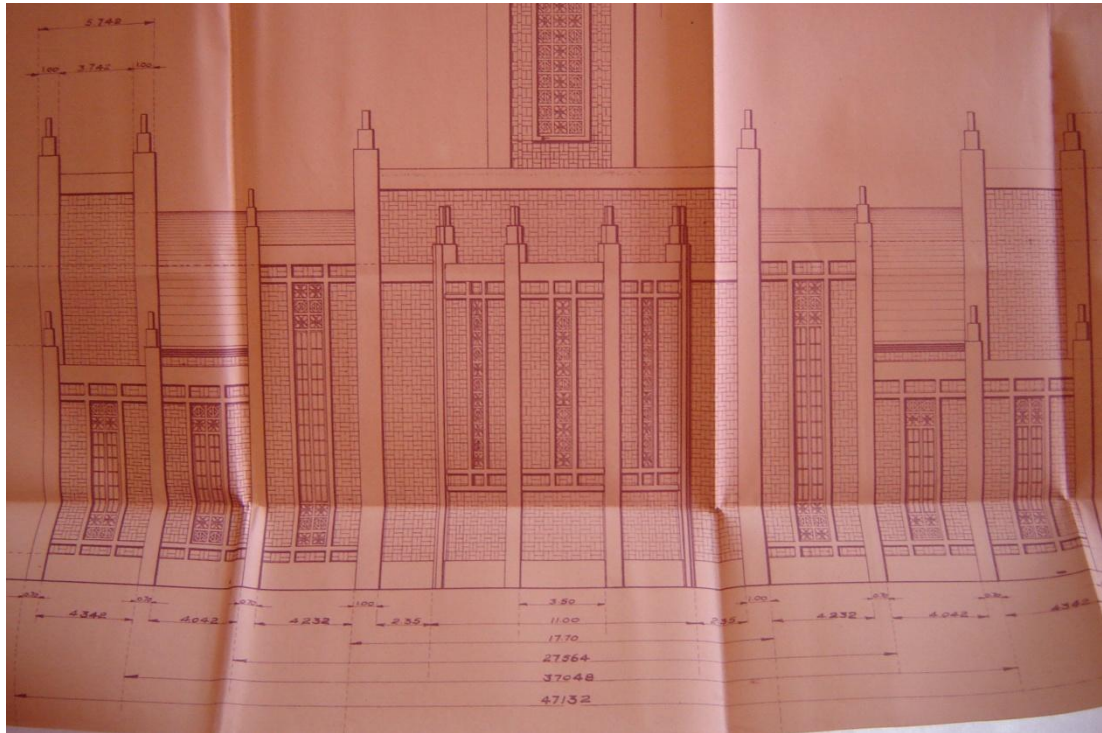


Fig. 76 - Idem, pormenor.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu arquitecto?

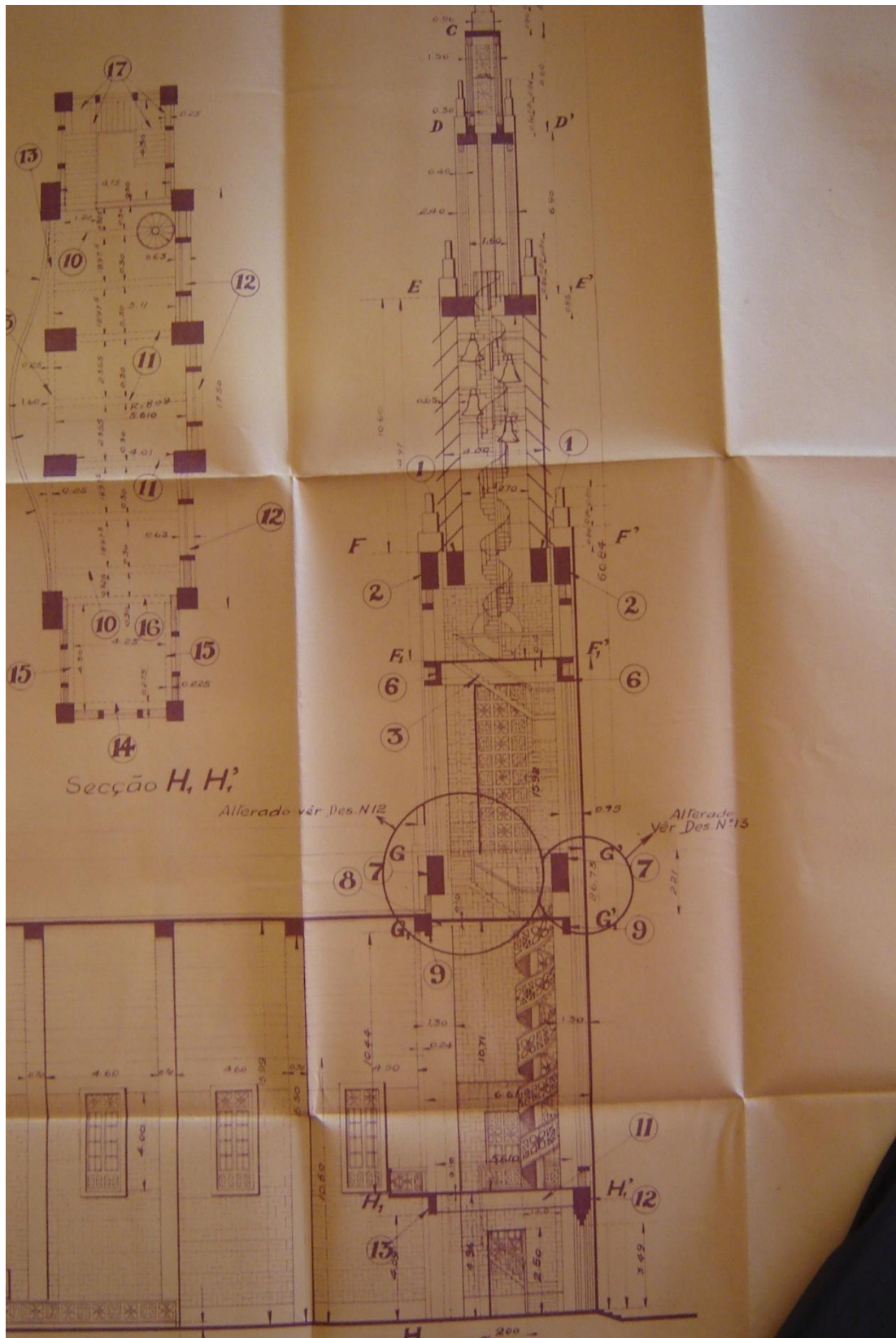


Fig. 77 - Igreja Paroquial de N.ª Sr.ª da Conceição: corte longitudinal, pormenor da torre sineira, 1936, Marcial de Freitas e Costa. Coleção particular.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu arquitecto?

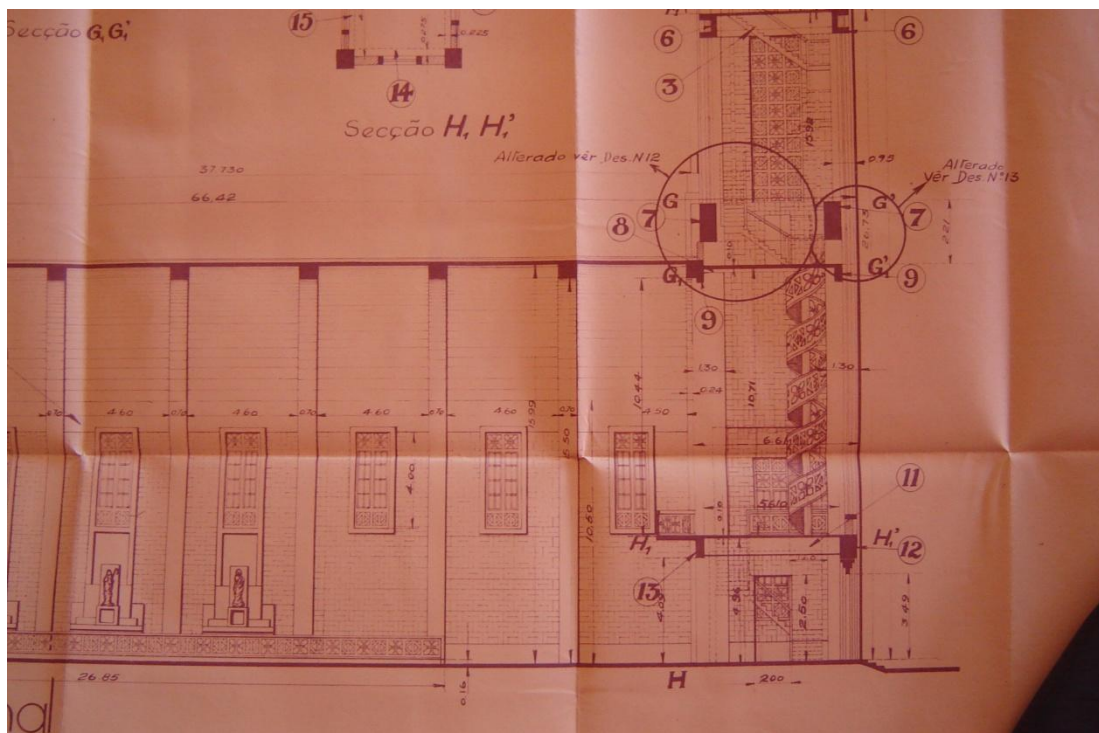


Fig. 80 - Igreja Paroquial de N.ª Sr.ª da Conceição: corte longitudinal, coro e torre sineira, 1936, Marcial de Freitas e Costa. Coleção particular.

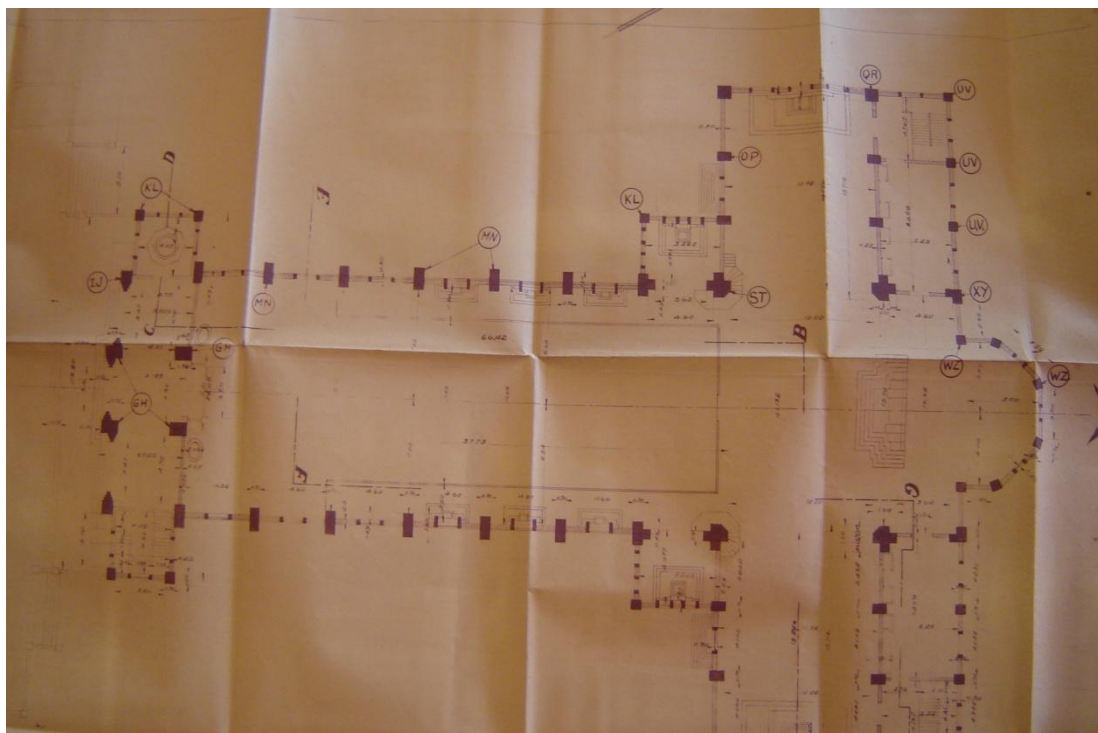


Fig. 81 - Igreja Paroquial de N.ª Sr.ª da Conceição: planta geral, 1936, Marcial de Freitas e Costa. Coleção particular.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*

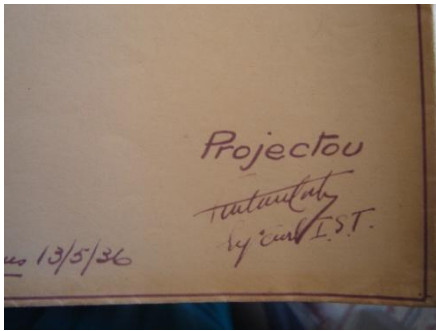


Fig. 82 – Capa do projecto da Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Conceição: assinatura de Marcial de Freitas e Costa como Engenheiro Civil do Instituto Superior Técnico.

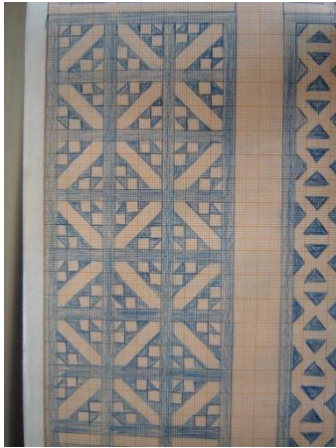


Fig. 83 – Esboço de composição de encaixes dos vidros coloridos, *s.d.*, Marcial de Freitas e Costa. Colecção particular.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu *arquitecto?*



Fig. 84 – Idem.



Fig. 85 - Engenheiro Marcial de Freitas e Costa no seu gabinete de trabalho no edifício dos C.F.M., s.d. Colecção particular.

A Catedral de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques: cópia ou inovação do seu arquitecto?

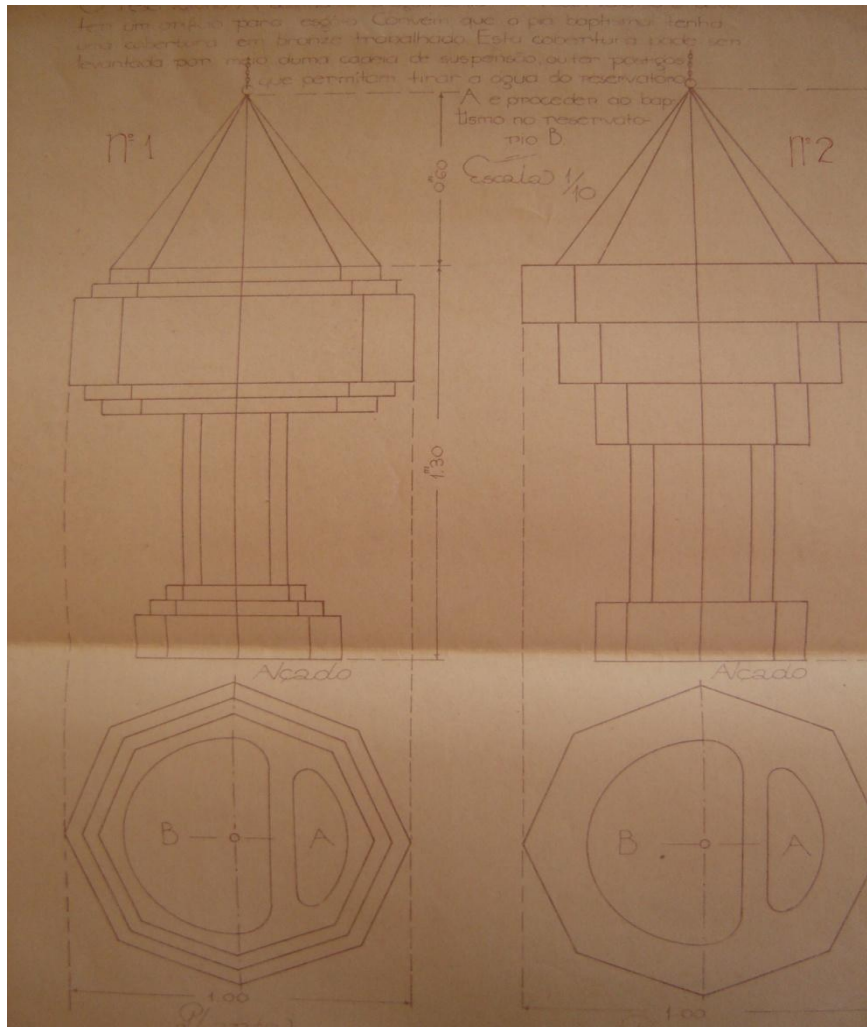


Fig. 86 - Esboço de sugestões para pia baptismal, s.d.[entre 1933 e 1936], Marcial de Freitas e Costa. Coleção particular.